

# *Chamas na Escuridão*

*Você leu  
50 Tons  
de Cinza  
e quer  
mais?*



Entregue-se à paixão...

**SADIE MATTHEWS**



Companhia  
Editora Nacional

# DADOS DE COPYRIGHT

## **Sobre a obra:**

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## **Sobre nós:**

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

*Chamas*  
*na*  
*Escuridão*

{ livro 1 }

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

*Chamas*  
*na*  
*Escuridão*

Sadie Matthews

Tradução de  
Marcelo Yamashita Salles

# Sumário

Capa

Página de Título

Direitos Autorais

a primeira semana

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

a segunda semana

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

a terceira semana

Capítulo Catorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezesseis

Capítulo Dezessete

a quarta semana

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezenove

Capítulo Vinte

Capítulo Vinte e Um

Capítulo Vinte e Dois

Segredos na Escuridão

Prólogo

Capítulo Um

Para X. T.

**a primeira**

**semana**

## Capítulo Um

A cidade me impressiona vista das janelas do táxi e passa por mim como um cenário gigante sendo desenrolado por um assistente invisível. Dentro do táxi, estou tranquila, quieta e intocável. Apenas observo... Mas lá fora, no calor permanente de uma tarde de julho, Londres se move rápida e furiosa: os carros fluem pelas faixas e as pessoas se aglomeram nas ruas. Multidões cruzam a nossa frente sempre que as luzes mudam. Há gente por todo lugar, de todo tipo, idade, tamanho e raça. Milhões de vidas se desdobram neste dia, neste exato lugar. A perspectiva disso tudo é assustadora...

*O que foi que eu fiz?*

Ao passarmos por um grande espaço verde povoado por centenas de banhistas, me pergunto se esse é o Hyde Park. Meu pai me disse que o Hyde Park é maior que Mônaco. Imagine só! Mônaco pode ser pequeno, mas mesmo assim... Esse pensamento me dá um arrepio e eu percebo que estou assustada. Isso é estranho, já que não me considero uma pessoa medrosa.

*Qualquer uma estaria nervosa*, digo a mim mesma com firmeza. Mas não chega a ser surpresa que minha confiança ande para baixo, após tudo o que aconteceu. Sinto aquele familiar frio no estômago e me encolho.

*Não hoje. Tenho coisas demais com que me preocupar. Além disso, já pensei e chorei demais. E é por isso que estou aqui.*

– Quase lá, querida – diz uma voz repentinamente, e percebo que é o taxista, com sua voz distorcida pelo autofalante. Posso vê-lo me observando no retrovisor. – Conheço um bom atalho daqui – ele diz. – Não é preciso se preocupar com o trânsito.

– Obrigada – digo, embora não esperasse menos de um taxista londrino. Afinal, eles são famosos por conhecer todas as ruas da cidade. E é por isso que decidi pagar um em vez de me arriscar no metrô.

Não trago muita bagagem, mas não estava a fim de arrastar a mala por trens e escadas rolantes neste calor. Penso se o taxista não está tentando descobrir que raios vou fazer em um endereço tão chique, quando pareço tão jovem e casual. Apenas uma garota em um vestido florido, de casaco vermelho, chinelos, os óculos de sol levantados até o alto da cabeça e apoiados no cabelo, que está ajeitado em um rabo de cavalo meio desgrehado, com fios escapando por todo lado.

– É a sua primeira vez em Londres? – ele pergunta, sorrindo pelo retrovisor.

– Sim, isso mesmo – digo. Isso não é bem verdade...

Vim para cá uma vez no Natal com meus pais quando era menina. Lembro vagamente de lojas enormes e barulhentas, com janelas cheias de luzes, e um Papai Noel com calças de náilon que estalavam quando sentei em seu colo e uma barba branca falsa que me arranhou de leve a bochecha. Mas não estou nem um pouco a fim de me alongar com o taxista. Além disso, a cidade está mesmo parecendo novidade para mim. É minha primeira vez sozinha aqui, afinal.

– Está sozinha? – ele pergunta e me sinto um pouco desconfortável, apesar de ele estar apenas sendo amigável.

– Não, vou ficar com minha tia – respondo, mentindo de novo.

Ele acena com a cabeça, satisfeito. Estamos nos afastando do parque agora, passando com agilidade por entre ônibus e carros, deixando os ciclistas para trás, virando rapidamente pelas curvas e voando pelos semáforos. Nós nos afastamos das vias principais engarrafadas e seguimos por ruazinhas estreitas, cheias de casarões com janelas altas, portas e grades de ferro brilhantes, janelas com floreiras. Posso sentir a riqueza por todo lugar, não só nos carros caros estacionados no meio-fio, mas nos prédios bem cuidados, nas ruas limpas e nas empregadas fechando cortinas diante do sol.

– Sua tia está bem de vida! – brincou o taxista ao sairmos de uma ruazinha estreita e entrarmos em uma menor ainda. – O custo de vida aqui é bem baixo...

Eu rio, mas não respondo, sem saber o que dizer. De um lado da rua há estrebarias transformadas em casas minúsculas, mas sem

dúvida algumas caríssimas, e do outro, um grande prédio de apartamentos, que ocupava a maior parte do quarteirão e com pelo menos seis andares. Podia dizer pelo seu visual Art Déco que ele foi construído nos anos 1930: por fora é todo cinza e sua porta de entrada é de vidro e nogueira. O taxista para em frente e diz:

– Aqui estamos. Randolph Gardens.

Olho para todo aquele cimento e asfalto.

– Onde estão os jardins? – pergunto-me em voz alta. O único traço verde visível eram os vasos suspensos de gerânios vermelhos e roxos ao lado da entrada principal.

– Acho que eles devem ter existido até alguns anos atrás – o taxista responde. – Viu as estrebarias? Foram estábulos um dia. Aposto que havia também alguns casarões por aqui. Devem ter sido demolidos ou destruídos na época da guerra, acho. – Ele olha para o taxímetro. – Doze libras e setenta, por favor.

Procuro na minha bolsa e entrego quinze libras a ele, dizendo para ficar com o troco e torcendo para ter dado uma gorjeta adequada. O taxista não parece surpreso, então acho que está tudo certo. Ele me aguarda tirar a bagagem do táxi e fecha a porta atrás de mim. Então faz um retorno rápido na ruazinha apertada e sai em busca de novos passageiros.

Olho em volta. Então aqui estou... Minha nova casa... Por um tempo, pelo menos.

O porteiro grisalho olha para mim com curiosidade, enquanto passo pela porta com minha mala.

– Estou aqui para ficar no apartamento da Celia Reilly – explico, resistindo à vontade de limpar o suor na testa. – Ela disse que deixaria as chaves aqui para mim.

– Seu nome? – diz ele de modo ríspido.

– Beth. Quero dizer, Elizabeth. Elizabeth Villiers.

– Vamos ver... – Ele mexe no bigode enquanto vasculha em sua mesa. – Ah, sim. Aqui está. Senhora E. Villiers. Para ocupar o apartamento de número 514 na ausência da senhora Reilly. – Ele olha fixamente para mim de forma séria, mas amistosa. – Vai tomar conta do apartamento?

– Sim... Bem, tomar conta do gato, na verdade. – Sorrio para ele, que não sorri de volta.

– Ah, sim. Ela tem mesmo um gato. Não consigo imaginar como uma criatura daquelas possa querer viver lá dentro, mas as coisas são assim. Aqui estão as chaves. – Ele passa um envelope para mim por cima da mesa. – Por favor, assine o livro para mim.

Assino obediente, ele me informa algumas regras do edifício e me aponta o elevador. Oferece-se para levar a mala, mas digo que eu mesma levaria. No momento seguinte, estou dentro de um elevador pequeno, contemplando minha face ruborizada e acalorada no espelho, enquanto o elevador sobe lentamente até o quinto andar. Não sou tão estilosa quanto o ambiente, e meu rosto em forma de coração e meus olhos azuis nunca vão ser tão elegantes como eu gostaria que fossem... E meus cabelos rebeldes, de cor loiro escuro na altura dos ombros, nunca vão fazer aquelas tranças firmes e bonitas que sempre quis. Meu cabelo dá trabalho e eu nunca tenho tempo, então acabo fazendo só um rabo de cavalo mais ou menos.

– Não sou exatamente uma dama da alta sociedade, – digo em voz alta. Ao me olhar no espelho, posso ver os efeitos de tudo que aconteceu recentemente. Meu rosto está mais magro, e há uma tristeza em meus olhos que nunca vai embora... Eu pareço um pouco mais baixa, de alguma forma, como se tivesse me curvado sob o peso da tristeza. – Seja forte – digo a mim mesma, tentando encontrar algum brilho no meu olhar anestesiado. É por isso que vim, afinal. Não porque estou tentando escapar, apesar de isso fazer parte, mas porque quero reencontrar meu antigo eu. Aquele eu cheio de energia, coragem e curiosidade pelo mundo.

*A menos que essa Beth tenha sido completamente destruída...*

Não quero pensar assim, mas é difícil evitar.

O número 514 fica do outro lado de um corredor silencioso e de chão acarpetado. A chave entra suavemente na fechadura e logo estou adentrando o apartamento. Minha primeira impressão é de surpresa, ao ouvir um pequeno gorjeio seguido de um miado esganiçado, com pelos macios se esfregando em minhas pernas, e o corpo se enfiando entre minhas panturrilhas, quase me fazendo tropeçar.

– Olá, olá! – digo, olhando para um pequeno rosto coberto de pelos negros e amassado como uma almofada em que acabaram de sentar. – Você deve ser o De Havilland.

Ele mia de novo e me mostra dentes brancos afiados e uma pequena língua rosada.

Tento olhar em volta enquanto o gato ronrona freneticamente, se esfregando em minhas pernas, claramente feliz por me ver. Estou em uma sala e já consigo ver que Celia a decorou seguindo a estética anos 1930 do edifício. O chão é coberto por pisos preto e branco, com um tapete branco de cashmere no meio. Há um aparador preto perto de um grande espelho estilo Art Déco, cercado por luminárias geométricas cromadas. Sobre o aparador, há uma grande tigela de louça chinesa com detalhes em prata, e vasos menores dos lados. Tudo é elegante e muito bonito.

Eu não esperava outra coisa... Meu pai sempre foi muito vago sobre o apartamento de sua madrinha, que ele viu nas poucas vezes em que veio a Londres, mas sempre me passou a impressão de que ele era tão glamoroso quanto a própria Celia. Ela começou como modelo na adolescência e foi muito bem-sucedida, ganhando bastante dinheiro. Depois abandonou a carreira e virou jornalista de moda. Casou uma vez e se divorciou, depois casou de novo e ficou viúva. Nunca teve filhos, o que talvez seja a razão de ela ter permanecido tão jovem e cheia de energia. Ela foi uma madrinha ausente para meu pai, surgindo e sumindo de sua vida de acordo com seus humores. Algumas vezes ele ficava anos sem ouvir falar nela, então ela aparecia do nada cheia de presentes, sempre elegante e bem-vestida, enchendo meu pai de beijos e tentando compensar seus sumiços. Lembro-me de encontrá-la em algumas poucas ocasiões, quando eu ainda era uma menina tímida de pernas tortas que só usava shorts e camisetas. Sempre descabelada, jamais imaginaria vir a ser tão elegante e sofisticada quanto a mulher à minha frente, de cabelos grisalhos bem cortados, roupas incríveis e joias magníficas.

*O que estou dizendo? Mesmo agora, não consigo me imaginar como ela. Nem por um segundo.*

No entanto, aqui estou eu em seu apartamento, que é todo meu por cinco semanas.

O telefonema foi repentino... Eu não havia prestado atenção até meu pai desligar o telefone, com cara de espanto e me dizer:

– Que tal ir para Londres, Beth? A Celia vai sair e precisa de alguém para cuidar do gato. Ela achou que você poderia gostar da oportunidade de ficar no apartamento dela.

– Apartamento dela? – repeti, parando de ler meu livro. – Eu?

– Sim. É um lugar bem chique, eu acho. Fica em Mayfair, Belgravia, ou algum lugar assim. Faz anos que não vou para lá. – Ele olhou para minha mãe, com as sobrancelhas franzidas. – A Celia vai para algum retiro na floresta por cinco semanas. Parece que ela precisa se renovar espiritualmente. Assim como você...

– Bem, é o que a mantém jovem – minha mãe respondeu, limpando a mesa da cozinha. – Não é qualquer mulher de 72 anos que faria isso. – Ela parou e olhou pensativa para a mesa de madeira. – Isso parece ser bem legal, eu adoraria fazer algo assim.

Ela estava com cara de quem pensava nos caminhos que tomou no passado e na outra vida que poderia ter levado. Meu pai obviamente queria fazer alguma piadinha, mas parou quando viu sua expressão. Achei certo: ela largou o trabalho quando se casou com ele e se dedicou a cuidar de mim e meus irmãos. Acho que ela tem o direito de sonhar...

Meu pai virou para mim:

– Então, o que você acha, Beth? Está interessada?

Minha mãe olhou para mim e pude logo ver em seus olhos. Ela queria que eu fosse. Ela sabia que seria o melhor a fazer naquelas circunstâncias.

– Você deveria ir – disse baixinho. – Vai ser bom para virar a página depois do que aconteceu.

Quase estremei. Mal conseguia ouvir falar nisso. Meu rosto empalideceu.

– Não... – suspirei, com meus olhos se enchendo de lágrimas. A ferida ainda estava aberta.

Meus pais trocaram olhares e meu pai falou sério:

– Acho que sua mãe está certa. Vai ser bom para você sair um pouco.

Eu mal saíra de casa em mais de um mês. Não conseguia suportar a ideia de vê-los juntos. Adam e Hannah. Esse pensamento fazia meu estômago revirar e minha cabeça girar como se eu fosse desmaiar.

– Talvez – disse. – Vou pensar no assunto.

Não decidimos naquela noite. Para mim, já era difícil sair da cama de manhã, quanto mais tomar uma grande decisão como essa. Minha autoconfiança estava tão baixa que eu nem conseguia decidir o que comer no almoço, imagine pensar se devia aceitar ou não a oferta da Celia. Afinal, eu quis o Adam, confiei nele e veja no que deu.

No dia seguinte, minha mãe ligou para Celia e elas conversaram sobre as questões práticas. À noite, liguei para ela. Só de ouvir sua voz forte, cheia de entusiasmo e confiança, já me senti melhor.

– Você vai me fazer um favor, Beth – ela disse com firmeza. – Mas acho que você vai se divertir também. Está na hora de sair desse buraco e conhecer um pouco do mundo.

Celia era uma mulher independente e dona da própria vida. Se ela achava que eu daria conta, então certamente daria. Por isso disse sim. Mesmo que, quando a hora de partir foi se aproximando, tenha hesitado e pensado em desistir, eu sabia que tinha de ir. Se fosse capaz de fazer as malas e ir para uma das maiores cidades do mundo, então eu não era um caso perdido... Eu adorava a pequena cidade de Norfolk onde cresci, mas se tudo o que fazia era me trancar em casa, incapaz de encarar o mundo por causa do que Adam fizera, então era melhor desistir de viver de uma vez. E o que havia para me segurar por lá? Tinha meu emprego de meio período em um café local, onde trabalhava desde os 15 anos. Só larguei o trabalho para ir à faculdade, e depois que terminei peguei minha vaga de volta, ainda sem saber o que fazer da vida. Meus pais? Difícil... Eles não me queriam morando em meu antigo quarto e zanzando pela casa. Eles sonhavam com mais do que isso para mim.

A verdade é que voltei por causa do Adam. Meus amigos da faculdade estavam viajando antes de começarem em seus novos

empregos bacanas ou indo morar em outros países. Ouvia todas essas aventuras deles, sabendo que meu futuro me aguardava lá em casa. Adam era o centro do meu mundo, o único homem que amei, e não havia dúvidas quanto a ficar com ele. Ele trabalhava desde o colegial na construtora de seu pai, que Adam esperava controlar um dia, e estava satisfeito com a ideia de passar o resto da vida no mesmo lugar onde cresceu. Eu não sabia se queria isso para mim, mas sabia que o amava e podia deixar minha vontade de viajar e explorar o mundo de lado por um tempo, para que pudéssemos ficar juntos.

Só que agora eu não tinha mais essa chance...

De Havilland uiva nos meus calcanhares e me toca de leve para me lembrar de que ele estava por lá. – Desculpe, gatinho – digo carinhosamente e coloco minha bolsa de lado. – Está com fome?

O gato continua enrolado em minhas pernas enquanto tento achar a cozinha, abrindo uma porta que deu para um armário e outra para o lavabo antes de achar a pequena cozinha, com os pratinhos do gato logo abaixo da janela. Eles estão totalmente limpos e o De Havilland está obviamente ansioso por sua próxima refeição. Sobre a pequena mesa branca de jantar, onde cabem apenas duas pessoas, vejo alguns sacos de comida de gato e um bloco de anotações. Na primeira folha há um bilhete rabiscado à mão em letras grandes.

*Olá, querida!*

*Você veio! Muito bem! Aqui está a comida do De Havilland. Alimente-o duas vezes ao dia. Apenas encha os pratos como se estivesse servindo petiscos. De H. sortudo! Ele vai precisar de água limpa, além da comida. Todas as outras instruções estão no pacotinho abaixo, mas sério mesmo, querida, não há regras. Aproveite.*

*Te vejo em cinco semanas,*

C xx

Embaixo estavam páginas digitadas com todas as informações sobre a caixa de areia do gato, como os eletrodomésticos funcionavam, onde estava a chaleira e a caixa de primeiros socorros,

e para quem ligar caso houvesse problemas. O porteiro lá embaixo seria minha primeira opção. Meu porteiro de opções... Opa, se estou fazendo piadinhas, mesmo ruins como essa, talvez a viagem já esteja surtindo efeito.

De Havilland está dando miados longos, com sua língua rosa tremulando enquanto me olha com seus olhos de um amarelo escuro.

– O jantar já está saindo... – digo.

Enquanto o De Havilland está mastigando feliz da vida, com o pote de água cheio, dou uma olhada no resto do apartamento e admiro o banheiro preto e branco de fórmica com seus detalhes cromados. Depois vou ao quarto: a cama com dossel prateado coberta com almofadas brancas, papel de parede estilo chinês, com desenhos de papagaios observando uns aos outros pelos galhos de cerejeiras em flor. Há um grande espelho envolto em moldura prateada pendurado sobre a lareira e uma antiga penteadeira com espelho ao lado da janela, perto de uma poltrona de veludo roxo.

– É lindo – digo em voz alta. Talvez aqui eu absorva um pouco da elegância de Celia e fique mais chique também.

Ao caminhar pelo corredor em direção à sala de estar, percebo que tudo é muito melhor do que sonhei que fosse. Imaginei um lugar bem planejado, que refletisse a vida de uma mulher independente e bem de vida, mas isso é outra coisa. Nunca vi uma casa assim! A sala de estar é grande, decorada com tons frios de verde e cinza-escuro, com toques de preto, branco e prateado. Os anos 1930 estão muito bem evocados nos móveis, nas poltronas baixas de braços curvos, o longo sofá cheio de almofadas brancas, as linhas limpas de uma luminária cromada e uma moderna mesa de centro pontiaguda de laca preta. A parede oposta é dominada por uma grande estante branca cheia de livros e objetos de decoração, incluindo lindas peças de jade e esculturas chinesas. A longa parede de frente para a janela foi pintada de um verde-claro sereno, dividido por painéis de laca prateada esculpida com salgueiros, com as superfícies brilhantes quase como espelhos. Entre os painéis, luzes de tons claros brilhantes e no piso de tacos de madeira estava um grande e antigo tapete de pele de zebra.

Fico encantada com essa deliciosa lembrança de uma era de elegância. Adoro tudo o que vejo, desde os vasos de cristal feitos para receber os caules grossos e escuros de lírios brancos aos vasos chineses ao lado da lareira, sobre a qual está pendurada uma gigante e aparentemente importante obra de arte moderna. Após vê-la mais de perto, noto que é um quadro de Patrick Heron: grandes pinceladas de cores – escarlate, laranja queimado, ferrugem, vermelho-sangue – que criam um agitado drama em meio ao oásis de tons frios de verde e branco.

Observo tudo de boca aberta... Não tinha a menor ideia de que as pessoas realmente vivessem em salas assim, cheias de coisas bonitas e impecavelmente arrumadas. Não é como lá em casa, confortável e bonitinha, mas sempre bagunçada e cheia de coisas que descartamos.

A janela vai de parede a parede e chama a minha atenção. Ela tem venezianas antigas que normalmente seriam antiquadas, mas combinam direitinho lá. Tirando isso, a janela não tem mais nada, o que me surpreende, já que elas dão direto para outro bloco de apartamentos. Eu chego perto e olho... Sim, a uma distância mínima lá está outro edifício idêntico.

*Que estranho. Estão tão perto! Por que construí-los desse jeito?*

Espio lá fora, tentando me localizar. Então, começo a entender... O prédio foi construído em forma de U, em volta de um grande jardim. Será que é esse o jardim de Randolph Gardens? Consigo ver à esquerda um grande quadrado verde cheio de flores, cercado de plantas e árvores com a copa cheia, típicas do verão. Há um caminho feito de cascalho, uma quadra de tênis, bancos e uma fonte. Há também um bom pedaço só de grama, onde algumas pessoas estão sentadas, curtindo o calor do fim do dia. O edifício cobre três lados do jardim, de modo que a maioria dos moradores tem vista para ele. Mas esse formato cria um corredor estreito que une os lados do jardim do U ao lado que dá de frente para a rua, e as colunas de apartamentos de cada lado ficam diretamente de frente uma para a outra. São sete andares e Celia está no quinto, em frente ao outro prédio, mais perto do que se estivessem cada um de um lado da rua.

*Será que o apartamento foi mais barato por causa disso?* Penso casualmente, olhando para o outro lado da janela. Não é à toa que há todas essas cores claras e painéis prateados: o apartamento definitivamente recebe menos luz por estar tão perto de outro. *Mas, até aí, o que importa é a localização, não? Aqui ainda é Mayfair.*

O último raio de sol do dia sumiu deste lado do edifício e a sala logo entrou em uma escuridão morna. Ando em direção a uma das luminárias, mas um quadrado dourado brilhante chama minha atenção pela janela. Vem do apartamento oposto, onde as luzes estão acesas e o interior está muito bem iluminado. Parece a tela de um cinema ou o palco de um teatro. Eu consigo enxergar claramente e paro de repente, segurando a respiração... Há um homem na sala em frente. Isso não é tão estranho, e o que me chama a atenção é que ele está nu da cintura para cima, usando apenas um par de calças escuras. Percebo que estou imóvel enquanto o vejo falar ao telefone andando para lá e para cá na sala de estar, exibindo um corpo impressionante. Embora não consiga enxergar seu rosto tão claramente, dá para ver que ele é bonito, com cabelos negros, rosto simétrico e sobrancelhas castanho-escuras. Vejo que tem ombros largos, braços musculosos, peitoral e barriga bem definidos e que está bronzeado como se tivesse voltado de algum lugar quente.

Fico olhando e me sentindo estranha... Será que esse homem sabe que posso vê-lo andar seminú em seu apartamento? Acho que, como o meu está escuro, não tem como ele saber que há alguém aqui dentro para observá-lo. Isso me faz relaxar um pouco e curtir a vista... Ele é tão bonito e tem um corpo tão lindo que é quase irreal. É como ver um ator na televisão naquele cubo iluminado, uma visão deliciosa que posso aproveitar a distância. Eu começo a rir do nada... A Celia tem tudo mesmo! Deve fazer bem para a saúde ter uma vista dessas...

Fico observando por mais um tempo enquanto o homem fala ao telefone e anda pela sala. Logo ele se vira e desaparece.

*Talvez tenha ido colocar alguma roupa,* penso, e fico levemente desapontada. Agora que ele se foi, acendo a luminária e a sala se inunda com uma suave luz de cor damasco. A sala volta a ficar linda e a luz elétrica dá ao ambiente novos efeitos, marcando os painéis

prateados de laca e dando um tom rosado aos enfeites de jade. De Havilland chega suavemente e pula no sofá, me olhando esperançosamente. Eu me aproximo, sento e ele sobe no meu colo, ronronando alto como um pequeno motor enquanto dá alguns giros até sentar. Acaricio seu pelo macio, afundando meus dedos nele e encontrando conforto em seu calor.

Percebo que continuo pensando no homem do outro lado. Ele era incrivelmente atraente e se movia com tanto estilo e confiança, sem fazer nenhum esforço. Estava sozinho, mas não parecia solitário. Talvez estivesse falando com sua namorada ao telefone. Ou talvez fosse outra pessoa, e a namorada estivesse esperando por ele no quarto. E agora ele foi até lá para tirar o resto das roupas, deitar ao seu lado e beijá-la. Ela iria se abrir para recebê-lo, puxar seu corpo perfeito para perto, envolver seus braços naquelas costas lisas...

*Pare com isso! Você está deixando tudo pior..*

Inclino minha cabeça para baixo. Adam surge em minha mente e posso vê-lo como ele era, com seu sorriso largo para mim. Era sempre seu sorriso que me conquistava, a razão por que me apaixonara por ele em primeiro lugar. Ele era meio torto e fazia covinhas em sua bochecha, e seus olhos azuis brilhavam de alegria. Nós nos apaixonamos no verão em que eu tinha 16 anos, naqueles longos dias preguiçosos sem escola, e só tínhamos de nos preocupar um com o outro. Eu ia encontrá-lo no terreno da abadia destruída e passávamos várias horas juntos, sem fazer nada, só conversando e nos beijando. Não conseguíamos nos desgrudar.. Adam era um adolescente normal, bem moleque, enquanto eu já estava acostumada com homens olhando meus seios quando andava na rua. Um ano depois, quando transamos, foi a primeira vez para nós dois – uma experiência estranha, desastrada e ao mesmo tempo linda, porque nos amávamos, mesmo que não tivéssemos a menor ideia de como fazer aquilo direito. Acabamos ficando melhores, apesar disso, e eu não conseguia me imaginar fazendo aquilo com mais ninguém. Como poderia ser tão carinhoso e gostoso se não fosse com o Adam? Adorava quando ele me beijava e me segurava em seus braços e me dizia que me amava mais que tudo. Eu nem mesmo olhava para outros homens.

*Pare de fazer isso consigo mesma, Beth! Pare de se lembrar. Não o deixe mais te machucar.*

Não quero essas lembranças, mas elas perfuram minha mente de qualquer jeito. Eu vejo, da mesma forma que vi naquela noite horrível. Estava cuidando do filhinho dos vizinhos e esperava ficar por lá até bem depois da meia-noite. Acontece que os vizinhos voltaram mais cedo porque a esposa estava com uma enxaqueca forte demais. Eu estava livre, eram só dez da noite e fui paga pela noite inteira.

Vou fazer uma surpresa para o Adam, decidi, feliz da vida. Ele morava na casa do seu irmão Jimmy, pagando um aluguel barato para ficar no quarto livre. Jimmy estava viajando, então Adam planejou levar alguns amigos para beber cerveja e ver um filme. Ele pareceu chateado quando eu disse que não poderia participar, então ficaria feliz quando eu aparecesse de surpresa, eu pensei...

A memória é tão clara que é como se estivesse vivendo aquilo de novo, andando pela casa escura, surpresa por não ter ninguém lá, me perguntando aonde os rapazes tinham ido... A televisão estava desligada, ninguém deitado no sofá, abrindo latinhas de cerveja ou fazendo piadinhas com o filme. Minha surpresa já era, percebi... Talvez Adam tivesse ficado doente e estivesse de cama. Ando pelo corredor em direção à porta de seu quarto. Conheço o lugar tão bem, que era como andar em minha própria casa.

Estou girando a maçaneta, dizendo "Adam?" em voz baixa, caso ele já esteja dormindo. Vou entrar de qualquer maneira, e caso ele já esteja dormindo, vou olhar para aquele rosto que amo tanto e pensar no que ele poderia estar sonhando, talvez dar um beijo em sua bochecha, deitar ao seu lado...

Abro a porta. O abajur está aceso, aquele que ele gosta de envolver com um cachecol vermelho quando fazemos amor, para ficarmos à sombra – na verdade, o quarto está com um brilho fraco de cor escarlate, então talvez ele não esteja dormindo ainda. Pisco os olhos na semiescuridão. O edredom está se movendo. O que está acontecendo aqui?

"Adam?", digo novamente, dessa vez mais alto. O movimento para, e então a forma sob o edredom muda. Ele se desdobra e

vejo...

Contraio-me de dor com a memória, fechando meus olhos com força como se isso fosse bloquear as imagens em minha cabeça. É como um velho filme que não para de passar, mas dessa vez desligo com firmeza o interruptor mental, tiro o De Havilland do meu colo e o ponho no sofá ao lado. Relembrar ainda me derruba e me deixa acabada. A razão por que vim para cá é seguir em frente, e preciso começar a fazer isso agora.

Meu estômago ronca e percebo que estou faminta. Vou para a cozinha procurar algo para comer. A geladeira da Celia está praticamente vazia e percebo que passar no mercado vai ser a prioridade de amanhã. Fuçando nos armários, encontro alguns biscoitos e uma lata de sardinhas, que vão servir por ora. Na verdade, estou com tanta fome que a refeição me parece deliciosa. Enquanto lavo meu prato, sou tomada por um enorme bocejo. Olho meu relógio: ainda é cedo, nem nove horas, mas estou cansada. Foi um longo dia... O fato de eu ter acordado esta manhã em meu antigo quarto lá em casa é quase inacreditável!

Decido ir dormir. Além disso, quero experimentar aquela cama incrível. Que garota não iria se sentir melhor em uma cama com dossel prateado? É impossível! Volto para a sala para desligar as luzes quando percebo que o homem retornou à sua sala de estar. Agora as calças escuras foram substituídas por uma toalha enrolada na cintura, e seu cabelo está molhado e penteado para trás. Ele está parado bem no meio da sala, perto da janela, e está olhando diretamente para meu apartamento. Na verdade, ele está olhando direto para mim, com a testa franzida, e eu o encaro de volta. Nossos olhares estão fixos, embora estejamos longe demais um do outro para ler o que os olhos querem dizer.

Então, em um movimento quase involuntário, meu dedão aperta o interruptor e a luminária se apaga, mergulhando a sala na escuridão. Ele já não pode me ver, noto, embora sua sala continue bem iluminada para mim, ainda mais clara do que antes, agora que o vejo do escuro. O homem se aproxima da janela, se inclina sobre o parapeito, tentando ver o que consegue descobrir. Estou paralisada, quase sem respirar... Não sei por que parece tão importante que ele

não me veja, mas não resisto ao impulso de permanecer escondida. Ele olha por mais alguns momentos, ainda franzindo a testa, e eu olho de volta, sem me mover e admirando seu corpo e a forma como seus bíceps incham quando se apoia sobre eles.

Ele se cansa de olhar e volta para dentro da sala. Aproveito minha chance e saio da sala em direção ao corredor, fechando a porta atrás de mim. Agora não há mais janelas, e não podem me ver. Dou um longo suspiro...

– O que é que foi isso? – digo em voz alta, e o som da minha voz é reconfortante. Eu rio. – Tá bom, chega disso. O cara vai pensar que sou louca se me vir de novo fuçando no escuro e me fingindo de estátua toda vez que achar que ele pode me ver. Cama!

Lembro-me do De Havilland bem na hora e abro a porta da sala para ele sair se quiser. Ele tem uma caixa de areia na cozinha, por isso abro a porta da cozinha também. Quando vou apagar a luz do corredor, hesito por um segundo, e então a deixo ligada.

Eu sei, é criancice achar que a luz acesa vai expulsar monstros e manter ladrões e assassinos fora, mas estou sozinha em um lugar estranho em uma cidade grande. Acho que esta noite vou deixar a luz acesa...

Na verdade, mesmo afundada no conforto da cama da Celia e com tanto sono que mal posso manter os olhos abertos, não consigo desligar o abajur ao lado da cama. No fim, durmo a noite inteira sob sua luz suave, mas estou tão cansada que nem percebo.

## *Capítulo Dois*

– Olá, com licença, você sabe me dizer onde fica a Lie Cester Square?

– Desculpe? – digo confusa, olhos meio cerrados por causa da luz forte do sol da manhã. Sobre mim, céu azul limpo com algumas nuvenzinhas bem longe.

– Lie Cester Square – ela repete pacientemente. O sotaque da mulher é americano, ela usa um chapéu de praia e grandes óculos escuros, em um visual bem de turista, com camisa polo vermelha, calças largas e tênis de corrida, além da obrigatória mochilinha e um guia na mão. Seu marido, vestido quase igual, está parado quieto atrás dela.

– Lie Cester? – repito intrigada. Vim de Randolph Gardens até Oxford Street, uma das principais vias comerciais de Londres, e estou caminhando por ela, vendo a multidão aqui fora, mesmo sendo relativamente cedo, e olhando as vitrines. Difícil acreditar que todo esse barulho e comércio estão a apenas cinco minutos a pé do apartamento da Celia. – Eu... não sei.

– Olha, está aqui – a mulher diz e me mostra seu mapa. – Quero ver a estátua de Charlie Chaplin.

– Ah... Leicester Square, claro...

– Lester? – ela repete confusa e se vira para o marido. – Eles dizem Lester, querido. Sério, tudo é diferente aqui se você não souber.

Estou para dizer que também sou turista, mas fico um pouco lisonjeada por ela achar que conheço o lugar. Devo ter jeito de londrina... Pego o mapa, olho bem para ele e digo:

– Acho que você pode andar daqui para cá, veja. Se for até Oxford Circus e descer a Regent Street em direção a Piccadilly Circus e virar à esquerda, aí é uma linha reta até a Leicester Square.

A mulher fica toda sorridente.

– Ah, muito obrigada, você é tão gentil. Estamos meio per didos. Aqui é tudo tão corrido, não é? Mas estamos adorando!

Sorrio de volta.

– Por nada. Aproveitem a viagem.

Eu os vejo partir, torcendo para que consigam chegar direito até Leicester Square e que a estátua do Chaplin não os decepcione. Talvez devesse ir para lá também, pode ser que valha a visita...

Tiro o meu guia da bolsa e folheio enquanto pessoas passam por mim pelas duas direções. Ao meu redor há grandes lojas de departamento e marcas famosas: Gap, Disney, lojas de telefone celular, roupas, cosméticos, óculos de sol, joalheiros... Nas calçadas há banquinhas vendendo lembranças, malas, bibelôs e lanchinhos: *waffles*, frutas, castanhas caramelizadas, bebidas geladas.

Meu plano é visitar a Wallace Collection, um museu com entrada gratuita que tem uma quantidade incrível de móveis e obras de arte barrocas, e então almoçar em algum lugar e ver o que a tarde me reserva. Sinto aquela deliciosa sensação de liberdade: não tenho que dar satisfação a ninguém, só fazer o que quero e aproveitar o dia, cheio de oportunidades e possibilidades. Londres tem mais coisas para ver e fazer do que eu conseguiria aproveitar, mas planejo visitar todas as grandes atrações, especialmente as que estão perto de mim: a National Gallery, a National Portrait Gallery e o British Museum. Sou formada em História da Arte e fico babando só de imaginar tudo o que vou ver.

O sol está brilhando e o céu não tem nuvens. Eu me sinto alegre... A quantidade de pessoas por aqui é absurda, mas há algo nisso que nos liberta... Em casa, não posso ir a lugar nenhum sem esbarrar em alguém que conheça. Uma das razões por que não conseguia sair de casa era saber que todo mundo estaria falando de Adam e de mim, e do que tinha acontecido. Certamente já sabiam o que dissemos em nossa última conversa, quando Adam confessou que ele e Hannah estavam transando já fazia meses, desde antes de eu voltar da faculdade. Isso deve ter dado muita fofoca também. E eu voltei toda inocente, achando que Adam e eu ainda éramos almas gêmeas, o centro do mundo um para o outro. As pessoas deviam

estar rindo de mim, imaginando quando é que eu iria descobrir e o que aconteceria quando descobrisse.

Bem, eles sabem agora...

Mas ninguém aqui sabe. Ninguém está nem aí para minha humilhação, meu coração partido ou para o fato de que fui traída pelo homem que amava. Sorrio e respiro o ar fresco do verão. Um grande ônibus vermelho passa por mim e me lembra de que estou em Londres, a grande capital que se espalha ao meu redor, aguardando ser explorada.

Saio andando, me sentindo bem mais leve do que nas últimas semanas.

\*\*\*

É fim de tarde quando finalmente retorno ao Randolph Gardens com uma sacola pesada de mantimentos na mão, pronta para beber algo gelado e ansiosa para tirar os sapatos. Estou exausta, mas contente com tudo que fiz hoje. Consegui encontrar a Wallace Collection e passei uma manhã feliz me deliciando com móveis e obras de arte rococó dentro da incrivelmente bela casa na Regency. Fiquei feliz ao ver o esplendor rosa e branco de Boucher, me inspirei com os incríveis contos de fada florais de Fragonard e suspirei com o retrato da Madame de Pompadour em seu vestido luxuoso. Admirei as belas estátuas, enfeites e móveis, e me debrucei sobre a coleção de miniaturas nas galerias.

Encontrei um café por perto para almoçar, e a fome ajudou a superar minha vergonha de comer sozinha. Então decidi ver onde iria parar se simplesmente andasse por aí. No fim, acabei parando no que descobri ser o Regent Park, e passei algumas horas caminhando por lá, vendo alguns jardins de rosas bem cuidados, algumas trilhas cercadas por gramados verdes e árvores antigas, alguns lagos, *playgrounds* e campos para prática de esportes. E então, para minha surpresa, ouvi o barulho de elefantes e vi a distância o pescoço comprido e a pequena cabeça de uma girafa: percebi que estava perto do zoológico, e dei risada. Após isso, voltei

para casa, caindo em uma rua moderninha que tinha, junto com lojas de roupa chiques e utensílios domésticos, coisas como caixas eletrônicos e um supermercado. Isso significava que poderia me abastecer com comida e mantimentos. Quando fui me aproximando do apartamento da Celia, parando algumas poucas vezes para consultar o mapa, eu já estava me sentindo uma legítima londrina. A mulher que havia me parado de manhã não fazia ideia de que eu conhecia a cidade tanto quanto ela, mas agora já tinha mais experiência e estava empolgada sobre o que fazer amanhã. E, o melhor de tudo, mal pensei no Adam! Bom, não foi tão pouco assim... Mas quando pensava, ele estava tão distante e longe da vida que estou vivendo, que seu poder sobre mim realmente diminuiu.

– Boa tarde, De Havilland – disse empolgada para aquela criatura familiar que me aguardava atrás da porta.

Ele está feliz em me ver, ronronando e se esfregando sem parar contra minhas pernas, e não me deixa dar um passo sem que fique roçando em minhas panturrilhas.

– Como foi o seu dia? Eu tive um dia ótimo! Agora, o que temos aqui? Veja só, estive fazendo umas compras e vou fazer o jantar. Eu sei, eu sei... é inacreditável. Aposto que você não imaginava que eu sabia cozinhar, mas na verdade mando bem. Esta noite teremos um delicioso filé de atum grelhado com molho asiático, arroz e legumes refogados, apesar de achar que a Celia não tem uma panela *wok*. Vamos ter de fazer com o que acharmos aqui.

Continuo conversando com o bichinho, curtindo sua companhia e o olhar amarelado... É só um gato, claro, mas estou feliz que esteja comigo. Sem ele, toda essa experiência seria mais assustadora.

Após o jantar, que consegui preparar perfeitamente sem uma *wok*, fui para a sala, imaginando se o homem do outro lado iria aparecer, mas seu apartamento estava escuro.

Vou até a estante de livros e começo a conferir a biblioteca da Celia. Além de uma enorme variedade de romances, poesia e livros de história, ela tem uma grande coleção de livros de moda, cobrindo tudo, desde a história de grandes marcas, biografias de estilistas famosos e vários livros de fotografia. Pego alguns, sento no chão e começo a folheá-los, admirando as incríveis fotografias de moda do

século XX. Virando a página em papel couchê de um deles, eu paro de repente, com uma modelo me chamando a atenção em certa fotografia. É uma foto dos anos 1960, com uma modelo linda encarando a lente, seus grandes olhos lembrando os de um felino, por causa da maquiagem nas pálpebras. Ela está mordendo os lábios, o que a deixa vulnerável e, ao mesmo tempo, contrasta com sua beleza elegante, o estiloso penteado em seus cabelos escuros e o incrível vestidinho colante que está usando.

Passo meu dedo sobre o rosto da garota e percebo que a conheço. Olho para algumas fotografias emolduradas que estão sobre a mesa ao lado. Sim, não há dúvidas... Esta é a própria Celia em uma foto tirada no início de sua carreira. Viro as páginas rapidamente e encontro mais três fotos dela, todas combinando aquele ar delicado com moda de vanguarda. Em uma delas, seus cachos escuros foram cortados bem rente, um estilo que a deixava parecendo ainda mais jovem.

*Que estranho, pensei intrigada... Sempre imaginei a Celia como uma mulher forte, mas nessas fotos ela parece tão... não é exatamente fraca... mas frágil, acho. Como se a vida já tivesse passado a perna nela. Como se o mundo lá fora fosse horrível e ela tivesse de enfrentá-lo sozinha...*

Mas ela conseguiu sobreviver, não? As outras fotos na mesa mostram Celia em diversos estágios de sua vida, e à medida que avançam na idade, essa vulnerabilidade vai desaparecendo. A Celia linda e sorridente na casa dos 30 anos é com certeza mais forte, confiante e preparada para encarar o mundo. Aos 40, ela parece sofisticada e decidida. Aos 50, está glamorosa e experiente, isso em um mundo antes do botox e dos preenchimentos faciais, quando a idade da mulher ficava à mostra quer ela quisesse ou não. E a Celia envelheceu muito bem!

*Talvez ela tenha percebido que a vida sempre vai nos derrubar. O que importa é como você lida com isso, como você se levanta e segue em frente.*

Bem nessa hora, um barulho quebra o silêncio e eu levanto de susto, até que percebo que é o telefone tocando. Quando atendo,

são meus pais do outro lado, querendo saber como estou e o que andei fazendo.

– Estou bem, mãe, de verdade. O apartamento é lindo. Tive um dia incrível, não podia ser melhor.

– Está se alimentando direito? – minha mãe pergunta ansiosa.

– Claro.

– E você tem dinheiro o suficiente? – meu pai quer saber. Acho que ele está na extensão da sala, enquanto minha mãe fala do telefone da cozinha.

– Sim, pai. Estou com o bastante. Não precisa se preocupar.

Depois de contar tudo o que fiz nos menores detalhes, digo meus planos para o dia seguinte e os asseguro de que estou bem ali e posso cuidar de mim mesma. Nós nos despedimos e fico com aquele barulho estranho no ouvido que surge quando o silêncio vem de repente, depois de uma longa conversa.

Levanto e me aproximo da janela, tentando reprimir a solidão que sinto crescer dentro de mim. Fico feliz que meus pais tenham ligado, mas sem querer eles me deixaram para baixo de novo. Parece que preciso lutar o tempo todo para sair desse lamaçal de infelicidade em que estou desde que flagrei o Adam. Dar alguns passos para me afastar já exige toda a minha energia, e basta um leve toque para me arrastar de volta à escuridão.

O apartamento do outro lado ainda está escuro... Cadê o homem que vi na noite passada? Percebo que, inconscientemente, desejo vê-lo novamente. Na verdade, ele tem surgido na minha cabeça o dia todo sem eu nem pensar nisso. A imagem dele seminu, o jeito como se movia pela sala, a forma como me olhou... tudo isso ficou gravado a ferro e fogo em minha mente. Ele não se parece com ninguém que eu já tenha visto. Não na vida real, pelo menos.

Adam não é muito alto e, embora seja forte por causa do trabalho na empresa do pai, ele é mais robusto do que definido. Na verdade, desde que nos conhecemos, ele foi ficando cada vez mais "fortinho", provavelmente por causa de sua alimentação baseada em frituras e doces. Além disso, em seu tempo livre ele adora beber cerveja e comer salgadinhos. Quando o vi aquela noite, se apoiando no cotovelo e me olhando assustado, com a cara apavorada da Hannah

embaixo dele, meu primeiro pensamento foi: *Como ele está gordo*. Seu peito branco estava molenga e a barriga se desmanchava toda em cima da Hannah. Ela também não ficava para trás, com seus seios enormes, a barriga e o quadril expostos.

– Beth! – ele gritou, com uma expressão que se alternava entre confusão, culpa, vergonha e, inacreditavelmente, irritação. – Mas que porra você tá fazendo aqui? Você devia estar ocupada!

Hannah não disse nada, mas pude ver seu espanto inicial se transformar em um despeito maldoso. Seus olhos vidrados em mim mostravam que ela queria briga. Pega em flagrante, ela não iria recuar. Em vez de fazer o papel da sedutora imoral, queria virar a mesa para cima de mim como se eles fossem Romeu e Julieta e eu estivesse atrapalhando seu amor verdadeiro. Sua nudez se tornava um símbolo de orgulho em vez de vergonha. “Isso mesmo”, ela parecia dizer, “estamos transando, somos loucos um pelo outro e não estamos nem aí. E o que *você* está fazendo aqui?”

Não me pergunte como é que percebi tudo isso nos poucos segundos que se passaram entre entrar no quarto e entender o que estava acontecendo, mas eu vi... A intuição feminina pode ser um clichê, mas não significa que não exista. Também sabia que tudo em que acreditava até um minuto antes agora estava morto, e a dor que sentia era meu coração sendo moído e destruído.

Eu consegui dizer algo, pelo menos. Olhei para o Adam de forma suplicante e disse apenas: “Por quê? Por quê?”

Dou um longo suspiro. Mesmo um dia mergulhada na imensidão de Londres não foi o suficiente para me fazer parar de rever essa cena maldita. Como posso sair dessa? Quando isso vai acabar? Porque, falando honestamente, a infelicidade cansa demais. Ninguém fala sobre como é exaustivo ser triste...

O apartamento do outro lado continua no escuro. Acho que o homem deve ter saído para viver sua vida luxuosa, fazendo uma infinidade de coisas empolgantes e saindo com mulheres como ele: lindas, sofisticadas e com um gosto por coisas caras.

– Preciso de sorvete – decido em um ímpeto. Viro as costas para a janela e digo ao De Havilland, que está deitado no sofá: – Vou dar

uma volta lá fora, talvez demore um pouco. Então pego as chaves e saio.

\*\*\*

Fora do apartamento, um pouco da confiança que acumulei durante o dia escorre de mim, como o ar escapando aos poucos de um pneu furado.

Ao meu redor os prédios são altos e ameaçadores. Não faço a menor ideia de onde estou ou para onde ir. Planejava perguntar ao porteiro quando estivesse saindo, mas a entrada estava vazia, por isso fui em direção às ruas principais. Há várias lojinhas, mas nada que me interesse e, de qualquer forma, elas estão todas fechadas. Por trás das vitrines vejo tapetes persas, vasos chineses, candelabros e peças de roupa requintadas. Onde posso comprar sorvete? Ando sem direção em uma noite quente de verão, tentando me lembrar de onde vim. Passo por bares e restaurantes bacanas, com homens parrudos de terno preto e fones de ouvido parados em frente. Por trás de cercas vivas bem podadas, há pessoas de óculos escuros, exibindo aquele ar de riqueza, sentadas às mesas ao ar livre, fumando e bebendo champanhe.

Começo a me intimidar por dentro... O que estou fazendo aqui? O que me faz pensar que posso sobreviver em um mundo desses? Devo estar louca. Isso é absurdo! Não pertenço a este lugar e nunca irei... Quero chorar!

Então vejo um toldo claro e corro em direção a ele, aliviada. Volto da sorveteria de esquina alguns minutos depois com um pote de sorvete bem caro na sacola, mas muito mais feliz. Agora tudo o que preciso fazer é encontrar o caminho de volta.

Reparo que ainda não vi uma televisão no apartamento de Celia, ou mesmo um computador, falando nisso. Tenho meu velho notebook comigo, mas sabe-se lá se vou achar uma conexão com internet... Provavelmente não. Não consigo me ver comendo sorvete sem assistir a alguma coisa na tevê, mas vou ter que sobreviver a isso. O sorvete vai continuar gostoso, certo?

Viro a esquina de Randolph Gardens e, não sei bem como, mas quase esbarro em um homem na calçada. Ele devia estar andando na minha frente e parou sem que eu percebesse, aí continuei até quase bater meu nariz em suas costas.

– Opa! – exclamo e dou um passo para trás, perdendo o equilíbrio. Tropeço no meio-fio e derrubo a sacola com o sorvete na sarjeta. Ela rola e para em um ralo cheio de detritos e folhas secas.

– Me desculpe – ele se vira e fala. Nessa hora percebo que estou olhando direto para o rosto do bonitão do prédio em frente. – Você está bem?

Posso sentir que estou ficando corada.

– Sim – digo meio sem fôlego. – A culpa foi minha... De verdade... Eu devia prestar atenção para onde estou indo.

De perto ele é mesmo fantástico. Mal consigo olhar para ele e me concentro, em vez disso, em seu terno escuro bem cortado e no ramalhete de peônias brancas que tem nas mãos. *Que estranho, penso, ele está segurando minhas flores favoritas.*

– Deixe que eu pego suas compras – ele diz. Sua voz é grave e profunda, e seu sotaque é de alguém estudado e culto. Ele se move em direção à sarjeta para pegar o sorvete para mim.

– Não, não – digo rapidamente, ficando ainda mais vermelha. – Eu pego.

Nós dois nos agachamos e pegamos a sacola ao mesmo tempo, sua mão quente e pesada sobre a minha. Eu me assusto e puxo a mão, e na mesma hora me desequilibro. Ele rapidamente me segura pelo braço com força e impede que eu caia de cara no chão.

– Você está bem? – pergunta enquanto tento me recompor. Ele não me solta, e meu rosto está pegando fogo de tanta vergonha.

– Sim... Por favor... – falo baixinho, sentindo aquela mão forte me pegando pelo braço e me segurando em pé. – Você pode me soltar agora.

Ele me solta e me curvo para pegar minha sacola com o pote de sorvete dentro. Pedacos de folha seca ficam grudados na sacola. Passo a mão no rosto e sinto a sujeira. Devo estar parecendo um espantalho.

– Sorvete vai muito bem nesse calor – ele diz sorrindo.

Eu dou aquele olhar envergonhado. Ele está querendo puxar conversa? Sou só uma garota qualquer na sarjeta com o rosto sujo, segurando o sorvete como um garotinho segura seus doces. Mas ele é de outro nível. Seus olhos são bem escuros, mas são suas sobrancelhas que me chamam a atenção: linhas fortes, com um arqueado levemente diabólico. Ele tem um daqueles narizes retos com um desnível no osso, que, por estranho que pareça, só o deixa ainda mais perfeito. Embaixo do nariz há uma boca grande e sensual, e neste momento seus lábios estão se curvando em um sorriso e revelando dentes brancos e perfeitos.

Tudo o que consigo pensar é *Uau*. Tudo o que consigo fazer é concordar com a cabeça... Estou completamente sem palavras...

– Bem, boa noite. Aproveite o sorvete.

Ele se vira e anda rapidamente em direção à escadaria do prédio, sumindo depois de entrar pela porta principal.

Eu o observo ir, ainda na sarjeta e agora sentindo a sujeira entre os dedos do pé. Respiro fundo e tomo fôlego desesperadamente. Estive segurando a respiração enquanto ele me olhava. Agora estou me sentindo meio estranha, exausta, com a cabeça girando.

Devagar, entro no prédio e subo até o apartamento da Celia. Quando chego lá, vou direto para a sala. A luz do apartamento do outro lado está acesa agora, e consigo vê-lo claramente. Pego uma colher na cozinha e volto, puxando a poltrona para perto da janela. Perto o bastante para ver bem, mas não tão perto a ponto de ficar visível. Abro meu pote de sorvete e assisto o homem andar para lá e para cá em sua sala. Ele tirou o paletó e a gravata e agora está só de camisa azul e calças escuras. Ele é naturalmente *sexy*, sua camisa ressalta os ombros largos e a calça, seu corpo masculino. Parece que está vestido para um ensaio fotográfico de uma revista masculina. Noto que há uma mesa de jantar e cadeiras em sua sala. Isso faz sentido. Se o apartamento dele é idêntico ao da Celia, sua cozinha também vai ser bem estreita. Para Celia, comer não era importante a ponto de ela ter mais do que a mesinha para duas pessoas na cozinha, mas esse homem poderia querer algo mais civilizado.

*Será que ele cozinha?*, pergunto-me. *Quem é ele? O que ele faz?* Decido que preciso dar um nome a ele. “O homem” não vai funcionar. Como posso chamá-lo? Bem, senhor alguma coisa, obviamente, já que não fomos apresentados e nomes próprios são uma coisa meio particular. Seria estranho chamá-lo de Sebastian ou Theodore, e aí descobrir que seu nome é Reg ou Norm, ou coisa assim. Não, preciso de algo misterioso e flexível, algo que mantenha todas as possibilidades...

*Sr. R.*

Sim, é isso. Vou chamá-lo de Sr. R.

R de Randolph Gardens. Combina com ele.

O Sr. R. volta para a sala trazendo um balde de gelo e dois copos. Uma promissora garrafa com lacre dourado está lá dentro. Dois copos... Então ele está aguardando alguém, a menos que pretenda tomar a bebida com um copo em cada mão. Não há sinal das flores. Eu me encosto na poltrona, cruzo as pernas como um garotinho na escola e destampo o sorvete. Pego uma boa colherada e vou comendo devagar, deixando o sorvete derreter na língua, saboreando cada gota até a garganta. É sorvete de creme, simples, do jeito que gosto.

O Sr. R. some de novo, dessa vez por um bom tempo. Já comi mais de um quarto do pote, o De Havilland se aconchegou no espaço entre meus joelhos e caiu instantaneamente no sono. Quando o Sr. R. voltou, tinha tomado banho e se trocado – agora vestia calças folgadas de linho e uma camiseta azul, que ficava, desnecessário dizer, incrível – e agora já não estava sozinho.

Fico tensa quando a vejo, e imediatamente me sinto boba. *Então agora ele não pode nem ter uma namorada? Ele nem sabe quem é você! Ficou duas noites olhando para ele e agora o cara pertence a você?*

Quase rio dessa minha loucura e, no entanto, a estranha intimidade de poder olhar para seu apartamento dessa maneira me faz sentir que há uma conexão, de alguma forma. Sei que isso é minha imaginação, mas ainda assim não consigo me livrar dessa sensação. Inclino-me para a frente para poder olhar melhor a namorada...

*Certo. É bem como imaginei. Estou viajando muito, muito forte se acho que algum dia terei chances de competir com uma garota dessas.*

Garota? Ela é uma mulher. Uma adulta, mulher experiente, do tipo que me faz sentir uma garota acanhada e malvestida em comparação. Ela é alta e esguia, com aquele tipo de elegância que não se aprende. Está vestindo um terninho de linho claro com uma camiseta branca sob o blazer. Seu cabelo é escuro e ondulado, e ela usa batom vermelho de um jeito que mostra estilo e não vulgaridade. Ela parece ser magrinha e adorável, como se tivesse saído das páginas da *Vogue*. Ela é o tipo de mulher que jamais iria parecer esfarrapada ou suada ou andar com um rabo de cavalo malfeito caindo nas costas. Ela jamais tropeçaria na sarjeta ou andaria com o rosto encardido.

Ela é o tipo de mulher que ganha peônias e champanhe em um apartamento em Mayfair. Aposto que ela nunca comeu sorvete sozinha com um gato porque seu namorado preferiu transar com outra.

Basta pensar na Hannah (meu Deus, jamais vou conseguir esquecer a imagem dela nua, com mamilos escuros e a barriga encharcada de suor) que o sorvete fica azedo na minha boca. Deixo o pote de lado e incomodo De Havilland quando me estico sobre ele. Ele põe as garras de fora e arranha de leve minha perna, o suficiente para me fazer saber que ele não gostou da mudança de posição, e então volta a relaxar.

– Ai, seu gatinho malvado – digo sem ficar brava. A alfinetada de suas garras afiadas não chega a ser desagradável e, de certa forma, me traz de volta ao presente. – Pode parar. Me desculpe, não vou te incomodar de novo. Agora, me deixe assistir.

O Sr. R. tirou a garrafa do balde de gelo. A mulher pega os copos de cima da mesa e os segura. Ela está rindo e diz algo enquanto o Sr. R. rasga o lacre da garrafa e começa a tirar o arame sobre a rolha. Ele também está rindo. Sem dúvida é inteligente e engraçada, além de bonita e chique. Como é que algumas pessoas nascem com tudo? Isso não é justo!

É estranho observá-los sem conseguir ouvir nada. Tenho o visual sem som, e isso me dá vontade de achar o controle remoto e ver se não zerei o volume por engano.

A rolha estoura silenciosamente, e a garrafa cospe espuma branca. A mulher levanta os copos e o Sr. R. os enche com a espuma e espera que ela se assente, virando um líquido dourado. Ele coloca a garrafa na mesa, pega um copo e faz um brinde antes de beber. Estou assistindo a tudo com tanta atenção que quase consigo sentir as bolhas estourando na minha língua quando eles bebem. A que estão brindando? O que estão comemorando?

Em minha imaginação, eu o escuto dizer: "Para você, minha querida". Aposto que ela se arrepia com o som da voz dele dizendo algo tão íntimo e *sexy*. Quero tanto fazer parte disso que preciso resistir ao meu impulso de pular e acenar e, quando eles vissem e abrissem a janela, eu perguntaria se não podia me juntar a eles. Tudo é tão calmo e feliz, tão adulto. Eu os vejo beber e conversar, sentar no sofá e ficar por lá enquanto conversam mais um pouco. Então Sr. R. sai da sala, deixando a mulher sozinha. Ela atende uma ligação no celular, se recostando no sofá enquanto fala e ouve. Seu rosto muda de repente... Sua expressão fica rude, cruel e orgulhosa, e ela começa a falar mais rápido e, percebo, mais alto. Após um tempo no telefone, ela encerra a ligação com um toque bem enfático na tela e joga a cabeça para o lado.

O Sr. R. volta para a sala trazendo alguns pratos de comida. Com certeza ele conseguiu ouvi-la, ela estava claramente falando alto, isso se não estivesse gritando – mas eles parecem bem, continuam sorrindo um para o outro. Ela se levanta do sofá e vai até a mesa ver a comida, enquanto ele sai de novo e volta logo em seguida com mais pratos. Não consigo ver o que está neles, mas quatro pratos parecem o suficiente. Eles sentam à mesa e eu os observo, desejando estar lá, de alguma forma. Não só com eles, mas fazendo parte de um mundo totalmente diferente, um com mais beleza e estilo do que há em minha existência banal.

A noite vai ficando mais escura e a sala começa a se iluminar e ficar ainda mais clara. O Sr. R. se levanta, anda até um lado da

janela e olha para fora. Eu fico travada. Ele está olhando direto para mim, com certeza está conseguindo me ver...

O que ele vai fazer?

Então, de repente, a visão sumiu. Uma persiana branca desceu e acabou de vez com minha vista.

Eu respiro, um pouco desolada. Eles se foram. Eu não os desliguei, eles é que me desligaram. Por trás da persiana a vida encantada deles segue enquanto fico de fora sozinha.

Não dá para acreditar como estou me sentindo solitária... Passo a mão no De Havilland, sentindo seu calor e tentando conseguir algum conforto no sono tranquilo dele. Mas quero mesmo é chorar...

## *Capítulo Três*

No dia seguinte acordo tarde, o que é incomum para mim. Quando abro as cortinas, vejo um céu de azul perfeito e a luz do sol inundando tudo. Passei a manhã ajeitando as coisas, cantando junto com um radinho antigo enquanto finalmente desfazia minha mala e arrumava a cozinha. Tinha planejado visitar a National Gallery e depois caminhar até a Abadia de Westminster, mas a manhã passou voando. Na hora do almoço, fiz um sanduíche, peguei uma maçã e decidi descer até os jardins e almoçar por lá.

O porteiro é amigável e me mostra como passar pela porta dos fundos para chegar aos jardins. O único jeito é por dentro do edifício, para que os jardins sejam exclusivos de quem mora lá. Eu saio, caminhando pela trilha de cascalho nas sombras, olhando para cima e vendo o apartamento da Celia e do Sr. R., mas logo fico sob o sol. O edifício se alarga em volta do grande espaço verde transformado em um jardim incrível, como se fosse um pequeno parque. Há uma área bem cuidada com flores e plantas ao lado de bancos e uma fonte, uma faixa de grama que deixaram crescer um pouco mais alto, como se fosse um quintal meio esquecido que está quase virando uma campina. Depois disso há duas quadras de tênis, que claramente são bastante usadas. Em uma delas, duas senhoras estão batendo bola gentilmente uma para a outra.

Pego uma toalha, que encontrei no armário da Celia, e abro na grama perto das quadras de tênis. O barulho da bola na raquete e os gritos de "desculpa!" são reconfortantes, e sento com meu lanche e meu livro enquanto a luz do sol vai se movendo lentamente pelo gramado, tocando meus dedos e depois minha panturrilha. Quando o sol chega à altura das minhas coxas, eu já terminei de comer e estou deitada na toalha, meio dormindo, meio lendo o livro... Mal percebi que as senhoras se foram e que o suave bate-bola delas deu lugar a um som diferente, de pancadas mais fortes e gritos masculinos.

– Boa! Vamos seguir essa rebatida. Vai pra rede! Voleio, voleio! Isso aí, muito bom.

Um professor de tênis está gritando instruções para seu aluno. Sua voz atravessa minha consciência. Eu noto o brilho do sol pelas minhas pálpebras fechadas e sinto seu calor, e nem percebo quando as vozes e os gritos param. Só volto a mim quando a luz nos meus olhos escurece e sinto meu corpo esfriar um pouco quando uma sombra me cobre. Abro os olhos, piscando, e percebo que tem alguém parado à minha frente. Levo um segundo ou dois até conseguir enxergar: quem quer que seja está brilhando feito um anjo, e percebo que é porque está vestindo branco. Roupa de tênis branca.

*Ai, meu Deus. É ele! O Sr. R.*

Mal consigo olhar para cima e ver seu rosto, com os cabelos molhados puxados para trás e o nariz brilhando com algumas gotas de suor – *ele fica ainda mais incrível desse jeito*. Ele olha para mim e diz: – Olá de novo – e sorri.

– Oi – digo meio sem fôlego, como se fosse eu que esti vesse jogando tênis, não ele.

– Você é a garota que vi ontem, não?

Esforço-me para ficar sentada, não quero conversar com ele deitada, mas ainda assim me sinto em desvantagem com ele lá em cima. – Sim – consigo dizer.

Ele se agacha ao meu lado e fica na minha altura. Agora consigo ver de perto seus lindos olhos sob as sobrancelhas pretas, e ele parece estar me analisando inteira. Sinto-me vulnerável com seu olhar. Ele diz:

– E você está ficando no apartamento da Celia. Agora liguei os pontos, vi você lá outro dia. – Seu sorriso desaparece e dá lugar a uma expressão preocupada.

– O que aconteceu com a Celia? Está tudo bem com ela?

Sua voz é grave e sonora, com aquele sotaque interessante e culto. Percebo uma entonação estrangeira, mas não consigo localizar de onde... Talvez isso explique sua pele morena. Sinto o calor vindo de seu corpo quando ele se move.

– Sim, está tudo bem. Celia está viajando por um tempo e estou aqui tomando conta do apartamento dela.

– Ah, que bom. – Seu rosto fica mais calmo. – Fiquei preocupado agora. Quer dizer, ela está muito bem para a idade que tem, mas... bom, fico feliz de ouvir que está tudo bem.

– Ela está... bem – repito meio sem jeito. *Vamos lá, fale com ele, mostre alguma coisa!* Na minha mente aparece a imagem daquela mulher elegante no apartamento dele na noite passada. Deitada na toalha de piquenique, ainda atordoada de sono, estou longe de parecer com ela.

– Que bom. – Ele dá outro sorriso deslumbrante. – Bem, espero que aproveite seu tempo aqui. Se precisar de qualquer coisa, é só falar comigo.

– Está certo – digo, imaginando se teria coragem de fazer isso.

– Estou falando sério, não tenha medo de pedir.

– Sim... obrigada...

– Até mais!

Ele se levanta e olha para mim por um longo momento, como se esperasse que eu fosse dizer alguma coisa, e então se vira.

– Tchau.

*Isso foi o melhor que consegui fazer?, quero gritar alto. Isso que é causar boa impressão, Beth. Você falou só um pouco mais que aquele banco ali do lado. Talvez ele tivesse uma conversa mais interessante se falasse com a fonte.*

Mas, sério, o que eu acho que vai acontecer? Que um homem daqueles vai se interessar por mim? Eu não consegui nem segurar meu namorado e, além disso, ele já tem alguém.

Então, enquanto ia embora em direção ao prédio, com a aula de tênis encerrada, ele para de repente, vira e olha para mim novamente. Seu olhar dura apenas alguns segundos antes de voltar a andar, mas é tempo suficiente para eu sentir um agradável arrepio se espalhando pelo meu corpo inteiro. É imaginação minha ou aquele olhar tinha um significado a mais? Ter ficado perto dele teve um efeito bem forte em mim. Minha sonolência se foi e este dia de verão barulhento está me deixando tão leve, nem lembro quando foi a última vez que me senti assim. Aperto os dedos do pé na grama

fria enquanto o vejo sumir dentro do prédio, e depois olho para a quadra de tênis onde o professor está recolhendo as bolinhas.

*Bolinhas sortudas, que são batidas pelo Sr. R., penso e dou risada. Tá bom, então estou a fim dele. Posso curtir essa sensação. Vai deixar meu verão mais divertido. Além disso, não tem mal nenhum, certo?*

\*\*\*

Aquele pequeno encontro me deixou radiante o dia inteiro. À tarde, saio para andar e conhecer o esplendor de Piccadilly, com todos os seus prédios famosos e imponentes: o Ritz, Fortnum & Mason, a Royal Academy. Vou andando sem destino pela St. James Street, passando por lojinhas antigas: chapelarias, adegas, charutarias. Ando diante de casas grandiosas e encasteladas até cair na Mall, uma larga avenida. Ao final dela, consigo ver o Palácio de Buckingham, e à minha frente há um belo parque. Encontrei o coração da Londres turística, o sonho de vermelho, branco e azul e monarquia. Esta cidade enorme tem tantas facetas, e esta é apenas uma delas... Ando pelo parque, vendo as crianças correr, alimentar patos, brincar nos balanços, e então encontro mais um lado de Londres: as Casas do Parlamento, escuras e góticas, ao lado da majestosa Abadia de Westminster, onde eu havia planejado vir pela manhã. Turistas se apinham em volta do lugar e fazem fila para entrar na igreja. Não estou a fim de me juntar a eles, mas fico observando por um tempo, antes de voltar para casa, pelo mesmo caminho de onde vim.

\*\*\*

À noite, ela está de volta...

As persianas estão levantadas, e posso ver claramente de novo, por isso como meu jantar sentada na poltrona perto da janela, vendo o Sr. R. e a namorada participarem desse filme mudo que me entretém. Eles estão sentados à mesa comendo o que parece ser

uma refeição deliciosa, conversando e rindo juntos. Estou pronta para a cena seguir o mesmo roteiro de ontem – a persiana cair bem quando as coisas começam a ficar interessantes –, mas algo inesperado acontece. Eles se levantam, a mulher veste uma jaqueta e eles saem da sala. O Sr. R. apaga as luzes.

Para onde estão indo? O que está acontecendo?

Estou espantada com a mudança inesperada de rumo e sou tomada por um impulso maluco. Levanto em um sobressalto, tirando um sonolento De Havilland do meu colo, e corro para o armário do corredor. Eu já vi que a Celia tem uma vasta coleção de chapéus e casacos lá, então pego um sobretudo da Burberry e saio correndo. O pequeno elevador já está no meu andar e em segundos apronto meu disfarce improvisado, com cabelos soltos e a gola do casaco virada para cima. Saio no hall de entrada bem a tempo de ver a porta principal fechar, com o Sr. R. e sua namorada descendo a escadaria em direção à rua.

*O que estou fazendo agora? Virei uma espiã?* Estou animada e ao mesmo tempo horrorizada comigo mesma. E se eles me virem? E se ele me reconhecer e quiser saber por que raios eu os estou seguindo? Será que consigo inventar uma desculpa? Sei lá... mas agora já é tarde demais. Isso é loucura, mas agora que comecei, vou até o fim. Quero ver aonde eles estão indo. É estranho, mas sinto que sou parte da vida deles agora, e eles são parte da minha. Além do mais, eles provavelmente vão pegar um táxi a qualquer momento e me deixar para trás, e eu vou voltar para o apartamento e tentar recuperar a razão.

Mas eles não pegam nenhum táxi.

Em vez disso, continuam andando pelas ruas, conversando um com outro sem que eu consiga ouvir, e pegando um caminho que eles obviamente conhecem bem, mas que é totalmente estranho para mim.

*Se os perder de vista, vou estar em apuros. O mapa ficou na minha bolsa lá no apartamento e não tenho a menor ideia de onde estou.*

Com a escuridão fica muito mais difícil me localizar e me lembrar do caminho, principalmente quando continuo firme na intenção de

segui-los sem chegar muito perto. Estou de olho neles no que acho ser a distância certa. Não faço ideia se estou bem camuflada aqui atrás ou se estou dando muito na cara. Vamos só torcer para que eles não decidam virar para trás de repente...

Eles continuam andando, com o salto alto da mulher fazendo barulho na calçada a cada passo. Hoje ela está de vestido preto com uma jaqueta, enquanto o Sr. R. manteve seu terno de trabalho, sem precisar de um casaco com esse clima quente. Na verdade, sou eu que chamo a atenção com o sobretudo, levando em conta que a maioria das pessoas aqui está de camisetas e blusinhas de manga curta.

*Sem problemas, se alguém me parar, finjo que sou a típica britânica excêntrica.*

Ninguém vai me parar, penso comigo. Ninguém está nem aí. É isso que me atrai nesta cidade... Posso ser quem eu quiser. É tão diferente lá de casa, onde qualquer mudança na cor do cabelo causa um debate que envolve a cidade inteira.

Caminhamos por ruas escuras até chegar a uma avenida grande, com carros, ônibus e táxis voando por ela. Nós a cruzamos e caímos em uma alameda bonita, com jovens nas calçadas bebendo e fumando. Fico preocupada de perdê-los de vista no meio da multidão, mas eles continuam andando no mesmo ritmo, certamente ignorando o fato de estarem sendo seguidos. Estamos nos dirigindo a uma parte diferente da cidade e em pouco tempo vemos bares mais agitados. Bandeiras arco-íris estão penduradas do lado de fora de alguns – são bares gays, reconheço o símbolo –, outros possuem entradas mais discretas. Noto mulheres de minissaia e sutiã do lado de fora de entradas cheias de luzes brilhantes.

*O bairro da luz vermelha?, penso incrédula. É para cá que eles estão vindo?*

Passamos por alguns lugares decadentes e logo quando começo a me perguntar o que é que está acontecendo, nós saímos em uma região vibrante e cheia de gente, mas com outro aspecto. Aqui há uma mescla curiosa de trabalho e diversão: por onde olho, vejo edifícios comerciais de empresas ligadas à mídia, como cinema, televisão, publicidade e marketing, mas em volta deles há

incontáveis bares e restaurantes. Há pessoas por todo canto, vestidas de todas as formas, desde desleixadas e casuais às muito bem-vestidas com roupas de marca. Estão comendo todo tipo de refeição nos mais variados restaurantes, ou bebendo vinho, cerveja e coquetéis nas mesas sobre a calçada. O ar tem uma mistura curiosa do cheiro de noite de verão com fumaça de carros e cigarros, além do cheiro que vem da cozinha de centenas de restaurantes. Este lugar está zumbindo com o tipo de agito que só começa a diminuir de madrugada, bem depois que os cinemas e *pubs* já fecharam.

Mas dá para ver que este não é só um lugar voltado ao trabalho e consumo. Há algo mais rolando aqui também. A primeira indicação é quando passo por um *sex shop*, desses chiques que parecem só vender boas de plumas, chocolates em formato de genitais e calcinhas eróticas para festas de despedida. Embora eles tenham sua cota de plásticos coloridos e fluorescentes, a loja parece ver sexo apenas como objeto de piadinhas de cunho sexual. Mas logo vejo outro *sex shop* vendendo materiais de tipo completamente diferente. Os manequins na vitrine iluminada estão usando botas de plástico reluzentes, de zíper ou cadarços, com saltos altíssimos, meias arrastão, calcinhas sensuais, cintas-ligas cravejadas de pontas, sutiãs de couro, alguns com tachos, outros com pontas, todos com buracos para os mamilos. Os manequins usam máscaras e chapéus de couro, todos seguram um chicote nas mãos. Dentro da loja, vejo araras cheias de fantasias e roupas íntimas e, por um momento, fico tentada a entrar e conferir algumas.

Mal passei pela vitrine e me vejo em frente a outro tipo de loja, dessa vez uma livraria. Na vitrine estão expostos livros artísticos de fotos em preto e branco, todos dedicados à nudez do corpo humano. Corpos com todo tipo de apetrecho sexual exótico, corpos abraçados com outros corpos...

O Sr. R. e a mulher continuam andando à minha frente, e as calçadas estão todas tomadas por pessoas. Estou tentando mantê-los sob minha vista ao mesmo tempo que passo por outro *sex shop*, muito bem decorado com asas de anjo douradas sobre a porta, que

avisa que a entrada só é permitida a maiores de 18 que não se ofendam com material adulto.

*Eu sei onde estou. Aqui deve ser o Soho...*

Não sou inocente a ponto de nunca ter ouvido falar no famoso bairro da luz vermelha de Londres, mas com certeza seus dias de decadência ficaram no passado. Não há nada dissimulado ou sujo por aqui. As ruas estão inundadas de dinheiro e glamour, repletas de todo tipo de pessoas e servindo a todo tipo de estilo de vida, nenhum dos quais se incomoda em nada com a exibição de apetrechos sexuais por todo canto. O lugar aqui simplesmente convive com outros aspectos dos desejos humanos.

Mas ainda assim me sinto como uma caipira no meio disso tudo. A verdade é que nunca vi nada parecido com isso, e me sinto estranha só de olhar para essas coisas em público. Adam e eu nos sentíamos meio constrangidos quando andávamos de mãos dadas, e quase nunca falávamos de sexo. Mal posso imaginar entrar em um daqueles *sex shops* e pegar qualquer coisa que indicasse para as pessoas que eu tinha o hábito de fazer sexo, ou então usar as roupas de couro ou os brinquedinhos que eles vendem. Quer dizer, tinta de chocolate para o corpo é uma coisa, um vibrador gigante é outra completamente diferente. Não consigo me imaginar em frente ao caixa, entregando um vibrador e pagando sem morrer de vergonha. Só tem um jeito de usar aquilo, afinal, e não consigo suportar a ideia de alguém mais saber.

Bem nessa hora, o Sr. R. vira à esquerda e cruza uma praça escura, outra avenida e então vira em uma ruela iluminada por apenas um poste à noite. É quase como voltar no tempo: casarões se encontram atrás de grades de ferro, cada um com escadas de metal que levam ao porão. Não dá para saber se são casas particulares, hotéis ou algum outro negócio. Suas elegantes janelas estão quase todas fechadas, algumas exibindo um dourado que mostra que há luz e vida dentro delas.

O casal na minha frente vai direto para uma das casas de tijolos vermelho escuros e desce as escadas, cada passo ressoando no metal, e logo em seguida uma porta se abre e eles desaparecem dentro. Quando estou certa de que eles estão mesmo lá dentro, vou

para a grade e dou uma espiada. Logo abaixo do nível da rua há duas grandes janelas abertas, e posso ver que há pessoas na sala escura. Que lugar é esse? Um bar? Uma festa particular?

Não faço ideia, e sou tímida demais para tentar descobrir. Uma voz grave diz “Com licença” e um homem de terno caro passa por mim, descendo as escadas com determinação e passando direto pela porta. Eu me afasto, me sentindo boba. Não posso segui-los lá dentro e não tem como esperar aqui fora por eles. Vou ter que achar o caminho de volta sozinha. Sinto que a Oxford Street está perto, e se conseguir achá-la, sei como voltar para casa de lá.

*Você está bem estranha*, digo séria para mim mesma. Mas não consigo evitar. Sinto que há um mundo de aventuras em um lugar bem próximo, e desejo fazer parte dele. Está inacessível para mim, mas aberto ao Sr. R. e sua namorada. Em algum lugar, eles estão vivendo uma vida mil vezes mais divertida que a minha existência sossegada e provinciana. Devo deixá-los, mas não consigo. É como se tivesse tropeçado em um fio brilhante e não conseguisse deixar de puxá-lo, mesmo que isso acabe desfiando toda a minha vida.

Tiro o casaco.

*É hora de ir para casa.*

Ando de volta pelo caminho que vim, de olho nos nomes das ruas até encontrar alguma que reconheça do meu mapa. Seguindo pelo caminho que acredito que vá me levar até a Oxford Street, vejo uma loja que ainda está aberta junto com alguns bares e restaurantes. Parece uma livraria, mas com algumas bugigangas interessantes também, e acabo entrando de impulso.

Uma sorridente senhora grisalha me cumprimenta quando entro e me deixa sossegada quando começo a fuçar. Posso ver por quê: os livros cobrem todo tipo de tópicos, mas em sua maioria eles são eróticos – romances apimentados, fotos, poemas. Dou uma olhada em tudo, vendo os títulos e resistindo ao impulso de abrir as capas. Não consigo, não com alguém por aqui para ver pelo que me interessa. Eu deixo os livros e vou conferir os belos esboços nas paredes, e logo me engasgo e fico vermelha, olhando em volta para ver se ninguém percebeu. Os desenhos são representações gráficas de sexo. Os corpos não têm cabeça, o artista se focou apenas nos

troncos das pessoas e na forma como elas estão unidas: uma mulher montada sobre um homem, com as costas arqueadas e as mãos em seu peito; outra está de joelhos em um divã, com um homem dentro dela vindo de trás.

Estou ruborizada. Onde quer que olhe, acabo encontrando outra coisa: mãos segurando uma enorme ereção, uma mulher se curvando como se estivesse em um culto; suas partes íntimas femininas abertas e convidativas, com os dedos ajudando a abrir e facilitando a entrada. Uma mulher e dois pênis gigantes, um a penetrando pela frente, o outro por trás...

*Meu Deus. O que é isso?*

Procuro outra coisa para olhar e vou até uma estante de nogueira com portas de vidro. Consigo ver objetos feitos de cristal, jade e mármore, couro e veludo.

Chego perto e me assusto de novo. Como sou boba. Estou olhando uma grande variedade de brinquedos sexuais obscenos e lindos. Ao lado de cada um há um cartão escrito à mão:

*Consolo de jade – \$ 545*

*Plugue anal de cristal – \$ 230*

*Ovo vibratório marmorizado – \$ 200*

*Corrente de bolinhas tailandesas perolizadas – \$ 400*

Na prateleira abaixo há uma bela coleção de chicotes de equitação e uma antiga bengala com o cabo entalhado. Olhando de perto, posso ver que o cabo foi desenhado em formato fálico, com os testículos cravados em sua base.

Embaixo vejo alguns aparelhos de metal que me deixam intrigada até ler os cartões ao lado: são grampos para mamilo e similares, que servem para apertar as partes mais macias do corpo. Ao lado há algemas de couro preto com pele branca e cordas trançadas das mais diversas cores.

– Você está procurando por algo específico? – diz uma voz. A mulher está ao meu lado agora e é amistosa, mas na mesma hora fico toda confusa.

– Ah... não, obrigada... estou só olhando.

– Tudo bem.

Ela me olha como se entendesse perfeitamente minha vergonha e com isso fico um pouco mais relaxada. Ela aponta para as prateleiras do outro lado da sala.

– Temos outras coisinhas por lá, caso você esteja achando isso aqui meio caro. Os objetos aqui são praticamente obras de arte. Aqueles lá estão mais em conta.

Ela me leva até eles. Há uma grande variedade de brinquedos de látex e borracha, alguns parecidos com foguetes cheios de saliências, alguns lisos e finos, como se fossem canetas estilizadas em verde, azul e rosa fluorescente.

– Você provavelmente já ouviu falar em alguns destes. – Ela vê para onde estou olhando. – Aqueles finos são para uso anal, caso esteja se perguntando. Os vaginais são aqueles maiores. Este, por exemplo – ela pega um dos monstros –, é bem famoso e um dos que mais vendemos.

Olho e dou um grande suspiro, sem querer. É tão grande e grosso. Será que cabe mesmo lá... *dentro*? Nunca usei um brinquedo desses antes, nem mesmo me imaginei usando, mas não vejo como isso possa caber dentro de alguém, muito menos de mim. Só fiz sexo com um homem e apesar de ele ser perfeitamente bem dotado, com certeza não chegava nem perto disso.

A mulher me mostra uma grande protuberância nele.

– Este é o estimulador de clitóris. Você pode deixar assim mesmo ou...

Ela aperta um botão na base do vibrador e o pequeno inchaço, do tamanho de um dedão, começa a se mover para frente e para trás. Pequenas luzes dentro dele começam a piscar, e parece que ele está dançando em sua discoteca particular. Ela sorri para mim.

– Isso funciona que é uma beleza. É uma das razões por que vende tão bem. Agora veja isto.

Ela aperta outro botão e o mastro inteiro começa a vibrar, com um anel interno pulsando para cima e para baixo. Ele emite um som grave e rítmico que me lembra do ronronar do De Havilland, e isso faz o brinquedo parecer bem divertido. Ele parece vivo, especialmente com todas aquelas luzes brilhando dentro – como se

fosse uma água-viva extraordinária e densa. Não consigo evitar me espantar com a cena. Após um momento, a mulher o desliga e o guarda.

– Temos muitos outros modelos também. Se precisar de qualquer explicação, é só me pedir. Estou aqui para ajudar.

– Obrigada.

Vejo a grande variedade de vibradores e sinto uma estranha excitação crescendo em mim. Pessoas usam isso. Pessoas normais. Não pervertidas ou ninfomaniacas, mas mulheres normais com desejo sexual. A verdade é que sexo é uma das coisas de que sinto mais falta. Sem o Adam, perdi não apenas o meu amigo e o homem a quem me doei de coração, mas meu amante, o homem que me tocava, me beijava, me abraçava... O homem que me desejava, que gostava de acariciar meus seios e passar suas mãos sobre meu quadril, que conhecia e amava minhas partes mais íntimas, com sua língua, seus dedos e seu pau. Agora ele se foi e meu corpo clama por sua atenção. Quando chorava à noite no travesseiro, sofrendo com a traição de Adam e sabendo que ele estava fazendo todas aquelas coisas com outra pessoa, eu também estava sofrendo pela perda do amor físico e do prazer que me dava. Será que essas coisas – os aparelhinhos para colocar sobre o clitóris, o vibrador emborrachado com estimulante de ponto G – são a resposta?

*Você pode comprar um. Não tem ninguém mais aqui. A mulher é legal e, além disso, você nunca mais vai vê-la de novo. Ela não está nem aí para o que você vai fazer com isso...*

Se há algum lugar para explorar e experimentar, a solidão do apartamento de Celia é perfeita para isso.

Então me lembro. Eu vim sem meu dinheiro... Não tenho como comprar nada. Todas as ideias deliciosamente sedutoras desaparecem e logo sinto vontade de estar em casa.

– Obrigada – digo para a mulher da loja, e me viro, afundando as mãos nos bolsos do sobretudo e saio rápido, com o sininho da loja tocando atrás de mim quando a porta se fecha.

Eu me concentro em achar meu caminho de volta para Randolph Gardens, mas mesmo andando em direção a uma rua cheia de gente, sinto que algo mudou. Estou viva de uma forma diferente,

formigando, atenta até mesmo para a brisa no meu rosto e como ela me toca. Sob o casaco, estou quente e úmida...

## *Capítulo Quatro*

Acordo agitada no dia seguinte. É uma sensação voluptuosa, como se quisesse me esfregar contra os lençóis da cama ou ficar nua em frente à janela aberta e sentir o vento na pele. Por um momento, deitada na cama, minha mão passeia pela minha barriga e desce até o trecho de pelos macios entre minhas pernas. A ponta de um dedo toca gentilmente a pequena mas incrivelmente sensível saliência que sai da junção dos lábios. O efeito é elétrico. Ela salta para a vida, pulsando sob a ponta do dedo, implorando por atenção, e uma agradável sensação se espalha pelo meu ventre.

Imagino aquele mastro vibrante, latejando com seu pequeno anexo colocado no ponto exato fazendo o movimento de vai e vem. Os esboços enquadrados que vi ontem flutuam pela minha mente. Respiro fundo. Um calor úmido se espalha pela minha virilha. Vejo o Sr. R. com sua roupa de tênis, encharcado de suor. Depois nu da cintura para cima, enrolado em uma toalha. Meu dedo penetra mais fundo em direção ao calor e eu me contorço. Meu clitóris está duro agora, todo exposto, cada terminação nervosa exigindo estímulo.

Devo continuar?

Já cheguei ao orgasmo antes, claro. Os longos meses na universidade sem o Adam me ensinaram o valor dessa busca solitária. Mas desde aquela noite, não consegui mais. Não consigo me tocar. Eu me sentia rejeitada demais para conseguir relaxar e me permitir gozar.

*Mas agora? Será que consigo...?*

Passo a ponta do dedo sobre meu clitóris inchado e dessa vez um tremor sobe pela minha barriga e desce até as pernas. Meu corpo está desejando isso, implorando para que eu chegue lá. Toco-me de novo e de novo, gemendo um pouco por causa da sensação intensa.

E então acontece. Vejo aquela maldita imagem de novo em minha mente: Adam virando seu rosto para mim, revelando a Hannah por baixo dele. Vejo sua barriga gorda com pelos castanhos na base,

vejo as pernas abertas da Hannah, o triângulo de pelos raspados. Vejo de novo, com horror, a forma como eles estão grudados, com seu pau penetrando-a.

Eu resmungo... O desejo que havia pouco corria por mim desaparece.

*Que merda, por que fui ver aquilo? Por que não consigo esquecer?* Essa cena vai me assombrar para sempre. A visão do desejo animal e ofegante dos dois mata minha excitação. A visão do pau de Adam, que já foi só meu, mergulhado no corpo de Hannah fez meu desejo definhar e desaparecer.

Toco meu clitóris de novo e ele reage sob meu dedo. Mas não está bom. Minha carne ainda quer, mas meu espírito está arrasado. Levanto de uma vez e vou para o chuveiro apagar o fogo que estava sentindo.

\*\*\*

Apesar de não conseguir satisfazer os óbvios desejos de meu corpo por um orgasmo, não consigo evitar a sensação de volúpia. Eu tinha um dia todo planejado, com visitas a galerias de arte e museus, e havia pensado em usar roupas leves e tênis, e levar um lanche comigo para não ter que comer em um daqueles lugares caros feitos para pegar turistas. Mas hoje não estou com vontade de fazer nada disso. O que me vem à mente são aquelas grandes lojas de departamento da Oxford Street. Alguns dias atrás, quando cheguei, estava intimidada demais para ir a um lugar desses sozinha, mas agora algo mudou...

Converso com o De Havilland enquanto faço café e coloco um pouco de cereal numa tigela. Ele vai até o arranhador que a Celia colocou sob um armário e passa alguns minutos se divertindo e destroçando a tábua com suas garras, enquanto continuo falando.

– Você acha que Londres está me deixando corajosa outra vez? – pergunto a ele, enquanto ele crava e rasga o objeto com as garras.  
– Eu já fui corajosa, acredite se quiser. Fui para a faculdade sozinha, sem conhecer ninguém e fiz um monte de amigos.

Penso melancolicamente em Laura, uma colega estudante que virou minha melhor amiga. Ela está viajando pela Amé-rica do Sul, gastando seus últimos meses de liberdade antes de começar a trabalhar em Londres em uma empresa de consultoria. Ela prometeu me escrever sempre que tivesse acesso à internet, mas faz um tempo que não acesso meus *e-mails*. O estranho é que mal pensei neles até agora... Normalmente estou grudada no meu *notebook*, navegando à toa, vendo as novidades e lendo umas fofocas. Agora ele está largado em uma bolsa no quarto e me esqueci totalmente dele.

Hoje vou ver se consigo uma conexão, ou pelo menos levar o computador para tentar acesso. Afinal, todo lugar tem *wi-fi* hoje em dia.

Enquanto me visto, penso no que Laura diria sobre minha separação. Ela sentiria por mim e tudo, mas sei que no fundo estaria feliz. Ela até tentou gostar do Adam por mim, quando eles se encontraram no dia que Adam me visitou e dormiu no dormitório estudantil. Mas não rolou... Eu podia ver nos olhos dela, quando ele falava, que ela mal conseguia segurar sua irritação. Depois, até tentou disfarçar, mas acabou dizendo:

– Você não acha que ele é meio... um pouco chato, Beth? Ele ficou falando dele a noite toda e não disse nada de você!

Eu o defendi, claro. Tudo bem, Adam podia ser meio egoísta, meio ranzinza às vezes... mas ele me amava, eu sabia disso.

– Só me preocupo que talvez ele não te ame o suficiente. Ele não se importa com você – ela disse preocupada. – Não sei se ele te merece, Beth, é só isso. Mas se ele te faz feliz, então tudo bem.

Laura nunca mais disse nada do que pensava do Adam, mas quando um estudante de Direito do terceiro ano começou a dar em cima de mim, ela disse que eu devia passar um tempo com ele, para ver o que rolava. Claro que não fiz isso. Eu era comprometida.

Pensar na Laura me faz querer um pouco de companhia. Estive sozinha por um tempo já e agora preciso interagir com alguém. Na mesma hora, meu plano toma forma. Passear sozinha por galerias de arte vai ter que ficar para outro dia.

\*\*\*

– Ah, ele caiu muito bem, você está maravilhosa!

Estou certa de que é papo de vendedora – ela deve dizer isso para todas, imagino. Com certeza todo mundo fica maravilhosa nas roupas de sua loja – mas há uma franqueza em seu olhar que me faz acreditar nela.

Além disso, o espelho não mente, e fico surpreendentemente bem neste vestido... Você não dá nada por ele no cabide, e mesmo no corpo parece um vestido preto bem normal, mas ele traz à tona meus encantos escondidos: a forma como ele veste no busto e desce pela curva da cintura e do quadril em uma linha perfeita até os joelhos. O tecido é de algum tipo de seda, o que significa que é fluido e firme ao mesmo tempo, com um brilho suave.

– Você tem que levar – sussurra a vendedora sobre meu ombro.

– Ele ficou tããã perfeito. – Ela sorri para meu reflexo no espelho.

– É para alguma ocasião especial?

– Para uma festa – minto descaradamente.

– Hoje à noite. – Hoje à noite? – Seus olhos se arregalam. Ela imagina que deve haver alguma história interessante por trás da garota que compra um vestido de festa no mesmo dia do evento. – Você vai fazer um dia de princesa?

Eu me olho no espelho. O vestido é tão bonito... Estou me sentindo maravilhosa nele, *sexy* e sofisticada. O que está derrubando o conjunto é meu rosto lavado, cabelo descuidado e a falta de sapatos. Um dia de princesa? Quanto será que isso iria me custar?

Sempre fui uma pessoa precavida, cuidadosa com meu dinheiro. Não gosto de ostentação e nunca fiz compras para passar o tempo. Na verdade, ao contrário da maioria dos meus colegas, saí da universidade sem dívidas além do financiamento estudantil, e minhas economias permaneciam saudáveis.

*Por que não viver um pouco?,* pergunta uma voz em minha cabeça. *Por que não ser impulsiva uma vez na vida?*

– Acho que eu poderia – digo devagar.

A vendedora bate palmas com alegria. Esse tipo de coisa é bem a cara dela.

– Oba, deixe-me ajudar. Primeiro, você precisa levar o vestido, e não estou falando por falar. Você ficou linda nele. Pode deixar aqui, que eu guardo para você. Aqui neste lugar temos tudo o que você vai precisar – espaço de beleza, tratamentos de todo tipo...

– Não vamos exagerar – me apresso.

– ...cabeleireiro, manicure... – Seus olhos brilham com a possibilidade de moldar meu corpo imperfeito em algo digno do vestido. Então sua expressão fica preocupada. – Mas eles já podem estar com a agenda lotada. Vou dar uns telefonemas, pode deixar que dou um jeito.

Antes que eu consiga pará-la, ela já correu para a recepção e pegou o telefone. Eu enfatizo que não quero nenhum tratamento de beleza, mas ela me faz um sinal com a mão e marca um tratamento facial.

– Você vai amar – diz com confiança enquanto disca outro número. – Eu acho que sua pele é fantástica, mas está um pouco seca. Você passa hidratante à noite? Devia... Conheço um creme ótimo que protege a umidade interna e garante a hidratação subcutânea.

Antes que eu consiga dizer qualquer coisa, ela liga para o salão e está marcando corte e escova, enquanto olha para meu cabelo e diz:

– Tessa, acho vale a pena fazer umas luzes também, se der tempo.

Quando ela finalmente sai do telefone, já estou com diversos compromissos marcados, o primeiro logo em alguns minutos. A vendedora está obviamente fazendo o que gosta e está se divertindo muito. Ela acha alguém para cobri-la enquanto me leva para o andar de baixo, até as salas de tratamento. É tudo tão adorável que me deixo levar pela onda de entusiasmo e, quando sou entregue à Rhoda, no centro de beleza, já abri mão de controlar meu dia. Em pouco tempo, estou deitada em uma cama com Rhoda massageando meu rosto, espalhando algum tipo de mistura de argila, colocando discos gelados sobre meus olhos e me deixando assar por um tempo.

É uma experiência maravilhosa e relaxante, o tipo de coisa que sempre achei que fosse para outras pessoas e não para mim. Mas quando aqueles dedos suaves começam a tirar a máscara e a passar óleos e cremes em meu rosto, penso: *Por que não eu? Por que eu não deveria fazer isso?*

– Prontinho – diz Rhoda e me entrega um maço de amostras grátis de produtos. – E você está linda!

Olho de relance no espelho e vejo meu rosto enquanto pago – não foi exatamente barato, mesmo com alguém dando um jeito por mim –, e realmente estou radiante. Ou é só minha imaginação? Quem se importa? A experiência foi incrível.

– Estão te esperando no andar de cima – Rhoda me avisa. – Hora de fazer o cabelo.

Alguns segundos no elevador e antes que perceba, já estou sentada em uma cadeira com a capa de náilon amarrada em volta do pescoço e uma pilha de revistas de fofoca à minha frente. Um jovem magro de camiseta preta com uma improvável franja loira sobre a testa fala sobre o que podemos fazer com meu cabelo. Já experimentei cortes e tinturas diferentes no passado, mas nos últimos meses não fiz nada. O resultado é que há uma gama de tons no meu cabelo que varia de loiro escuro nas pontas a castanho-escuro na raiz, e qualquer corte já feito virou pontas desgrenhadas.

Cedric me pega pela mão. Com prática, ele pinta meu cabelo com o conteúdo de uma tigelinha de plástico e o dobra em papel alumínio, e me deixa com uma revista na mão cozinhando sob um disco de néon. Depois de meia hora, ele me encaminha para uma garota com mãos suaves e gostosas, que massageiam e lavam meu cabelo, tirando a química e substituindo por algo que o deixa macio e com cheiro de coco.

Cedric volta com tesouras. Agora é hora de pentear e cortar, e ele conversa comigo enquanto pega faixas de cabelo e corta suas pontas com lâminas afiadas. Eu me olho no espelho, imaginando como vou ficar ao fim disso tudo. Após terminar de cortar, Cedric passa *spray* de alguma coisa em meu cabelo, pega o secador e diz:

– Qual o nível de luxo que você quer?

Observo-me no espelho e digo:

– Glamorosa.

Na minha mente, estou me encontrando com o Sr. R. para jantar. Hoje à noite, ele não quer saber da mulher que vi. Hoje, ele vai me ver e se espantar.

– Você é a garota do apartamento da Celia? – vai dizer embasbacado, sem acreditar no que os olhos veem. – Aquela garotinha do quinto andar em frente ao meu apartamento? Mas você está... você está...

Estou viajando em um sonho feliz enquanto o secador urra ao meu redor, deixando os meus lóbulos vermelhos e chamuscando o couro cabeludo. O Cedric está ocupado com uma escova pontuda, enrolando com força o cabelo, puxando com firmeza e direcionando o ar quente, e depois soltando com um giro que deixa meu cabelo anelado. Depois de trabalhar minha cabeça inteira, eu fico com uma aura de ondas douradas e cintilantes. Ele passa musse modelador na palma das mãos, esfrega-as e mexe no meu cabelo, puxando, amaciando e soltando. Estou com longas madeixas e uma franja que desce pelo rosto e cobre sedutoramente um olho. A cor é de um dourado rico e reluzente.

– Gostou? – Cedric pergunta, dando um passo para trás e analisando seu trabalho com a cabeça de lado.

– Ficou... lindo – digo meio emocionada. Estou me lembrando de como era recentemente, quando me olhei no espelho do quarto depois de chorar pelo Adam, e vi uma garota de cabelo sem graça, olhos inchados e pele sem brilho. Ela parece ter ficado para trás agora, e fico muito feliz por isso.

Cedric sorri.

– Estou emocionado, amiga. Sabia que ia conseguir te transformar. Agora... parece que você tem que ir ao térreo fazer a maquiagem e as unhas.

*Não sei quanto custou e nem quero saber, penso des-preocupada enquanto entrego meu cartão de débito ao caixa. Eles estão sendo tão queridos comigo. Não precisam, mas estão sendo. E isso é demais!*

Quando o elevador chega ao térreo, sinto como se fizesse parte da realeza. Alguém está lá para me receber e me leva à cadeira de

maquiagem que estava reservada para mim. Então uma nova sessão começa... Uma jovem maquiadora, parecendo mais velha do que é com o uniforme da loja e o excesso obrigatório de base e pó, começa a trabalhar. Ela umedece minha pele, passa *serum* e aplica um líquido no meu rosto, então começa com hidratantes coloridos e bases. O tempo todo sussurra elogios sobre minha pele, meus olhos, meus cílios, meus lábios... Tudo o que posso fazer é me esforçar para não acreditar que virei uma das mulheres mais bonitas do planeta, mas mesmo continuando cética, admito que a sensação é boa.

Ela passa cores nas sobrancelhas, cílios, maçãs do rosto e nos lábios. Ela me deixa com um brilho e o que chama de “toques” de cor. Depois, quando tudo o que podia ser pintado foi pintado, a garota se afasta contente e diz que acabou. Então me entrega um espelho.

Eu me assusto. Digo a mim mesma: *é trabalho deles me deixar assim e fazer com que eu compre seus produtos. Essas pessoas são praticamente artistas.*

Mas ainda assim, eu nunca tive essa aparência. Meus olhos azuis estão destacados de uma forma que nunca consegui com meu fiel *kajal*, com os cílios escuros brilhantes e atraentes. Minhas maçãs do rosto estão coradas com um rosa dourado e meus lábios possuem um convidativo úmido vermelho-cereja. Sinto como se tivesse saído das páginas de uma revista.

Acabo comprando bastante coisa do que foi usado em meu rosto, e esse sem dúvida é o plano. Então sou levada para o outro lado, para ter minhas unhas pintadas de vermelho vivo por uma garota empolgada que me fala sobre os problemas com seu namorado. Eu mal escuto, para falar a verdade... Só consigo pensar no Sr. R. Estou perdida em um mundo de fantasias onde cruzo com ele em um restaurante, e ele se levanta boquiaberto e não resiste a me pegar em seus braços assim que me aproximo e...

– Prontinho, querida! – diz a manicure satisfeita. – Agora deixe secar por vinte minutos, só para garantir, tá?

Ainda tenho mais uma tarefa antes de sair. Tenho de comprar um par de sapatos, algo que combine com o vestido preto. Meu cartão

de débito parece até quente na minha mão, de tanto que gastei, mas já que cheguei até aqui, preciso ir até o final...

Uma vendedora me traz um par de sapatos pretos pontudos, de salto alto, e então, após tudo isso, volto onde comecei, com a minha vendedora inicial.

– Uau! – ela exclama e bate palmas. – Você está... *maravilhosa!* Nunca achei que você ficaria tão bonita. Sinceramente, isso foi uma transformação.

Ela está certa. Eu sei que está. Com o vestido e os sapatos, mais o cabelo e a maquiagem... bem, minha confiança está nas alturas. Talvez haja vida após Adam... Talvez alguém mais possa me amar, me querer, me desejar... O Sr. R., claro, é só uma ilusão, mas deve haver alguém.

– Obrigada – eu digo com toda a sinceridade. – Você foi muito gentil. Muito obrigada mesmo.

– Não seja boba, você merece. – Ela chega perto com um sorrisinho. – Agora vá lá para sua festa e deixe todo mundo louco!

Deixo a loja de departamentos sentindo como se todo mundo estivesse olhando para mim, admirando meu novo vestido e meu novo corte de cabelo. Três dias atrás eu cheguei a Londres suada e mal arrumada. Agora olhe só para mim! Espero parecer alguém de que a Celia possa se orgulhar.

Chego por acaso em uma pracinha escondida ao lado da avenida principal e decido comer em um dos restaurantes por lá. O dia de princesa levou horas e estou com tanta fome que nem me importo de comer sozinha. Enquanto devoro um delicioso prato de massa, eu me lembro de como, logo quando cheguei, estava assustada demais até para pensar em fazer isso. Bem, olhe só, aqui estou eu comendo sozinha e nada de mais aconteceu. Ninguém veio para cima de mim perguntar como é que pude fazer algo assim, nenhum garçom me olhou com desprezo e se recusou a me atender. Fui atendida com respeito e me senti muito bem.

Depois de comer, ainda não estou pronta para voltar para casa, mesmo sendo fim de tarde. Ando para o norte, em direção a uma área chique que descobri no primeiro dia, quando saí para procurar comida. Claro que não estou indo para encontrar o Sr. R., esse

pequeno sonho só existe em minha imaginação, mas não quero que essa fantasia deliciosa termine. É só porque estou nesse estado de espírito que, ao ver o cartaz na vitrine, tenho coragem de entrar. Por trás da vitrine há uma galeria grande e iluminada, com piso de madeira clara e paredes brancas adornadas por obras de arte moderna. Elas chamam muito a minha atenção porque parte de meus estudos se concentrou no desenvolvimento do expressionismo e da arte do período entre-guerras. As pinturas aqui parecem ter sido diretamente influenciadas por essa era.

Na vitrine há um cartaz branco, com uma mensagem em bela letra manuscrita:

*Assistente de galeria com experiência.*

*Vaga temporária. Para mais informações, por favor, entre.*

Eu olho por um momento, vendo meu próprio reflexo escurecido no vidro. Vim para Londres com a ideia de arranjar algum trabalho para me manter ocupada e talvez este seja o primeiro passo nesse sentido. Afinal, não dá para ficar trabalhando no café da minha cidadezinha para sempre, e tantos amigos estão se mudando para Londres, para iniciar a fase pós-faculdade de suas vidas, que faz sentido ver se encontro um futuro para mim aqui. Sinto que demorei muito ao não pensar em nada disso antes, mas talvez não seja tarde demais. Laura me pediu para vir morar com ela em Londres, dividir um apartamento ou uma casa, mas eu não sabia como iria pagar aluguel sem um emprego, e de qualquer forma, pretendia ficar com o Adam.

Enxergo movimento dentro da galeria e vejo rapidamente um homem magro e alto, com as maçãs do rosto salientes e nariz curvado. Ele usa um terno escuro e anda em direção a uma mesa no meio da galeria. Será que ele me viu?

Decido ir embora e me esquecer disso aqui, mas algo me impede. Estou elegante e arrumada como nunca estive antes. Se não conseguir impressionar um futuro patrão vestida desse jeito, jamais irei. Antes de saber o que estou fazendo, abro a porta e caminho confiante até o homem, com meus saltos altos batendo no piso de

madeira. Ele se vira para mim e posso ver que tem cabelos curtos, loiro--acinzentados, cortados rente na altura da barba e com um belo trecho calvo no topo. Seus olhos cinzentos são quase cobertos por pálpebras grossas e, sob o nariz saliente, ele tem lábios finos e um queixo bem definido. Ele usa um par de óculos de armação de ouro, tão discretos que são quase invisíveis. Suas mãos são bem harmoniosas e de modo geral ele projeta um ar de elegância e cultura.

Ele não diz nada quando me aproximo, mas levanta as sobrancelhas com um ar inquisitivo.

– Vi o cartaz na vitrine – digo com a voz mais confiante possível.  
– Ainda está procurando alguém? Gostaria de saber se possuo os requisitos para a vaga.

Suas sobrancelhas sobem ainda mais enquanto ele me olha de cima a baixo, prestando atenção no vestido, nos sapatos e na maquiagem.

– Sim, ainda estou procurando, mas tenho algumas entrevistas hoje mais tarde e... – ele sorri de modo amigável, mas distante. – Devo dizer que estou procurando por alguém com experiência.

Posso ver que ele não acredita que eu esteja à altura da vaga. Talvez minha aparência esteja jogando contra mim. Ele deve achar que sou alguma patricinha mais interessada em batons do que em arte. Isso me irrita! Os homens modernos não sabem que não se deve julgar uma mulher só pela aparência? A gente se surpreende das formas mais inesperadas mesmo.

Posso sentir uma fagulha da minha antiga confiança de volta.

– Se você precisa de alguém com experiência no trato com pessoas, eu passei anos trabalhando com clientes no varejo.

Isso não é bem verdade – um café pode ser considerado varejo? Mas a gente vendia algumas quinquilharias, cartões-postais e uma grande variedade de cerâmicas chinesas, então talvez até sirva. Continuei sem perder tempo...

– E se procura alguém com conhecimento do assunto, sou formada em História da Arte, e foquei meus estudos nas escolas do começo do século XX, os movimentos do cubismo e fauvismo antes da Primeira Guerra e sua evolução em uma série de movimentos

expressionistas e modernistas no pós-guerra. Posso ver pelo artista que está exibindo aqui que você também se interessa por esse período. Este artista é definitivamente influenciado pelo pós-expressionismo e pelo Grupo de Bloomsbury: adoro essas formas simples e os tons gastos, a ingenuidade. Aquela pintura da cadeira e do vaso de flores poderia ter sido feita por Duncan Grant.

O dono da galeria está me olhando. Então um sorriso surge em seus lábios finos e no momento seguinte ele está dando risadas...

– Bem, você é empolgada, com certeza. História da Arte, é? É uma boa formação. Sente-se, vamos conversar. Posso oferecer uma xícara de chá ou café?

– Claro!

Sorriso de volta e sento onde ele indicou. Dali em diante, nós nos entendemos muito bem. É fácil conversar com ele – ele é charmoso, de modos muito distintos – e não sinto nenhum nervosismo de entrevista de emprego. Parece mais que estou tendo uma conversa agradável com um professor gentil, exceto que ele é muito mais fino que qualquer professor na minha antiga faculdade. Ele sabe muito bem tirar informações de mim sem que eu perceba e conto a ele sobre a minha formação, a vida na universidade, meus artistas favoritos e por que sempre fui atraída pela arte, apesar de desenhar e pintar muito mal.

– O mundo precisa de pessoas que amem as coisas tanto quanto de pessoas que as façam – ele comenta. – O teatro, por exemplo, não é só feito de atores e diretores. Há os agentes, produtores, empresários, financiadores, e todo tipo de gente que toca a peça. Livros não existem simplesmente por causa dos escritores, mas por causa dos editores e livreiros que fazem o trabalho por amor aos livros. Com a arte, claro, é a mesma coisa! Você não precisa pintar como Renoir para apreciar arte e trabalhar no delicado e importante negócio de promover artistas e comprar e vender seus trabalhos.

Fico entusiasmada com a possibilidade de seguir carreira no mundo da arte, e acho que ele pode ver minha empolgação por trás de seus óculos de armação de ouro, porque diz, com gentileza:

– Mas trabalhar em todos esses mundos é muito difícil, porque a competição é intensa. Conseguir entrar primeiro é fundamental. Já

tive uma dezena de respostas ao anúncio na vitrine. As pessoas sabem que é uma ótima oportunidade de conseguir experiência.

Acho que pareço desanimar, porque ele sorri e diz:

– Mas eu gostei de você, Beth. E você claramente gosta do assunto e entende muito dele. Na verdade, conheço um dos professores do seu curso, ele é um velho amigo meu. Por isso sei que você tem uma excelente base em arte moderna. Deixe-me dizer... Vou conversar com algumas pessoas mais tarde, mas eu certamente vou me lembrar desta conversa. – Ele parece sério por um momento. – Devo enfatizar que a vaga é temporária. Meu assistente em tempo integral precisou ser hospitalizado e ficará fora por várias semanas, mas ele retomará a vaga quando estiver recuperado.

Balanço a cabeça, concordando.

– Entendo. – Não digo que também estou em Londres temporariamente. Posso explicar com calma, caso consiga o trabalho, o que não me parece provável.

Ele me entrega um cartão de visitas branco com letras em cobre. Nele se lê:

*James McAndrew*  
*Riding House Gallery*

Embaixo estão seus dados de contato. Dou a ele meu número de celular e meu *e-mail*, que ele escreve em um bloco de anotações sobre a mesa. Sua escrita é, como ele, harmoniosa, elegante e um pouco antiquada.

– Entrarei em contato – diz James, com outro daqueles sorrisos sábios dele, e logo após, estou de volta à rua, me sentindo muito alegre. Sorrio para meu reflexo nas vitrines ao passar por elas, ainda me acostumando com as madeixas loiras e a figura curvilínea com que o vestido preto me deixa. Mesmo que não consiga o trabalho, estou feliz por ter tido a coragem de entrar e ter dado meu melhor pela vaga. Decido que, não importa o que aconteça, eu voltarei para falar com James e pedir algum conselho sobre o que fazer para conseguir trabalhar no mundo da arte.

Fico surpresa quando olho para o relógio e vejo que está ficando tarde. Decido voltar para casa. Incrível como o tempo voa quando se faz compras e fica se emperiquitando.

\*\*\*

O apartamento do outro lado está escuro. Fico olhando para ele por um tempo, na esperança de que a luz vai se acender e o Sr. R. vai se revelar. Estou desesperada para vê-lo... Ele tem aparecido na minha mente o dia todo, o tempo todo, quase como se ele estivesse me assistindo em segredo enquanto sigo pelo meu dia. Hoje à noite, me sinto preparada para ele de uma maneira diferente. Mesmo antes de entrar na sala para ver o que acontece no apartamento dele, eu refiz a maquiagem, passei os dedos pelo cabelo e ajeitei o vestido sobre o quadril. Sinto-me refinada e chique, como se tivesse dado um pequeno passo em direção a ser tão sofisticada quanto sua namorada.

*Como se ele fosse notar!*

Então, quando o apartamento dele continua decidida mente no escuro, sinto uma pontinha de desapontamento. Sua janela continua escura durante todo meu jantar... Há algo de muito solitário em um apartamento deserto, a forma como ele se afunda em um descanso vazio, sem um habitante para trazê-lo de volta à vida. Nada possui significado sem alguém para observá-lo, usá-lo, morar nele. De Havilland está chateado comigo porque não o deixei sentar no meu colo, mas não quero pelos de gato no meu vestido novo. Ele vai para o sofá amuado, fica de costas para mim e me ignora de propósito.

Então, vem à tona um plano que estava sendo arquitetado sutilmente em minha cabeça o dia todo, sem que eu percebesse.

## Capítulo Cinco

*Beth Villiers – a grande espiã.*

Não. Que tal... *Beth Villiers, a Mata Hari de Mayfair.*

Rio de mim mesma. Saí para caminhar de salto alto novamente. Meus pés deviam estar me matando, mas não estão. Estou com o casaco da Celia e ensaiando as falas na minha cabeça.

*Oh, mas que coincidência te ver aqui! Sim, vou me encontrar com um amigo, o nome dele é James. James McAndrew. Ele é dono de uma galeria aqui perto e sugeriu que nos encontrássemos para beber algo aqui. Não faço ideia de por que ele está tão atrasado. Você quer me pagar uma bebida? Ora, obrigada, isso seria muito legal. Este vestido? Cai bem em mim? Você é muito gentil...*

O Sr. R. e eu estamos nos dando muito bem em minha imaginação quando chego às ruas iluminadas e lotadas do Soho. Eu me lembro do caminho muito bem. Na verdade, posso retrair meus passos com exatidão... Posso até me lembrar das vitrines que olhei e dos rostos das pessoas por quem passei. Deve ser por isso que a polícia faz as pessoas reconstituírem cenas de crime o mais cedo possível, antes que as lembranças fiquem turvas e confusas.

Entro na rua discreta e escura cheia de casas bonitas. É um lugar engraçado para se abrir um bar. Você teria de saber de sua existência para encontrá-lo e, mesmo assim, não parece o tipo de lugar em que você pode entrar vindo da rua, porque ele está escondido, abaixo do nível do chão.

Perto das grades de ferro, tomo fôlego. Uso toda a confiança que adquiri hoje.

*Vou fazer isso. Vou aproveitar o dia. Não vou ter medo.*

Desço pela escada de metal, meus passos soando mais confiantes do que eu. Lá embaixo consigo enxergar pelas janelas, mas dentro está bem escuro. Consigo distinguir pessoas sentadas, com chamas incandescentes em cada mesa. Outras silhuetas se movem para lá e

para cá. Olho para a porta de entrada. É toda preta e na frente está pintado com letras brancas: ASYLUM.

*Tarde demais para voltar. Vamos torcer para que não haja lunáticos esperando por mim lá dentro.*

Estou me coçando de apreensão, os dedos tremendo um pouco quando empurro a porta. Está destrancada e se move lenta e pesadamente sob minha força. Dentro há uma pequena recepção. Uma luminária no formato de uma estrela está pendurada ao teto por uma corrente e emite uma tênue luz. Há um pequeno aviso enquadrado: *Abandonai as esperanças, vós todos que aqui entraís.*

*Que lugar é esse?*

Dou mais alguns passos. Não há ninguém para me impedir, embora haja uma cadeira e uma mesa com um livro de capa de couro aberto sobre ela, uma caneta de prata em um suporte antiquado e um tinteiro. Há também uma caixa de metal com o nome *Asylum* escrito em letras douradas.

A entrada para o bar está livre e caminho com cautela, piscando para acostumar com o interior pouco iluminado à minha frente. Vejo pessoas, bem-vestidas e sofisticadas, bebendo às mesas, e ouço o burburinho de conversas. Taças de vinho, copos de champanhe e coquetéis reluzem sob a luz de velas. Mas meus olhos se voltam para algo além disso, para trás do bar, onde posso ver uma série de jaulas penduradas no teto por correntes. Dentro de cada jaula, há uma pessoa. Olho em meio às sombras.

*Estou vendo o que acho que estou vendo?*

Olho para uma mulher usando apenas roupas íntimas pretas, com os pulsos presos em algemas de correntes longas. Ela usa uma bota que vai até o joelho, com tiras de couro cruzando por suas pernas. Seu rosto está meio coberto por uma máscara que brilha e reluz com pedaços de metal, e o cabelo está preso bem firme. Ela agarra as grades de sua jaula, se move de maneira leve e sensual, esticando seus membros ao máximo no espaço reduzido em que está. As outras jaulas são parecidas: mulheres em um espaço pequeno, rostos cobertos, todas acorrentadas de alguma forma. Em uma jaula há um homem, nu da cintura para cima, vestindo minúsculos *shorts*

de couro. Ele está acorrentado ao topo da jaula por um colar cheio de pontas e fica olhando constantemente para baixo.

Enquanto observo, ainda tentando entender o que estou vendo, um homem elegante de terno se aproxima de uma das jaulas. A garota senta e fica de um jeito em que possa ser examinada. O homem se inclina para a frente e sussurra algo, ela abaixa a cabeça e então se desfaz em uma espécie de obediência a ele. Ele fala mais um pouco através das grades e ela balança a cabeça de leve, concordando. Em seguida, ele abre a jaula e a puxa pela corrente entre seus pulsos. Ela vai com ele sem resistência, deixando que ele a leve pelas mesas.

*O que está acontecendo? Isso é algum tipo de bordel? É aqui mesmo que o Sr. R. e sua namorada gostam de vir?*

– O que você está fazendo aqui? Quem é você?

A voz é direta e agressiva. Dou um sobressalto e me viro para ver o homem. A princípio ele parece bem normal – de altura média e vestido de preto –, mas é assustador. Sua cabeça é toda raspada e metade do rosto e couro cabeludo está coberta por uma tatuagem tribal, primitiva. O efeito é bizarro e amedrontador. Seus olhos brilham em minha direção, furiosos e ameaçadores. Eles são tão claros que são quase brancos.

– Como você entrou aqui? – ele exige saber. Algumas pessoas por perto se viram para olhar, mas sem muito interesse no que está ocorrendo perto da porta. Talvez estejam acostumadas com esse tipo de coisa.

– Eu... eu... a porta estava aberta – gaguejo, toda ruborizada. Posso sentir minhas mãos começando a tremer. – Achei que...

– Este é um clube particular, apenas para sócios – diz enfático. – Você é expressamente proibida de entrar. Agora suma daqui e pare de se meter onde não é chamada.

Seu olhar ferve com desprezo. Sinto-me como se fosse uma criança travessa, humilhada na frente de todo mundo. Acabo me encolhendo diante de sua atitude ameaçadora, uma pobre indefesa.

– Você ouviu – diz com um susurro desagradável. – Saia agora ou eu mesmo a coloco para fora.

Encontro forças para andar um pouco e passo por ele, pela pequena recepção e saio pela porta. Estou subindo a escada em direção à rua, lágrimas enchendo meus olhos, trêmula, aterrorizada com o que tinha acabado de acontecer.

De que adianta? Por que achei que poderia encontrar algum lugar nesta cidade horrorosa? Por que gastei todo aquele dinheiro para fingir que sou uma mulher de verdade quando sou tão estúpida?

Tudo parece perdido... Adam estava certo em me dar um pé... Nunca vou conseguir ser a pessoa que desejo. Eu paro sob um poste na rua e começo a chorar de verdade, feliz por ter poucas pessoas por perto. Mexo no bolso do casaco, torcendo para encontrar um pacote de lenços, enquanto lágrimas rolam pelo meu rosto. Fungo e limpo o rosto com as mãos. Bastaram algumas palavras agressivas e desmoronei, mais sozinha do que nunca.

– Ei, você está bem?

Olho para a direção de onde vem a voz, mas estou com a vista embaçada pelas lágrimas. É uma voz familiar, com certeza já a ouvi antes...

– Você está chorando. Posso ajudá-la? Está perdida?

Consigo ver melhor agora, seu rosto iluminado pela luz do poste e obviamente preocupado comigo. Assim que percebo quem está falando comigo, me bate aquele frio no estômago e sua expressão muda... O Sr. R. franze a testa e sorri ao mesmo tempo, parecendo confuso.

– Opa, você é a garota do apartamento da Celia. Mas o que é que está fazendo aqui?

– Eu... eu... – pisco os olhos. Ele está muito perto, e sua proximidade me rouba qualquer capacidade de pensamento racional no momento. Tudo em que consigo pensar é como aqueles olhos são lindos, tão intensos e poderosos sob as sobrancelhas pretas, e como sua boca é perfeita. Como deve ser beijar aqueles lábios, acariciar aquele rosto? Quero tocá-lo perto do queixo e sentir a aspereza da barba raspada que vejo lá.

– Está perdida? – Ele fica preocupado.

Digo que sim com a cabeça, tentando não fungar de novo.

– Eu saí para caminhar – consigo dizer. *Deus, não me deixe soluçar, por favor...* – Acho que andei mais do que pretendia.

– Ei... – Seus olhos parecem brilhar com a luz do poste. – Por favor, não chore. Vai ficar tudo bem. Vou levá-la para casa.

– Mas... – Estou quase perguntando se ele iria entrar no clube, quando me toco de que isso iria me entregar. – Você não está ocupado? Não quero atrapalhar sua noite.

– Não se preocupe – ele diz quase bruscamente. – Não vou te deixar aqui sozinha. Eu disse que a levo para casa.

Fico preocupada de tê-lo irritado. Ele pega o telefone do bolso, digita uma mensagem e envia, e então me olha novamente. Sua expressão é estranhamente séria.

– Pronto. Tudo resolvido. Agora vamos levá-la para onde você deve estar.

Minhas lágrimas desaparecem quando noto, para meu espanto, que estou andando pelas ruas do Soho com o Sr. R. Ele está em um de seus ternos impecáveis, e caminhando ao meu lado posso ver que tem mais de 1,80 m de altura. Alto o bastante para mim, que tenho 1,68 m. Ele anda devagar ao meu lado, se assegurando de que não dê passos muito rápidos e eu tenha de correr para acompanhá-lo. Estou me sentindo quente e leve por dentro, como se fosse gás hélio dentro de um balão. Se não tomar cuidado, vou sair flutuando a qualquer momento...

Quando passamos por uma pequena multidão de turistas adolescentes tomando a calçada em frente a uma lanchonete de *fast-food*, ele coloca sua mão em minhas costas e me guia em meio às pessoas. Quando saímos do outro lado, mal consigo falar por causa da sensação que corre por mim com seu toque. Quando ele tira a mão, me sinto abandonada.

– Você andou bastante mesmo – ele diz sério. – Você não trouxe um mapa? Seu celular não tem GPS?

Balanço a cabeça dizendo não, me sentindo idiota.

– Burrice minha...

Ele parece quase me olhar furioso por um momento, então fala:

– Burrice mesmo. Pode ser perigoso aqui fora, sabe? – Então parece ceder. – Bem, algo me diz que você não está acostumada

com Londres.

– Não. É minha primeira vez.

– Mesmo? E como é que você conhece a Celia? – Se ele estava bravo comigo, parece que já deixou isso para trás. Seus olhos parecem mais animados.

– Ela é a madrinha do meu pai. Ela tem estado presente na minha vida desde sempre, mas não a conheço muito bem. Só a vi algumas poucas vezes e nunca a visitei antes. Fiquei surpresa quando ela quis que eu viesse tomar conta de seu apartamento.

– Entendo por que você aproveitou a chance.

*Será que as pessoas acham que estamos juntos? Talvez pensem que somos namorados... será que parecemos? Mas ele é tão lindo...*

Ao andarmos para o oeste em direção a Mayfair, não consigo evitar analisar tudo sobre ele. Suas mãos são lindas: fortes e largas, com longos dedos. Imagino qual a sensação deles em minha pele, como me sentiria quando passassem por minhas costas. Esse pensamento me faz estremecer de leve. Suas roupas parecem ser bem caras, e ele caminha com confiança e um pouco da arrogância que se espera de um homem como ele.

Começamos a falar da Celia, de como ele a conheceu pelo fato de os apartamentos ficarem de frente um para o outro.

*Sério? Não me diga!*

Tento me fazer de inocente e acho que não ocorre a ele que eu possa ter ficado espiando.

– O apartamento dela é demais, não? – ele diz. – Estive lá para tomar um café uma ou duas vezes com ela. Mulher incrível. Tão interessante... as histórias que ela tem para contar sobre sua carreira! – Ele ri e balança a cabeça, e eu rio também. Ele parece conhecê-la melhor até que meu pai. A forma como fala dela me faz querer conhecer a Celia direito.

– Ela é o tipo de pessoa que eu gostaria de ser quando tiver a idade dela – ele continua. – Envelhecendo bem, mas com alegria de viver. Só que fico preocupado por ela também. Não importa que pareça estar cheia de vida, ela precisa se cuidar. A Celia odiaria admitir que está ficando frágil, mas eu fico de olho nela, caso alguma coisa aconteça.

*E ele ainda é gentil. Ai, meu Deus, pode me matar agora!*

– Mas você sabe como a Celia é – ele diz brincando. – Ela tem 72 anos, certo? Tenho a sensação de que ela vai viver mais que todos nós e vai escalar o Monte Everest quando estivermos cansados demais para subir uma escada.

O clima entre nós ficou mais leve agora que as lágrimas secaram, e a raiva que ele pareceu sentir por eu ter me perdido também se foi. Estamos chegando ao Randolph Gardens. Ando um pouco mais devagar, tentando prolongar nosso tempo juntos. A qualquer momento vamos chegar ao prédio e seguir caminhos separados. Não quero que isso aconteça. Estou curtindo essa pequena fagulha de eletricidade entre nós e tenho certeza de que ele também.

Então ele para e se vira para mim.

– Você está bem agora, não?

Aceno com a cabeça. Ele me olha por um momento com uma expressão curiosa, e diz calmamente:

– Por que você não sobe para meu apartamento? Acho que uma xícara de café vai lhe fazer bem e não quero que volte para o apartamento da Celia ainda meio triste. Além do mais, só eu falei, ainda não sei nada sobre você.

Adorei ouvir sua voz. Era calorosa e agradável, uma voz grave e firme. *Você não gostaria de subir para um café?* Meu coração começou a bater mais rápido, uma tremedeira tomando conta de mim.

– Seria muito legal – digo com a voz um pouco mais aguda do que gostaria. – Sim, por favor.

– Ótimo, então ficamos acertados. Vamos entrar. – Ele se vira para ir na frente e subir a escadaria, mas então para e olha para mim. Gelo só de pensar que ele decidiu mudar de ideia, mas ele diz:

– Nem sei o seu nome...

– Beth. É Beth.

– Beth, belo nome. – Ele sorri para mim, um desses sorrisos de derreter o coração. – Eu sou Dominic.

Ele se vira e segue em direção ao prédio, e eu vou atrás.

\*\*\*

Assim que entramos no elevador, sinto a proximidade de nossos corpos... É tão elétrica que mal consigo respirar. Não consigo olhar para seu rosto, mas estou muito ciente da forma como seu braço está encostado no meu e de que, com o menor dos movimentos, nós estaríamos colados.

*E se o elevador parar? E se ficarmos presos aqui?* Ele aparece de repente em minha imaginação, sua boca na minha, seus braços me puxando com firmeza contra seu corpo. *Oh, Deus.* Isso causa todo tipo de sensação em minha barriga. Dou uma olhada de relance nele. Tenho quase certeza de que ele está sentindo um pouco dessa estranha eletricidade também.

Fico quase contente quando o elevador para com uma vibração e consigo respirar direito novamente. Eu o sigo no corredor. Muito estranho estar do outro lado do prédio. Agora que estamos dentro do edifício e distantes da rua, começo a ficar cada vez mais tímida. A isso se soma o fato de que tudo aqui é igual, mas ao contrário. Sinto uma sensação de Alice-através-do-espelho quando ele para e abre a porta.

Dominic sorri.

– Pode entrar. E não se preocupe, eu devia ter dito mais cedo... Não sou nenhum assassino psicopata. Não às quintas, pelo menos...

Dou risada. Nunca me passou pela cabeça, nem por um segundo, que não estaria segura com ele. *É amigo da Celia, não? Sei exatamente onde mora. Estou bem...*

Dentro, a primeira coisa que vejo é meu próprio reflexo no espelho do *hall* de entrada, e uma expressão de horror toma conta de mim quando vejo o que aconteceu com meu visual sofisticado. Meu cabelo, cuidadosamente escovado e ondulado, está todo lambido sobre meu rosto. Minha maquiagem sumiu e estou meio pálida, com os olhos inchados e manchados de rímel. Ótimo. Adeus, senhora sofisticação.

– Nossa!– digo meio alto.

– O que foi? – ele pergunta enquanto tira o paletó, me oferecendo uma pequena amostra do contorno dos braços musculosos sob a camisa.

– Meu rímel está todo borrado, e estou horrível.

– Vem aqui.

Ele se aproxima e então, para meu espanto, esfrega gentilmente o dedão sob meus olhos.

Engasgo. Seu toque é macio e quente. Percebo que ele me olha nos olhos agora, com a expressão intensa. Seu dedão para de se mover, os dedos descansam em meu rosto. Acho que ele vai acariciar meu rosto e não há nada que eu queira mais. Pisco e respiro devagar, mas na mesma hora ele parece voltar a si. Ele tira a mão e seu olhar também se vai, enquanto diz:

– Vou fazer o café...

Caminha até a cozinha e me deixa sozinha para me recuperar.

*Foi só minha imaginação ou nós acabamos de ter um momento?*

– Como você gosta do seu café? – ele pergunta quando a chaleira começa a apitar.

– Hã... só com leite, obrigada – respondo e me olho no espelho, tentando ajeitar os cabelos freneticamente com os dedos. Sou obrigada a parar, porque ele já está voltando.

– Deixe-me pegar seu casaco. Está um pouco quente para ele, não?

Ele tira o casaco dos meus ombros. Sinto que ele está sendo metódico de propósito, para evitar outro momento esquisito como o que acabamos de ter.

– Eu... é... sinto frio – respondi sem convicção. – Sou meio sensível ao frio.

Ele me leva até a sala de estar e aponta um sofá longo e moderno.

– Pode sentar. Vou lá terminar o café e já volto.

Ando devagar até o sofá, olhando tudo em volta. Já tenho uma boa noção desta sala, vista do outro lado, mas é bem diferente quando se está dentro. Primeiro, ela é muito mais chique e estilosa do que parece de longe. Acho que não é nenhuma surpresa que um homem que possa pagar um apartamento nesta parte da cidade

possa também pagar pela melhor decoração possível. A sala é bem moderna, e tudo tem um tom cinza e amarronzado, com toques de preto. O sofá é claro com almofadas arredondadas de cor branca e cinza e no formato de L. À frente dele está uma grande mesa de centro que parece se apoiar sobre blocos de granito e há duas elegantes poltronas do outro lado. Grandes luminárias com a cúpula preta repousam sobre elegantes mesas laterais de madeira clara. Distribuídas pela sala estão peças de cerâmica – trios de vasos brancos de diversos tamanhos, um grande enfeite que se parece com um domo coberto com redemoinhos pretos – e arte tribal. Uma máscara de madeira escura ocupa parte da parede principal, junto com uma grande imagem em preto e branco do que penso ser uma pintura abstrata até perceber que, na verdade, é uma enorme foto de uma revoada de pássaros, com suas asas e seus corpos embaçados pela velocidade do movimento. As paredes estão cobertas por tecido, em vez de papel de parede – um material rústico, como o cânhamo. O piso é acarpetado com um tipo de lã grossa clara que só quem não tem crianças pequenas ou animais de estimação pode sonhar ter. Uma grande televisão de tela plana está pendurada sobre a lareira, cujo descanso está coberto com enormes velas, apagadas no momento. Uma mesa bem servida com garrafas de bebida fica perto da janela.

Sento e absorvo tudo aquilo...

*Uau. Isso que é um apartamento de solteiro.*

É masculino, mas não demais. Tudo é de extremo bom gosto. Na verdade, não esperava nada menos.

Um móvel estranho chama minha atenção... Parece um banco ou uma cadeira baixa, mas não é bem isso. Em vez dos braços de cada lado, ele parece ter dois braços de um lado, perpendiculares e um pouco afastados um do outro. E do outro lado há um tipo de encosto largo reclinado.

*Que coisa mais estranha. Para que serve?*

Uma imagem flutua livremente em minha cabeça. É a lembrança de uma cena que testemunhei no clube hoje à noite... Vejo a garota na jaula, se esfregando contra as grades, os olhos cintilando por trás da máscara pontuda. Eu a vejo seguindo o homem, dócil como um

cachorrinho. Este é o lugar em que Dominic foi com a namorada. Sinto algo em mim que se parece com dúvida. Fiquei tão encantada com sua aparência, sua aura e a gentileza com que me tratou, talvez ele não seja o que parece por trás das aparências.

Nessa hora, Dominic chega segurando uma bandeja com a cafeteira, um jarro e duas xícaras. Ele a apoia na mesa de vidro e senta no sofá ao lado do meu, de modo que estamos próximos, mas não exatamente aconchegados.

– Então – ele diz enquanto coloca o café e o leite e me passa a xícara –, me fale de você, Beth. O que a trouxe a Londres?

Tenho vontade de dizer: *“Tive uma grande decepção amorosa e vim aqui para esquecer”*, mas isso parece íntimo demais, então digo:

– Vim procurar um pouco de aventura. Sou de uma cidade pequena e precisava conhecer um pouco o mundo. – O café está quente e cheiroso. É exatamente o que eu preciso. Dou um gole e está delicioso.

– Você veio ao lugar certo. Esta é a melhor cidade do mundo. Eu gosto de Nova York e Paris, e adoro Los Angeles, não importa o que dizem, mas Londres... nenhum lugar chega perto. E você está bem no coração da cidade! – Ele faz um gesto para fora. Centenas de janelas em prédios ao nosso redor irradiam uma luz amarela na escuridão.

– Tenho muita sorte – digo sinceramente. – Sem a Celia, eu não estaria aqui.

– Tenho certeza de que você também está fazendo um favor a ela.

Ele sorri novamente para mim e sinto uma estranha tensão. Ele está dando em cima de mim?

Estou curtindo a sensação de ficar perto dele. A proximidade de seus ombros largos por baixo da camisa branca me desconcentra. Posso sentir o calor de sua pele morena irradiando em mim. O formato de sua boca está deixando minha respiração rápida e sinto aquela palpitação no estômago e ao redor da virilha de algo excitante prestes a acontecer. Quando olho para seu rosto, vejo os olhos pretos fixados em mim e mal consigo conter o sobressalto.

– E aí, me diz o que está achando de Londres até agora.

Eu não deveria estar tão tímida, mas esse magnetismo dele está me transformando na velha Beth acanhada que venho tentando deixar para trás. Começo a contar para ele o que vi na cidade, tropeçando nas palavras e procurando descrever as coisas da melhor maneira. Quero impressioná--lo quando falo das obras de arte e dos lugares que vi, mas acabo parecendo mais uma turista descrevendo uma lista de pontos turísticos. Ele é muito gentil, e continua me fazendo perguntas e parecendo fascinado com o que estou contando. Mal ele percebe que isso só me deixa ainda mais sem graça...

– E amei a coleção de miniaturas da Wallace Collection e o retrato da Madame de Pamplemousse – digo, tentando parecer culta.

Ele parece intrigado.

– Madame de Pamplemousse?

– Sim... – fico feliz de poder exibir meu conhecimento. – A amante de Luís XV.

– Ah! – Ele agora parece entender. – Você quer dizer a Madame de Pompadour.

– Sim, claro. Madame de Pompadour. Foi isso que quis dizer. – Me sinto envergonhada. – O que foi que eu disse?

– Madame de Pamplemousse. – Ele cai na gargalhada. – Madame Toranja! Muito bom. – Ele continua rindo, jogando a cabeça para trás e mostrando seus dentes perfeitamente brancos, o som do riso tomando toda a sala.

Eu rio também, mas morrendo de constrangimento por ter dito algo tão estúpido. Estou vermelha de vergonha e, enquanto rio, percebo que meus olhos começaram a se encher de novo. *Ah não, não faça isso. Por favor! Não comece de novo, isso é ridículo.* Mas quanto mais brigo comigo mesma, pior vai ficando. Eu fiz papel de boba e, como uma criancinha, vou chorar por causa disso. Uso toda a minha força para parar e segurar o choro, mordendo com força por dentro da bochecha.

Ele vê minha expressão e para de rir de repente e seu sorriso desaparece.

– Ei, não fique assim. Tudo bem, eu sei o que você quis dizer. Foi engraçado, só isso, mas não estou rindo *de* você. – Ele coloca sua mão sobre a minha.

No momento em que nossas mãos se tocam, algo estranho acontece... A sensação de sua pele em mim é elétrica, quase chega a queimar. A corrente que flui entre nós quase me faz estremecer e olho para ele, assustada. Pela primeira vez consigo vê-lo de verdade, e ele me olha nos olhos também, surpreso e desconcertado, como se também estivesse sentindo algo que não esperava. Sinto como se pudesse vê-lo de verdade, por trás da máscara de bons modos e gentilezas, e ele pode me ver por inteira também.

Todo dia, enquanto estamos seguindo com nossa vida, centenas de rostos passam por nós, pipocando por nossa mente. Cruzamos o olhar com pessoas no metrô e nos ônibus, elevadores e escadas rolantes, em lojas, a caminho do trabalho e voltando de lá, e fazemos uma pequena conexão que se quebra e se perde de uma vez. Por um momento, reconhecemos a existência de outra pessoa, compreendendo o fato de que ela tem uma vida, uma história, um passado que a trouxe até este momento quando nos conectamos e então, rapidamente, nos desconectamos, os olhares se descruzam e seguimos por caminhos diferentes, em direção a futuros diferentes.

Mas neste exato momento, quando olho Dominic nos olhos, é como se eu o conhecesse, mesmo que ele seja um estranho. Nossa diferença de idade e experiência de vida não importa nem um pouco. De um jeito estranho, parece que nos conhecemos muito bem...

O muro entre nós cai e some. Tudo o que sinto agora é sua mão sobre a minha, a onda de excitação que percorre meu corpo, a sensação de conexão profunda... Estou olhando para olhos que me penetram até o centro do meu ser, que parecem me conhecer intimamente. Tenho a convicção de que ele me entende. E estou certa de que ele sente isso também.

Parece que ficamos assim por uma eternidade, mas deve ter sido por apenas alguns segundos. Começo a me dar conta da situação, voltando para a realidade como um nadador que volta à superfície

após um longo mergulho, e fico ansiosa tentando antecipar o que vai acontecer agora.

Dominic parece espantado e confuso, como se algo que ele jamais esperasse tivesse acontecido. Ele abre a boca e está para dizer algo, quando ouvimos um som no corredor lá fora. O olhar de Dominic se volta para a porta, e eu me viro também, bem a tempo de ver uma mulher entrando. Ela está usando um longo casaco de pele escura, apesar da noite quente, e parece estar irritada.

– Onde é que você estava? – exige saber quando entra, e então para ao me ver, e me mede de cima a baixo com um olhar afiado. – Oh. – Ela se vira para Dominic. – Quem é essa?

Aquela magia, a nossa conexão, se desfaz. Ele tira rapidamente sua mão de cima da minha.

– Vanessa, deixe-me apresentá-la a Beth. Beth, esta é a minha amiga Vanessa.

Eu sussurro um olá. Esta é a mulher que vi antes. Então esse é o nome dela. Vanessa. Combina com ela.

– Beth está cuidando do apartamento do outro lado – Dominic prossegue. Ele se controla muito bem, mas consigo sentir que está um pouco frustrado por baixo da aparência calma. – Fui gentil e a convidei para entrar e tomar um café.

Vanessa acena um cumprimento para mim.

– Que atencioso – diz com frieza. – Mas nós devíamos ter nos encontrado há duas horas.

– Sim, me desculpe. Você não leu minha mensagem?

Ela olha para ele, dando um óbvio sinal de que não quer falar sobre isso na minha frente. Eu levanto de uma vez.

– Muito obrigada pelo café, Dominic. Foi muita gentileza. É melhor eu voltar agora, não posso deixar o De Havilland sozinho por muito tempo.

– De Havilland?

– É o gato da Celia – explico.

Vanessa parece se divertir.

– Então você tem que tomar conta do gato, é? Que bonitinho. Bem, claro, não vamos segurá-la aqui.

Dominic se levanta também.

– Tem mesmo que ir, Beth? Não quer ficar e terminar seu café?  
Balanço a cabeça.

– Não, acho que não. Obrigada mesmo assim.

Ele me acompanha até o corredor e me entrega meu casaco. Olho de novo para aqueles olhos escuros. Aquilo aconteceu mesmo entre nós? Ele parece o mesmo de antes: um estranho gentil e educado. E no entanto... algo daquele momento ainda parece estar lá.

– Até mais, Beth – ele diz com a voz baixa quando estou fora. – Vou vê-la de novo, tenho certeza.

Ele se inclina e beija minha bochecha de leve. Nossos rostos se tocam, e me esforço para não virar e deixá-lo beijar meus lábios, que é o que mais desejo que ele faça. Minha pele queima onde seu rosto a toca.

– Eu gostaria – digo quase suspirando. Então, quando a porta se fecha, eu caminho até o elevador, imaginando se meus joelhos fracos vão conseguir me levar de volta até o apartamento da Celia.

## Capítulo Seis

Minha caixa de entrada está cheia de *e-mails*, mas a maioria é lixo. Vou rolando a tela e deletando tudo, tentando lembrar por que aceitei receber tanta propaganda de *sites* de compras e fofocas. Uma caneca grande com café espumante está esfriando um pouco ao meu lado, com chocolate em pó derretendo sobre a espuma de leite. Achei uma dessas cadeias de cafeterias onde todo mundo fica sentado com o café meio bebericado e um *notebook*, aproveitando o *wi-fi* grátis. Há uma mensagem de Laura e eu clico nela. Ela está no Panamá agora e me escreveu um *e-mail* com várias fotos anexadas, mostrando algumas vistas incríveis, com a floresta verde por trás de sua figura sorridente e espremida sob uma mochila enorme.

*Morrendo de saudade, ela escreve. Mal posso esperar para te encontrar quando voltar. Espero que esteja curtindo o verão e sendo bastante paparicada pelo Adam. Beijão, Laura.*

Fico olhando para a tela, pensando no que dizer. Ela pensa que estou em casa, trabalhando de garçoneiro durante o dia e saindo com o Adam à noite. Já estou tão longe disso tudo, e algo me diz que minha aventura está só começando. Por um momento penso em contar tudo para ela, mas ainda não estou pronta para compartilhar. Meu segredo é meio delicado e estranho, e ele ainda não existe no mundo real. Se falar sobre ele, posso acabar matando-o sem querer.

Eu me aconchego com a deliciosa lembrança do momento que tive com Dominic ontem à noite. (Incrível como ele já virou Dominic para mim – o nome Sr. R. parece infantil e ridículo agora.) Só de me lembrar dele e daquela estranha e imediata intimidade que tivemos, tudo em mim começa a girar loucamente, como se meu corpo estivesse percorrendo uma montanha-russa própria. É metade agradável e metade assustadora.

Mas... ainda tem a Vanessa. Sua namorada. Aquela que vi com ele e que estava esperando encontrá-lo.

*Mas ele não disse a ela que nos encontramos no Soho, ou que a deixou esperando por minha causa.*

*Isso não significa nada, sua idiota.*

*Ainda assim... tenho o direito de sonhar, não?*

Escrevo uma mensagem rápida para Laura, dizendo que imagino como ela deve estar se divertindo e como mal posso esperar para contar sobre as novidades. Enquanto estou digitando, vejo uma nova mensagem entrar na caixa de entrada, e após enviar o *e-mail* para Laura, cliço para ver o que é. É de james@ridinghousegallery.com. *Quem?* Por um instante, fico confusa e então me toco. *Meu Deus, é da minha entrevista na galeria.*

Abro o *e-mail*.

Prezada Beth,

Foi um grande prazer conhecê-la ontem. Encontrei outros candidatos depois de você, e devo admitir que nenhum deles tinha o seu entusiasmo ou esse algo a mais que me faz acreditar que vamos nos dar bem trabalhando juntos. Se você ainda estiver interessada, eu adoraria conversar sobre você trabalhar como minha assistente na galeria durante o verão. Avise-me quando for uma boa hora para falarmos e eu telefono para você. Espero falar com você em breve.

Atenciosamente,

James McAndrew

Olho para a mensagem e a releio três vezes até cair a ficha. O James está me oferecendo a vaga. *Uau! Isso é demais!* Estou vibrando triunfante. Então ontem eu não estava um desastre completo. Meu novo visual compensou em um aspecto. Sei que dei muita sorte, conseguir um emprego em uma galeria dessas.

Quem sabe aonde isso vai me levar?

Rapidamente envio uma resposta dizendo que estou definitivamente interessada e bastante ansiosa para trabalhar com ele. Ele pode me ligar a qualquer hora no celular. Mal enviei a mensagem e meu celular, que estava sobre a mesa perto de mim, toca.

Atendo rápido.

- Alô?
- Beth, é o James.
- Oi!
- Então, você vai ser minha nova assistente? – Posso ouvir um sorriso em sua voz.
- Sim, claro! – Estou sorrindo também.
- Quando pode começar?
- Que tal segunda?

Ele ri.

- Você é mesmo empolgada. Segunda-feira está perfeito.

Ele me fala um pouco mais sobre o trabalho e o salário – que é só um pouco maior do que o que ganho como garçomete, mas acho que, quando entramos em um mercado, é assim mesmo – e ele diz que me esperará ansiosamente na segunda. Depois de agradecê-lo bastante pela oportunidade, desligo me sentindo leve e otimista. Será que Londres está mesmo começando a abrir suas portas para mim? Escrevo um *e-mail* rápido para meus pais contando as novidades e dizendo que estou muito bem. Por trás das janelas do café, o sol ilumina a cidade.

*Meus últimos dias de liberdade antes de começar a trabalhar... melhor sair e aproveitar.*

Termino o café, guardo o *notebook* e volto para o apartamento. Depois de jogar minhas coisas, saio para visitar a National Gallery e alguns outros pontos turísticos na minha lista. Tudo parece radiante e empolgante. É incrível como uma mudança de humor afeta tudo. A Gallery é grande demais para ver tudo em uma única visita, então vou só para as salas de arte europeia do século XX, para me preparar para meu novo trabalho, e depois acabo vendo algumas magníficas obras-primas da Renascença, para terminar tudo com um montão de toques dramáticos e imagens vívidas.

Aventurando-me de volta na Trafalgar Square, com seus leões negros guardando as fontes, vejo que seria um crime passar o resto deste dia lindo dentro de algum lugar. Vou me enfiando nos grupos de turistas e visitantes e volto ao apartamento para pegar uma toalha, óculos escuros, um livro, uma garrafa de água e alguma fruta. Então desço aos jardins nos fundos do edifício e fico perto das

quadras de tênis. Dominic não está lá, as quadras estão vazias e fico um pouco desapontada, mesmo me dizendo que ele está trabalhando. *O que será que ele faz?* Estava jogando tênis de manhã essa semana, então talvez ele tenha um horário flexível. Quem sabe...

Deito com meu livro e começo a ler, relaxando com o suave toque do sol... Não importa quanto tente me concentrar no livro, meus pensamentos se voltam para Dominic e aquele momento que tivemos na noite passada. Ele deve ter sentido também, com certeza. Lembro-me de como ele parecia confuso, surpreso pela força da conexão entre nós, como se pensasse: *Essa garota? Mas... isso não devia acontecer...*

Suspiro profundamente, deixando o livro de lado, com os olhos fechados, e me rendo à memória de seu rosto, seus olhos, seu toque na minha pele nua e a forma como isso fazia um choque elétrico percorrer todo meu corpo...

*Beth.*

Posso ouvir sua voz claramente, como se ele estivesse ao meu lado. É difícil não se arrepiar com o som dela, grave, baixa, musical... Suspiro e passo a mão no peito, desejando que ele estivesse mesmo aqui.

– Beth?

A voz está mais alta agora, mais questionadora. Abro os olhos e me assusto. Dominic está bem aqui, ao meu lado e sorrindo.

– Me desculpe pelo susto – diz.

Sento rapidamente.

– Não esperava te ver aqui...

Ele está usando calça jeans e uma camiseta branca. Continua lindo – ele fica tão bem vestido casualmente quanto profissionalmente. Seus olhos têm uma expressão curiosa e intrigante.

– Não sei bem por que estou aqui, para ser honesto. Estava subindo a escada quando tive um forte pressentimento de que devia vir para cá e que você estaria aqui...

– Ele abre os braços. – E aqui está você!

Nós olhamos um para o outro, sorrindo. É um pouco estranho, mas só superficialmente. A conexão da noite passada ainda está forte entre nós.

– Então, o que está fazendo?

– Só curtindo o sol e esse dia lindo. Sendo bem preguiçosa, na verdade.

Ele continua de pé, olhando para mim.

– Já trabalhei demais por hoje. Quer sair comigo? Conheço um ótimo *pub* aqui perto que tem um jardim, e eles fazem uns coquetéis excelentes. Não consigo imaginar nada mais preguiçoso que ficar lá com você.

– Eu adoraria ir.

– Ótimo. Posso te mostrar uma parte de Londres que você não iria descobrir por conta própria. Só vou subir e pegar algumas coisas. Vamos nos encontrar na entrada daqui a vinte minutos?

– Tá certo. – Sorrio para ele, toda leve e feliz.

\*\*\*

Vinte minutos é tempo suficiente para trocar meus *shorts* e camiseta pelo meu vestido florido e tirar o tênis e colocar uma sandália baixa. Após um momento de hesitação, tiro uma echarpe de renda que estava pendurada em um armário e coloco em volta dos ombros. Com meu novo cabelo loiro preso em um rabo de cavalo e os óculos escuros, fico com um visual meio anos 1960. Tenho a sensação de que a echarpe da Celia vai me trazer boa sorte, mas não faço ideia de onde isso veio. Será que ela gostaria que eu tivesse um relacionamento com seu vizinho? Na verdade, algo me diz que ela iria adorar. Quase posso ouvi-la no meu ouvido: *Vai nessa, Beth. Aproveite! Por que não?*

Dominic já está esperando por mim na entrada do prédio. Ele também está de óculos escuros, Ray-Bans pretos e quadrados, e está lendo uma mensagem em seu telefone, quando olha para cima e me vê... Seu rosto na mesma hora se ilumina com um sorriso e ele guarda o telefone no bolso da calça.

– Você chegou. Maravilha. Podemos ir?

Nós vamos conversando enquanto andamos pelas ruas abafadas de Mayfair. Dominic sabe o caminho e me coloco em suas mãos enquanto caminhamos por ruelas silenciosas, praticinhas escondidas e becos meio escuros. Pessoas sentadas nas calçadas em frente a cafés e bares, janelas e portas abertas para qualquer brisa. Adoro a sensação de caminhar ao seu lado, como se estivéssemos juntos, com um pouco do seu *glamour* passando para mim – pelo menos é o que gosto de pensar.

– Chegamos – diz Dominic quando nos aproximamos do *pub*.

É um lugar tradicional e sua fachada está toda coberta por plantas trepadeiras e flores coloridas. Ele me leva para dentro, onde o ambiente é *clean* e despojado, de um jeito moderno. Passamos pelo bar e saímos ao pátio, que foi transformado em um belo jardim, cheio de árvores, flores e mesas de madeira com guarda-sóis verdes. Uma garçonete vem e Dominic pede uma jarra de *Pimms*. A jarra chega rápido, marcada com as cores do chá gelado, cheia de gelo e frutas. Morangos, maçãs e pepinos fatiados e folhas de hortelã flutuam na superfície espumosa.

– Não existe verão sem *Pimms* – diz Dominic, enchendo um copo alto para mim, o gelo e as frutas fazendo um som agradável quando caem no copo. – É uma das coisas que os ingleses fazem de melhor.

– Às vezes, pelo jeito que você fala, nem parece que é inglês – digo meio tímida. – Seu sotaque é inglês, mas às vezes parece que vem de outro lugar. – Estou louca para saber mais sobre ele. Dou um gole na minha bebida. É uma delícia: doce e cheirosa, refrescante e marcante com o toque de hortelã. Já havia experimentado a bebida antes, mas nada como isso. Essa bebida é perigosa... você mal percebe que há álcool nela.

– Você é perspicaz – diz Dominic, me observando pensativo. – Sou inglês sim, nascido aqui mesmo em Londres. Mas meu pai trabalhava no corpo diplomático e era constantemente enviado para fora. Então desde bem jovem eu fui para vários lugares. Passei a maior parte da infância no Sudeste Asiático. Moramos na Tailândia por alguns anos e depois meu pai foi mandado para Hong Kong, que era muito legal. Mas bem quando comecei a me interessar pelo

mundo, fui mandado de volta para a Inglaterra. – Ele faz uma careta. – Internato.

– Você não gostou? Sempre achei a ideia do internato bem romântica. – Lembrei que, quando estava crescendo, gostaria de ir para um internato, e me divertia com a ideia de fazer festas no meio da noite entre os dormitórios e tudo mais. Ser uma aluna normal de uma escola normal e ter que caminhar todo dia de volta para casa com a mochila cheia de lição de casa sempre foi uma chatice comparado com as histórias de internato nos livros.

– Não era bem assim – Dominic diz. – O problema era a distância, sabe? Ser colocado em um avião para ir para casa no fim do ano era bom. Ser colocado em um avião para voltar para a escola é a coisa mais infeliz que você pode imaginar.

Consigo imaginar: um garoto novinho, tentando parecer corajoso e não chorar, se despedindo de sua mãe no aeroporto. Ele é levado por uma aeromoça enquanto sua mãe, de luvas e chapéu chiques, acena para ele. Quando ela some de vista, ele não consegue mais segurar as lágrimas, mas não quer que a aeromoça veja. Então ele é colocado em seu assento para começar uma longa e solitária viagem de volta à Inglaterra... Ele é recebido no aeroporto por uma senhora corpulenta e séria, de cabelos grisalhos bem presos, que o leva de volta à escola. Imagino um lugar isolado, um pântano deserto com nada em volta nem ninguém em um raio de quilômetros. Somente garotos com saudade das mães. O internato de repente não parece mais tão romântico como antes.

– Você está bem?

Dominic está me olhando de perto.

– Sim, sim... estou bem.

– Você está com uma cara tão triste, por isso perguntei.

– Estava pensando em você tendo que voltar para a escola, sentindo falta de casa, ficando tão longe...

– Não era tão ruim assim depois que você chegava lá. De certa forma, eu me divertia bastante. Dividia o quarto com mais dois garotos e nós tínhamos nossos cobertores de casa, pôsteres nas paredes e nossos livros preferidos nas estantes. E eu adorava esporte e a gente jogava bastante. Todo fim de semana jogávamos

futebol, rúgbi ou críquete pela escola. – Ele sorri com a lembrança.  
– Uma coisa se pode dizer sobre os internatos ingleses: eles são bem equipados com piscinas, quadras de tênis, departamentos de arte e tudo mais. E eu aproveitei ao máximo.

O castelo gótico cheio de infelicidade da minha imaginação desaparece e é substituído por uma espécie de acampamento de férias bem divertido. Os internatos voltaram a ser legais.

Ele continua...

– Mas apesar de eu adorar minha escola, quando cheguei a hora de ir para a universidade, acabei decidindo estudar fora.

– Voltou para Hong Kong?

Ele balança a cabeça.

– Não. Decidi ir para os Estados Unidos. Fui para Princeton.

Já ouvi falar. É uma das melhores universidades americanas, como as nossas Oxford e Cambridge.

– Você gostou?

Ele sorri.

– Eu me diverti muito...

Enquanto ele fala, consigo imaginar um toque de sotaque que americano em sua voz, como se lembrar dos tempos em Princeton trouxessem de volta o sotaque que ele adquiriu lá mas estava soterrado pelos anos passados em Londres.

– O que você estudou? – Bebo meu coquetel de novo. Um pedaço de morango fica preso nos meus lábios e abro minha boca para deixá-lo cair na língua. Ele está carregado do delicioso sabor da bebida. Como devagar enquanto imagino um jovem Dominic, bem *sexy* com sua roupa de estudante americano, sentado em uma sala de aula e fazendo anotações enquanto o professor fala animado sobre...

– Administração – diz Dominic.

... administração. O professor é bem empolgado sobre o assunto e agora Dominic está usando um par de óculos de armação preta, que o deixam parecendo o Clark Kent em uma versão especialmente bonita. Ele está bem concentrado e anota cuidadosamente as palavras sábias de seu professor sobre a natureza das grandes corporações e a função da regulamentação. Enquanto isso, uma

garota ao lado o observa sem o menor pudor, incapaz de se concentrar na aula porque sua proximidade a está deixando maluca...

Eu me mexo inconscientemente, com minha boca abrindo um pouco ao imaginar como a garota deve estar se sentindo. Talvez mais ou menos como estou me sentindo agora... Minhas pernas se tocam, a pele quente vibrando com o próprio toque.

– Beth? No que está pensando?

– Hã... – volto para a realidade. Ele está inclinado para a frente, seus olhos brilhando de curiosidade. – Nada. Eu estava só... pensando.

– Adoraria saber o quê...

Fico ruborizada.

– Ah, nada de mais. – Amaldiçoo minha imaginação vívida. Ela sempre me puxa para outro universo, onde tudo parece tão real que até consigo tocar.

Ele ri gentilmente.

– E o que você fez depois de Princeton? – pergunto rapidamente, torcendo para que ele não leia pensamentos. *Isso me deixaria bem envergonhada.*

– Cursei um ano de pós-graduação em Oxford e fiz alguns contatos que me ajudaram a conseguir o emprego que tenho hoje. Passei alguns anos em um fundo de investimento primeiro, para pegar alguma experiência prática.

– Quantos anos você tem?

– Tenho trinta e um. – Ele parece desconfiado. – Quantos anos você tem?

– Vinte e dois. Faço vinte e três em setembro.

Ele parece um pouco aliviado. Acho que, de repente, ficou preocupado que eu pudesse ser uma daquelas garotas que parecem mais velhas do que realmente são.

Dou mais um gole em minha bebida, e Dominic faz o mesmo. Estamos tão confortáveis na companhia um do outro, apesar de tudo, e o que falamos revela o fato de sermos estranhos ainda.

– E onde você trabalha? – pergunto. Acho que deve ser algo relacionado a dinheiro, para um homem tão jovem conseguir viver

em Mayfair. A menos que ele tenha herdado algo, é claro.

– Finanças. Investimentos – ele diz vagamente. – Trabalho para um empresário russo. Ele tem muito dinheiro e eu ajudo a gerenciar sua fortuna. Vou para o mundo inteiro com ele, mas fico em Londres na maior parte do tempo. E é bem flexível. Se quiser tirar a tarde de folga, como hoje – ele sorri para mim –, eu posso.

– Parece legal – digo, embora continue sem fazer ideia do que ele faz. A verdade é que qualquer coisa que Dominic faça iria me deixar fascinada.

– Mas chega de falarmos de mim. Minha vida é bem chata. Quero saber mais de você. Por exemplo, seu namorado não se importa de você vir sozinha aqui para Londres?

Tenho a sensação de que ele está sendo malicioso, curtindo ver meu desconforto enquanto fico corada, com as bochechas pegando fogo novamente.

– Estou solteira, na verdade – digo meio sem jeito.

Ele levanta as sobrancelhas.

– Sério? Estou surpreso.

Difícil dizer se ele está me provocando ou não – aqueles olhos negros podem ser bem impenetráveis. Espero não parecer estar dando em cima quando digo que estou solteira. Iria morrer de vergonha se ele pensasse assim. Além do mais, ele é comprometido. Assim que esse pensamento me vem à cabeça, imagino se não é a chance de conhecer melhor esse assunto particular.

– Então – digo, esperando meu rosto clarear um pouco –, há quanto tempo você e Vanessa estão juntos?

Na mesma hora me preocupo se não fui longe demais. Ele fica com a cara fechada, como se todas as emoções tivessem se escondido. Aquela abertura amigável sumiu, substituída por algo frio e vazio.

– Me desculpe – murmuro. – Foi falta de educação. Não achei que...

Então, foi como se alguém ligasse um interruptor. A frieza desapareceu e o Dominic que conheci voltou, apesar de seu sorriso parecer um pouco forçado.

– Imagina – ele diz. – Claro que não foi falta de educação.

Fico aliviada...

– Só queria saber por que você achou que ela e eu esta mos juntos.

– Bem, você sabe... ela tem esse jeito, tipo, você e ela parecem bem próximos, bem íntimos, como uma namorada e um namorado seriam...

*Ó céus, eu sou tão desajeitada quando preciso me expressar bem...*

Vem à cabeça a lembrança do clube privado. Sei que eles foram para lá juntos. Devem ser muito amigos para ir a um lugar daqueles. Ainda não consigo conciliar o que vi lá com o comportamento normal de Dominic. É um mistério que guardo para pensar mais tarde.

Ele olha para a mesa e passa os dedos na superfície macia da madeira. Diz lentamente, quase pensativamente:

– Não vou mentir para você, Beth. A Vanessa e eu já tivemos um relacionamento. Mas já faz um tempo. Hoje somos apenas amigos.

Lembro-me do jeito como ela entrou na casa dele ontem à noite. Ela nem bateu na porta. Ela tem a chave do lugar. Eles são só amigos mesmo?

– Tudo bem. – Minha voz sai baixa e tímida. – Eu não queria me intrometer, Dominic.

– Eu sei. Tudo bem. Olha... – Ele claramente quer mudar de assunto. – Vamos tomar mais uma bebida aqui e depois vou levá-la para jantar. Tudo bem?

– Bom... – Fico pensando em como dizer. Não posso deixar um homem que mal conheço me levar para sair, posso? – Isso seria muito legal, mas eu vou pagar a minha parte, claro.

– A gente conversa sobre isso depois – ele diz de um modo que me faz pensar que ele não vai me deixar pagar. Mas não ligo. Tudo o que importa é que tenho a noite toda com o Dominic só para mim, e a menos que alguma coisa muito estranha aconteça, não há o menor perigo de a Vanessa aparecer.

Suspiro alegre e digo:

– Pelo menos me deixe pagar a próxima rodada.

– Fechado – Dominic responde com um sorriso, e me levanto para pedir as bebidas.

\*\*\*

Que tarde mais incrível! Adoro estar perto de Dominic e encher meus olhos com sua beleza morena. Não apenas fico feliz só de olhar para ele, mas ele também parece interessado em mim de verdade. Isso me faz pensar que talvez não estivesse tão feliz com o Adam como achava que estava. Antes de nos separarmos, Adam não fazia qualquer esforço por mim. Quando voltei da universidade, era óbvio que ele estava esperando que eu me encaixasse em sua vida, no seu círculo de amigos, a vida no bar, televisão, cerveja e comida para viagem...

Enquanto estamos juntos no belo jardim do *pub*, o sol da tarde vai afundando e se transformando em um crepúsculo dourado.

– Então, Beth... quais são seus sonhos para o futuro?

– Eu adoraria viajar – digo. – Mal saí de casa. Quero expandir meus horizontes.

– Mesmo? – Não consigo ler seu olhar, mas há algo de perigoso na forma como seus olhos brilham. – Bom, vamos ver o que podemos fazer quanto a isso.

Sinto um frio no estômago. O que ele quis dizer? Tento pensar em algo interessante para dizer, mas quando começo a falar sobre países que gostaria de visitar, a empolgação que queima dentro de mim continua firme e forte.

Com o álcool correndo nas veias, começo a relaxar mais e o último vestígio de timidez se vai. Faço piadinhas ao contar para Dominic da minha vida em casa e de algumas histórias ridículas que presenciei como garçoneiro. Ele ri alto quando descrevo os excêntricos que frequentam o café e sua loucura em geral.

Quando saímos do *pub* e caminhamos para o restaurante, estou tão empolgada pela forma como estou entretendo Dominic, que não faço ideia de onde estamos indo. Só quando sentamos à outra mesa ao ar livre, dessa vez sob uma copa de videiras, e o cheiro de carne assada me faz perceber como estou faminta, que noto estarmos em um restaurante persa. Há uma garrafa de vinho branco gelado na mesa, uma salada deliciosa, um prato de *homs* e pão sírio quente,

saído do forno. Tudo maravilhoso e começamos a comer vorazmente. Já estou quase sem fome quando chega o próximo prato: cordeiro assado, mais daquela salada espetacular e arroz, que parece normal, mas está com um sabor fantástico, doce e salgado ao mesmo tempo.

Durante o jantar, nossa conversa vai ficando mais pessoal... Conto a Dominic sobre meus irmãos e meus pais, como foi crescer na minha cidadezinha do interior, e por que fui atraída para História da Arte. Ele me conta que é filho único e descreve mais ou menos como foi crescer cercado de empregados e babás.

Nessa atmosfera confessional, é natural que eu conte a ele um pouco sobre o Adam. Não muito – não mencionei a noite terrível e a visão assustadora do Adam e da Hannah juntos –, mas o suficiente para ele entender que meu primeiro grande relacionamento acabou recentemente.

– É um momento delicado – diz gentilmente. – É uma dessas coisas tristes por que todos nós acabamos passando. No começo, parece que o mundo vai acabar, mas depois as coisas ficam melhores. Garanto.

Olho para ele. O vinho e a noite agradável e intoxicante me deixaram corajosa.

– Como foi quando você terminou com a Vanessa?

Ele fica surpreso e então dá uma risada um pouco tensa.

– Bem... foi diferente. Vanessa e eu não somos o primeiro amor um do outro, ou namoradinhos desde a infância ou coisa assim.

Eu o pressiono, me inclinando para perto dele.

– Mas foi você que terminou?

Tenho um vislumbre daquela cortina que, estou desco brindo, cai facilmente sobre o rosto do Dominic, mas ela não chega a cair.

– Nós concordamos em terminar e que é melhor sermos só amigos.

– Então... o amor entre vocês acabou?

– Nós descobrimos que não éramos... compatíveis... como achávamos que éramos, foi isso.

Franzo a testa. *O que isso quer dizer?*

– Tínhamos necessidades diferentes. – Dominic olha sobre o ombro, procurando o garçom, e pede a conta. – Na verdade não há uma grande história. Somos amigos agora, é isso.

Percebo que estou ficando um pouquinho enxerida e a última coisa que eu quero é estragar essa noite íntima e quase romântica.

– Está certo. – Penso em como posso mudar de assunto. – Ah, eu consegui um emprego hoje.

– Foi, é? – Ele parece interessado.

– Arrã. – Eu lhe conto sobre a Riding House Gallery e ele fica muito empolgado por mim.

– Beth, que legal! Esses empregos são muito difíceis de conseguir, a competição é muito dura. Então você vai estar bem ocupada daqui para frente, hein?

– Nada de ficar deitando nos jardins – digo, fingindo tristeza –, não durante o horário comercial, pelo menos.

– Tenho certeza de que você ainda vai encontrar tempo para se divertir – ele diz, e seus olhos brilham enquanto suas sobrancelhas levantam. Antes que consiga perguntar o que ele quis dizer com isso, o garçom chega com a conta, e Dominic já está pagando, afastando minha mão com meu cartão de débito.

Está quase escuro quando voltamos pelas ruas em direção a Randolph Gardens. O ar está carregado com o cheiro de uma noite de verão urbana: a fragrância das flores, o odor do asfalto esfriando, a poeira seca do dia soprando na brisa da noite. Estou tão feliz. Meu olhar se dirige para Dominic.

*Será que ele está tão feliz quanto eu? Acho que não há razão para ficar. Foi só um jantar com uma garota que está aqui durante o verão, servindo de distração para seu trabalho com fundos de investimento, ou seja lá o que ele faça.*

No fundo do coração, desejo que não seja assim, mas não quero ficar muito esperançosa.

Quando chegamos mais perto de casa, o ar entre nós vai ficando mais carregado... Afinal, é uma coisa tão romântica voltar para casa juntos após um jantar e vinho deliciosos. Com certeza deveria terminar com algo como...

Mal consigo ousar pensar nisso.

*Um beijo!*

*Afinal, ele está solteiro, ele mesmo me disse. E ele não é gay, porque saiu com a Vanessa. E... com certeza não sou só eu que estou sentindo essa química entre nós.*

Estamos em Randolph Gardens agora. Dominic para no começo da escadaria e fico perto dele. Assim que passarmos pela porta, nada irá acontecer. O porteiro vai estar lá vendo tudo, impedindo quaisquer abraços inesperados de boa-noite.

Fico de frente para ele, cara a cara, sentindo a brisa levantar gentilmente as mechas do meu cabelo. *Agora, agora*, estou implorando, desesperada, sedenta pelo toque daquela boca linda na minha.

Ele me olha e passa os olhos pelo meu rosto, como se quisesse me memorizar.

– Beth – ele diz com um murmúrio.

– Sim? – Torço para que o desejo não esteja óbvio demais na minha voz.

Há uma longa pausa. Ele se aproxima devagar e sou tomada de excitação. *É agora? Por favor, Dominic, por favor...*

– Estou ocupado amanhã – ele diz enfim –, mas você quer passar o domingo comigo?

– Eu vou adorar – respiro.

– Bom... Eu também... Vou te pegar lá pelo meio-dia e então vamos fazer algo.

Ele olha para mim por tempo suficiente para me fazer pensar no que irá acontecer. Então se inclina rapidamente e toca minha bochecha com seus lábios.

– Boa noite, então, Beth. Deixe-me levá-la até o elevador.

– Boa noite – eu sussurro, sem saber como vou lidar com o vulcão de desejo que acabou de explodir dentro de mim. – E obrigada.

Seus olhos negros são impenetráveis.

– Por nada. Durma bem.

*Se eu conseguir pregar os olhos vai ser um milagre, penso quando entramos no elevador.*

## *Capítulo Sete*

Nessa noite, durmo muito bem, sem dúvida por causa da empolgação mesclada com vinho. Tenho um sonho agitado e excitante, no qual nós estávamos em uma festa. As pessoas no sonho estão todas de máscaras brilhantes e fico perdendo Dominic de vista. Eu o vejo e tento chegar até ele, sabendo que algo lindo vai acontecer se eu conseguir. Após horas tentando me aproximar, finalmente consigo agarrá-lo e bem na hora que vamos nos beijar, eu acordo confusa.

Eu me pego pensando se não deveria voltar até aquela loja e pedir para a mulher me vender um daqueles vibradores, para ver se dou um jeito nessa frustração que me atormenta. Antes que possa tentar resolver a situação por conta própria, o De Havilland entra no quarto, pula na cama e começa a me arranhar, avisando que é hora do café da manhã. Quando termino de alimentá-lo, o momento já passou.

Decido que hoje vou comprar roupas para usar em meu novo emprego e saio em direção às ruas principais da cidade. Mas a experiência é bem diferente daquele dia em que fui toda paparicada e recebi atenção especial. Em um sábado ensolarado, a Oxford Street fica abarrotada de pessoas. Nas lojas, os vendedores estão todos ocupados e suados, apesar do ar--condicionado. Levo horas para encontrar qualquer coisa e, quando volto com minhas compras, estou parecendo tão acabada quanto as vendedoras. Randolph Gardens é um paraíso de tranquilidade comparado à turba de pessoas que tive de enfrentar. Não é a primeira vez que agradeço a Celia por ter me colocado em um lugar tão adorável para viver. Poderia ficar dependendo de ônibus e metrô, compartilhando uma casinha apertada a quilômetros do centro, ou estar em uma quitinete solitária por aí. Em vez disso, posso curtir um oásis de calma.

E depois, digo a mim mesma enquanto inspeciono minhas compras, tenho de me preparar para amanhã.

Além das saias e camisas comportadas que comprei para o trabalho, não pude deixar de pegar algo mais *sexy* para o que quer que Dominic e eu façamos amanhã. É um vestido de seda, conservador com sua estampa em rosa e azul-marinho, mas sensual pelo modo como se ajusta na cintura e pelo jeito que as mangas caem franzidas até os cotovelos. O decote do vestido é um pouco insinuante, mas nada de mais.

Ponho o vestido e me admiro no espelho. Sim, acho que acertei. E vi um chapéu de palha no armário da Celia que vai combinar muito bem com o traje. Satisfeita, tiro a roupa e tomo um longo banho de banheira para me livrar da poeira da cidade. Depois, quando estou andando pelo apartamento só com um robe de seda que encontrei atrás da porta do banheiro da Celia, não pretendi deixar a luz apagada de propósito, mas acabo permitindo que o crepúsculo invada e escureça a sala. Meu olhar constantemente se volta para o apartamento do outro lado, onde espero ver Dominic a qualquer momento. Quero ver as luzes acenderem para que possa me alegrar com a visão confortável dele andando pela sala. Estou desesperada para vê-lo. Pensei nele o dia todo, algumas vezes até falando com ele em minha imaginação. Agora estou louca para encontrá-lo novamente.

Faço meu jantar – uma massa simples com alcachofra, pimentão e queijo de cabra que comprei em um mercadinho na volta para casa – e dou a De Havilland um pouco da atenção que ele pede. Depois, sento no sofá com alguns dos livros de moda da Celia no colo e uma taça de vinho. Normalmente não bebo sozinha, mas me sinto bastante adulta quando beberico o líquido gelado enquanto viro as páginas.

Eu me perco em meio à história fotográfica da Dior e do *New Look* e até esqueço de olhar para a janela, mas quando olho novamente, tomo um susto.

O apartamento está aceso, finalmente. As luminárias sobre as mesas laterais foram acesas. Pela primeira vez, no entanto, não consigo enxergar lá dentro. As persianas continuam levantadas, mas

uma cortina translúcida, que não notei quando estava no apartamento, estava puxada e cobria toda a janela. Ela tem o efeito de criar uma sala de sombras e silhuetas, que ficam meio distorcidas e fora de escala, mas ainda assim são facilmente reconhecíveis. Consigo distinguir os móveis, a mesa e as cadeiras. Tudo fica diferente visto dessa forma: algo comum fica exótico e raro. Vejo uma forma esquisita, como um retângulo com pontas para cima, feito um animal deitado de costas com as pernas para o ar. Levo um tempo até perceber que é aquela cadeira estranha que tinha visto lá.

Eu me levanto e ando devagar e silenciosamente até a janela. Estou certa de que estarei invisível para o apartamento da frente, e quem quer que esteja lá não conseguirá me escutar, mas tomo cuidado mesmo assim.

Duas formas entram na sala. Uma é de uma mulher e a outra, de um homem. Isso fica claro, mas não dá para saber quem é, apesar de o homem provavelmente ser o Dominic. Eles são sombras negras contra o véu branco das cortinas. Andam, sentam, se levantam. Deve haver uma janela aberta por lá, porque as cortinas estão balançando levemente como se batesse um vento, e isso acaba distorcendo ainda mais as sombras. Elas param de se mover por um segundo, e consigo tentar visualizar melhor a cena lá dentro, e então elas voltam a chacoalhar e mexer, e perco as duas silhuetas de vista.

– Mas que saco! – digo baixinho. – Fiquem quietas!

É insuportavelmente tentador saber que Dominic está lá com alguém. Quem será? Deve ser a Vanessa, aquela que esteve antes no apartamento. Mas as sombras são tão indefinidas, simplesmente não dá para saber se é ela ou não. Sei que é uma mulher por causa do contorno da sombra e do formato de vestido, mas todo o resto fica vago. É muito frustrante.

O De Havilland acordou e pula no parapeito da janela, ao meu lado. Ele senta, enrola o rabo em volta dos pés e fica vendo alguns pombos voarem da cobertura em direção às árvores. Então ele começa a lamber uma das patas. Queria ser tão serena e calma assim, mas não consigo desgrudar os olhos do apartamento do outro lado, tentando saber o que está acontecendo lá.

*Estou com ciúmes? Com certeza!*

Tudo o que aconteceu entre Dominic e mim foi apenas um único encontro, mas ainda assim não consigo evitar essa sensação de possessividade tomando conta de mim. Ontem à noite fomos jantar e conversamos muito, e ele me falou que a Vanessa e ele não estavam mais juntos. Então por que há uma mulher em seu apartamento?

*Só que... eu nunca perguntei se ele estava saindo com outra mulher.*

Esse pensamento foi um balde de água fria. Que idiota fui de pensar que ele estava solteiro. Quando eu praticamente implorei por um beijo no fim da nossa noite, aproximando meu rosto do dele, achei que a tensão entre nós era sexual, mas talvez fosse só um constrangimento de sua parte, quando notou que eu estava a fim dele.

*Talvez ele esteja contando a ela sobre isso neste exato momento.*

– Sim, ela é bem bonitinha, mas acho que fui meio imprudente – ele diz enquanto enche a taça de sua companheira com champanhe gelado. – Obviamente, ela pensou que eu fosse beijá-la ontem à noite. Mal sabia o que fazer, então dei um beijinho em seu rosto. Eu me ofereci para sair com ela amanhã... a garota está sozinha, achei que gostaria de sair com alguém para conhecer a cidade. Estava só tentando ser gentil, mas agora fiquei preocupado por estar confundindo seus sentimentos.

Sua namorada ri ao pegar a taça.

– Ah, Dominic, você é mesmo bonzinho demais! Você devia ter imaginado que uma coisinha ingênua daquelas iria se apaixonar assim que pusesse os olhos em você!

Ele é modesto.

– Não é bem...

– Ora, querido. Você é rico, bem-sucedido e bonito... basta sorrir e ela vai achar que você é seu príncipe encantado.

Ela se inclina para a frente, com seus lábios de contorno bem definido fazendo um beicinho. – Acabe com o sofrimento dela, querido. Diga que você sente muito, mas não irão poder sair amanhã.

– Talvez você esteja certa...

Estou ofegante por causa dessa mulher misteriosa e vingativa, fervendo de ódio e pronta para ir até lá e me defender, quando noto que algo mudou por trás da cortina. A brisa diminuiu um pouco e posso ver mais claramente. As pessoas por trás da cortina estão diferentes, de alguma forma, e percebo que o homem – Dominic – está nu agora, ou usando muito pouca roupa, no mínimo. Dá para ver pelo contorno da sombra que ele está nu da cintura para cima. Não consigo saber se a mulher está vestida ou não, mas, se estiver, ela está usando algo bem agarrado. Sua silhueta é lisa, mas bem definida. As sombras estão próximas e examinando algo, ao que me parece.

Minha raiva e a conversa imaginária desaparecem. Meu coração está acelerado, mas agora assustado de receio. *Ele está pelado? Mas por quê?*

Por que um homem estaria nu com uma mulher? Você não precisa pensar muito. Basta uma chance para acertar.

*A menos que seja uma massagem...?*, penso com esperança. *Sim, talvez seja isso. Deve ser uma massagem.*

Com certeza, o comportamento dos dois não parece indicar que estão prestes a fazer sexo selvagem. Parecem estar calmamente discutindo algo. Então, subitamente, a atmosfera entre os dois muda. Percebo na mesma hora. O homem se ajoelha e abaixa a cabeça para a mulher. Ela fica em pé perto dele, com as mãos na cintura e o nariz empinado. Ela está dizendo algo e começa a andar em volta dele, mas ele não se move. Isso continua por alguns minutos. Estou com a respiração ofegante e fico imóvel enquanto assisto a cena, pensando em que raios eles estão fazendo e o que vai acontecer em seguida.

Não preciso esperar muito. A mulher vai e senta naquele banco estranho. O homem se arrasta de quatro até ela, que parece dizer algo, severa. Ele está a seus pés. Ela estica um pé e ele obedientemente se inclina e parece tocá-lo com a boca. Então ela pega algo do aparador e o mostra a ele. O objeto tem o formato de um espelho de mão, oval e com um longo cabo. O homem se inclina e faz a mesma coisa, colocando os lábios no misterioso objeto.

*Ele está beijando aquilo?*

Não consigo nem pensar direito. Tudo o que faço é assistir.

Em seguida, ele está jogado a seus pés de novo, mas agora está agarrando suas pernas e parece estar subindo nela. Fica deitado em seu colo de forma que a barriga esteja sobre suas coxas, e os ombros, o pescoço e a cabeça fiquem caídos de lado e as nádegas expostas à mão direita da mulher.

Ela pega o objeto e, de maneira suave e quase gentil, o leva para baixo. Ele continua completamente imóvel. Em seguida, ela repete o movimento, baixando o objeto com um movimento firme. Ela faz isso diversas vezes.

*Certo, não estou imaginando isso. Ela está batendo nele. Está batendo com uma escova de cabelo ou algo assim.*

Minha boca secou, minha cabeça está girando. Daqui não consigo ver direito tudo o que está acontecendo, especialmente quando o vento faz as cortinas balançarem, mas ainda assim é a coisa mais estranha que vi na vida! Da minha perspectiva parece ridículo: um homem adulto, se curvando sobre os joelhos de uma mulher para que ela bata nele diversas vezes. Já ouvi vagamente sobre essas práticas, mas elas são brincadeiras, não? Coisa de riquinhos chorões e excêntricos, que nunca superaram a lembrança de ser deixados de castigo pela babá ou punidos com a palmatória pela professora de ciências. Mas essas coisas não acontecem mais hoje. Principalmente não com alguém como Dominic – rico, bonito, poderoso...

Estou confusa, quase chorando. O que ele está fazendo lá? O espancamento está ficando mais sério, posso perceber. A mulher está batendo em um ritmo mais acelerado e as pancadas estão mais fortes. Quase consigo ouvir o barulho quando ela bate com o objeto. Deve doer e doer bastante. Como é que alguém aceita isso voluntariamente? Que tipo de pessoa *deseja* isso, pelo amor de Deus?

As coisas mudam de novo, rapidamente. O homem foi empurrado do colo da mulher e ela abre as pernas. Ele se ajoelha entre elas, de modo que fica inclinado sobre seu joelho esquerdo, com os pés atrás de sua perna direita. Ela pegou um novo objeto, maior e mais achatado. Começou a bater de novo, baixando com violência o

instrumento sobre as nádegas do homem. Quando ela acerta, vejo duas cabeças chatas, como se fossem castanholas. Deve ser incrivelmente dolorido, mas ainda assim ele está imóvel, deitado e aceitando quieto o castigo. Ele parece agarrar a coxa esquerda da mulher, absolutamente rendido. Por pelo menos vinte minutos ela o atinge com pancadas ritmadas, quase como um relógio. Posso ouvir o som das batidas em minha mente enquanto ela levanta a mão e bate, levanta e bate.

Então muda de novo. Ele rola para o chão e fica lá, enquanto ela se levanta e começa a andar. Ela deve estar cansada, suponho, por ter suportado o peso dele até agora. Ela está falando de novo. O homem sobe até o banco e deita nele de barriga para baixo, com as pernas separadas. Ele levanta os braços e os apoia sobre os dois descansos estranhos que me chamaram a atenção da primeira vez que vi. Então é para isso que eles servem. É por isso que há dois braços do mesmo lado da cadeira.

A mulher vai até ele, pega alguns pedaços de pano – serão cachecóis? – e rapidamente amarra seus pulsos nos descansos de braço. Então, do aparador ela pega outro instrumento. Dessa vez é uma tira longa, como se fosse um cinto, mas sem a fivela. Ela gira o objeto no ar algumas vezes, sem dúvida para criar aquele assobio só para aumentar a tortura em sua vítima. Sei o que vem em seguida, e mal consigo assistir, mas não consigo deixar de olhar. A tira de couro vai para cima e desce com força sobre as nádegas expostas do homem no banco. Uma, duas, três vezes, e ela segue chicoteando com firmeza. Imagino como deve ser a sensação do couro estourando na pele – e em uma pele que já foi torturada antes com outros instrumentos, a dor deve ser insuportável. Ele deve estar quase desmaiando ou ficando louco de dor.

Será que devo chamar a polícia? O pensamento passa pela minha cabeça e olho para o telefone. O que é que digo? *Socorro, tem uma mulher batendo em um homem no apartamento em frente ao meu, vocês precisam parar com isso!* Mas ele obviamente quer apanhar. É contra a lei encher alguém de pancadas se essa pessoa quiser?

Algo me diz que chamar a polícia seria errado. O homem poderia parar isso na hora que ele quisesse – pelo menos ele poderia antes

de ter as mãos amarradas. Ele está consentindo.

Fecho os olhos, horrorizada. *Dominic... é isso o que você quer?* Lembro-me de quando ele frequentou o internato. Talvez, quando fosse um garoto, ele tenha apanhado de alguém e assim começou a ter esse desejo incompreensível. Nem chega a ser uma teoria, mas é tudo o que tenho.

Quando abro os olhos, o vento ficou tão forte que as cortinas estão chacoalhando demais para que possa distinguir o que se passa lá dentro.

Fico agradecida por isso. Não quero mais assistir a isso. Já vi demais...

Não faço ideia de como vou encarar o Dominic amanhã, depois do que presenciei.

**a segunda**

**semana**

## Capítulo Oito

Na manhã seguinte, já estou pronta para Dominic quando ele bate em minha porta ao meio-dia. O sol está brilhando alto no céu e é mais um dia quente de verão. Nem me lembro de quando foi a última vez que choveu, e o noticiário no rádio de manhã alertava para os perigos de uma seca, caso não chova em breve.

A preocupação com o tempo é a última coisa que passa pela minha cabeça quando abro a porta para ele. Dominic parece ter saído do banho, vestido com uma camisa branca de linho, bermuda marrom-clara e um par de tênis brancos de solado baixo. Seus olhos estão escondidos atrás do par de Ray-Bans, mas ele abre um sorriso largo quando me vê.

– Uau, você está linda!

Dou um pequeno giro.

– Obrigada. Espero que esteja certo para o que formos fazer hoje.

– Está perfeito! Agora, vamos indo. Temos um monte de coisa programada.

Ele parece estar de bom humor quando entramos no elevador, mas ao ver o reflexo de suas costas no espelho, não consigo evitar pensar o que se esconde sob aquela camisa lisa de linho... Será que o cinto deixou marcas em suas costas? E suas nádegas? Será que estão marcadas e doloridas do castigo de ontem à noite?

*Não pense nisso, digo irritada para mim mesma. Você não sabe se era ele...*

*Então quem era?, diz a voz em minha cabeça. Era o apartamento dele, oras. Claro que era ele.*

Fiquei me preocupando com isso a noite toda, pensando no que poderia significar. Realmente não vi sexo. A mulher e o homem não pareciam estar envolvidos dessa forma, de jeito nenhum. Tudo parecia se resumir a dar e receber um monte de pancadas, e isso me deixou espantada. À noite, enquanto estava deitada pensando

no que vi, decidi que o melhor a fazer era deixar isso de lado e aproveitar meu dia com Dominic. Se surgisse a oportunidade de tocar nesse assunto sem que Dominic ficasse envergonhado ou acuado – bem, então é porque as coisas realmente mudaram entre nós.

Na verdade, logo que saímos, tudo o que testemunhei na noite anterior fica parecendo irreal, coisa de sonho. Quase chego a pensar que foi imaginação minha. O homem anônimo preso ao banco com os pulsos amarrados não tem nada a ver com o cara bonito e caloroso, de carne e osso, que está ao meu lado, tão perto que faz minha pele ferver de excitação. Passar um lindo dia de verão com Dominic... Não consigo imaginar nada melhor.

Caminhamos até o Hyde Park e, à medida que vamos nos aproximando, lembro de observá-lo no meu primeiro dia em Londres. Aquela Beth parece uma pessoa tão diferente agora, eu acho. Aqui estou, em um belo vestido de seda e um chapéu de estilista famoso, andando junto com um homem *sexy*, que vai me mimar e paparicar. Minha vida melhorou tanto... E, há dias, mal tenho pensado no Adam.

– Você conhece esse parque? – Dominic pergunta assim que passamos por um dos portões.

Balanço a cabeça.

– Há vários tesouros escondidos aqui, e quero lhe mostrar um por um.

– Estou louca para ver!

Nós sorrimos um para o outro.

*Apenas se concentre no momento. Aproveite. Talvez nunca aconteça de novo.*

O parque é gigante e andamos bastante antes de podermos ver o brilho azul-claro da água. Logo vemos um galpão com diversos barquinhos verdes e pedalinhos azuis parados em fileiras à sua frente.

– Uau... – suspiro.

– Este é o lago Serpentine, criado para o deleite da rainha Caroline. Agora todos nós podemos nos divertir nele.

Dominic tem tudo à mão e em poucos minutos já estou dentro de um dos barcos a remo, de costas para a proa e de frente para Dominic, que assume os remos e começa a nos levar para o meio do lago.

– Então tudo isso é artificial? – olho para o grande trecho de água, comprido e ondulado, parecido com uma serpente, como seu nome sugere.

– Sim. – Um sorriso se abre no rosto de Dominic. – A maioria dos prazeres mais efetivos geralmente é. A natureza nos dá um padrão, e então aprendemos a melhorá-lo. E graças aos caprichos e excentricidades de diversos monarcas, nós podemos curtir isso aqui.

Ele puxa os remos com facilidade, obviamente tem bastante prática nisso, tirando as pás da água, passando-as sobre a superfície e então mergulhando novamente para puxar e repetir o movimento. Deslizamos com um impulso leve, quando ele joga seu peso atrás dos remos. Coloco minha mão ao lado e mergulho os dedos na água gelada.

– Você conhece bastante a cidade...

– Sempre costumo aprender sobre os lugares onde moro – ele diz. – E a história de Londres é particularmente fascinante. Tem tanta coisa, e tudo aqui é histórico. Foi Carlos I quem abriu o primeiro parque público – até então eles eram reservados apenas para a realeza. E ainda bem que fez isso. Metade de Londres veio para cá quando as pestes atingiram a cidade. As pessoas vinham aqui para fugir da doença.

Olho para os gramados bem cuidados, talvez um pouco secos e amarelados depois das últimas semanas sem chuva, com as lindas árvores e os edifícios elegantes visíveis por perto. Pessoas sentam ao ar livre em um café para tomar sorvete e bebidas geladas. Imagino uma vasta multidão de pobres londrinos do século XVII acampados aqui aos milhares, vivendo com pavor da doença – há brigas e gritaria, sujeira e fedor, crianças e mulheres cobertas com aventais sujos tentando fazer comida enquanto os homens fumam cachimbos e pensam em como manter suas famílias vivas.

Em uma margem ensolarada, há uma família, a mãe empurrando um carrinho de bebê caro, o pai tentando passar protetor solar na

sua filhinha, que se esforça para se livrar e escapar em sua motoquinha rosa.

*Novos tempos, novos problemas.*

Volto minha atenção para o barco. É um prazer ver Dominic remar. Os músculos dos braços incham quando ele puxa os remos e, ao se inclinar para a frente, a camisa de linho cai um pouco. Posso ver uma faixa de pelos escuros em seu peito. Essa visão faz meu coração disparar. Inspiro e expiro devagar. Preciso manter o controle... Não quero que ele saiba o efeito que causa em mim, por isso desvio o olhar, torcendo para esconder o magnetismo que sua proximidade exerce em mim e a forma como ele me deixa agitada. Enquanto deixo os dedos criarem um rastro na água gelada, noto que ele está me olhando também. Posso ver pelo canto da minha visão que, por trás dos óculos escuros, seus olhos estão fixados em mim. Talvez ele ache que não consigo ver que ele está me observando. O efeito é elétrico... É como se o seu olhar queimasse minha pele. A sensação é tão intensa, agradável e dolorosa ao mesmo tempo, que não quero que termine. Ele continua remando por um bom tempo, puxando o remo com força enquanto deslizamos sobre o lago. Então ele me pergunta se quero remar um pouco, e isso quebra a tensão.

– Acho que não – digo rindo. – Não sou tão forte quanto você. – Não consigo resistir e digo, com um olhar provocante: – Você costuma malhar bastante?

– Eu me mantenho em forma – ele responde. – Não gosto de me descuidar. Passo bastante tempo sentado em frente a uma mesa, preciso de atividade também.

– Na academia?

Ele me olha fixamente com aquele olhar impenetrável, os olhos castanho-escuros quase pretos novamente.

– Sempre que posso – ele diz com a voz baixa, e a entonação que ele coloca me dá um arrepio delicioso na coluna.

Pela primeira vez, começo a me soltar sob seu olhar. Alguma coisa está diferente hoje. Não é apenas um homem levando uma amiga para passar. Eu me sinto como uma mulher que ele deseja e percebo

com prazer que o dia já tem um tipo de tensão sexual, do tipo que deixa tudo agitado e vivo.

– Estou exausto – diz Dominic. Uma pequena linha de gotas de suor cai em sua testa e no nariz. Quero limpar seu rosto com meu dedo, mas resisto. Em vez disso, ele tira os óculos escuros e limpa o rosto sozinho. Então ele apoia os remos no suporte e ficamos boiando à deriva sob o sol escaldante. Sentamos em um silêncio confortável e então ele diz:

– Bem, não sei você, mas estou com fome. Vamos almoçar?

– Isso seria muito bom.

– Legal. Então vamos voltar.

Ele recoloca os remos na água e nos puxa em direção à margem. Dominic se esforça bastante e não fala, me dando o prazer de vê-lo remar. Seus movimentos rítmicos despertam uma memória em mim. Adam aparece em minha mente. Sua imagem, antes agonizante de tão clara e nítida, está sumindo, estranhamente. É como se eu mal pudesse me lembrar dele... Recordo que sentia algo por ele, mas parece ter sido há tanto tempo! O que não consigo lembrar é dele me fazer sentir uma fração desse desejo incrível. Quando transávamos era sincero e romântico, mas nunca foi tremendamente excitante, como simplesmente ver Dominic remar. Como seria se ele realmente me tocasse? É um pensamento forte demais, que deixa minha virilha quente e pulsando. Eu me mexo, quase desconfortável.

– Você está bem?

Balanço a cabeça para dizer sim e não digo nada. Dominic, com seus olhos negros sobre mim, também não diz mais nada. Felizmente consigo me controlar quando chegamos à margem e devolvemos o barquinho. O homem no quiosque diz a Dominic: – Sua encomenda chegou, senhor. Ela já foi preparada conforme suas instruções.

– Obrigado. – Dominic se vira para mim com um sorriso. – Podemos ir?

Ele me leva pelo gramado até um gigante carvalho, com galhos que se espalham e garantem uma sombra agradável. Sob a árvore, em uma toalha xadrez de tons claros, um piquenique fantástico

estava montado. Um garçom aguardava ao lado, esperando por nossa chegada.

– Dominic! – digo com os olhos brilhando. – Isso é incrível!

Ao chegar perto, consigo ver o que nos aguarda: salmão defumado, salada de folhas com tomates e pimentões, lagostim na casca, ovos de codorna descascados, um pote com uma maionese amarelada brilhante, pedaços de rosbife malpassado, queijo *brie* e baguetes crocantes. Vejo taças de sobremesa cheias de algo colorido e cremoso. Um balde de gelo contém uma garrafa que parece ser de champanhe. Tudo está perfeito!

O garçom se curva em cumprimento a Dominic quando chegamos.

– Está tudo pronto, senhor.

– Excelente! Isso é tudo, muito obrigado.

Com um movimento discreto, ele dá a gorjeta ao garçom, que se curva de novo e desaparece sutilmente. Estamos sozinhos com nosso banquete.

– Espero que esteja com fome – ele diz sorrindo para mim.

– Morrendo! – respondo feliz e sento na toalha.

– Bom. Gosto de ver você comer. Você é boa de garfo, gosto disso.

Ele tira a garrafa do balde de gelo. É um Dom Pérignon Rosé, que eu sei ser um champanhe famoso. Ele estoura a rolha facilmente e coloca o líquido espumante em duas taças de vidro.

Ele me passa uma e levanta a outra, dizendo:

– A um dia de verão inglês! E para a linda garota que está comigo...

Fico vermelha e dou risada, batendo minha taça com a dele e olhando em seus olhos, e nós dois bebemos.

*É impossível ser mais perfeito que isso.*

Nós comemos nosso delicioso piquenique e depois, saciados e um pouco bêbados de champanhe rosé caro, deitamos na toalha e conversamos baixinho. Dominic pegou um pedaço de grama e está mastigando pensativo. Eu o observo com os olhos meio fechados. Meu corpo está inteiro acordado com sua presença, mas algo luta

para surgir em minha consciência, algo em que não quero pensar, mas que não consigo impedir de invadir minha mente...

É a imagem do homem deitado naquele banco estranho enquanto Vanessa, indomável e poderosa, bate nele com um cinto de couro, atingindo as nádegas até ficarem vermelhas e...

– Beth?

Tenho um leve sobressalto.

– Hã, sim?

Olho para ele. Ele rolou de lado e agora está bem perto de mim. Posso sentir o cheiro do perfume doce e cítrico em sua pele quente. Meu corpo se revira de excitação e meus dedos começam a tremer.

Ele olha profundamente em meus olhos, como se procurasse por minha alma.

– Aquela noite... a noite em que a encontrei chorando na rua porque estava perdida. Estava pensando... Por que você estava chorando? É porque estava mesmo perdida?

Fico boquiaberta e não consigo suportar seu olhar. Olho para baixo, para o xadrez da toalha. – Não exatamente – digo em voz baixa. – Eu tinha tentado entrar em um bar. Um lugar estranho chamado Asylum.

*Quando olhei para cima, vi que seus olhos ficaram frios. Droga, por que fui falar isso? Que bobagem falar desse lugar... agora olha o que aconteceu!*

– Por que você foi até lá? – ele pergunta abruptamente.

– Eu... não sei... Vi algumas pessoas entrando e eu as segui... – *Não é uma mentira*, digo a mim mesma. *Foi o que aconteceu.* – Mas o segurança da entrada ficou furioso comigo. Ele me disse que era um clube particular, só para sócios, e me botou para fora.

– Entendo.

Dominic franze a testa, olhando para um pedaço de grama que está segurando entre os dedos.

– Lá de onde vim, não há muitos clubes fechados – digo tentando parecer bobinha. – Então nunca pensei que eu não poderia entrar.

– E... o que você viu lá?

Inspiro longamente e balanço a cabeça.

– Nada. Pessoas bebendo e conversando. Eu só fiquei lá dentro por um segundo...

Queria dizer para ele o que vi e perguntar o que era tudo aquilo, mas não tive coragem. As cortinas baixaram, e estou desesperada para que subam de novo. Quero de volta aquele clima leve e sensual, aquela antecipação deliciosa de algo que pode acontecer a qualquer momento.

– Bom... – ele diz murmurando. – Não sei se aquele é um lugar para uma garota como você. Você é tão meiga e linda.

Ele se aproxima e, para minha surpresa, coloca sua mão sobre a minha e passa o dedão sobre a minha pele. Eu queimo com seu toque. Ele olha nos meus olhos e consigo ver um conflito dentro dele.

– Eu não devia, não devia mesmo.

– Por que não? – eu sussurro.

– Você é tão... – Ele suspira. – Eu não sei...

– Jovem?

– Não... – Ele balança a cabeça. Queria passar meus dedos naqueles cabelos escuros. – Idade não tem nada a ver com isso. Já conheci adolescentes mais espertas e experientes do que muitas quarentonas, todas ingênuas. Não é isso...

– Então é o quê? – Minha voz está carregada de ansiedade e desejo.

Ele entrelaça seus dedos com os meus. O toque é quase insuportável. Mal consigo resistir ao impulso de pegar seu rosto e trazê-lo para mim.

Sua voz vai ficando ainda mais baixa e Dominic não consegue mais olhar para mim. Meu coração dispara quando ele começa a falar.

– Eu não costumo me entregar, Beth. Mas você tem algo... tão maravilhoso, impetuoso, inspirador. Você me faz sentir vivo.

Meu corpo inteiro responde às suas palavras. Mal consigo respirar.

– Faz muito tempo que não me sinto assim – ele diz ainda mais baixo. – Tinha me esquecido de como é lindo... e foi você que fez isso. Mas...

*Claro que tinha de ter um mas! Por que nada pode ser simples? Você acabou de dizer que faço você se sentir vivo. Mas não tenho coragem de dizer nada, para não estragar o momento.*

– Mas... – Ele parece estar sofrendo.

– Você acha que vai me machucar? – consigo dizer.

Ele me lança um olhar impossível de decifrar. Então começa a rir com algo de melancólico em sua voz.

– Não vai – digo. – Prometo. Não vou ficar muito tempo por aqui. Não a ponto de me envolver.

Dominic leva minha mão à boca e dá um beijo nela. A sensação é maravilhosa, o melhor beijo que já tive – e ele nem tocou minha boca. Ele olha para mim e diz:

– Ah, nós temos tempo o bastante, Beth. Pode acreditar...

Então acontece. Ele me puxa em sua direção e em um instante estou em seus braços, pressionada contra seu peito, cercada pelo seu cheiro delicioso e pela força de seus braços. Uma das mãos aperta meus ombros, a outra me puxa pela minha lombar, quando nossos lábios se encontram. Sem dúvida, eu não podia fazer nada além de abrir minha boca para ele. Seus lábios são tão deliciosos quanto esperava que fossem, mas o beijo é muito mais do que imaginei: quente, profundo, completo. Sinto que estou afogando na sensação de sua língua explorando minha boca. Meu corpo assume o controle, não tenho mais consciência do que estou fazendo. Minha língua encontra a dele em um toque requintado. Nessa mesma hora sei que nunca havia sido beijada antes. A sensação é perfeita, parece que tudo está certo. Nossas bocas se encaixam perfeitamente, como se tivessem sido feitas uma para a outra.

Meus olhos estão fechados e estou perdida na escuridão, ciente só do nosso beijo, que vai ficando mais intenso a cada momento, e de suas mãos pressionando meu braço e minhas costas. Enquanto me beija, suas mãos vão descendo da minha lombar para a curva das minhas nádegas. Ele geme de leve quando me toca lá.

Enfim, nos separamos. Minha respiração está curta e sei que meus olhos estão brilhando. Dominic me olha, queimando com a intensidade do momento que compartilhamos.

– Queria fazer isso desde que nos encontramos pela primeira vez  
– ele diz, sorrindo.

– Desde que derrubei o sorvete?

– Sim. Não deu para não reparar em você. Mas foi depois, quando você estava deitada no jardim... foi lá que vi como você é fascinante...

Fico envergonhada e sem jeito.

– Fascinante? Eu?

– Claro! – ele balança a cabeça. Mal consigo acreditar que alguém deslumbrante como ele possa me achar fascinante. – Foi difícil me segurar, para ser honesto. E quando vi você chorando na rua, fiz tudo o que podia para não te beijar lá mesmo.

– Achei que você estava bravo comigo! – digo rindo.

– Não! – ele diz. Ele põe a mão sob meu queixo e ergue meu rosto para o seu. – Meu Deus, me perdoe, mas preciso te beijar de novo.

Ele afunda sua boca na minha e novamente as estrelas rodopiam em minha cabeça, enquanto me entrego para a deliciosa sensação de sua língua acariciando a minha, ao gosto adocicado de sua boca e à sensação de que estou completa. Nós nos pressionamos um contra o outro, com um abraço apertado. Consigo sentir sua rigidez em minha barriga. Ver seu desejo manifestado é excitante demais e o meu próprio desejo inunda meu ventre, que começa a latejar e doer.

Quando nos separamos, dessa vez ele diz:

– Eu tinha algumas atividades divertidas programadas para a tarde, mas não sei como é que vou conseguir fazer qualquer outra coisa além de te beijar.

– Então vamos fazer só isso. Quem disse que não podemos?

– Não podemos ficar aqui a tarde inteira. – Ele pega minha mão de novo e olha firmemente para mim. – Nós podemos ir para casa... se você quiser...

*Se eu quiser? Não tem nada que eu possa querer mais!*

– Sim, por favor... – digo devagar, com o desejo claro na voz.

Podemos ver o desejo estampado no rosto um do outro e levantamos. Pego meu chapéu e a echarpe de renda.

- E o piquenique? Podemos largar aqui?
- Dominic digita algo rapidamente no telefone.
- Eles vão chegar aqui em dois minutos para levar as coisas.
- Foi maravilhoso! – digo torcendo para que ele não entenda minha pressa como uma rejeição ao dia que ele planejou.
- Não tão maravilhoso quanto o que vem agora... – ele diz e meu corpo estremece com aquela dor agradável que ando sentindo bastante ultimamente.

\*\*\*

Não sei como chegamos ao prédio tão rápido, mas quando me dei conta, já estávamos no elevador a caminho do apartamento de Dominic. Nós nos beijamos de novo, um beijo quente e apaixonado. Vejo nossos reflexos no espelho: a forma como nossos corpos estão entrelaçados, nossas bocas pressionadas vorazmente uma contra a outra – e isso envia ondas de excitação por todo o meu corpo. Eu o quero desesperadamente, meu corpo está gritando por ele, sedento por seu toque.

Minha mente atordoada pensa até onde isso vai chegar, mas não vejo como poderíamos parar agora. O desejo ardente que me possui parece ser ainda mais forte em Dominic. Ele me beija por todo o pescoço, sua barba por fazer se esfrega em minha pele macia e me faz arfar com a sensação, e então volta para minha boca. A porta do elevador está aberta há vários segundos antes que possamos perceber.

– Venha – ele diz e me puxa em direção à porta de seu apartamento.

No momento seguinte, já estamos dentro, com a porta fechada atrás de nós. Finalmente temos privacidade absoluta. Meu corpo estremece de desejo por inteiro e vamos tropeçando até o quarto, incapazes de tirar as mãos um do outro para poder andar direito.

O quarto de Dominic está escuro, apesar de o sol brilhar forte lá fora. Sua cama é enorme, *king size*, com uma cabeceira acolchoada de veludo, travesseiros brancos e lençol azul-acinzentado.

Ele se vira para mim, seus olhos negros me fazendo queimar por dentro. Posso ver o desejo em seu rosto e é excitante demais. Nunca ninguém me olhou desse jeito antes.

– Você quer mesmo isso? – ele pergunta com a voz rouca.

– Sim – respondo com a voz saindo meio sussurrada, meio suplicante de vontade. – Ah, meu Deus, sim.

Ele chega perto de mim e observa meu rosto com atenção.

– Não sei o que você está fazendo comigo... mas sei que não consigo mais resistir.

Ele passa as mãos pelas minhas costas e chega aos ombros, onde encontra o zíper. Habilmente, ele o puxa e sinto minha pele exposta, quando o vestido desce aberto. Com um movimento rápido, ele solta o cinto que aperta atrás, e agora o vestido cai no chão, me deixando ali. Estou usando um sutiã branco com borda de renda e a calcinha de renda combinando.

– Você é tão linda! – ele diz passando um dedo sobre meu quadril. – Incrível...

O mais extraordinário é que me sinto linda, sensual e pronta para ele. Mais linda do que jamais estive.

– Quero você agora – ele murmura e afunda seus lábios nos meus, sua língua acaricia minha boca enquanto suas mãos vagam pelo meu corpo, passando pelas costas até chegar ao meu traseiro. Suas mãos ficam por lá, saboreando cada curva. – Sua bunda é perfeita para mim – ele murmura em meus lábios. – Ela é perfeita.

Eu me empurro contra suas mãos, e ele geme baixinho. Dominic vai deixando uma trilha de beijos em meu pescoço até chegar aos ombros. É minha vez de gemer agora, quando sua barba raspa em minha pele. Estou desesperada para tocá-lo, para sentir o calor da sua pele morena em meus dedos, para sentir seu cheiro. Só que ele segura meus braços com firmeza e não consigo me mover.

– Minha vez – ele sussurra com um sorriso. – A sua vai chegar.

*Promessas, promessas... mas... Deus, como é bom...*

Sua boca é tentadora e vai em direção aos meus seios, que estão agitados com minha respiração curta, mas ele vai devagar, beijando cada pedaço de pele entre o pescoço e a renda do meu sutiã. Meus mamilos endureceram e estão muito sensíveis ao contato com o

algodão. Eu levanto a cabeça para trás e empurro o peito para a frente, e finalmente sua boca chega à borda do sutiã. E então chegam seus dedos, aqueles dedos que prometem fazer muita coisa comigo, e eles baixam uma alça, deixando meu seio direito escapar. O mamilo emerge duro e ereto, como que implorando para que sua boca o cubra. Ele vai devagar em direção ao mamilo, sua língua trilhando as curvas macias do meu seio até que os lábios o encontram e o cercam. O efeito que isso causa me faz arfar trêmula, sinto um fervor descer do mamilo até chegar à virilha. Estou tomada de desejo intenso.

– Por favor – digo suplicante –, por favor, não consigo esperar...

Ele ri e diz, me provocando:

– A paciência, senhorita, é uma virtude.

Mas eu não tenho virtude. Tenho volúpia, tesão, desejo, necessidade. Ele me abraça com tanta força, mal consigo aguentar.

Sua outra mão cobre meu seio esquerdo, os dedos apertando o mamilo através do tecido. Minha respiração está pesada e vou gemendo com as sensações de prazer, que fazem meus olhos se fecharem e a boca abrir.

Apoio as mãos em seus ombros.

– Por favor, eu quero te tocar... – imploro.

Ele puxa meu mamilo com os dentes, raspando de leve o biquinho. Ele se afasta e me olha, o sorriso curvando seus lábios. Então desabotoa a camisa e a deixa cair no chão. Fico maravilhada com a visão de seu peito largo com os mamilos escuros, a pele morena e o cabelo negro, os ombros largos e os braços musculosos.

*Isso é mesmo para mim?*

Ele tira os pés dos sapatos e então minha atenção se volta para sua bermuda. Posso dizer que ele está duro, mas quando ele tira a bermuda, fico espantada. Sua ereção é incrível: linda e orgulhosa em seu tamanho e me diz quanto ele me quer.

Dominic dá um passo em minha direção, seus olhos opacos agora, tomados de desejo. Ele me envolve com um abraço e me beija apaixonadamente. Posso sentir sua ereção entre nós, pressionando meu ventre. Ele está quente e duro, só consigo pensar na necessidade que tenho de senti-lo dentro de mim.

Ele abre meu sutiã, que cai no chão. Meus seios se apertam contra seu peito e finalmente consigo abraçá-lo e sentir suas costas largas e macias sob minhas mãos. Passo a mão sobre ela, sentindo a superfície musculosa, até chegar às suas nádegas firmes.

*Não tem nada aqui.*

Esse pensamento surge espontaneamente. O que quero dizer? O que meu subconsciente está me dizendo?

*As pancadas que você viu. Não há nenhuma marca nele! Você iria sentir.*

*Então com certeza não era ele!, penso aliviada. Não sei quem era, ou por que estavam em seu apartamento, mas não era ele...*

Esse pensamento liberta alguma coisa dentro de mim. Meu desejo se transforma de algo latejante em busca do êxtase para algo que expressa uma necessidade que jamais senti antes. Meus braços o abraçam com mais força, meus dedos arranham de leve a superfície de sua pele, deixo meu rosto cair sobre seu peito, passo meus dentes e a língua sobre sua pele, mordendo de leve seu corpo. Mordo e chupo seu mamilo, puxando com os dentes.

– Nossa... – ele diz, enquanto continuo mordendo. – Você quer que eu te coma?

Tem algo em sua voz, mais selvagem. Aceno com a cabeça e deixo o bico escapar por entre os lábios. Seu mamilo está brilhando com a minha saliva.

– Você quer?

– Sim!

– Então me pede...

Nunca disse algo assim em voz alta, mas já passei há muito do ponto de me importar com isso.

– Sim, por favor, vem me comer, eu te quero demais...

De repente, ele usa toda a sua força, me levantando e carregando para a cama como se eu não pesasse nada, e me joga de costas, com os seios e o ventre expostos a ele. O lençol é frio sob minha pele quente.

Ele vai para uma pequena mesa, abre a gaveta e tira um pacote de camisinha. Com um movimento rápido, rasga o pacote, tira o disco de borracha e cobre o pênis com ele.

Isso vai mesmo acontecer.

Estou pronta para isso, desesperada para senti-lo dentro de mim. Ele voltou agora, e está parado na frente da cama. Com os dedos em volta do elástico da calcinha, começa a gentilmente puxá-la para baixo. Assim que chega ao calcanhar e então se vai, ele abre minhas pernas carinhosamente e põe seus lábios sobre meus pelos pubianos. Consigo me sentir abrindo como se fosse uma flor enquanto tudo vai se dilatando e se preenchendo com um calor úmido. Estou tão necessitada, com tanto tesão. Meu corpo está implorando por isso...

– Você é maravilhosa – ele diz em voz baixa e a sensação que sua respiração causa em meu clitóris inchado me faz arfar e gemer. Então ele passa os lábios sobre a pontinha do clitóris e deixa a língua cobri-lo, me fazendo contrair em uma agonia deliciosa.

– Não consigo esperar – murmuro. – Por favor, Dominic... Ele se levanta e fica em pé por um momento, e vejo seu pênis maravilhoso à minha frente. Então ele desce sobre mim, pressionando seu pau duro em meu clitóris e me fazendo contorcer sob ele. É tão bom sentir seu peso sobre mim... Minhas pernas se abrem ainda mais, para facilitar sua entrada em mim, meu quadril sobe para se encontrar com o dele, e tudo acontece sem que eu pense. Meu corpo está agindo independentemente de minha consciência. Tudo o que ele sabe é que precisa e quer Dominic, e o quer agora.

Ele desce o quadril um pouco e a cabeça de seu pênis está em minha entrada.

– Por favor, *por favor* – eu digo com a voz quase chorosa, meus olhos carregados de volúpia.

O olhar dele é intenso. Ele está claramente saboreando o momento. Posso sentir meus lábios expandindo com o tesão, meu corpo latejando de excitação. Estico meus braços e aperto suas nádegas com firmeza e então o puxo para que, finalmente, seu pau entre em mim, deslizando com facilidade porque estou bem molhada, mas entrando com uma lentidão gostosa, que vai me enchendo de uma sensação deliciosa.

Eu gemo e o aperto mais forte quando ele entra fundo em mim. Seu rosto tem um olhar feroz, como se ele estivesse se segurando.

Ele empurra o pau com força em mim, e meu quadril sobe para se encontrar com o dele. Exulto com o vai e vem profundo em mim e a sensação que me traz. Nunca senti nada parecido antes. Ele está indo mais rápido, e estou entrando no ritmo também, levantando meu quadril e arqueando as costas a cada estocada. Então ele muda um pouco a posição, apoiando mais peso sobre os joelhos e levando as mãos para baixo, sob minhas nádegas, agarrando-as e as puxando para cima. A sensação em mim muda: está mais forte, mais aguda e me deixa sem fôlego toda vez que ele entra fundo dentro de mim. Eu gemo e grito, e ele aperta minha bunda com força, usando as duas mãos, fazendo um vai e vem firme e pressionando meu clitóris inchado. Posso sentir algo incrível crescendo em mim: uma sensação que vem em ondas cada vez maiores, se acumulando sem parar. É uma sensação lasciva e gostosa, que me leva para o alto, como se estivesse sendo carregada por uma onda gigante em direção ao meu clímax. Descruzo as pernas e as abro o máximo que posso, meus membros enrijecendo com a proximidade do orgasmo. Posso sentir Dominic aumentando seu ritmo também, ficando ainda mais excitado comigo perto de gozar. Quando finalmente chega, estou olhando fixamente para seus olhos flamejantes. Espasmos tomam conta de mim e grandes trepidações de prazer chacoalham meu corpo. Não tenho consciência de mais nada além da delícia que é me soltar, e então escuto Dominic gemer quando seu orgasmo chega. Ele desaba em meu peito e ficamos deitados por um bom tempo, ainda com ele dentro de mim, nós dois arfando e exaustos.

Enfim ele levanta a cabeça, e está sorrindo para mim, feliz.

– Gostou do nosso passeio, Beth?

– Gostei do meu passeio aqui *dentro* – respondo rindo.

– Gostei do meu passeio dentro de você – ele responde, e nós dois rimos.

Estamos tão perto, tão íntimos, tão juntos neste momento. Ele sai de dentro de mim, se vira e rapidamente tira a camisinha e se livra dela. Então me pega em seus braços novamente e me beija com carinho.

– Isso foi incrível, Beth. Você é surpreendente...

Suspiro feliz.

- Bem, posso dizer de verdade que foi incrível.
- Quer ficar aqui esta noite? – ele pergunta.
- Que horas são?
- Já são mais de oito.
- Sério? – fico espantada. Então me aninho em seus braços. –  
Sim, claro. Vou adorar.
- Vamos levantar e jantar – ele diz, mas a cama está tão quentinha e deliciosa que em pouco tempo nós dois caímos no sono, exaustos.

## Capítulo Nove

Acordo de manhã com o barulho do chuveiro no banheiro da suíte, e poucos minutos depois, Dominic sai enrolado em uma toalha. Ele está lindo demais, com o cabelo molhado e pingando nos ombros.

– Oi... – ele diz com um sorriso, os olhos brilhando. – Como você está? Dormiu bem?

– Muito bem... – Eu me espreguicho toda sorridente.

– Você é uma delícia – ele diz me comendo com os olhos. – Queria não ter de trabalhar hoje. Não tem nada que eu queira mais do que voltar para cá e fazer um repeteco.

– Então por que não volta? – pergunto com um olhar provocante. Só de vê-lo já sinto arrepios na pele novamente.

– Tenho que trabalhar, querida. E já estou atrasado. – Ele pega uma toalha menor e começa a secar o cabelo. – Falando nisso, você também não precisa ir trabalhar hoje?

Fico sem saber do que ele está falando por um momento, e então sento ereta em um pulo.

– Meu Deus! A galeria! – Havia me esquecido completamente de meu novo emprego em meio ao redemoinho de emoções em que me enfiei. – Que horas são?

– Quase oito. Tenho que ir...

Relaxo um pouco.

– Ufa. Eu só entro às dez...

Ele balança a cabeça, rindo.

– Vocês, das artes plásticas, com certeza levam uma vida boa.

Estou pensando em voltar para o apartamento da Celia e me vestir quando tapo a boca com a mão e dou um grito de susto.

– O que foi agora? – pergunta Dominic com uma das sobrancelhas levantada, intrigado.

– O De Havilland! Não dei comida para ele ontem à noite! – Pulo da cama e vou pegando minhas roupas. – Ah, coitadinho do De Havilland! Como é que fui me esquecer dele...

– Não se preocupe. Tenho a sensação de que vai estar bem vivo. E fico feliz que você não parou as coisas no meio ontem porque estava preocupada com seu gato.

– O gato da Celia... é por isso que estou assustada! – Coloco meu vestido rapidinho e corro até Dominic. – Obrigada, obrigada, pelo dia e por ontem à noite.

Ele me puxa para junto de seu peito ainda molhado. Consigo sentir seu coração batendo e sinto o cheiro delicioso da mistura de sabonete, loção pós-barba e sua pele.

– Eu que devia dizer obrigado – ele murmura, e o som ecoa em seu peito. Então ele se inclina e pega o telefone. – Não tenho seu número, é melhor me passar.

Falo o número rapidamente e ele digita no telefone.

– Ótimo. Vou mandar uma mensagem, assim você vai ter meu número também. – Ele me dá um beijo carinhoso nos lábios. Tem gosto de mel e hortelã. – Agora vá. Não chegue atrasada no primeiro dia.

\*\*\*

De Havilland, claro, está uma fera comigo. Ele está miando bravo desde que ouviu o barulho da chave na porta. Logo que entro, vejo seus olhos amarelados queimarem com raiva de mim.

– Tá bom, tá bom! Me desculpe! Esqueci de você, foi burrice minha, mas agora estou aqui.

Ele corre na minha frente em direção à cozinha, com o rabo peludo e preto esticado para o alto, como que para mostrar sua indignação. Ele para em frente a seu pote de comida, ainda miando, enquanto vou despejando a comida. Então ele começa a comer, mastigando com tanta vontade que parece fazer semanas que não vê comida.

Olho para o relógio. É melhor correr. Preciso tomar um banho e logo. Mas no chuveiro, fico quase relutante de deixar a água lavar o cheiro da noite passada. Foi tão maravilhoso que a menor lembrança de ontem mexe com meu corpo. Não foi nada parecido com a

experiência que tive com Adam, com certeza. Nós transávamos, sim, mas era sempre igual: agradável, discreto, mas previsível. Ele nunca me deixou nem um décimo excitada daquele jeito, tomada de êxtase sem limites. A sensação que tive quando Dominic me penetrava era de intimidade completa, e o orgasmo trouxe uma satisfação que nunca tinha experimentado antes. Mexeu com meu corpo inteiro. Olho para meu corpo, os seios cobertos com espuma do sabonete, minha barriga macia, o monte abaixo coberto de pelos, e sinto como se, pela primeira vez, descobrisse do que sou capaz.

*Era eu mesma? Será que consigo fazer de novo? Meu Deus, espero que sim.*

Já estou desejando Dominic novamente. Uma necessidade interna, profunda, como a sede que se tem em uma tarde quente.

*Dominic...*

Só seu nome já me faz estremecer.

*Mas você tem um trabalho, lembra? Hora de tirar sua cabeça da cama, senhorita. Vamos nos enxaguar logo e sair daqui.*

\*\*\*

Chego à galeria Riding House às dez horas em ponto. Vejo que o James já está lá dentro e, quando me escuta bater, vem até a porta para me deixar entrar.

– Bom dia! Como você está, Beth? O fim de semana foi bom? – Ele está bem arrumado, como um cavalheiro inglês. Está vestindo uma calça de sarja, camisa rosa com uma camiseta azul-escura por dentro. Ele é mais alto e mais magro do que me lembrava. Com os óculos pendurados em seu nariz adunco, ele me recebe com um sorriso gentil.

– Sim, obrigada! – respondo alegre. – O fim de semana foi muito bom.

– Que ótimo. Agora, deixe-me explicar as coisas... Café em primeiro lugar, esta é a regra geral. Quem chegar primeiro faz... nada de trazer café pronto de fora, esta é outra regra.

– Há muitas regras aqui? – digo sorrindo enquanto ele me leva da galeria até uma pequena copa nos fundos.

– Ah, não... É tudo bem tranquilo. Mas tenho padrões elevados.

Não me surpreende ouvir isso, ele parece alguém com gostos bem peculiares. Café colombiano moído na hora, de cor escura e notas condimentadas, é um desses gostos. Há uma máquina de espresso italiana para fazê-lo. Logo em seguida, me entrega um *latte* com aroma delicioso e está tomando o seu, preto e sem açúcar, em uma xícara de porcelana chinesa.

– Pronto! Agora somos humanos de novo e podemos começar.

Quando a manhã avança, já sei que vou gostar daqui. Embora seja calmo e elegante por fora, em seu interior James se mostra espirituoso e divertido, com um lado brincalhão que eu não esperava, fazendo piadinhas e rindo enquanto me mostra o funcionamento da galeria. Meu trabalho é bem pouco exigente. Preciso atender ao telefone, ajudar qualquer cliente aqui e resolver as pendências administrativas. Claro que, enquanto ainda me adapto, é o James que faz tudo, mas vou pegando as coisas bem rapidamente.

– Sinto muito se tudo isso parece sem graça demais – ele diz quase se desculpando. – Você vai fazer trabalhos mais interessantes com o tempo, eu prometo.

– Não me importo de começar de baixo – digo.

– Que bom! – Ele sorri novamente. – Acho que vamos nos dar muito bem.

E nos damos. Nós nos damos maravilhosamente bem, na verdade. O James é bem fácil de lidar e me faz rir o tempo todo. Se eu tinha qualquer suspeita de que ele estava dando em cima de mim, ela se desfaz à tarde, quando um homem loiro de meia-idade entra. Ele tem o rosto bem marcado pelo tempo, em contraste com o elegante terno branco que está usando. Vai direto até o James, o cumprimenta com um beijo no rosto e começa a falar em uma língua que não reconheço. James responde e então olha para mim.

– Beth, permita-me apresentar Erland, meu parceiro. Ele é norueguês.

Erland se vira e me cumprimenta com educação.

– Como você está, Beth? Espero que goste de trabalhar com o James. Só não o deixe ficar muito mandão, ele adora dar ordens.

– Pode deixar... – digo sorrindo.

*Então o James definitivamente não está dando em cima de mim.*

Enquanto os dois homens conversam fluentemente em norueguês, olho em volta da galeria ampla e iluminada e quero me abraçar de tanta felicidade.

*Tenho esse emprego e tenho o Dominic. Não tem como a vida ficar melhor!*

Mais para o fim da tarde, recebo uma mensagem.

Oi, que horas você sai? Quer beber algo depois do trabalho? D.

Respondo:

Quero sim. Saio às 6. B.

A resposta chega logo em seguida:

Te encontro em frente à igreja All Souls, na Regent Street, perto da BBC.  
6h30 beijo

– Boas notícias? – James pergunta, com um olhar curioso por trás dos óculos de armação dourada.

Fico ruborizada e aceno com a cabeça.

– Hmm... Namorado?

Fico ainda mais corada.

– Hã... não...

– Ainda não! – ele complementa sorrindo. – Mas você está na torcida.

Devo estar vermelha cor de sangue agora.

– Mais ou menos... Sim.

– É um homem de sorte, espero que a esteja tratando bem. Lembro-me de como Dominic me tratou bem ontem à noite e me vem aquela excitação, como se tivesse pulado de um trampolim em direção a uma piscina bem lá embaixo. Aceno com a cabeça de novo, sem conseguir falar.

\*\*\*

A galeria fecha às seis, e a caminhada até a igreja de que Dominic falou é tão curta – James me ensinou como chegar – que chego com bastante tempo de antecedência. A igreja é claramente antiga, construída com pedras marrom--escuras e amareladas, e eu ando pelo pórtico circular, com seu anel de colunas em frente à Regent Street. Os carros passam rapidamente pela imponente fachada da BBC, que fica ao lado da igreja. Ao mesmo tempo que estou tranquila vendo as pessoas passarem, estou ansiosa para que Dominic chegue logo. É meio que acordar e se lembrar de que é Natal ou algum dia especial – uma deliciosa antecipação por algo agradável.

No fim, estou lendo as informações no painel de notícias da igreja quando ele chega e tomo um susto quando ouço sua voz:

– Beth?

– Oi! – Eu me viro, feliz da vida. – Como foi o seu dia?

Dominic está lindo como sempre, dessa vez em um terno azul-marinho, bem elegante. Ele sorri para mim e me beija no rosto, sua mão me tocando nas costas.

– Muito bom, obrigado. E o seu?

Começo a contar a ele do meu primeiro dia na galeria enquanto atravessamos a Regent Street e entramos na região de Marylebone. Dominic me escuta, mas não pergunta muito. Ele parece um pouco preocupado.

– Você está bem? – pergunto aflita.

Entramos em um bar de vinhos bem estiloso, com o teto abobadado de pedra e as mesas discretamente alojadas em pequenos espaços. Velas cintilam dentro de suportes de vidro, lançando estranhas sombras nas paredes. Ele não responde até que estejamos sentados em nossa própria mesa e após pedir bebidas para nós. Quando ele fala, percebo na hora que ele não quer olhar para mim.

– Estou bem – ele diz. – De verdade.

– Dominic? – pergunto e coloco a mão sobre a dele. Por um momento ele aperta minha mão, mas logo a larga. – O que foi?

Ele fica olhando para a mesa, franzindo a testa.

– Você está me deixando preocupada. Vamos, fale comigo...

A garçonete chega com nossas bebidas e ficamos em silêncio até ela sair. Meu estômago está virando de nervoso. Por que ele está tão frio e distante? Nessa mesma manhã ele estava carinhoso e próximo de mim. Agora colocou uma barreira entre nós, posso senti-la.

– Dominic... – digo quando estamos sozinhos – por favor, me diga o que há de errado.

Enfim ele me olha nos olhos, e fico horrorizada de ver que seu rosto está carregado de tristeza e justificativas.

– Beth... – ele diz devagar – sinto muito...

Entendo tudo na hora, e sou tomada de repulsa.

– Não!

Isso sai da minha boca antes que eu consiga me segurar. A raiva corre por mim. Ele não vai fazer isso.

– Sinto muito – diz novamente. Ele entrelaça as mãos e olha para elas, o rosto contorcido como se estivesse sofrendo. – Pensei nisso o dia todo e...

– Não fale. – Não quero soar como se estivesse suplicando, mas não consigo. – Você não deu uma chance para a gente.

Ele olha para mim novamente.

– Eu sei, mas é por isso mesmo. Não posso dar uma chance a nós dois.

– Por que não?

Sinto como se tivesse sido pega em meio a uma avalanche, engolida por uma força poderosa que me arrasta e me gira, mas digo a mim mesma para ficar calma.

– O que tivemos ontem à noite foi maravilhoso, incrível... Será que é inocência e burrice minha ou você tem esse tipo de experiência sempre? Achei que tivesse significado algo, que foi especial para você...

– E foi! – ele me interrompe, e parece estar sofrendo. – Droga, foi. Mas não é isso, Beth, eu queria que fosse.

– Então é o quê?

O pensamento que estava escondido no fundo de minha mente, um a que eu me recusava firmemente a dar atenção, veio à tona. *Você sabe por quê*, sussurra para mim, quase alegremente. *Você viu o que ele não sabe que você viu...*

– Tem mais alguém, alguma outra pessoa?

Ele fecha os olhos e balança a cabeça.

– Não, não...

– Então... *Vamos*, sussurra a vizinha maldosa, *não se faça de boba. Você sabe mais do que ele imagina. Conte para ele...*

Quero gritar de volta: *Mas eu sei que não era ele! Ele não tinha marca nenhuma!*

*Talvez ela fosse boa em bater sem deixar marcas*, instiga a voz.

*Meu Deus, nunca tinha pensado nisso...* tudo parece desabar em volta de mim. Quando falo, pareço hesitante, quase temerosa.

– É por causa do que você e a Vanessa fazem juntos? Agora consegui surpreendê-lo. Ele congela por um momento, então sua boca abre como se quisesse dizer algo, mas não sabe o quê.

Reúno toda a minha coragem e digo:

– Eu vi...

– Você viu o *quê*?

Achei que ele fosse ficar bravo comigo, mas seu rosto demonstra mais espanto agora. Eu paro, incerta, mas ele está olhando para mim, seus olhos estão me penetrando. Ele parece sério, com o olhar opaco, daquele jeito que me assusta.

– Beth, eu quero saber. O que foi que você viu?

As imagens pipocam em minha mente: o homem agachado beijando o instrumento, o movimento rítmico do braço da mulher, aquele espancamento em forma de um teatro de sombras.

– Eu vi... – Minha voz baixa novamente, e agora é minha vez de não conseguir olhá-lo no rosto. – Sábado à noite... Eu vi do meu apartamento. As cortinas estavam baixadas, mas elas ficam meio transparentes com a luz e... Vi você e a Vanessa. Pelo menos acho que era ela. Não sei. – Olho para seus lindos e profundos olhos negros, salpicados pela luz dourada das velas, e queria não ter de falar o que estou para dizer. – Eu a vi batendo em você. Primeiro, sobre o colo dela, como se você fosse uma criança malcriada, então

em uma posição diferente e, depois disso, eu a vi bater em você com um cinto enquanto você estava deitado naquele banco estranho da sua sala.

Dominic fica me encarando e eu poderia jurar que ele está pálido.

– Eu vi... – repito. – Sei o que vocês fazem juntos. É por isso que quer terminar comigo antes mesmo de termos começado?

– Oh, Beth. – Posso ver que ele está buscando as palavras certas. – Meu Deus, nem sei o que dizer. Você viu isso em meu apartamento?

Eu aceno com a cabeça.

– E você deduziu que era a Vanessa e eu?

– E quem mais eu poderia achar que era? É seu apartamento. Já vi vocês juntos lá. Quem mais seria?

Ele pensa por um momento e então diz:

– Certo, acho que sei o que aconteceu lá. Você está certa sobre uma coisa. A mulher que você viu era a Vanessa. Ela tem a chave do meu apartamento, como você deve ter adivinhado quando ela entrou na outra noite. Mas... – Ele me olha fixamente – ... o homem não era eu. Posso garantir isso...

– Então... por que você o deixa entrar no seu apartamento desse jeito, para apanhar?

– Bem, não permito que entrem para isso. Quer dizer, eu não gosto. Mas a Vanessa sabia que eu estaria fora naquela noite e ela tem um cliente cuja fantasia é ser um milionário dominado em seu apartamento chique. Ela deve tê-lo levado para lá, para ser o cenário da encenação. – Ele balança a cabeça. – Eu nunca a proibi, mas já falei para ela não trabalhar dentro da minha casa. Ela se aproveita bastante do nosso antigo relacionamento.

Estou confusa.

– Espera... cliente *dela*? Trabalho *dela*? A Vanessa é uma... prostituta?

Não consigo acreditar. Linda, bem-educada, sofisticada. E uma puta? Não me parece possível. Por que ela precisaria fazer algo assim?

Dominic expira, dá um longo suspiro e se recosta na cadeira.

– Puxa vida. Acho que vou ter de ser bem franco e direto com você.

– Isso seria muito bom mesmo... – digo, com um toque de sarcasmo em minha voz.

– Tudo bem. Eu ia contar um pouco sobre mim, mas vamos começar com a Vanessa.

Ele pega a taça de vinho e bebe um pouco, como se precisasse da coragem que o álcool dá. Levanto minha taça, gelada e pingando, e tomo um gole do vinho branco e cristalino. Tenho o pressentimento de que vou precisar de coragem também.

Dominic endireita os ombros, junta as mãos e me olha.

– Em primeiro lugar, a Vanessa não é uma prostituta. Não do jeito que você imagina uma prostituta, pelo menos. Ela cobra por seus serviços, mas raramente faz sexo com os clientes, se é que fez alguma vez. Ela oferece um tipo bem diferente de serviço. A Vanessa é uma dominadora profissional, especializada em oferecer um espaço seguro e privativo a pessoas com certos desejos, onde elas podem curtir suas fantasias.

Não digo nada enquanto absorvo tudo isso. Já ouvi falar de dominadoras antes, mas apenas como personagens de filmes e histórias. Nunca pensei que elas existissem na vida real. É isso que a Vanessa faz?

Dominic continua.

– A maioria das pessoas pensa em sexo e romance de um jeito bem simples. Em geral, é um homem e uma mulher pelados e fazendo sexo normal, bem papai e mamãe. E claro, você já deve ter visto as revistas masculinas nas bancas, essas que trazem as fantasias mais comuns dos homens: fotos grandes de seios e bundas à mostra para os rapazes baterem punheta.

É tão estranho ouvir essas palavras saindo da boca de Dominic. E ele as fala com um desprezo frio que torna tudo ainda mais perturbador.

Ele se inclina para a frente e se foca totalmente em mim.

– Mas muitos, muitos de nós não são desse jeito... Essa com certeza não é nossa fantasia. Precisamos de algo a mais, e não queremos só imaginar. Nós queremos viver isso.

*Ele está falando em "nós". Deve estar falando de si. Meu Deus, o que ele vai me dizer?*

– Você se lembra daquele bar no subsolo, o Asylum? – ele diz subitamente e continua depois que balanço a cabeça. – Aquele bar pertence à Vanessa. Na verdade, a casa toda sobre o bar pertence a ela. É lá que as pessoas vão realizar suas fantasias e satisfazer suas necessidades sem medo. É um lugar seguro. A Vanessa o criou para pessoas como ela.

Tento assimilar tudo isso, lembrando-me das pessoas submissas em suas jaulas.

– Ela é uma dominadora... – digo intrigada.

– Os dominadores precisam dos submissos, ou nada acontece – ele diz e sorri, praticamente pela primeira vez na noite. – Dia e noite, *yin* e *yang*. – Ele parece pensativo, certamente se recordando de cenas do passado. Ele continua em seguida. – Vanessa e eu nos conhecemos quando eu estava estudando em Oxford. Gostei dela logo de cara, havia uma atração incrível entre nós. Tinha acabado de voltar dos Estados Unidos e não conhecia ninguém, então fiquei maravilhado de conhecer uma mulher como ela. E a Vanessa tinha uma atitude diferente. Em pouco tempo ela me apresentou a seus... gostos. Começou como uma brincadeira. Ela me amarrava na cama durante o sexo, me provocando e me excitando por bastante tempo, praticamente me torturando com suas técnicas... e eu adorava. Não demorou e ela já estava levando objetos para a cama: vendas, cordas, amarras... Ela gostava de me amordaçar, me vendar, fazer seus joguinhos comigo. Então ela me introduziu ao espancamento. No começo era gentil... algumas palmadinhas nas nádegas... e então ficou mais sério. Ela trouxe cintos e palmatórias, e começou a passar mais tempo me batendo do que fazendo qualquer outra coisa. E ela adorava. Deus, como ela gostava daquilo. – Seus olhos brilham com a lembrança.

*Então ele é igual ao homem do banco, no fim das contas.* Não gosto da sensação que tenho quando imagino a Vanessa e o Dominic transando: parte de mim queima de ciúmes e outra parte fica secretamente excitada ao imaginá-lo esticado nu em uma cama, sendo levado aos limites do prazer.

– E... você? Você gostava?

Ele suspira novamente e bebe mais um pouco.

– É muito difícil de explicar se você nunca fez. Sei que pode parecer inacreditável, mas dor e prazer estão muito ligados um ao outro. A dor não precisa ser a pior coisa do mundo... ela pode estimular e excitar e tornar o prazer muito, muito intenso. Quando vem junto de certas fantasias ou inclinações que já existem na pessoa... como o desejo de ser controlado, digamos, ou castigado, tratado como uma criança malcriada ou uma garota rebelde que precise entrar na linha... bem, então isso se torna simplesmente explosivo.

Tento imaginar tudo isso, mas ainda assim não consigo entender como é que apanhar e se machucar possa ser divertido. Pelo menos não acho que vá funcionar comigo. Não acho que eu tenha fantasias que envolvam castigos. Minhas fantasias com certeza são todas carinhosas.

Dominic continua, ansioso para tirar sua história do peito.

– Estava disposto a chegar até onde fomos, mas a Vanessa queria ir além. Ela tinha o desejo de me chicotear por inteiro, mas eu não estava a fim. Gostava de seus jogos até certo ponto, mas após isso não me interessava por eles. E então nós encontramos o Clube.

– O Clube?...

Ele assente.

– Uma reunião secreta de pessoas com interesses similares. O Clube se reunia em um velho galpão de barcos perto do rio. Não dava para saber olhando de fora, mas por dentro o lugar era completamente devotado à arte e à prática do flagelo. Lá tinha todo tipo de equipamento que é difícil de ter em casa: barras extensoras, cruces, esse tipo de coisa.

Eu me espanto. *Uma câmara de tortura? Meu Deus, temos tentado acabar com esse tipo de coisa e não encorajar! Será que a Anistia Internacional sabe disso?*

Dominic compreende minha expressão.

– Parece ruim, eu sei. Mas é tudo consensual. Nada é feito sem que o flagelado concorde. Minha primeira experiência lá foi de

assustar. Vi um homem chicoteando uma mulher com força, pra valer. – Ele está com um olhar distante e sei que está revendo as coisas na imaginação. – Ela estava amarrada a uma cruz de Santo André, sabe? Aquela cruz em formato de X. Foi amarrada pelos pés e pulsos, e o homem usou sete instrumentos diferentes nela. Começou de leve batendo com crina de cavalo e terminou batendo com um chicote pesado, que chamam de gato de nove caudas, apesar de que esse tinha doze caudas. No fim, ela estava praticamente despedaçada. Foi incrível!

Consigo ver a imagem em minha mente: uma mulher gritando em agonia, com as costas cobertas de vergões e sangue, um homem ensandecido pelo poder, dando chibatadas com toda a força. *E isso é para ser divertido?*

– E quando eles fizeram sexo? – pergunto meio hesitante.

Dominic parece surpreso.

– Sexo?!

– Bem... Isso é um tipo de atividade sexual, não? Ou estou completamente enganada? Quando é que eles fazem sexo?

– As regras do Clube proíbem relação sexual ou penetração a menos que os membros estejam em um ambiente privado e concordem que isso faz parte da cena. Mas várias pessoas obtêm prazer sexual sem o que você imagina que seja sexo. Sexo é a flagelação. A flagelação é o sexo. Ou não. Tudo depende... O relacionamento e a troca de poder entre os participantes normalmente já é o bastante para dar o que eles desejam.

Eu olho para ele. Dominic tem razão: nunca imaginei algumas das coisas que ele está me dizendo.

– Então vocês se tornaram membros desse clube?

Dominic assente.

– A Vanessa adorava. Era o que ela sempre buscou, ela tinha encontrado sua família. O Asylum é uma ramificação do Clube, mas um pouco mais elaborado, porque ele abrange mais que a simples dominação.

– Ainda tem mais? – pergunto surpresa.

Dominic ri.

– Ah, sim. Tem muito mais. Mas não vamos fugir do assunto. Estou tentando explicar por que eu jamais poderia ser o homem que você viu no meu apartamento.

– Por que não?

Ele me olha fixamente.

– Por que quando vi o açoitamento, eu soube com certeza que não queria estar preso àquela cruz, levando chicotadas e sendo castigado com todos aqueles instrumentos. – Ele pausa por um segundo e diz: – Eu queria é ser o homem com o chicote. Não queria apanhar, queria bater.

Não sei o que dizer. Fico olhando para ele com os olhos abertos.

Dominic suspira, com uma expressão de derrota.

– Não queria contar a você sobre tudo isso. Saiu de um jeito errado...

Eu mal o escuto porque estou ocupada ligando os pontos em minha mente.

– Então é por isso que você disse que seus desejos e os da Vanessa não eram compatíveis.

Ele balança a cabeça, devagar.

– Sim. É por isso. Não se pode ter duas personalidades dominantes em um relacionamento, não quando isso é parte fundamental da dinâmica sexual. Mas, mais importante, nós já não estávamos apaixonados. O relacionamento seguiu seu curso e acabamos virando só amigos. E nossa exploração da cena acabou nos deixando bastante unidos.

– Pelo jeito, unidos com algemas... – digo com amargura, e fico um pouco ofendida quando ele começa a rir. – Não estava tentando ser engraçada. Isso tudo é estranho demais para mim.

Eu me inclino para a frente e o olho intensamente. Deveria ter imaginado que esse homem lindo seria tudo – menos simples e normal.

– Então você quer me dizer que sente vontade de açoitar mulheres?

Ele bebe mais um gole. *Será que o estou deixando nervoso?*

– Isso é estranho para mim, Beth, porque você não sabe nada desse mundo, e coisas que são normais para mim vão parecer

bizarras para você. acredite ou não, há muitas mulheres que sentem muito prazer sendo submissas. E eu sinto muito prazer em controlá-las.

Não sei o que dizer. Estou tentando imaginar esse homem, tão normal por fora, descendo um chicote nas costas de uma mulher frágil. Sou tomada por uma mistura de raiva e tristeza, mas não entendo exatamente de onde essas emoções estão vindo. Antes que decida o que fazer, já estou de pé, empurrando minha cadeira pelo chão de pedra com um barulho alto.

– Agora consigo entender por que você queria terminar – digo com a voz trêmula. – Acho que ontem à noite não foi agradável o suficiente para você. Eu achei incrível, mas parece que sem me bater até me estraçalhar, você não se satisfaz. Bem, obrigada por me avisar.

Consigo ver em seus olhos que o machuquei.

– Beth, não, não é bem assim...

Eu o interrompo.

– Não... Entendi... Acho que preciso ir agora.

Viro e corro para a porta. Ele se levanta, me chamando, mas sei que não irá me seguir sem pagar a conta antes, por isso saio para a rua e pego um táxi que estava passando nesse momento.

– Randolph Gardens, por favor – digo sem fôlego quando entro no carro. Fico assim até chegarmos à Mayfair. Estou tremendo como se a temperatura tivesse caído abaixo de zero.

## Capítulo Dez

James percebe a mudança em mim logo de cara quando chego para trabalhar no dia seguinte. – Você está bem? – ele pergunta me olhando por cima dos óculos. – Você não parece tão empolgada como ontem.

Tento sorrir.

– Estou bem. Sério...

– Ah. Problemas com o namorado, se não estou enganado. Não se preocupe, minha querida, já passei por isso. Não dá para dizer como fico feliz por Erland e eu já estarmos na fase confortável de casal estabelecido, sem aqueles dramas dos dias de namoro. O que perdemos em novidade e empolgação ganhamos em tranquilidade.

– Sua expressão é compreensiva. – Mas isso não significa que esqueci o quanto dói. Não vou fazer perguntas... vou simplesmente desviar sua cabeça dos problemas.

Não sei bem como o James vai me fazer esquecer as revelações de ontem à noite. Não consegui pensar em mais nada desde então. Ontem à noite eu deitei na cama de olhos abertos e sem sono, enquanto imaginava Dominic segurando todo tipo de instrumento, rindo feito um maníaco enquanto descia o braço sobre as costas de uma mulher.

*Um homem que quer bater em mulher. Como é que ele pode ser assim? Não entendo. Nem sei se quero entender também.*

Tento me dizer isso, mas a verdade é que não consigo evitar sentir o que sinto por ele. Ainda o desejo de todas as maneiras e ele preenche meus pensamentos durante todo o dia, apesar dos esforços de James em me manter ocupada trabalhando no catálogo da próxima exposição. Dominic não entra em contato comigo e, com o passar das horas, vou sentindo cada vez mais o peso da tristeza ao pensar que posso não vê-lo novamente.

\*\*\*

À noite, volto para casa, parando apenas para pegar mantimentos, e tento me enganar fingindo não querer olhar para o apartamento do outro lado, torcendo para ver algum sinal de vida lá. Preciso tanto ver Dominic, da mesma forma como um viciado precisa da sua dose... Na verdade, estou preocupada porque, caso o veja, não vou ser capaz de me segurar e ir direto para lá.

Às oito horas, com o apartamento ainda escuro, estou em um estado de loucura, andando para lá e para cá, pegando o telefone para mandar uma mensagem, mas me segurando, e o tempo todo pensando em onde ele pode estar e o que estaria fazendo. Estou prestes a ir até o Asylum para ver se consigo encontrá-lo, quando alguém bate à porta.

*Eu congelo. Dominic. Tem de ser. A menos que seja o porteiro...*

Abro a porta meio hesitante, com o coração disparado. Ele está lá, apoiando um braço no batente, pela primeira vez com uma péssima aparência desde que o conheci. Com a barba por fazer e olheiras sob os olhos cansados e avermelhados. Parece que ele mal dormiu. Ele também está desleixado, com uma calça jeans amarrotada e moletom cinza. Dominic está olhando para o chão, mas levanta o rosto quando saio lentamente de trás da porta.

– Oi – ele diz em voz baixa. – Me desculpe, provavelmente sou a última pessoa que você queria ver agora. Mas eu precisava vir aqui te ver...

– Não. – Eu esboço um sorriso. – Queria ver você também. Estava com saudade.

Ele parece completamente infeliz.

– Mas, do jeito que você saiu correndo ontem à noite... Você estava totalmente assustada. Chocada. Enojada. – Ele passa a mão no cabelo e o deixa ainda mais despenteado. Ele está incrivelmente *sexy*. Pensei que gostava do Dominic estiloso e bem-vestido, mas acho que gosto do Dominic desganhado ainda mais. Ele está com um olhar suplicante. – Eu expliquei tudo errado, Beth. Não devia ter dito do jeito que falei. Você ficou com uma impressão errada.

Minha garganta está seca.

– Qual é a impressão certa?

– Você acha que eu quero bater em mulher. Não é isso, eu prometo. Me deixa tentar explicar? Por favor?

Olho para ele por um longo momento. Não há dúvidas de que poderia recusar ou expulsá-lo dali, mas estou tão perplexa por estar em sua presença novamente que começo a processar tudo bem devagar.

– Claro. Entre...

Dou um passo para trás e ele entra para se juntar a mim. É tudo o que precisa. No momento em que ele está perto de mim, inspiro seu cheiro maravilhoso: doce com um toque cítrico, completamente irresistível. Agora que ele está perto de mim novamente, meu estômago se revira, meus joelhos enfraquecem e olho para sua boca, com meus lábios demonstrando o desejo que sinto.

– Beth – ele diz com a voz rouca, e então sua boca se cola na minha e nos beijamos apaixonadamente, como se fosse impossível nos desgrudarmos. A sensação é de êxtase, como se eu estivesse sendo levada por um furacão de veludo – poderoso e ensandecido, mas suave ao mesmo tempo. Seu gosto e a força de seu desejo despertam em mim uma volúpia que jamais conheci. Eu o quero tanto que no momento em que sua língua toca a minha já estou pronta: quente, molhada e cheia de tesão. Posso dizer que ele também está pronto, pela rigidez na altura da virilha que me pressiona. Sinto como se nós dois fôssemos incapazes de nos controlar, agindo só pelo instinto e pela força de nosso desejo um pelo outro.

Suas mãos já estão sob minha blusa e a levantam por cima da minha cabeça, me deixando só de sutiã. Ele mergulha sua cabeça em meu peito, cobrindo meus seios de beijos quentes, e volta para minha boca em um instante. Eu o beijo vorazmente, como se não pudesse aguentar ficar sem ter seu corpo em minha boca. Estou arrancando sua camiseta também, e ele a tira de mim, puxando de uma vez em um movimento rápido. Nossos peitos estão colados, a sensação de carne sobre carne é de prazer intenso.

Seus lábios e língua estão em minha boca novamente, ele belisca meus lábios e suga minha língua. Sua paixão está mais selvagem do que antes e eu também. Deslizo minhas unhas de leve em suas costas largas e musculosas, e ele geme em minha boca. Então eu coloco a mão em sua calça e desabotoo rapidamente seu jeans. O calor de sua ereção irradia em mim e sinto seu pênis duro expandindo a cueca boxer de algodão. Coloco minha mão dentro e Dominic está quente e duro, e ao mesmo tempo macio. Esfrego a mão, movendo a pele gentilmente sob minha palma, e ele geme novamente. Suas mãos estão ocupadas soltando minha saia, que cai no chão um segundo depois. Seus dedos já estão dentro de minha calcinha, tocando minha vulva quente e úmida. No que ele acaricia meus lábios inchados e enfia os dedos dentro de mim, eu também começo a gemer e enfio minha língua em sua boca, em êxtase. Seus dedos sobem até meu clitóris, e quando ele o massageia e o gira sob a ponta dos dedos, estremeço e seguro seu pênis enorme com mais força. Nós estamos dando prazer um ao outro agora, e então ele desliza os dedos de volta à minha entrada encharcada, enfia um e depois o outro dedo. Jogo a cabeça para trás e grito com a sensação deliciosa. Ele começa a fazer um vai e vem com os dedos, entrando fundo em mim.

– Não pensei em nada além de você desde que transamos – ele diz. – Eu preciso te sentir e te provar de novo.

Em resposta, eu começo a tirar sua calça. Ele precisa tirar a mão de dentro da minha saia para que eu consiga baixar a calça e a cueca por suas pernas fortes. Quando chego ao chão, ajoelho na sua frente. Pressiono meu rosto contra sua virilha e seu pau duro. Posso sentir seus dedos acariciando meu cabelo e afastando as mechas. Seu pênis é incrível e quero amá-lo do mesmo jeito que espero que me ame em breve. Passo os lábios por toda a sua extensão, maravilhada novamente com a maciez da pele e a rigidez por baixo dela. Quando chego à ponta, seguro seu pau com uma mão enquanto, com a outra, envolvo e acaricio suas bolas gentilmente. Posso sentir sua respiração ficando mais curta enquanto as acaricio com o dedo indicador e então, em um movimento rápido, coloco minha boca na cabeça de seu pênis, chupando, circulando e

cobrindo-a com a minha língua, ao mesmo tempo que passo minha mão sobre ele. Dominic começa a mover seu quadril, e seus dedos agarram com força meus cabelos. Eu o chupo e o masturbo, sabendo que isso lhe dá intenso prazer. E seu prazer está me deixando ainda mais excitada e não sei por quanto tempo vou conseguir aguentar, quando ele me afasta e diz, arfando:

– Você vai me fazer gozar.

Logo em seguida, ele está ao meu lado no chão, com sua boca contra a minha novamente. Ele me beija com força e me empurra para trás com carinho, até eu deitar no chão de mármore. O contraste de nossos corpos quentes com o chão frio é estimulante, faz eu me contorcer e gemer. Então sinto Dominic empurrar para me penetrar e logo em seguida seu pau desliza para dentro de mim, me preenchendo com uma sensação deliciosa, devassa. Cruzo as pernas por trás dele para que Dominic consiga me penetrar o mais fundo possível. Eu quero – não, eu necessito dele bem no meu íntimo, me levando em direção ao prazer violento que tanto desejo.

Nós nos amamos com paixão furiosa. Ele leva seu quadril de encontro ao meu, então sobe um pouco e me pressiona de novo. Nossas línguas se encontram, se separam e se encontram novamente no ritmo de seus movimentos.

Então, repentinamente, Dominic agarra meus pulsos com uma mão, imobilizando-os por cima da minha cabeça. Um surto de excitação passa por mim. Então ser dominada é algo parecido com isso. Ficar presa sob seu corpo, enquanto ele assume o controle, é uma sensação incrível.

– Isso, minha linda, isso – ele diz com os dentes cerrados, os olhos flamejando com o fervor de sua própria sensação. – Vamos, goze para mim.

Suas palavras me dão ainda mais tesão. É como se meu orgasmo ficasse a cargo dele. Mesmo em meio a esse momento selvagem e erótico, imagino que ser submissa a Dominic seria parecido com isso. Se for mesmo, então talvez seja mais excitante do que tinha pensado. Cada estocada faz sua pélvis friccionar meu clitóris e seu pau entrar cada vez mais fundo em mim. Posso sentir as ondas começando, a sensação de prazer que se inicia na virilha e irradia

para meu ventre. Cada onda me leva mais e mais alto, em direção ao ápice. A intensidade do que sinto é lancinante. E então, quando se torna mais do que consigo aguentar, o orgasmo me atinge, me levando em um redemoinho de prazer. Grito, mas não há palavras, e enquanto me contraio e estremeço, sinto Dominic seguindo com estocadas mais curtas e duras. Então, com um gemido, ele goza também, e continua num vai e vem intenso, até que finalmente acaba.

Deitamos acabados por alguns momentos, ofegantes e tentando recuperar o fôlego. Dominic ainda dentro de mim... Eu sorrio provocante, acariciando suas costas, e ele de repente sai de dentro de mim, preocupado.

– O que foi? – pergunto e já sinto minhas coxas molhadas com sua ejaculação.

– Eu não usei camisinha.

– Bom... na verdade, eu tomo pílula – admito. – Tomo já faz alguns anos, e não parei quando o Adam e eu terminamos. Mas...

Ele assente.

– Eu sei. Sexo seguro. É importante, eu não devia ter perdido o controle desse jeito. – Ele parece sério. – Olha, eu faço exames médicos frequentemente e não tenho nenhum problema. Você não precisa se preocupar quanto a isso.

Quero dizer o mesmo, mas subitamente percebo que, claro, o Adam estava comendo outra pelas minhas costas, e não tenho como saber quantos parceiros ela teve ou se eles usaram camisinha. Meus olhos se enchem de lágrimas.

– O que foi, querida? – Dominic diz carinhosamente e acaricia meu cabelo. Quando explico com a voz chorosa, ele diz: – Não acho que você deva se preocupar, mas se isso for te tranquilizar, você pode ir ao meu médico. Ele fica perto da Harley Street e é fantástico. Eu marco uma consulta, se você quiser. Ou, se preferir, tem uma médica na clínica dele. Se isso for te deixar feliz e tranquila.

Fico tocada com a preocupação dele e o beijo no rosto. – Sim, talvez eu faça isso. Aí vou poder colocar o Adam e tudo sobre ele para fora da minha cabeça de vez.

– Bom... – Ele me beija de leve nos lábios. – Agora... vamos levantar? O chão está ficando gelado e duro.

\*\*\*

Nós nos revezamos no chuveiro e quando Dominic sai, vestindo a camiseta e a calça jeans, já tenho uma taça de vinho esperando por ele na sala de estar, e estou bem ajeitada no sofá, com um roupão de seda e minha taça de vinho na mão.

– Eu não tinha bem isso em mente quando vim vê-la – diz Dominic sorrindo, e ele senta de frente para mim. – Ou talvez eu tivesse sim, não sei...

Eu sorrio também.

– Estive tão deprimida hoje...

– Eu também... – Seu rosto fica sombrio novamente. – E ainda temos coisas para conversar...

– Sei disso – suspiro. – É difícil para mim, Dominic. É difícil entender por que algo como o que acabamos de ter não é o bastante para você. Você quer mais. Quer aquele mundo estranho que a Vanessa lhe mostrou.

Ele concorda com a cabeça.

– Não consigo explicar direito. Talvez seja meio que como usar drogas. Assim que você se acostuma com elas, é difícil voltar a não usar. Mas, no momento, o que estamos vivendo juntos é incrível, simplesmente incrível. Não há como negar isso. – Sua expressão é tomada por tristeza. – Mas sei o que vai acontecer. Após um tempo, não vou mais me satisfazer com isso, não da mesma forma. Vou querer algo mais, algo que se aproxima daquele lado perigoso. Vou querer a emoção de dominar. – Ele me encara com um olhar limpo e penetrante. – E você não vai querer ser controlada...

– Você não sabe disso – protesto. – Talvez eu queira ser controlada, sim!

Ele balança a cabeça.

– Não. A maioria dos submissos sente esse tipo de desejo desde bem jovem. É algo que se desenvolve junto com sua sexualidade.

Entenda, não é que eu queira bater em mulheres, não exatamente... eu quero exercitar controle sobre suas personalidades submissas, que desejam minha correção. E porque sou heterossexual, sinto prazer em fazer isso com mulheres. Não é uma questão de abusar de alguém, tudo é feito completamente de acordo, e é bem seguro e com limites. Mas você não quer isso... Se você quisesse ser chicoteada, espancada ou castigada, você já saberia disso a essa altura.

Agora é minha vez de encará-lo com olhos penetrantes.

– Você não sabia.

Ele parece surpreso.

– O que você quer dizer?

– De acordo com o que me contou, você não tinha desejos desse tipo até a Vanessa mostrar o que ela queria de você. E além disso, você nem sabia que gostaria de ser dominante até que viu aquela mulher levar chibatadas.

Há uma longa pausa enquanto ele pensa sobre isso, com uma das mãos esfregando distraidamente o braço da poltrona. Por fim, ele diz:

– Você está certa. Eu não sabia. Mas não sei se pode ser assim para submissos também, é isso.

– Mas por que não podemos seguir em frente e ver o que acontece? – digo quase sem esperanças. – Talvez dessa vez você não sinta a ânsia de ser dominante.

– Não posso fazer essa promessa, Beth. A verdade é que sempre aconteceu no passado. Não quero fazer você sentir algo por mim e então ter de largá-la porque não está dando certo entre nós.

– Meio tarde para isso... – digo em voz baixa.

– Eu sei. Sinto muito. – Ele mexe no tecido da poltrona, sem conseguir olhar para mim.

Observo esse corpo lindo e grande demais para as poltronas delicadas da Celia, e penso como é que isso foi acontecer.

– Então você quer dizer que, mesmo depois de tudo que fizemos, estamos terminando e você não quer continuar.

Dominic olha para mim, seus olhos carregados de tristeza.

– Acredito que sim...

Sinto-me completamente destroçada.

– Então essa foi só uma transa de despedida? – Isso soou mais cínico do que eu gostaria.

– Você sabe que não foi assim – ele diz calmamente.

Fico brava e triste ao mesmo tempo.

– Só não sei como é que você pode dizer que me quer, que não conseguiu pensar em mais nada além de mim, que veio até aqui mal daquele jeito... e então me abandonar.

Ele fecha os olhos por um momento. Quando os abre, está ainda mais triste do que estava antes de fazermos amor. Ele se levanta vagarosamente e diz:

– Sabe de uma coisa? Eu também não sei. Mas é melhor assim, Beth. Eu prometo.

Ele se aproxima de mim, se inclina e me beija os lábios. Sua proximidade é inebriante, mas fecho os olhos e tento empurrá-lo.

– Beth... – Sua voz não é mais que um murmúrio. – Não há nada que eu gostaria mais do que levá-la até meu lado mais sombrio. Gostaria de mostrar todo o desejo que tenho por você e torná-la completamente minha. Mas isso não tem volta, Beth, e eu não suportaria levá-la para lá e então perdê-la. – Há uma pequena pausa, e então ele sussurra: – Me desculpe.

Continuo com os olhos fechados, mas sei que ele se afastou de mim, e o som dos passos indicam que ele saiu da sala. Então escuto a porta se fechar e sinto meu coração se partir.

## Capítulo Onze

– Não, mãe, estou bem. Verdade. – Faço um sinal para o James, que está colocando uma xícara de café na mesa para mim, indicando que não vou demorar. Ele faz um gesto tipo “leve o tempo que precisar” e se afasta para que eu possa conversar em particular.

– Tem certeza, querida? – Minha mãe parece ansiosa. – Fico preocupada com você sozinha na cidade grande.

– Estou bem mesmo. E estou no trabalho agora, então não dá para conversar...

– Promete que vai me ligar mais tarde? E se precisar, eu posso pegar um trem para estar com você a qualquer hora.

– Não há necessidade disso, mas pode deixar que eu te ligo. Tenho que ir agora.

– Tá bom então. Fique bem. Tchau, te amo!

– Também te amo, mãe. Tchau.

Desligo o telefone, reconfortada por ter falado com minha mãe. Mesmo sem ter dito a ela o que aconteceu com Dominic, suas antenas aguçadas de mãe captaram um pouco da tristeza que não consegui evitar em minha voz.

James volta para ver como é que estou indo na revisão das provas do catálogo. Mostro a ele que estão quase terminadas.

– Bom... – ele diz. – Você tem um ótimo olho para detalhes, Beth. Isso tira um peso dos meus ombros, devo dizer. Eu mesmo não sou bom nisso. Às vezes peço para o Erland conferir tudo para mim, mas seu inglês não é perfeito, e ele pode piorar as coisas inserindo erros em vez de tirá-los. – Ele balança a cabeça, rindo. – Agora... quando a revisão das provas estiver terminada, há algo que precisamos começar a fazer.

Nós repassamos algumas tarefas. Vou ajudar a organizar a próxima mostra particular, que vai acontecer em duas semanas, e cuidarei da desmontagem da exibição atual e da instalação da próxima. Vou estar bem ocupada, e o James terá mais tempo para

lidar com clientes, que é seu forte. Já o vi trabalhando, se aproximando de um cliente que veio da rua e conversando com ele sobre a arte nas paredes. Desconfiado do papo de vendedor no começo, o cliente demorou um pouco para relaxar, mas com a orientação tranquila do James, ele encontrou um quadro de que gostou muito e, em pouco tempo, o negócio estava feito.

Fiquei impressionada. Não deve ser fácil persuadir alguém a gastar 5 mil libras daquele jeito.

– Nestes tempos econômicos difíceis, as pessoas estão vendo a arte como um investimento – James me explicou. – Gastei um tempo assegurando a ele que este artista não só não vai se desvalorizar como provavelmente o valor de suas obras vai aumentar. É com isso que os compradores estão mais preocupados agora, mas é claro que eles precisam adorar a obra também. É um investimento que pode ser bem agradável.

Agora James me olha daquele jeito dele, por cima dos óculos, que me lembra de uma coruja de livro de histórias.

– Você não parece a mesma hoje. Está tudo bem?

– Sim, tudo... – digo automaticamente, mas minha voz cansada entrega a mentira.

– Está bem. Parece que precisamos de uma boa conversinha. A galeria está sossegada, o catálogo quase terminado. – Ele puxa uma cadeira e senta de frente para mim, com os cotovelos na mesa e o queixo apoiado nas mãos. – Agora. Pode falar.

Olho para James. Mal posso acreditar que o conheço há apenas poucos dias. Estamos nos dando tão bem, e é tão fácil conversar com ele... É uma dessas pessoas que não se espantam com nada. Tenho a impressão de que James tem bastante experiência de vida e que isso, junto com sua natureza afável, o torna o perfeito ombro amigo. Além disso, ele parece mesmo interessado. *Será que posso contar a verdade a ele?*

Como se pudesse ler minha mente, ele diz:

– Você pode me dizer *tudo*.

– Bem... – Tomo fôlego e conto tudo, desde o começo e da noite em que vi Dominic pela primeira vez em seu apartamento, até a noite passada e sua recusa inflexível em dar uma chance ao nosso

relacionamento. É um alívio poder colocar tudo para fora e, quando termino, James está me olhando quase perplexo.

– Beth – ele finalmente diz, balançando a cabeça. – Esse não é o tipo de problema comum com namorado, tenho que admitir. Isso é um enigma, devo dizer.

– Não sei o que fazer – digo com tristeza. – Não posso forçá-lo a ficar comigo se ele não quer.

– Ah, isso não é o problema, querida. Ele definitivamente quer ficar com você – James afirma.

– Você acha mesmo? – digo ansiosa, quase esperançosa.

– Claro! Ele claramente é louco por você, mas está tentando fazer a coisa certa. Ele está se sacrificando por você.

– Mas ele não precisa! – eu me lamento. – Não quero que ele faça isso.

– Não... você obviamente é louca por ele também, e quando está tomada por uma emoção forte assim, vai fazer qualquer coisa. Ele já antevê problemas mais para frente e não quer que você passe por isso. Mas você está disposta a aceitar a dor depois, se puder ter o prazer agora.

Penso sobre isso por um momento, olhando para a mesa de madeira clara e a pilha de provas revisadas do catálogo. Então digo em uma voz baixa:

– E se eu aceitar a dor agora?

James me olha intrigado.

– O que você quer dizer?

– Dominic me descreveu sua necessidade de controlar como um tipo de vício, como se fosse um vício em drogas. Talvez eu possa entrar nesse mundo com ele, e juntos possamos encontrar a cura. Uma forma de sair e aprender a conviver sem isso.

Na hora em que digo, faz todo o sentido para mim. Fico até feliz, como se tivesse encontrado a solução perfeita. Claro! Se entrar nesse mundo é o que é preciso para ficar com Dominic, então é isso que vou fazer. Lembro-me de sua mão prendendo meus pulsos quando fizemos amor, sua ordem para que eu gozasse me enviando direto ao orgasmo e a emoção deliciosa que correu por mim. Talvez a jornada de descoberta revele alguns prazeres ocultos...

– A coisa é séria, Beth – diz James, com as sobrancelhas demonstrando sua preocupação. – Dominic deixou claro que ele não quer que você participe dessa parte de sua vida. Talvez seja um aspecto do seu caráter que, no fundo, ele não goste ou não deseje compartilhar com você.

– Se ele não compartilhar comigo, jamais poderemos ter um relacionamento – digo com firmeza. – E eu quero tanto, mas tanto isso. E... – sinto meu rosto corar quando digo algo que nunca imaginei confessar para ninguém, muito menos para meu novo chefe – ... parte de mim está curiosa. Quero entender o poder que esse mundo exerce sobre as pessoas. Estive vivendo pela metade durante vários anos, não quero voltar para essa existência sonolenta novamente.

James levanta as sobrancelhas para mim.

– Está bem. Assim é diferente. Se você quer fazer por você e por ele... posso entender. É menos perigoso, deixe-me colocar dessa forma. Eu seria muito contra se você fizesse isso apenas para segurá-lo. – Ele fica pensativo. – Essa é uma cena que nunca me atraiu. BDSM, como é chamada: *Bondage*, Dominação, Sadomasoquismo. Mas muitos homens gays gostam. Há os “homens de couro”, que adoram *bondage*, imobilização e castigos. Tive amigos, um casal, que viviam uma relação completa de mestre e escravo sempre que estavam em casa ou junto de amigos próximos. – James franze a testa com a lembrança. – Eu achava aquilo muito esquisito, devo dizer. Não era algo que me atraía. Observá-los naquela situação era desconfortável. Gareth era o mestre e Joe o escravo, só que Gareth o chamava de “isso” ou “1”, e Joe era literalmente um escravo. Ele cozinhava, limpava e servia Gareth de todas as formas, normalmente rastejando de quatro pelo chão. Na casa deles havia um calabouço onde realizavam seus jogos: Gareth torturava Joe por horas a fio. Para a satisfação de ambos, devo dizer – James diz com vivacidade. – Mas para ser honesto, aquilo me deixava um pouco perturbado. Fazia meu amiguinho se encolher e sumir, em vez de crescer e aparecer, se é que você me entende.

Meus olhos estão arregalados e estou ciente do nervosismo vibrando ao meu redor.

– Você acha que é isso que Dominic quer?

– Uma escrava? – James balança a cabeça devagar. – Acredito que não. Uma submissa não é o mesmo que uma escrava, da forma como entendo. Gareth me disse certa vez que Joe é um completo masoquista, ele busca vorazmente a dor.

– Quê?

– Eu sei... parece desagradável. Mesmo para os padrões BDSM, ele gostava das formas mais severas de castigo, muito além dos limites do que é considerado seguro. Não me parece que Dominic queira alguém assim. Na verdade, o fato de você ter tido uma relação sexual saudável antes de descobrir isso tudo me faz acreditar que ele não seja um sádico inveterado.

Ruborizo novamente, mas tudo isso está me ajudando muito. Sinto que estou começando a entender um pouco mais desse mundo sombrio e curioso.

– Estou tão grata por sua ajuda, James – digo sinceramente.

– Por nada, querida, mas não sei o que mais posso fazer por você.

– Na verdade – digo devagar –, tem algo sim. Sei que é pedir muito, mas...

Ele se inclina para a frente, interessado.

– Pode falar. O que é?

Uma ideia estava se formando na minha cabeça, e eu hesito por um momento, para organizar os pensamentos, e então digo o que gostaria que ele fizesse.

\*\*\*

Em casa, mais tarde, estou cansada por causa das reviravoltas extraordinárias dos últimos dias. Sinto que passei por um espremedor emocional, experimentando de tudo, desde o êxtase mais inacreditável até o desespero profundo, e isso me desgastou. Jantar, um banho quente e jogar conversa fora com o De Havilland ajuda a me reanimar. Além do mais, estou empolgada pensando no

que estou para fazer. Quando cogito isso, meu estômago se revira e mal posso acreditar no que planejei, mas também é excitante.

Limpa e renovada pelo banho, visto o robe de seda, curtindo sua textura gelada sobre a pele, e caminho até a sala. Pela primeira vez, estou meio que torcendo para que o apartamento em frente esteja escuro, mas é claro que não está. Hoje a persiana está levantada, as cortinas estão fechadas e posso ver o interior suavemente iluminado do apartamento de Dominic, embora ele não esteja lá. É uma bela visão, que me deixa mais perto dele. Normalmente eu deixaria as luzes do apartamento de Celia apagadas, para ficar invisível para Dominic, mas não hoje. Eu ando pela sala, acendendo as luminárias até o ambiente ficar com uma luz suave. Os painéis prateados se tornam vivos com a iluminação, brilhando e vibrando como a superfície da água.

Então, assim como eu esperava, Dominic aparece na sala. Ele está segurando um copo de uma bebida que parece forte – uísque, *brandy* ou algo assim, imagino – e ele está com aquele visual acabei-de-voltar-do-trabalho, como se o seu paletó e a gravata tivessem sido largados na cama, mas ele está cansado demais para se trocar completamente. Meu coração acelera quando o vejo e sou tomada pelo desejo de tocá-lo, beijar aqueles lábios perfeitos, acariciar seu rosto cansado e passar minhas mãos pelo seu cabelo negro. Também consigo sentir o cheiro daquele perfume delicioso guardado em seus poros. Mas a realidade é que estamos separados... Quando entra na sala, ele olha para o apartamento da Celia e para subitamente quando percebe que estou ali. Sei que Dominic pode me ver claramente, mas faço questão de não olhar diretamente para ele. Apesar de estar bem ciente de sua presença e da exata posição onde está, finjo não ter ideia de que ele me observa.

*Como uma atriz no palco, aparentemente ignorando seus espectadores.*

Ando pela sala organizando as coisas, reordenando fotos e enfeites, pegando e folheando livros. Sei que Dominic veio para perto da janela agora. Ele está parado em frente, me assistindo com

o copo junto ao peito e a outra mão no bolso. Ele está esperando que eu olhe, que me comunique com ele. Mas não vou fazer isso.

*Não do jeito que ele espera.*

Primeiro, para me ajudar, eu ligo o aparelho de som. A Celia deixou dentro um CD de músicas de violão clássico, que começa a tocar e preencher o apartamento com acordes suaves. Pode não ser a melhor trilha sonora do mundo, mas vai servir. Eu caminho pela sala, relaxando os membros. Na mesa há uma taça de vinho, tinto e encorpado, que eu havia enchido um pouco antes. Bebo um gole, sentindo o calor no estômago e o álcool bater no sangue quase ao mesmo tempo. Isso vai ajudar...

Dominic não saiu do lugar. Ele ainda está me observando. Fico perto da janela e começo a acariciar meus braços e a passar a mão pelo pescoço e peito, por dentro do robe, e o faço deslizar pela minha pele. Meus dedos chegam aos meus seios. O óleo de banho deixou minha pele macia e suave, e cheirando a rosas. Levanto meu cabelo e o deixo cair.

*Será que isso é sensual?, me pergunto. Será que é sexy?*

Mas sei que preciso deixar de ser racional e me perder no momento se quiser fazer isso dar certo. *Faça por você.*

Fecho os olhos e esqueço que Dominic está do outro lado me assistindo. Em vez disso, evoco o Dominic que me comeu por inteira. Imagino seu rosto carregado de desejo, sua expressão intensa enquanto me penetrava com estocadas fortes. Lembro-me de pegar seu pênis duro com a boca, chupar a cabeça e fazê-lo gemer alto. Estremeço toda e sinto a excitação se espalhar pelo corpo, minhas terminações nervosas acordam e fico molhada, preparada para o que vem pela frente.

Deslizo a mão por dentro do robe novamente, mas dessa vez eu cubro um seio com a palma e esfrego o dedão sobre o mamilo que já está enrugado e duro. Ele responde ao meu toque e provoca choques na minha virilha, me fazendo gemer. Faço o mesmo com o outro seio, acordando o mamilo com toques e um beliscão de leve, e fazendo aumentar a excitação que estou sentindo. Então, lentamente, deixo o robe cair pelos ombros. O cinto do robe o segura na minha cintura, mas meu peito está totalmente exposto.

Estou usando um sutiã de renda preta, cavado, com taças que levantam o busto.

Meus olhos estão semicerrados para que consiga ver Dominic na janela do outro lado. Sei que ele está me vendo. Imagino sua respiração ficando mais rápida e profunda quando ele percebe o que estou fazendo. Então, de repente, ele sai do lugar e logo em seguida seu apartamento fica escuro. Então ele volta para a janela, mas consigo apenas ver sua silhueta, uma sombra, e ele está um pouco afastado da janela. Mal consigo enxergá-lo.

Agora, a situação se inverteu. É ele que está na escuridão me observando, e eu estou na luz.

*Mas eu sei exatamente o que estou fazendo. Sei que ele está assistindo.*

Sinto uma onda de excitação e acarício meus seios novamente, brincando com os mamilos e sentindo-os enrugam e pressionar a renda do sutiã. Passo as mãos pelos braços, ombros e pescoço, chego à barriga e então volto aos seios novamente. Dessa vez eu os liberto das taças e exponho os mamilos que estão apontados para cima por causa do sutiã. Pego minha taça, tomo um gole do vinho, mergulho os dedos dentro e esfrego o líquido vermelho sobre meus seios.

Essa brincadeira delicada está funcionando bem comigo. Estou com a respiração curta e minha vagina está inchada e sensível, preenchida com uma deliciosa umidade quente. Dominic acordou meu corpo e agora ele está sedento por mais, ansioso para ser arrebatado novamente. Meus instintos levam minha mão para baixo. Deixo-a desaparecer entre as dobras do robe, e começo a brincar comigo, sentindo o calor entre minhas pernas.

*Você está me vendo, Dominic? Estou te excitando?*

Devagar, solto e puxo o cinto do robe. Na mesma hora ele desliza por minhas pernas até chegar ao chão, me deixando apenas com a calcinha de renda e o sutiã. Com uma mão acariciando meu peito, a outra desce e abre caminho por minha calcinha até chegar ao meu lugar secreto. Empurro um dedo para dentro, está quente e molhado. Meu Deus, estou tão pronta lá embaixo, pronta para produzir prazer ao menor toque. Aliso os lábios com os dedos e levo

meu mel ao clitóris sensível que envia mensagens deleitosas às minhas terminações nervosas.

Lambo os lábios enquanto me toco e sinto o corpo estremecer deliciosamente. Ele quer mais e mais. Acaricio o clitóris novamente, dessa vez mais forte, circundando com mais pressão. Ele está me implorando para ser mais rude, mais firme. Quer ser levado ao seu ápice, meu corpo inteiro precisa disso...

*Dominic...* Imagino que é ele quem me toca, com seus dedos grandes me excitando, entrando e saindo de mim enquanto seu dedão pressiona com força a ondulação logo acima.

Não consigo resistir ao impulso agora. Minhas pernas tremem quando ganho ritmo, acariciando com força e longamente meu lugar mais sensível.

– Dominic... – gemo em voz alta, e então o orgasmo chega, me chacoalhando e me fazendo contrair. Tenho que agarrar a mesa com a outra mão para continuar em pé, com os membros reagindo às sensações intensas. Estou tremendo com a força com que o orgasmo me atinge e me faz contorcer violentamente, até que ele passa, me deixando ofegante.

Minha cabeça cai, meus olhos estão fechados. Inspiro longamente e então agacho para pegar o robe. Eu o visto e saio da janela, apagando as luzes.

Não sei o que está acontecendo no outro apartamento. Está tudo escuro e não fico olhando para lá, de qualquer maneira. Eu me mostrei da maneira mais íntima. Agora Dominic sabe que consigo ir além do que ele imaginava.

*E isso, Dominic, é apenas o começo...*

## Capítulo Doze

– Você está pronta para isso? Tem certeza? – James me olha ansiosamente, querendo ter certeza de que não está me ajudando a seguir por um caminho que não deveria.

– Com certeza! – digo determinada. Estou usando um vestido preto sensual que comprei no dia de minha transformação e usei todas as técnicas de maquiagem que aprendi para parecer o mais sofisticada possível.

– Está certo. – Ele me dá um braço para que eu segure. – Bem, você está linda. Estou muito orgulhoso de tê-la ao meu lado.

Com isso, começamos a andar pelas ruas em direção ao Soho, sob as luzes do fim da tarde. Espero estar fazendo a coisa certa. Apesar do que aconteceu ontem à noite, não falei com Dominic. Tenho certeza de que ele viu cada segundo do que aconteceu, mas meu telefone continuou em silêncio o dia todo. Nenhuma ligação, nenhuma mensagem. Só torço para que não tenha causado o efeito oposto do que pretendia.

*Bem, o que está feito está feito.*

Mas isso é diferente... Estou entrando, sem ser convidada, neste mundo. É arriscado e perigoso porque não tenho como saber de que forma Dominic vai reagir. Sua personalidade neste outro ambiente pode ser bem diferente da que conheço.

James conversa comigo, o que ajuda a distrair minha mente dos pensamentos que não saem da cabeça.

– Então, dei uma pesquisada neste lugar – ele me diz enquanto andamos, parecendo qualquer outro casal nesta cidade indo ao teatro ou a um restaurante caro. A verdade é muito diferente do que qualquer observador poderia imaginar.

– O que você descobriu?

– Não foi fácil. Há um site na internet, mas ele é bastante vago e é basicamente para os membros. E não há nenhuma explicação de como entrar para o clube. Imagino que seja uma questão de

conhecer as pessoas certas, como sempre. No entanto, fiz algumas ligações e consegui encontrar alguém que é membro.

– Hã? – Meu interesse aumentou. – O que ele disse?

– Foi só elogios – disse James laconicamente. – Adora. Ele entrou quando descobriu que sua nova namorada é o amor de sua vida. Ele ainda não falou a ela que seus prazeres particulares envolvem enemas e chuvas douradas, por isso vai sempre ao clube para se satisfazer. Disse que vale cada centavo da filiação, que é bem cara.

Fico boquiaberta. James percebe e ri.

– Oh, minha querida, você não fazia ideia, não? – Ele dá um tapinha em minha mão de um jeito quase paternal. – Sua inocência me lembra de tempos mais felizes. Não importa. Não se preocupe, você não vai ver pessoas fazendo esse tipo de coisa em frente a uma audiência. O lugar é sofisticado demais para isso. Você vai ver quando chegarmos lá.

James sabe exatamente para onde estamos indo, o que é bom, porque comecei a ficar enjoada. Se ele não estivesse caminhando com firmeza ao meu lado, com toda a intenção de ir até o fim, eu estaria hesitando e pronta para mudar de ideia e ir para casa. Em pouco tempo passamos pelas ruas cheias do Soho e achamos a ruela que leva para aquele lugar tranquilo onde os casarões georgianos têm as janelas fechadas para o mundo exterior. Os postes de rua antigos brilham e as grades de ferro refletem sua luz. É fácil imaginar que voltamos no tempo, e que a qualquer minuto vou ouvir o trepidar dos cascos dos cavalos e o rangido das rodas das carruagens, e talvez ver alguma figura misteriosa usando fraque e cartola.

– Bem... – diz James quando paramos ao lado da casa. – Aqui estamos. O Asylum. Podemos entrar e nos juntar aos lunáticos?

Tomo fôlego.

– Sim – digo com firmeza. E descemos a escada de metal em direção à porta negra abaixo.

Dentro, o homem que vi antes está sentado à mesa. Ele parece tão assustador e esquisito como me lembrava, com as tatuagens cobrindo metade do rosto e da cabeça, e com aqueles olhos

estranhamente claros, quase brancos. Ele nos vê quando entramos, e seu olhar se dirige imediatamente para James. Espero que tenha se esquecido da breve visita que fiz aqui outro dia, mas, só para garantir, fico olhando para baixo.

– Sim? – ele diz, em um tom pouco amigável.

– Boa noite. Não sou um membro, infelizmente... – James diz soando mais confiante do que eu jamais poderia –, mas meu amigo Cecil Lewis é, e ele disse que iria providenciar para que fôssemos bem recebidos esta noite.

– Cecil? – O homem inclina a cabeça, ainda frio mas um pouco menos hostil. – Claro, todos conhecemos o Cecil. Só um momento.

– Ele se levanta e desaparece no corredor escuro em direção à esquerda, para onde imagino que estejam os quartos sob a rua. Nós dois trocamos olhares, o meu mostrando preocupação e o de James que ele está se divertindo. Ele levanta a mão para me mostrar os dedos cruzados. Logo em seguida o homem retorna. – Tudo certo, o Cecil providenciou tudo. Vou precisar criar cartões temporários para vocês e os dois serão cobrados pelo entretenimento de hoje à noite.

– Sem nenhum problema – James responde calmamente e pega sua carteira.

– Nós não trabalhamos com dinheiro aqui – o homem diz, como se algo assim fosse incrivelmente vulgar. – Vocês irão receber a conta. Preciso dos seus dados neste livro. Como o Cecil os indicou, você devem entender que ele será cobrado caso não pague.

– Claro. Meu clube funciona exatamente da mesma forma – James diz sem ser intimidado. Ele se inclina, pega a antiga caneta de prata e a mergulha no tinteiro. Escreve seu nome e dados. – Pronto. Aqui está.

O homem se vira para mim.

– Agora você.

Pego a caneta obedientemente e escrevo meu nome e o endereço do apartamento de Celia, e então devolvo a caneta.

O porteiro nos dá dois cartões brancos. Neles está escrito em preto as palavras *Membro Temporário de O Asylum* e embaixo *Sua discricção é necessária*. Pego o meu e o aperto. Meu cartão de entrada para esse mundo secreto.

– Vocês podem entrar agora – o homem diz e aponta para o corredor em direção à direita. Sei aonde ele vai levar. Para o clube em si.

– Obrigado.

James vai na frente e seguimos pelo corredor em direção ao ambiente mal iluminado que nos aguarda. Ao entrarmos, vejo que continua igual à outra vez que estive aqui, mas agora tenho mais tempo para observar. Tento não encarar ninguém, e meus olhos são atraídos para as jaulas no fundo da sala. Elas estão lá, mas dessa vez estão vazias, como se fossem grandes gaiolas redondas. As correntes estão lá dentro, penduradas.

– Havia pessoas lá antes – falo em voz baixa para James, apontando com o rosto. – Mulheres em roupa de couro.

– Por que será que estão vazias esta noite? – ele diz. James caminha por entre as mesas até achar uma vazia. – Vamos sentar aqui.

A sala está bem escura. A única iluminação vem das velas nas mesas e de algumas luminárias nas paredes. O ambiente parece bem sórdido. À nossa volta, há pessoas sentadas nas mesas e garçons vestidos de camisas pretas de gola rolê e calças pretas caminhando por entre as mesas, servindo bebidas. Ninguém parece estar comendo. Fico com a impressão de que ali se sacia outro tipo de apetite.

Um garçom se aproxima e nos apresenta a carta de bebidas. James a folheia por um momento e diz:

– Uma garrafa de Château Pichon Longueville Comtesse de Lalande, ano 96, por favor.

– Sim, senhor. E... – O garçom nos olha impassivelmente. – Que tipo de quarto o senhor irá desejar mais tarde?

– Ah... – James parece desconcertado pela primeira vez. – É, bem, não estou certo, na verdade. Ainda não decidimos.

O garçom parece surpreso.

– Mesmo?

– É que somos membros temporários, ainda não sei o que vocês oferecem.

– Ah, entendo – o garçom diz. – Vou pegar o menu, senhor, para que possam ver tudo o que temos.

– Agora vamos descobrir – James murmura quando o garçom sai.

Olho em volta para ver as pessoas. À primeira vista, parecem normais, bem-vestidas e relaxadas naquele ambiente incomum, bebendo coquetéis e vinho caro. Mas quando observo mais atentamente, vejo uma dinâmica inesperada acontecendo. Em uma mesa parece que há duas mulheres bebendo juntas, mas logo percebo que uma das mulheres na verdade é um homem, vestido e maquiado como mulher. Ele mantém os olhos abaixados o tempo todo e só se mexe para encher o copo da mulher ou responder quando ela fala algo.

– Olha... – digo para James e ele olha discretamente. – É um travesti?

James sussurra:

– Acho que não. Mas não me pergunte o que eles vão fazer.

Em outra mesa, uma mulher parece estar bebendo sozinha, mas um movimento me chama a atenção e vejo um homem sob a mesa, agachado em frente a seus pés. Então noto que ele está lambendo suas botas de couro, de forma cuidadosa e ritmada, como um gato lambendo as patas.

O garçom volta com a bebida e diz:

– Hoje é noite de cabaré, senhor. É muito popular com certo grupo de membros. Logo depois há uma grande demanda pelos quartos, então é melhor reservar quanto antes.

Ele nos deixa com uma garrafa aberta de vinho e o menu. Eu olho e leio da forma que consigo na semiescuridão.

– A ala do berçário – digo alto o suficiente para James ouvir. – Duas câmaras disponíveis, cada uma completamente equipada para todas as necessidades do bebê. A sala escolar: adequada para educação e castigo dos pupilos. A sala do trono: uma câmara luxuosa para a rainha. Monte Olimpo: um ambiente celestial, projetado para a deusa e seu favorito, mas adequado para deuses e suas escravas também. A sala molhada: adequada para todo tipo de jogo. O calabouço: três câmaras subterrâneas separadas

completamente equipadas, onde mestres podem aplicar em seus escravos todo tipo de punição. – Baixo o menu e me sinto um pouco sem ar. – Meu Deus. Que lugar é esse?

– O Dominic não lhe falou sobre ele? – James pergunta.

– Ele disse que era um lugar seguro para as pessoas viverem suas fantasias. Eu só não tinha percebido que tipo de fantasias eram essas.

James balança a cabeça.

– Não há limites, querida. Não há limite algum.

– Mas... um *berçário*?

– Aposto que você vai encontrar lá os bebês mais sarados e fortões que existem – James comenta dando risada.

– Mas pense desta forma. Alguns machos alfa precisam relaxar quando não estão no controle do mundo, levando nos ombros a responsabilidade gigante que vem com seus empregos ou o dinheiro. Nada melhor que voltar à segurança da infância.

– Acho que consigo entender isso – digo e o interrompo. – Mas se vestir como um bebê... e eles ficam excitados com isso também?

– Você se surpreenderia com as coisas que dão prazer sexual às pessoas. Imagino que algumas possam sentir algo sexual até pagando imposto de renda. Eu tinha uma amiga que ficava excitada toda vez que fazia *sudoku*. Ela tinha pilhas de revistas de *sudoku* ao lado da cama e ficava em pânico toda vez que ficava sem caneta. – Ele ri. – Estou exagerando, mas você entendeu o que quis dizer.

James enche nossas taças de vinho. Ele fica com um brilho de cor rubi à luz das velas.

– Acho que você vai gostar deste aqui, é muito bom – ele diz, admirando o líquido no copo. James bebe um gole. – Oh, é fabuloso.

Também bebo. Ele tem razão. Não entendo muito de vinho, mas posso dizer que se trata de algo especial, muito suave e delicioso.

Enquanto apreciamos o vinho, algumas luzes se acendem e, pela primeira vez, vejo um pequeno palco na frente da sala. Dois holofotes acendem e no meio da luz entra uma mulher. Ela é linda e tem um belo corpo, e está usando um lindo vestido vermelho e salto alto. Seu cabelo e maquiagem são os de uma estrela de cinema de

antigamente. A música toca e ela começa a cantar em uma voz rouca uma canção sobre querer ser amada, só um pouco. O show parece ser o de um cabaré normal até que ela começa a tirar a roupa. O vestido sai em duas peças separadas, revelando um espartilho espremendo a cintura minúscula e empurrando para cima seios grandes, calcinha de seda e cinta-liga.

– Até que ela é bonita... – James murmura.

É uma apresentação burlesca, do tipo que voltou a ser popular já faz um tempo. Enquanto ela continua cantando a música de clube noturno abafado, o espartilho cai e revela seios maiores que o esperado. Ela se contorce, rebolando e posando delicadamente nos saltos. Então os sapatos voam para longe e ela tira a cinta-liga também. Só restou a calcinha de seda, e quando a música chega a seu ápice, a cantora desabotoa algo atrás e a calcinha cai, revelando um pênis enorme e duas bolas depiladas. A audiência faz um som que é uma mistura de exclamação com sobressalto. A cantora puxa o pênis por um momento e o solta, fazendo-o cair balançando, e então sorri para os espectadores como se esperasse a admiração por seu membro.

– Uau! – diz James com uma voz surpresa. – Por essa eu não esperava.

Eu rio.

Outra mulher de espartilho entra e começa a repreender a cantora, que finge estar espantada e então envergonhada. Esta mulher – que parece ser mulher mesmo, até onde posso dizer – tira um chicote de hipismo, que faz a cantora se encolher e fingir estar com medo. Ela se joga no chão e a outra mulher começa a bater nela com o chicote curto, descendo com força em suas costas e nos ombros, ao mesmo tempo que dá uma bronca na cantora por seu exibicionismo.

Os espectadores estão claramente gostando do show. Talvez esse espetáculo seja o motivo por que há tantas mulheres dominadoras e seus submissos ali naquela noite.

– Não faço ideia do que dizer quando vierem perguntar qual quarto vamos querer... – James sussurra, colocando mais vinho na taça.

– Talvez seja melhor só inventar uma desculpa – digo enquanto continuo assistindo à apresentação no palco. Alguém está vindo até nós em meio à escuridão. – Acho que o garçom está vindo – digo ao James. – Melhor ter a desculpa pronta já.

Mas assim que ele se aproxima, vejo que não é o garçom. É Dominic, com o rosto pálido e os olhos frios como o gelo. Meu estômago se revira com uma mistura de prazer e medo, e eu gelo quando ele se aproxima.

– Beth – ele diz com a voz baixa –, o que você está fazendo aqui? – Ele lança um olhar hostil e terrível para James. – E que merda você está fazendo com esse cara?

– Olá, Dominic – digo, tentando parecer indiferente, embora seja difícil com ele tão perto. Ele está usando suéter preto de caxemira e calças escuras, e está lindo. – Não sabia que você estaria aqui hoje.

– Bem, estou – ele diz com a voz quase tremendo. Posso ver que está se esforçando para conter as emoções.

*Por que ele está bravo comigo? Ele não tem o direito! Ele não manda em mim, saco, e nós terminamos.*

Esse pensamento me ajuda a continuar firme.

– Como você sabia que eu estava aqui? – pergunto com coragem.

– O nome de vocês apareceu no sistema – é sua breve explicação, embora eu não saiba como foi que essa informação chegou até ele. Dominic olha para James de novo. – Quem é esse?

– Um amigo – digo rapidamente.

Os olhos negros de Dominic queimam em minha direção. Ele sabe que não tenho amigos em Londres, mas não vai me fazer mais perguntas na frente do James. Ele me encara por um tempo e então diz com frieza.

– Não quero você aqui.

Essas palavras me machucam muito, mas finjo que não me atingiram.

– Não me importa o que você quer – respondo com minha voz indiferente. – Estou livre e desimpedida.

– Não para vir aqui. Este é um clube particular. Posso pedir para vocês saírem.

– Podemos ir – James intervém –, mas você se importa se terminarmos esta garrafa? Ela é muito boa, sabe...

Dominic olha para ele como se um verme tivesse acabado de falar, e então diz:

– Tudo bem. Terminem a bebida e vão embora. – Ele se vira para mim. – Beth, você está bem com esse cara? Posso colocá-la em um táxi de volta para casa.

Dou de ombros e levanto o queixo, desafiadora.

– Não preciso da sua ajuda. Posso cuidar de mim mesma.

Dominic abre a boca, e então a fecha novamente. Me olha mais uma vez com os olhos flamejando e então diz secamente:

– Está bem. – Ele se vira e caminha pelo salão. Nós o observamos enquanto o resto das pessoas permanece focada no espancamento que acontece no palco.

– Bem, há uma coisa que preciso dizer sobre isso – James comenta, levando a taça de vinho à boca. – Este jovem claramente não a esqueceu. Muito pelo contrário, na verdade. – Ele sorri para mim. – Se você queria provocá-lo, acredito que conseguiu.

\*\*\*

James e eu dividimos um táxi para casa, apesar de ele morar num bairro que fica em uma direção completamente diferente.

– Não me importo – ele diz –, posso levar o tempo que for até Islington. Você tem certeza de que vai ficar bem sozinha esta noite?

Aceno com a cabeça.

– Vou ficar bem. Estou acostumada, e tenho o De Havilland para me fazer companhia. – Uma nuvem negra de depressão está em cima de mim e já não consigo me lembrar do que queria conseguir indo até lá. Se eu esperava que Dominic fosse me receber de braços abertos, então estava terrivelmente enganada.

– Tudo bem, se você está certa disso – diz James, então ele me dá um beijo no rosto e aperta minha mão quando saio do táxi. – Vejo você amanhã. E me ligue se precisar.

– Eu vou. Boa noite...

Subo devagar, sentindo todo o peso da minha tristeza. Minha experiência no clube me deixou insegura sobre tudo o que havia decidido. Queria dar o primeiro passo em direção a Dominic, para ver se podíamos nos encontrar no meio do caminho, mas não faço ideia de como posso ir além. James não pode me ajudar além disso, e não tenho mais a quem recorrer.

A menos que... o rosto de Vanessa aparece em minha consciência. Ela é a única outra pessoa que conheço em Londres, e ela deve ser a única que possui alguma influência sobre Dominic. Será que ela... me ajudaria? É improvável, imagino, mas até aí... Só que... como vou falar com ela?

No apartamento, vou até a janela da sala e olho para fora, mas é claro que o apartamento está na mais completa escuridão. Eu sei onde Dominic está. Lembro-me de como fiquei aqui na noite passada, e do que fiz.

*Será que eu me humilhei?*

Suspiro. Não tenho a menor ideia. Mas posso ver que entrar no mundo de Dominic vai ser mais difícil do que imaginava.

## Capítulo Treze

O dia seguinte foi bem ocupado na galeria e o James me faz ficar até mais tarde para supervisionar a remoção da exibição atual. O artista vem para conferir se está tudo indo bem e se os quadros estão sendo tratados com o cuidado apropriado. James acaba abrindo uma garrafa de vinho branco e nós terminamos tendo uma noite divertida. Este é definitivamente o tipo de carreira para mim, penso. Paparicar artistas e ficar levemente embriagada com o patrão? Por mim tudo bem.

Tento não pensar em Dominic e em vez disso me concentro no plano de chegar até Vanessa. A única coisa em que consigo pensar é voltar até o Asylum e exigir falar com ela – mas Dominic poderia muito bem estar lá, o que arruinaria esse plano. Não sei seu sobrenome nem mais nada sobre ela.

Mais tarde nessa noite, fico mais deprimida do que nunca. Já estou quase na metade da minha estadia aqui, e o tempo parece voar... Adoro meu emprego, mas como vou fazer se não posso viver no apartamento da Celia? Meu salário é baixo e preciso começar a me planejar agora, se pretendo ficar em Londres. Neste momento, não há nada mais que eu gostaria de fazer. A ideia de voltar para casa é terrível. Dei passos em direção a uma nova vida e não consigo me imaginar retrocedendo.

E ainda há o fato de que não consegui avanços com a ideia de localizar Vanessa.

O único lado positivo é que o James me convidou para sair no fim de semana. Ele vai me levar ao teatro e então a um de seus restaurantes favoritos, onde me garantiu que vou ver alguém famoso, já que sempre tem uma celebridade ou duas comendo por lá.

Estou me preparando para assistir, no *notebook*, a um filme que comprei no meu horário de almoço. Sem televisão, acabei pegando alguns filmes para me distrair à noite no apartamento. Hoje escolhi

ver um dos meus favoritos, *As Três Noites de Eva*, um filme em preto e branco dos anos 1940 com Barbara Stanwyck e Henry Fonda. Os diálogos perspicazes sempre me fazem rir.

Estava sentada e vendo os créditos de abertura quando escuto baterem na porta. Na mesma hora meu coração dispara. Pauso o filme e corro para a porta, mal conseguindo respirar. Eu abro e lá está ele. De calça jeans, camiseta clara e um suéter de caxemira cinza-escuro, tons que destacam ainda mais seus olhos escuros.

– Olá, Dominic. – Minha voz sai quase um sussurro.

– Oi. – Ele parece frio, os olhos meio distantes. – Você tem um minuto? Podemos conversar um pouco?

Aceno com a cabeça e me afasto para ele entrar.

– Claro.

Ele caminha até a sala e olha para o computador com o filme pausado.

– Ah, você estava vendo algo. Me desculpe por interromper.

– Não seja bobo. Sabe que prefiro falar com você.

Eu me sento no sofá, desejando saber que ele viria, para poder ter escovado o cabelo e conferido o rosto.

Ele não diz nada, mas vai até a janela e fica olhando para fora. Seu perfil fica bem claro contra o vidro e eu admiro a linha reta de seu nariz. Posso ver pela sua boca que a mandíbula está apertada. Ele parece tenso e desconfortável.

– Tem alguma coisa errada, Dominic? – arrisco. De Havilland pulou para perto de mim e está empoleirado em suas patas como uma grande galinha peluda. Passo a mão por seu pelo macio e ele ronrona.

Dominic se vira para me olhar e seus olhos estão brilhando.

– Tentei manter você longe – ele começa. – Mas isso está me matando. Preciso saber quem é aquele homem e o que você está fazendo com ele. – Ele caminha até mim, em dois passos. – Por favor, Beth. Quem é ele?

Olho para Dominic, me concentrando no ronronar sob os dedos para manter a calma, já que De Havilland está imperturbável ao meu lado. Será que minto ou conto a verdade? Sinto que o que vou dizer agora vai influenciar o rumo de tudo.

– Ele é um amigo – digo calmamente. É difícil ter o Dominic tão perto de mim e não poder tocá-lo. – Um amigo que prometeu me ajudar.

Ele se lança sobre minhas palavras.

– Ajudar com o quê?

Espero um longo tempo antes de falar, olhando para seu rosto. Eu o conheço há tão pouco tempo e ele já significa tanto para mim. Não sei se o que vou dizer mudará tudo, mas sei que não quero que as coisas continuem como estão. Então digo bastante calmamente...

– Ele vai me ajudar a entrar no seu mundo.

O rosto de Dominic muda de cor. Seus lábios estão brancos e mal se movem quando ele diz:

– Como é que ele vai fazer isso?

– Você não acha que eu consigo. – Todas as minhas emoções borbulham até a superfície e olho para ele de forma intensa. – Mas eu posso e quero, e ele vai me ajudar.

– Oh, meu Deus. – Dominic afunda na poltrona e coloca o rosto entre as mãos. Sei o que deve estar passando pela cabeça dele agora: imagens de James e eu, juntos. Em sua mente, estou deixando James fazer todas as coisas que ele jurou jamais fazer. Isso deve torturá-lo, posso entender. Quando olha para mim, seus olhos estão machucados. – Você o deixaria fazer isso?

Eu me inclino em sua direção, desesperada para fazê-lo entender.

– Quero estar perto de você, quero estar com você. Se é isso que preciso fazer, então é isso que quero fazer.

– Não – ele diz, desesperado. – Isso não. Eu consigo viver sabendo que desisti de você, mas não posso suportar isso.

Levanto e me jogo no chão, colocando as mãos em suas pernas, como se estivesse suplicando.

– Mas você não precisa – digo implorando. – Não tem que ser com ele. Pode ser com você...

Aos poucos, ele descobre o rosto e olha para mim, com um misto de desespero e relutância.

– Você está falando sério? É isso mesmo o que quer?

– Sim. De verdade. E se não for com você, vou encontrar outra pessoa, se for o caso.

Nossos olhos estão fixos um no outro. Nunca me senti mais completa do que quando estou olhando para ele. Ele se inclina e me levanta devagar.

– Beth – ele diz com a voz rouca. – Meu Deus, eu te quero tanto. Você não tem ideia do que está pedindo. Mas pensar em você com outra pessoa está me matando.

– Então me deixe ficar com você...

Levanto sua mão até a minha boca e a beijo. Chupo gentilmente um de seus dedos, envolvendo minha língua nele. Dominic assiste com os olhos ficando cheios se enchendo de desejo. Chego mais perto, solto sua mão e deixo que ela me pegue por trás da cabeça e me puxe para si. Nossas bocas se tocam e se apertam, de um jeito devagar, provocante. Sinto o calor de sua língua em meus lábios, e na mesma hora os abro para que a deixem entrar. Sua língua me explora, e eu inspiro seu sabor familiar e delicioso. Pressiono sua boca de volta e estamos perdidos em nosso beijo, sua mão em minha cabeça me puxando ainda mais perto dele.

Por fim, nos separamos, sem fôlego. Nossos olhares continuam fixos um no outro, o calor entre nós é incrível, e então ele diz:

– Eu te vi. Naquela noite, aqui.

– Você quer dizer...

– Sim, quando estava sozinha. – Seus olhos brilham. – Foi extraordinário.

– Você... ficou feliz?

– Feliz? – Ele acaricia minha mão. – Nunca senti nada parecido.

Sorrio, envergonhada mas feliz.

– Foi só para você.

– Eu sei. Foi um presente lindo. – Ele ri e continua: – Só vamos torcer para que o senhor Rutherford, do andar de cima, não estivesse olhando, ou ele finalmente teve o ataque cardíaco de que não para de falar.

Nessa hora, nós dois relaxamos.

– Você vai ficar? – pergunto.

– Não sei como é que eu poderia partir – ele responde, com os olhos cheios de desejo.

– Então vamos... – Levanto, pego Dominic pela mão e vamos juntos ao quarto.

Ele tira minha roupa devagar, parando o tempo todo para beijar cada pedaço de pele que está descobrindo. A sensação de seus lábios e da ponta da sua língua na minha pele me deixa louca. Quando estou só de calcinha e sutiã, não resisto à vontade de tocá-lo.

– Minha vez – digo, passando as mãos sob sua camisa e o suéter, com sua permissão. Tiro seu suéter primeiro e então desabotoo a camisa devagar, beijando seu corpo onde cada botão solto mostra seu peito. Posso ver pela forma do jeans que seu pênis já está ereto e ansioso para se libertar, então desabotoo a calça também, puxando-a para baixo por suas pernas longas e musculosas.

Quando Dominic está só de cuecas, eu pego sua mão e o levo para a cama. Deitamos juntos, passando a mão pelo corpo um do outro, eu pegando com vontade seus músculos e ele as curvas suaves de meu peito e meu ventre.

Desço minha mão, passando pela trilha de pelos que me levam do seu umbigo até sua cueca. Quando toco a cabeça de seu pênis, ele pulsa e se move sob minha mão. Eu faço um vai e vem com a mão em seu membro quente, então me inclino lentamente para beijar sua barriga, lambendo carinhosamente sua pele enquanto desço em direção ao seu pênis duro.

Ele geme.

– Ah, Beth... isso é tão bom.

Eu me afasto para poder tirar sua cueca, puxando-a pelas panturrilhas e calcanhar. Então subo lentamente por seu corpo até estar sentada em cima de suas coxas. Seus olhos estão focados em meus seios, ainda confinados pelo sutiã, e na calcinha, que esconde meu sexo de seu olhar.

Inclino-me sobre seu corpo, deixando meu cabelo passear levemente por sua pele. Pego seu pau com as duas mãos, movendo a pele carinhosamente.

– Você é tão grande – digo.

Dominic não diz nada, mas sua boca está aberta e sua respiração, irregular.

– Eu quero você, quero te pegar com a boca e te chupar inteiro – digo com a voz rouca, olhando em seus olhos e vendo seu têsão aumentar quando falo.

Então deslizo para baixo e respiro de leve sobre a cabeça de seu pênis, na parte mais macia. Lambo em volta, circundando com a língua a cabeça do seu pau, e então abro os lábios e a deixo preencher minha boca. Uma mão continua segurando na base, enquanto a outra vai por baixo e brinca de leve com suas bolas, o dedo indicador massageando no ponto sob elas, aquele lugar que o faz se contorcer quando toco.

Ele geme e mexe um pouco o quadril, empurrando seu pênis mais fundo em minha boca. Por vários minutos, eu chupo e brinco com ele, me deleitando com o efeito que estou tendo sobre Dominic, o desejo cada vez maior em seus olhos e a forma como sua perna pressiona meu sexo quente e molhado e estimula meu clitóris.

– Beth – ele diz ofegante –, não vou conseguir me segurar por muito tempo, vou gozar na sua boca...

Parte de mim quer que ele goze, mas também estou ávida por mim mesma. Tiro minha boca dele e me afasto um pouco para poder tirar a calcinha e volto a deslizar sobre ele, dessa vez um pouco mais acima. Eu me apoio sobre os joelhos e me posiciono sobre ele, segurando seu pênis para o alto, afastado da barriga. Seus olhos estão carregados da antecipação do que vai acontecer. Eu desço até a cabeça do seu pau, e o deixo brincar na minha entrada úmida e escorregadia. Estou louca para sentir seu pênis duro, tudo em mim está exigindo isso, mas também estou curtindo esse momento de provocação.

Dominic coloca as mãos sobre meu quadril, deslizando--as sobre as minhas nádegas.

– Vem – ele diz –, eu preciso de você.

Quando ele diz isso, eu me forço para baixo, mergulhando seu membro dentro de mim, cobrindo-o por inteiro. Ele me preenche e, por um momento, acho que ele perfurou algo em mim, de tão fundo que está. Gemo e mexo a cabeça, arqueando as costas com a

sensação voluptuosa. Suas mãos mexem meu quadril no ritmo de seus movimentos e estamos em perfeita sincronia, meu corpo encontrando seus impulsos e nós dois gemendo forte quando ele me atinge no ponto certo dentro de mim.

O poder começa a crescer internamente e posso sentir Dominic acelerar. Minha longa devoção oral ao seu pênis o deixou à beira de um orgasmo explosivo e ele vem se aproximando de Dominic. Seu tesão tem um efeito incrível em mim. Toda vez que me penetra, a sensação fica mais intensa, é uma excitação forte, vibrante, elétrica. Então suas pernas se contraem, seu rosto se contorce com a intensidade da sensação física pulsando por seu corpo, e seu orgasmo o chacoalha, explodindo dentro de mim. Na mesma hora, atinjo meu clímax e convulsiono com o prazer. Quando meu orgasmo se dissipa, estou esgotada e caída no peito dele.

Dominic suspira ao retornar a si, me abraçando e acariciando meu cabelo.

– Isso foi como voltar para casa.

– Não quero que você me deixe nunca mais... – digo passando a mão por sua pele. Está toda suada por nosso esforço. – Quero estar com você. Faço qualquer coisa. E aí, você vai me mostrar? Vai me deixar participar?

Ele aperta minha mão com força e passa a boca por meus ombros. Então, me olhando firme nos olhos, diz:

– Sim, eu vou. Irei levá-la comigo. Prometo.

Uma sensação de calma profunda toma conta de mim, apesar de saber que venci uma batalha que pode não me trazer a felicidade.

– Obrigada – digo.

Ele me olha com seus olhos negros, negros... e não diz nada.

**a terceira**

**semana**

## Capítulo Catorze

*Beth*

*Obrigado pela noite maravilhosa. Estarei fora no fim de semana cuidando de negócios, mas iremos começar na segunda. Vou pegá-la após o trabalho e iremos jantar. bjs D*

Encontro o bilhete sobre o travesseiro vazio ao meu lado quando acordo. Leio e releio diversas vezes, e então o seguro junto ao peito, olhando para o teto. Eis a prova de que eu fui bem-sucedida na tarefa que dei a mim mesma. Dominic vai me levar por um caminho sombrio em direção a um lugar que não consigo imaginar. Não faço ideia do que me aguarda. Nunca tomei nem um tapa, não de verdade. Meus pais nunca me bateram e meus irmãos brigavam entre si em vez de comigo.

*Agora eu pedi ao homem que mais quero no mundo que faça isso comigo. E não tenho a menor noção do que isso realmente significa.*

Levanto e vou até o banheiro. Até que comece, ainda tenho o fim de semana. James vai me levar para sair, o tempo ainda está quente e ensolarado, sou jovem e é verão. E há um homem delicioso em minha vida. Considerando tudo, penso ao sair da cama, minha vida poderia estar bem pior.

\*\*\*

O fim de semana é permeado por tudo o que me aguarda... Mesmo quando estou aproveitando o teatro e o restaurante chique, ou tomando sol e passeando de barco pelo rio, a apreensão sombria e empolgante está sempre comigo.

James quer saber o que está havendo com Dominic.

– Ele parece ser uma pessoa difícil, pensei – diz –, mas como é lindo! Não é à toa que você perdeu a cabeça por ele... – e apesar de não saber exatamente o que está acontecendo, James é rápido para

entender. – Apenas tome cuidado, Beth. Não se esqueça de que não é possível separar nosso coração do corpo. As emoções são sua parte mais forte. Seja lá o que pense que seu corpo aguenta... bem, é o que você mesma consegue suportar.

Sei que ele está sendo sincero quando me diz que estará ao meu lado, caso eu precise. Só torço para não precisar.

\*\*\*

A segunda-feira chega e, com ela, aumenta a sensação de antecipação e medo. Mal consigo manter a cabeça no trabalho durante o dia, e preciso ter uma conversa séria comigo mesma no espelho do banheiro.

Ao encarar meu reflexo, vejo que de alguma forma estou diferente. Talvez seja minha roupa de trabalho caprichada, com camisa branca, saia preta e um cardigã preto acinturado, e pela forma como meu cabelo está puxado para trás em um rabo de cavalo firme. Mas sei que pareço mais velha e experiente do que há algumas semanas. Um pouco mais preparada para ousar, talvez...

– Agora vamos lá, Beth – digo com firmeza para mim mesma no espelho. – Ele não vai chegar dizendo oi, puxar a chibata e começar a descer o braço em você. Não vai ser assim.

Qualquer que seja meu temor, estou segura de que Dominic será um guia bom e gentil. Tenho que relaxar e confiar nele. Preciso me colocar inteiramente em suas mãos.

*Talvez esse seja o significado disso tudo. Será que já concordei em me entregar e dar a ele o controle de que tanto gosta?*

Fico espantada com o paradoxo que exige toda a minha força de vontade e determinação para me levar a um lugar onde me coloco à mercê de outra pessoa. Mas percebo que confio em Dominic para me proteger, e essa sensação é profundamente reconfortante.

*E vou descobrir mais hoje à noite...*

Meus olhos estão brilhando. Sei que estou empolgada pela forma estranha como as coisas se desenrolaram. E só preciso aguardar por mais algumas horas.

\*\*\*

Dominic chega no momento em que James está colocando a plaquinha de “fechado” na porta da galeria. Sou tomada de orgulho quando ele entra, tão alto, lindo e elegante em seu terno grafite com a gravata de seda dourada. Como sempre, ele está impecável, mas seu rosto logo é tomado de espanto quando vê James e o reconhece do Asylum.

– Encantado por vê-lo novamente – James diz, inabalável como sempre. – Tenham uma ótima noite, vocês dois.

– Obrigada, James, boa noite – digo pegando minha bolsa e indo encontrar Dominic na porta.

– Ele é seu *chefe*? – Dominic diz depois de me beijar nos lábios. Confirmo com a cabeça e dou um sorriso travesso.

– Nós ficamos íntimos bem rápido...

Sáímos da galeria juntos e caminhamos pela rua. Dominic franze a testa e posso ver um pouco de ciúmes em seus olhos. – Não íntimos demais, espero. Ele iria mesmo ter algum tipo de relacionamento com você?

– Vou te contar um segredo – digo e o puxo para baixo, para minha boca ficar perto de sua orelha. – Ele é gay.

Dominic parece amolecer um pouco, mas ainda ruge.

– Isso não quer dizer muita coisa no meu mundo, posso te garantir. Você ficaria surpresa com o que pode acontecer quando as barreiras caem.

– Aonde estamos indo? – pergunto, pegando-o pelo braço e ficando bem próxima dele enquanto caminhamos. Por alguma razão, sinto mais carinho por ele do que nunca, e estou louca de vontade de tocá-lo e abraçá-lo. Por um momento, penso se poderíamos cancelar tudo isso e simplesmente ir para casa ficar abraçados no sofá. Então lembro: *Dominic não é o tipo de cara que fica abraçadinho no sofá. É assim... ou não tem jeito.*

– Estamos indo para o Asylum – responde. Ele parece um pouco distraído, mas talvez seja só a vontade de sair logo das ruas carregadas de pessoas voltando do trabalho.

– Ah... – Fico um pouco desapontada. Tinha imaginado que iríamos fazer algo diferente, mas acho que isso faz sentido. Esse lugar representa uma grande parte da vida de Dominic, então preciso conhecê-lo.

Logo já estamos descendo pelas escadas de metal até a porta. Ainda é muito cedo e o lugar parece deserto. A recepção está vazia, mas Dominic me leva para dentro sem hesitar. O homem tatuado está atrás do bar, escrevendo algo em uma prancheta, e nos vê chegando.

– Boa noite, Dominic – diz de forma bem amigável, em contraste com sua aparência agressiva.

– Oi, Bob – Dominic responde. – Ela está aqui?

– Lá em cima. Vou chamá-la. – O homem tatuado pega um telefone e faz uma ligação rápida.

– O nome dele é Bob? – digo incrédula em voz baixa. Dou uma risadinha.

– Sim. O que tem de estranho nisso?

– Bom... ele não se parece com alguém chamado Bob, só isso.

– Hmm, é. Ele parece mesmo bem estranho – Dominic admite sorrindo. – Acho que eu é que me acostumei com ele.

– Bob – digo novamente, e dou risada.

Olho para o bar vazio e penso em como o lugar fica diferente sem ninguém, em como a aparência muda bastante... quando a porta atrás do bar se abre e Vanessa entra.

Ela está maravilhosa com um terninho carmesim, camisa de seda branca e salto alto. O batom combina com o terno, e seus cabelos curtos estão soltos, atenuando um pouco o visual. Seus olhos, no entanto, não estão exatamente nos dando as boas-vindas quando ela se aproxima.

– Querido – ela diz sorrindo para Dominic e o beija no rosto. Então ela se vira para mim com um rosto completamente frio. – Olá. Então nos encontramos novamente. É um prazer inesperado.

Aceno com a cabeça, subitamente tímida. Ela parece tão além de qualquer coisa que eu possa ser.

– Vamos para meus aposentos – ela diz e se vira na direção em que veio. – Sigam-me.

*Então é isso. Estou sendo levada para além da zona de segurança.*

Eu a sigo, e Dominic vem atrás, perto de mim. Passamos por uma porta de baeta escura e entramos na parte mais privativa do clube. A princípio, não há nada para ver. Um corredor, uma escada, portas fechadas. Subimos ao primeiro andar e Vanessa se vira para Dominic.

– Ela gostaria de ver algumas das câmaras?

– Por que não pergunta a ela? – Dominic diz em voz baixa. – Ela está bem aqui.

Vanessa lança seu olhar frio para mim.

– Você gostaria?

Inspiro profundamente. *Por que não?*

– Sim. Por favor.

– Certo... – Vanessa se dirige até a porta mais próxima e a abre.

– Hoje é uma noite tranquila. Esta aqui está vazia. Faz parte da ala dos berçários. – Ela se afasta para que eu possa entrar. Dou alguns passos e olho ao redor.

Parece um quartinho de bebê típico de antigamente, com tecidos azuis e rosas por todo canto, uma gaveteira branca decorada com coelhinhos, uma caixa de brinquedos, e um berço com cama de babados, exceto que tudo está em uma escala enorme. O berço é grande o bastante para um homem adulto; em um dos cantos, há um penico gigante com a base enfeitada por um saiote. Há uma mesa grande o suficiente para acomodar um adulto deitado, abastecida com talco, lencinhos e uma cesta cheia de fraldas descartáveis. Em uma prateleira, ao lado de ursinhos, chocalhos e livros infantis, há mamadeiras.

Olho para tudo espantada. Então isso acontece mesmo. As pessoas realmente querem viver essa fantasia.

– O berçário é bastante popular – Vanessa comenta. – O outro quarto está sendo usado no momento e, pelo barulho, imagino que o bebê tem sido muito levado. Podemos continuar?

Eu a sigo, tomada por uma vontade maluca de rir. Mas também acho estranhamente reconfortante a ideia de que, se alguém

realmente sente a necessidade de voltar ao berçário, então este é o lugar perfeito para vir.

– Você pode entrar aqui também – Vanessa diz e me mostra uma porta no lado oposto. Ela abre e nós duas olhamos. É uma sala de aula antiga, com lousa, carteiras e cadeiras antiquadas, potes com lápis e canetas e por aí vai. Mas também estão presentes as ferramentas de correção: um chapéu de burro, uma longa vara de marmelo, uma palmatória e tiras de couro. Também há um aparelho de madeira que se parece com uma túnica, que imagino ser outra ferramenta de castigo.

– Muito popular. Extremamente popular – comenta Vanessa. – Meu problema mesmo é encontrar preceptoras em número suficiente. As melhores valem seu peso em ouro.

Ela fecha a porta e continuamos. Olho para Dominic com uma interrogação no rosto, mas ele balança a cabeça com um sorriso e eu entendo: tudo isso é interessante, mas não tem nada a ver conosco.

– Acredito que as outras câmaras estão sendo usadas – diz. – Vamos até a minha casa.

Subimos outro lance de escadas e chegamos ao andar de cima da casa. Vanessa para em frente a uma porta verde, destranca e entramos. Aqui está algo totalmente diferente: uma casa bonita e bem cuidada, um apartamento de cobertura com um panorama estonteante da cidade. Ela nos leva para dentro e faz um gesto para sentarmos, enquanto vai preparar bebidas.

– Por que estamos aqui? – sussurro para Dominic, quando sentamos no sofá de veludo verde-escuro.

– Quero que você seja aceita pela Vanessa. E também há coisas que você deve perguntar para ela. A Vanessa entende melhor disso sob o ponto de vista de uma mulher. – Dominic leva minha mão à sua boca e a beija. Há carinho em seu olhar. – Quero fazer isso direito, Beth. Isso parece ser o ponto de partida certo.

Vanessa volta carregando uma bandeja com uma garrafa de vinho, taças e um pote com amêndoas salgadas. Ela coloca a bebida nas taças e nos entrega antes de sentar em uma elegante poltrona

marrom à nossa frente. Vanessa me olha agora de forma não hostil, mas reservada.

– Então, Beth, o Dominic me disse que você está interessada em se tornar membro do clube.

Confirmo com a cabeça.

– O que a trouxe ao nosso mundo feliz? – ela pergunta levantando a sobrancelha. – Você quer se tornar uma mestra?

Não estou certa do que ela quer dizer com isso, então digo:

– Não tenho certeza.

– Não tem certeza? – Seus olhos se voltam para Dominic. – Ah. Então podemos estar bem seguros de que você não quer. Uma mestra normalmente é bem certa do que deseja.

Dominic intervém.

– A Beth está mais interessada em ser uma submissa.

– Hm, entendo... Bem, então o mundo de uma mestra provavelmente não é para você. Você viu nos quartos que lhe mostrei que aqui é um lugar onde o homem assume um papel em que é repreendido e punido por uma mulher poderosa. Em que ele é controlado e encontra alívio e satisfação nos castigos. Não apenas nos castigos, mas nos atos de rebeldia, no medo da reprimenda e, por fim, na alegria da submissão à punição física. – Vanessa suspira, quase contente, como se estivesse relembrando momentos agradáveis. Seus dedos brincam com sua taça de vinho e percebo que as unhas de uma de suas mãos são longas, enquanto na outra são curtas. Então ela olha para mim e continua.

– O ambiente de uma mestra é sobre punição e disciplina. É todo fantasiado e lúdico, mas também é duro. Os garotos malcriados sofrem castigos que fazem você chorar só de pensar. As garotas desobedientes, no entanto...

Seus olhos brilham e ela se inclina em minha direção e diz com a voz baixa...

– Que tipo de castigos você acha que as garotas desobedientes deveriam receber, Beth?

Eu me sinto estranha, como se o mundo estivesse se movendo mais rápido e eu estivesse girando nele.

– Não... não sei... – murmuro.

Ela prossegue com sua voz hipnótica.

– Acho que há garotas que desejam sentir a picada da ira de seus mestres. Garotas que sabem que só são elas mesmas quando estão se entregando à deliciosa mordida da chibata, ao estalo do chicote em suas costas, à extraordinária jornada em que são levadas pelo castigo. Há garotas que precisam sentir as cordas apertando os pulsos e tornozelos, que precisam ter sua vagina faminta alargada com brinquedinhos de todo tipo, que precisam transformar sua dor no prazer mais intenso. – Ela coloca a cabeça de lado e me dá um sorriso cheio de carinho. – Essa é você, Beth?

Meu coração está disparado e minha respiração, irregular, mas tento disfarçar. Minha voz sai esganiçada.

– Não sei. Talvez...

Seu sorriso desaparece e ela se volta para Dominic.

– Espero que saiba o que está fazendo – ela diz sem demonstrar emoção. – Você sabe o que acontece quando...

Dominic a interrompe na hora.

– Está tudo bem, Vanessa. De verdade.

Ela pausa por um momento e então olha para mim novamente.

– Quero me certificar de que você entendeu algo, Beth. Há coisas que alguns adultos desejam fazer que a sociedade encara com desgosto, até repugnância. Coisas que não se encaixam com a ideia aceita de sexualidade e que revelam algo desconfortável em nós mesmos. Mas acredito que toda pessoa tem o direito de viver da forma mais feliz que puder. E se o que basta para isso é algo tão simples quanto umas palmadas ocasionais, então acredito que deveria ser permitido a essas pessoas aproveitarem seu castigo físico. Ofereço este lugar como um porto seguro, um espaço onde todos podem vir e viver suas fantasias em segurança. Segurança e consentimento são fundamentais para tudo o que acontece nesta casa, Beth. Uma vez que entenda isso, você se sentirá mais segura sobre o caminho que está percorrendo.

– Entendo sim – digo e subitamente me sinto privilegiada por estar ali, ouvindo uma praticante tão experiente em sua arte.

– Bom... – Ela bebe um gole de vinho. – Preciso ir, estarei bem ocupada esta noite. Acho que Dominic deseja lhe mostrar algo mais.

– Ela coloca a taça na mesa e se levanta. Sorridente e quase amigável, ela diz: – Adeus, Beth. Foi bom falar com você.

– Adeus. E obrigada.

– Dominic... nós nos falamos mais tarde, certamente. – Então ela vai em direção à porta e some.

Olho para Dominic.

– Uau!

Ele concorda com a cabeça, devagar.

– Ela sabe das coisas. Agora vem comigo, tem mais um lugar para você visitar...

Descemos para o nível do subsolo, passamos pela entrada do bar e vamos em direção a uma porta grossa e reforçada. Há outra porta depois dela. Não gosto nem um pouco da aparência. Está cravejada de pontas metálicas. Dominic vai na frente e abre a porta. Por dentro, escuridão absoluta. Ele aperta um interruptor e pequenas luzes no teto se acendem.

Eu grito de susto. Não consigo me segurar. Esta sala parece mais uma câmara de tortura medieval. Vejo uma grande engenhoca de madeira com algemas e correntes para prender as mãos e os pés. Contra uma parede há uma grande cruz em forma de X, também com tiras para prender os membros. Há correntes penduradas no teto até o chão, mas não consigo imaginar com que propósito, ao menos, não agora. Há estranhos bancos deformados, nos quais as pessoas precisam se deitar de diversas posições. Em um canto há algo parecido com uma caixa cheia de buracos. Tudo isso já é horrível o bastante, mas uma parede chama minha atenção, e vejo nela diversos instrumentos pendurados em uma fileira de ganchos. Todos são ferramentas de flagelo. Alguns chicotes têm o cabo grosso e diversas pontas finas de couro. Outros possuem poucas tiras de couro, mais grossas e pesadas, com nós nas pontas. Alguns parecem macios, quase peludinhos, com cabos finos e longos fios de crina de cavalo. Outros parecem machucar mais, com caudas trançadas, ou uma única cauda entrelaçada, com a ponta dupla. Há ainda os chicotes que parecem de cavaleiros e chicotes “normais”, com um cabo grosso que serve de base a uma cauda bem comprida. Há também cassetetes, bengalas e palmatórias de todo tamanho,

algumas com duas cabeças, algumas perfuradas com buracos, outras simples, sem nada. Por alguma razão, são essas que me assustam mais.

– Dominic – digo me agarrando a ele. – Não sei... não tenho certeza.

– Calma. – Ele me pega em seus braços e me dá um abraço, acariciando minha cabeça. – Isso parece assustador de propósito. É um lugar onde a imaginação encontra um espaço que normalmente é seu pior pesadelo. Mas não é tão ruim assim, garanto. Você vem e fica aqui por vontade própria, e nada que você não queira vai acontecer.

Mal posso acreditar nisso, mas ele sorri carinhosamente para mim.

– Eu prometo. Não quero machucá-la... não da forma como você está imaginando. E não se preocupe, não iremos começar aqui, de qualquer maneira.

Estou tremendo e morrendo de medo, preocupada com o que fiz, com o que concordei em fazer. Não sei se consigo fazer isso...

Dominic pega minha mão e dá um beijo nela. Quando ele fala, sua voz é grave e rouca.

– Confie em mim. Isso é tudo o que você precisa fazer. Confie em mim.

## *Capítulo Quinze*

Não falo muito no caminho de volta até o apartamento. Sinto-me estranha e um pouco enjoada. Não consigo varrer da minha mente a imagem do lugar, ou suportar imaginar o que se passa por lá. Vejo olhos ensandecidos, bocas espumando, ouço gritos e o som do chicote na carne macia. Não faz nenhum sentido para mim. Como isso pode estar ligado ao amor – à vontade de amar e confortar alguém, de ser gentil e carinhoso?

Dominic enxerga meus medos e me dá tempo para processar o que vi, mas o tempo inteiro fica com o braço ao meu redor e sua cabeça perto da minha. Sinto que posso absorver sua força e confiança, e isso ajuda um pouco.

– Tem uma coisa que quero mostrar – ele diz enquanto o táxi segue por Randolph Gardens, nos deixando na calçada em frente ao prédio. – Algo só para nós dois.

Fico intrigada.

– Vem. – Ele parece alegre e empolgado, e me puxa pela mão quando entramos e nos dirigimos ao elevador que leva para o lado dele do prédio. Mas dessa vez não vamos ao quinto andar. Estamos no sétimo, bem na cobertura.

– Aonde estamos indo? – pergunto surpresa.

Ele sorri com os olhos brilhando.

– Você vai ver.

No sétimo andar, ele me leva pelo corredor até uma porta, tira uma chave e abre a porta.

Esta noite já fiquei entretida, surpresa e horrorizada com o que descobri por trás das portas, mas isto é algo totalmente diferente. Agora fico confusa quando entramos. É outro apartamento, com arquitetura parecida mas um pouco menor que o de Celia ou Dominic. É simples e está mobiliado, até onde vejo.

– Aqui – Dominic diz e cruza o pequeno corredor e abre a porta do quarto. Vou até lá e olho dentro. – Fiz isso para nós dois – ele

diz quando entro. – Mandei fazer no fim de semana.

O quarto revela-se um lindo budoar, dominado por uma grande cama: uma cama de ferro antiga com lençóis brancos, uma montanha de travesseiros e uma colcha de seda cor lavanda. As texturas no quarto são todas suaves e sensuais, desde a poltrona de veludo ao tapete de pelos brancos e a fileira do que parecem ser pequenos espanadores sobre a mesa ao lado da cama. Há um antigo gaveteiro e um armário de madeira escura. Vejo uma cadeira estranha, como aquela no apartamento do Dominic, mas mais larga e comprida, estofada em couro branco e com o que parecem ser rédeas de couro sob o assento, e ela tem um descanso para pés embaixo.

– Veja isto. – Dominic vai até o guarda-roupa e revela uma grande variedade de lingerie lindas, peças de renda, a maioria em preto, e outras coisas também: argolas de seda e couro que mais parecem equipamentos equestres do que roupas. Vejo aros, fivelas e pequenos anéis de aço, mas nada disso faz muito sentido nos cabides. Também há espartilhos rijos com longos laços e cintos largos de couro com fivelas e fechos. Um robe de seda adiciona um toque de luxo.

Olho para Dominic incrédula.

– Você comprou tudo isso para mim?

– Claro... – Ele aponta para si. – Esse é o objetivo de tudo isso. É só para mim e você. Tudo novo, apenas para nós brincarmos. – Ele me pergunta ansioso: – Você gostou?

– Adorei um milhão de vezes mais que o calabouço – respondo animada, o que o faz rir. – Você arrumou tudo isso mesmo no fim de semana?

Mal consigo acreditar na organização que isso exigiu, sem falar no custo de adquirir outro apartamento neste prédio, e de mobiliá-lo ainda por cima.

Ele confirma com a cabeça e vem em minha direção, com os olhos carregados de emoção.

– É incrível o que conseguimos fazer quando é importante. – Ele me pega e aponta meu queixo para cima. – Quero que você

descubra o prazer que conseguimos dar um ao outro, qual a altura que conseguimos atingir.

O desejo inunda meu corpo e as imagens de medo e dor desaparecem. Tudo é lindo, lúdico e carinhoso novamente.

– Tudo isso é novidade para mim – digo com a voz rouca. – Mas quero aprender.

– As lições vão ser mais fáceis e gostosas do que você pensa – ele responde – e iremos dar um passo bem devagar por vez.

Seus lábios tocam os meus, e bem quando não consigo mais aguentar, ele me beija, abrindo minha boca com sua língua, tomando posse dela. Nós nos beijamos apaixonadamente, e o desejo que vinha crescendo entre nós toma vida. Estou excitada por estar aqui – não no apartamento da Celia ou do Dominic, mas aqui, no nosso canto.

Ele me despe rapidamente entre beijos, e eu o ajudo. Logo estou nua diante dele, com meus mamilos duros e sensíveis. Dominic me olha de cima a baixo.

– Você é incrível – diz quase para si próprio. – Você foi feita para o prazer. – Ele percorre minhas costas com as mãos. – Isso é demais. Só de pensar já fico louco. – Ele puxa minha mão para sua virilha e sinto a rigidez lá. – Está vendo?

Meu Deus, eu o quero. Quero agora mesmo. Começo a tirar o paletó de seus ombros e ele rapidamente tira o resto de suas roupas. Estamos de pé, nus, nosso tesão óbvio por causa da respiração acelerada, se alimentando da visão um do outro.

– É aqui que começa? – pergunto, com o coração palpitando. Lá embaixo estou doendo. Nunca imaginei que seria capaz de sentir desejo de uma forma tão física e dolorosa.

Ele sorri. Inclina-se, cheira meu pescoço e passa a língua de leve por ele, até chegar ao lóbulo de minha orelha, que ele morde e puxa antes de dizer.

– É uma amostra. Só uma pequena amostra...

Seu hálito em minha orelha me causa sensações quase insuportáveis, me fazendo gemer e contorcer de prazer.

Ele pega minha mão e leva à sua boca, pegando a ponta dos dedos indicador e médio entre os lábios. Posso sentir a umidade

quente dentro de sua boca, sua língua brincando com os dedos e seus dentes apertando de leve. Uma sensação de perigo passa por mim: ele poderia morder meus dedos com força a qualquer hora e, apesar de estar certa de que não vai, a possibilidade existe. Isso está sendo mais excitante do que poderia imaginar, com sua língua percorrendo meus dedos, chupando-os por inteiro. Então sinto sua outra mão em minha virilha, movendo carinhosamente meus pelos púbicos primeiro e então me tocando com mais força e vontade. Um de seus dedos desliza para dentro, inesperadamente forte e rápido, empurrando para cima. É gostoso, mas não o bastante. Quero mais. A língua que brinca provocantemente com meus dedos está me dando muito tesão. Minha cabeça vai para trás e eu gemo de desejo. Dominic parece entender, porque ele coloca outro dedo para se juntar ao primeiro e sinto minha vagina se esticar deliciosamente para acomodá-los. Ah, mas ainda não é o bastante. Eu sei o que quero. Com minha mão livre, tento pegar seu pênis duro e quente, mas ele não me deixa tocá-lo.

Ele solta meus dedos da sua boca e leva minha mão para baixo. Cheia de volúpia, imagino que vai me deixar tocar seu pênis e sentir seu calor suave, mas ele está empurrando minha mão para algum outro lugar. Olho para Dominic e ele está me encarando, com um olhar intenso e forte, enquanto coloca minha mão sobre meus pelinhos ralos. Posso sentir sua outra mão firme contra minha virilha e seus movimentos quando empurra os dedos mais fundo em mim. Fico ainda mais excitada com a mecânica das sensações deliciosas que ele está me dando. Então Dominic tira os dedos e os desliza por minha barriga, e então ordena que minha mão assumo seu lugar.

– Quero que você se toque – ele sussurra.

Lembro-me de quando me levei ao orgasmo enquanto Dominic assistia a tudo pela janela. Como poderia ficar envergonhada agora? Passo meus dedos sobre os lábios molhados por baixo do triângulo de pelos.

– Isso mesmo. – Ele está observando meus dedos passearem sobre minha vagina.

– Agora dentro...

Empurro um dedo por entre minhas pernas e o movo dentro de mim.

– Agora tira e experimenta.

Hesito...

– Vamos – ele diz e pela primeira vez sinto um toque de severidade em sua voz. Será que isso é um teste?

Levo meu dedo devagar à boca. Ele me observa atentamente quando abro os lábios e coloco o dedo dentro.

– Chupa – ele sussurra e eu obedeco, fechando minha boca e sentindo o sabor se espalhar sobre minha língua. É um sabor penetrante, quase doce, e definitivamente tem gosto de sexo.

– Você é deliciosa – ele diz. – Agora, vá para a cama.

Eu me viro e caminho até a cama.

– E agora? – pergunto, mas ele me silencia com um olhar.

– Fique quieta, só eu falo – ele diz.

*Meu Deus, então começou mesmo.* Mas ele disse que isso era só uma amostra. Não sinto medo. Meu primeiro passo em me entregar e ceder o controle foi fácil... até agora.

– Deite de costas na cama – ele diz. – Coloque os braços por cima da cabeça. E feche os olhos.

Faço como ele disse. O algodão e a seda criam uma textura agradável sob minhas costas nuas quando deito. Fecho os olhos e coloco os braços acima da cabeça, levemente dobrados sobre o travesseiro.

Escuto Dominic se aproximar de mim e depois o som de uma gaveta abrindo e fechando.

– Algo simples para começarmos – ele diz. Um pedaço de tecido macio e escorregadio cai no meu rosto e, no momento seguinte, Dominic o puxa com firmeza sobre meus olhos e levanta minha cabeça para que possa amarrá--lo. O mundo se torna negro e sinto uma pequena pontada de pânico. *Não consigo enxergar. Não quis fazer isso!*

– Relaxe. Isso é tudo para você – ele sussurra como se estivesse lendo minha mente. – Você está em segurança, vai ver...

Um de meus pulsos é levantado e sinto um tecido macio amarrá-lo a uma das barras de ferro da cama. E então o outro é preso

também. As amarras não estão apertadas ou desconfortáveis, mas a sensação de ficar imobilizada é bem estranha. Puxo de leve uma das amarras e vejo que posso mover o pulso apenas por um centímetro ou dois.

– Confie em mim – ele murmura. – Isto é para seu prazer, prometo. Agora. Abra as pernas.

Sinto-me insegura agora que não posso vê-lo, e vulnerável ao abrir as pernas e expor minha parte mais íntima sem saber onde ele está ou o que está fazendo. Mas todas minhas sensações são amplificadas sem minha visão. Estou mais atenta até mesmo ao ar do quarto com minha vagina quente aberta. O quarto fica em silêncio, mas sinto Dominic se mover. Escuto o barulho de um fósforo sendo aceso e o cheiro de sua chama. Logo em seguida, sinto o aroma doce e inebriante de incenso de jasmim e cedro.

Então é isso... Ele está acendendo uma vela perfumada. Tudo bem, isso é legal.

Até agora, gostei de tudo dessa experiência: o quarto luxuoso, os tecidos lindos e agora o aroma delicioso. Mas também estou intrigada. As interrupções no processo estão fazendo minha excitação baixar um pouco. Estou voltando a mim e a coisa de estar perdida no momento está desaparecendo.

Então, subitamente, Dominic está ao meu lado novamente. A cama se move quando ele sobe nela e se ajoelha no espaço entre minhas pernas abertas.

– Você está pronta? – ele pergunta em voz baixa.

– Sim, estou pronta – respondo. Na hora em que digo isso, estou de volta, com o sangue bombeando pelo corpo inteiro. Estou perdida na escuridão, vulnerável e aberta. Minhas mãos estão amarradas.

– Bom...

Uma pausa, e então uma sensação estranha. Gotas quentes em meu seio... e na mesma hora elas se tornam um calor agradável. Então mais gotas caem no outro seio. Algumas pingam na barriga. E logo pingam mais outras. O que é isso?

Seus dedos passam pelos meus seios e começam a deslizar facilmente sobre a pele. Entendi. Ele passou algum tipo de óleo em mim e agora está começando a me massagear. A sensação é

gostosa, lasciva. Seus dedos passam pela minha pele e espalham o óleo pelo corpo, me deixando lisa e escorregadia. Ele espalha o óleo nos meus mamilos, apertando com a ponta dos dedos. O óleo deixa a pele escorregadia, então ele esfrega com mais força, apertando e espremendo meus mamilos, fazendo o desejo pulsar em meu ventre.

*Por que os mamilos estão totalmente ligados à vagina?*, eu me pergunto ao começar a arfar com a intensidade da sensação. Ele está apertando cada vez mais forte e posso sentir meus mamilos incharem e ficarem duros como balas de revólver. Quanto mais duros eles ficam, mais molhada e escorregadia eu me torno.

– Fique parada – ele diz e tento parar de me mover, mas estou com a respiração pesada e é difícil não reagir à sensação intensa que ele me dá. Dominic começa a massagear meus seios, acariciando e alisando, subindo até os mamilos e voltando. Então ele começa a descer pela minha barriga, esfregando o óleo na pele, me deixando completamente lisa.

– Você é linda, Beth – ele diz com suas mãos grandes e fortes massageando meu ventre, chegando cada vez mais perto do lugar que mais desejo que ele toque. – Adoro você deitada assim, só para mim. Seu corpo todo entregue a mim.

Estremeço com suas palavras mas não consigo dizer nada. Apenas me concentro em seus dedos, massageando, circulando, se aproximando de minhas pernas abertas, onde a dor por ele está crescendo e ficando mais forte. Quero os dedos entrando em mim novamente. Mais que isso, quero seu membro, quero sentir seu pênis grosso entrando fundo em mim *agora*.

– Por favor – gemo. – Dominic, não consigo mais aguentar.

– Você vai ter que aprender a resistir – ele diz, parecendo se divertir.

Para minha grande frustração, ele passa pela região da virilha e em vez disso sinto gotas quentes de óleo nas pernas. Devagar e dolorosamente, ele passa o óleo pela minha pele, descendo pelas pernas até chegar aos pés. Ele se concentra em um primeiro, e então no outro, esfregando dedo por dedo, massageando a planta do pé. É muito estimulador. Nunca soube que meus pés guardavam tantas possibilidades, mas assim que começo a relaxar com o prazer

da massagem no pé, Dominic volta rapidamente para minhas coxas e meu quadril.

Agora eu desejaria ver seu rosto, mas esqueço de tudo no momento seguinte, porque ele está passando óleo sobre meus pelos púbicos. Ele abre os dedos sobre meu quadril e faz um movimento circular suave com o dedão, cada vez mais próximo do meu clitóris, ávido de desejo. Ele está inchado e duro como um de meus mamilos e sinto-o latejar enquanto antecipo seu toque. Quero me mexer, girar os quadris e arquear as costas, mas me lembro de que Dominic pediu para que eu ficasse parada e me esforço para obedecer.

Então, quando não acho que consigo ficar parada por nem mais um segundo, a ponta de seu dedão passa sobre meu clitóris, me fazendo gritar e contorcer sem nem pensar.

– As regras não são rígidas hoje – ele diz com a voz rouca. Posso sentir em sua voz que Dominic está excitado com meu tesão. – Então pode se mexer se quiser.

Então ele começa a tocar meu clitóris cada vez com mais força, me fazendo estremecer de prazer. A sensação está se acumulando intensamente em mim e, quando tento me mexer na cama, sinto as amarras no pulso e isso só aumenta meu tesão. Não consigo fazer nada. Preciso que ele faça tudo. Sem ele, não consigo chegar ao ponto máximo do meu êxtase, que agora necessito desesperadamente.

Então Dominic tira o dedo.

– Tinha mais – ele diz –, mas não consigo mais me segurar.

Sinto ele se levantar. Deus, como queria ver esse pau lindo! Então ele está entre minhas pernas colocando sua cabeça na minha vagina, apenas brincando com minha entrada molhada e escorregadia.

Eu me estico até ele, tentando fazê-lo entrar logo, mas Dominic continua lá por mais um tempo.

– Você está toda pronta – sussurra. Então, com uma estocada forte, ele se crava dentro de mim.

Eu grito. *Deus, isso, isso.*

Sinto que me penetrou mais fundo do que antes; ele tira devagar e então entra de novo, com força, rápido e fundo. Sai devagar e

então mais um avanço delicioso. Ele começa a pegar ritmo, com impulsos firmes, pressionando meu quadril com força a cada estocada e dando ao meu clitóris a fricção que ele tanto deseja.

– Quero que você goze agora – ele diz e me beija, nossas línguas se encontram em um beijo cheio de volúpia.

Estou gemendo de uma forma que não me lembro de nunca ter feito antes. É o prazer mais intenso que já tive na vida. Quando seu pênis toca o ponto certo lá dentro de mim, fico perdida na escuridão da venda e no clímax que vai se aproximando.

– Goze – ele ordena.

Sou tomada por uma onda gigantesca de êxtase e euforia, sendo levada por uma força poderosa pelo que parecem ser vários minutos. Sinto Dominic ficar tenso, ficar um pouco dentro de mim e então voltar ao vai e vem com firmeza. Seu pau fica ainda maior e então sinto seu orgasmo me inundar com força. Sem poder enxergar, posso sentir tudo mais intensamente e estou adorando a sensação dele pulsando dentro de mim. Então Dominic se deita ao meu lado na cama, ofegante.

Ainda estou lutando para recuperar o fôlego, atordoada pela força do que aconteceu comigo, enquanto Dominic me desamarra e tira minha venda.

Está sorrindo quando olho para ele e me beija nos lábios.

– Então – diz carinhosamente –, como foi a primeira lição?

– Espantosa – digo com um suspiro satisfeito. – Foi mesmo... incrível!

– Deu para sentir e ouvir. Você me agarrou com força quando gozou. Foi lindo. – Ele me beija de novo, dessa vez na ponta do nariz. – Acho que podemos considerar a cama bem batizada.

– Hmm – dou risadinhas alegres. – Foi maravilhoso!

– Fico feliz que tenha gostado. É tudo para você. Este lugar é nosso para fazer o que quisermos aqui. – Ele me olha de forma curiosa. – E amanhã a coisa vai começar a ficar séria.

## Capítulo Dezesseis

No dia seguinte, ainda estou eufórica. James não me pergunta de cara, mas logo começa a me chamar de Gata.

– Porque você parece uma gata que bebeu o leite – diz com o sorriso de quem sabe das coisas.

É verdade, e estou praticamente ronronando o dia todo. Tudo na minha experiência da noite passada foi demais. Estou começando a me perguntar o que andei perdendo todo esse tempo.

*Mas só foi assim porque era o Dominic.*

Vamos sair esta noite, eu sei. Ele me disse ontem que antes de seguirmos em frente, teríamos de discutir algumas coisas. Pareceu ruim e ele deve ter percebido a expressão de preocupação no meu rosto, porque ele disse que eram coisas simples e nada com que devesse me preocupar.

Às sete horas em ponto, meu táxi me deixa no restaurante onde Dominic me pediu para encontrá-lo. Não conheço esta parte de Londres, mas reconheço a Torre de Londres e a Ponte da Torre quando o táxi passa por elas. Devo estar na região mais leste da cidade.

O restaurante fica à beira do rio Tâmisa, em um armazém reformado com uma vista maravilhosa do rio e do South Bank.

O *maître* se curva quando digo que vim me encontrar com o senhor Stone. Ao dizer isso percebo que nem sei se este é mesmo o sobrenome de Dominic ou não. É simplesmente o nome que ele me falou para dizer.

– Muito bem, madame. Por aqui, por favor. – O *maître* me leva em meio ao ambiente lotado até um elevador, que sobe diversos andares até a ampla cobertura do armazém. Aqui a vista é ainda mais espantosa.

– O senhor Stone está no terraço privativo – diz o *maître* e, logo depois, ele me leva até uma bela área, a céu aberto, cercada por

paredes de vidro e plantas em vasos de granito. Uma brisa fria passa pela cobertura e o cheiro salgado do rio é forte.

Dominic está sentado à mesa com uma taça de vinho branco. Ele se levanta e sorri quando me aproximo. Está mais lindo que de costume em seu terno azul-marinho, dessa vez com uma camisa azul-clara e gravata de seda prateada.

– Senhora Villiers, prazer em vê-la.

– Senhor Stone, muito bom encontrá-lo.

O *maître* puxa minha cadeira e aguarda que eu me sente, enquanto troco um beijo discreto no rosto com Dominic.

– Fico muito feliz que tenha vindo – diz Dominic.

O *maître* gentilmente empurra a cadeira quando sento. Ele enche minha taça com vinho branco que estava no balde de gelo ao lado da mesa, se curva e então nos deixa.

Assim que ele se vai, Dominic se inclina para a frente, com os olhos brilhando, e diz:

– Estive sentindo seu gosto nos meus dedos o dia inteiro.

Eu dou risada com o contraste de nossa aparência elegante e educada com a conversa obscena.

– Você tomou banho esta manhã, imagino – digo –, então essa afirmação é totalmente falsa.

– Então devo estar sonhando – diz. Ele levanta a taça.

– Um brinde às nossas novas descobertas.

Levanto minha taça também.

– Às novas descobertas – digo alegre e nós dois bebemos.

Olho para o céu de noite de verão, ainda escurecendo, e curto a paisagem e as luzes aparecendo. Consigo ver as pontes iluminadas sobre o Tâmis e todo o movimento à margem do rio. O mundo está correndo e girando à nossa volta, mas para mim o universo está todo aqui neste terraço. Tudo o que quero e preciso está aqui... Dominic tem tudo o que eu poderia desejar em um homem: é inteligente, educado, engraçado e lindo. Ele é gentil e amoroso, e me leva a um nível de êxtase que eu jamais imaginava existir. A sensação arrebatadora que me toma toda vez que penso nele com certeza é paixão. É algo mais profundo e forte do que o que eu sentia quando estava com Adam. Aquilo agora parece um romance

adolescente bonito, mas superficial. Compreensível à época, mas apenas uma sombra do que me aguardava mais adiante.

– Já pedi a comida para a gente – Dominic diz.

– Está bem. – Fico um pouco surpresa. Ele nunca havia feito algo assim antes.

*Mas eu já dei o primeiro passo, lembra? Isso deve fazer parte do plano.*

Tudo bem, penso, e deixo minha leve irritação para lá. Confio em Dominic. Não é como se eu tivesse alergias ou algo assim – não que ele tenha perguntado também. A questão é que eu aprendo muito com ele. O que quer que ele tenha pedido, é algo que vale a pena conhecer.

Ele me encara, mas seus olhos estão um pouco vagos. Imagino se ele não está se lembrando de ontem à noite e de nosso encontro frenético. Espero que sim. Pequenas ondulações de prazer percorrem meu corpo com essa lembrança.

– Então – ele começa. – Precisamos discutir nossas regras básicas.

– Regras básicas?

Ele confirma com a cabeça.

– Não se embarca em uma jornada como a nossa sem elas.

Lembro-me do que Vanessa disse: *Segurança e consentimento são fundamentais para tudo o que acontece nesta casa, Beth. Uma vez que entenda isso, você se sentirá mais segura sobre o caminho que está percorrendo.*

– Tudo bem – digo devagar. – Mas não sei se precisamos disso. Confio em você.

Dominic sorri.

– Palavras que um homem como eu adora ouvir. No entanto, nós precisamos das regras básicas. Só os relacionamentos mais extremos funcionam sem elas, e não me atraio por coisas assim. Posso ser dominador, mas não sou um sádico sem limites.

– Fico feliz de ouvir você dizer que há uma diferença – digo. Ainda estou aprendendo os termos, mas claro que já ouvi falar em sadismo. Um estudante na faculdade tinha a mania de ler trechos

dos livros do Marquês de Sade nas festas. Normalmente precisava de poucos minutos até eu ficar tão enojada que precisava sair.

Dominic diz.

– Eu inflijo dor, mas não tenho nenhuma vontade de cometer as torturas cruéis do verdadeiro sadismo. Quase ninguém tem.

Não quero pensar sobre isso, então digo, um pouco impaciente.

– Bom, então vamos combinar nossas regras básicas, certo?

– Muito bem. – Ele se inclina em minha direção. – A primeira coisa que você precisa entender é que o Dominic que conheceu fazendo amor, ou como quer que chame, será o mestre que você concordará em obedecer. Fora do quarto, vamos viver seguindo as regras de comportamento normais. Dentro, as coisas serão diferentes... Para indicar que a cena começou, quero que você use uma coleira.

– Oh. – Estou surpresa. – Como uma dessas coleiras de *bondage*?

Ele confirma.

– A coleira é um símbolo muito claro de submissão.

Penso sobre isso. Ele está certo. Uma coleira significa possessão. Animais usam coleiras. Escravos usam coleiras. É um sinal de que se está domado. *É isso o que quero para mim? Ser domada?*

– Nunca achei que eu precisasse ser domada – digo em voz alta, quase sem pensar.

Dominic fica preocupado na mesma hora.

– Você está enganada – diz com a voz firme. – Isto não é sobre o seu eu verdadeiro. É sobre o seu eu da fantasia. Não quero bater em você ou domá-la no mundo real. Mas em nosso mundo especial, você vai concordar em ser submissa a mim. Entende?

Confirmo com a cabeça, devagar. Faz sentido. Na mesma hora consigo ver que as coisas que faço com Dominic em nossa vida sexual não vão se refletir necessariamente no meu eu de verdade. Isso me deixa aliviada, embora não saiba bem por quê.

– Então você concorda com a coleira? – ele insiste.

– Sim.

– Ótimo. Tenho uma linda aguardando por você no apartamento.

Eu me lembro do apartamento maravilhoso que ele montou para mim e algo dentro de mim se derrete.

– Queria estar lá com você agora – digo carinhosamente.

O vento balança seu cabelo. Ele fica pensativo.

– Eu também – murmura. – Mas não antes de termos estabelecido nossos limites...

Nesse momento, a porta do terraço se abre e o garçom entra com o que parece ser uma grande base de metal para bolos, só que as camadas estão cobertas de frutos do mar, em vez de massa.

Ele coloca a bandeja em nossa mesa e diz:

– Seus *fruits de mer*, senhor.

Outro garçom aparece na mesma hora com tigelinhas de água, pequenos garfos e o que parecem ser quebra--nozes. Também há uma tigela de maionese, outra com um líquido roxo com cebolas picadas dentro, limões cortados enrolados em musselina e uma garrafinha de tabasco.

Quando tudo foi colocado na mesa diante de nós, um dos garçons enche nossas taças e os dois se vão.

– Ostras – diz Dominic, levantando uma sobrancelha para mim.

– Bastante selênio e zinco. Muito saudáveis.

Mas não são só ostras. Cada andar tem uma camada de gelo sobre a qual está disposta toda uma variedade de frutos do mar: lagostins, garras de lagostas, camarões, vôngoles.

Dominic bebe o vinho.

– Este *Riesling* combina perfeitamente com este prato – ele diz com satisfação. – Agora, acho que devemos começar.

E nós começamos, usando os garfinhos para retirar os vôngoles e os quebra-nozes para quebrar as garras de lagostas, puxando a carne branca e a mergulhando na maionese. O vinagrete, espalhado sobre as ostras, consegue realçar seu sabor salgado e metálico quando as engolimos. Posso entender por que esta é considerada uma refeição erótica: os rituais de extração e os sabores salgados e picantes tornam esse um prato particularmente excitante. Nunca havia comido ostras antes, mas uso o exemplo de Dominic e engulo as ostras banhadas em vinagre ou limão, ou com tabasco. Elas são estranhas – quase cremosas –, mas uma delícia.

– Tem mais umas coisas que precisamos discutir – Dominic diz.

– Tem, é? – O prazer da comida, o vento que sopra do rio e a aura de indulgência e luxo me deixaram bastante relaxada – sem falar no efeito do *Riesling*, que decido ser um dos melhores vinhos que já tomei.

– Sim. Primeiro, quero que entenda que tudo isso é por você. As pessoas imaginam que esse tipo de coisa é para dar prazer ao dominador. Isso está totalmente errado. Você será o centro do meu mundo quando estiver nele. Você será o foco de toda a minha atenção e sua recompensa será uma experiência intensa, a realização de uma fantasia e... – um sorriso aparece no canto de sua boca – ... alguns orgasmos bastante fortes.

Meu corpo se contrai só de pensar. *Difícil dizer não para isso.*

– Mas você também vai ter prazer, não?

Ele balança a cabeça, concordando.

– Meu prazer vem de dominá-la, de mantê-la submissa. Quero você em minhas mãos, fazendo o que quero. Eu tenho prazer ao experimentar essa fantasia. A beleza disso é que nossas fantasias se complementam e tornam a experiência dos dois ainda mais forte.

– Entendo. – Realmente acho que entendi. Minha experiência no budoar já me mostrou que as sensações podem ficar mais fortes quando há suspense.

Dominic mergulha a cauda de um lagostim na maionese e come saboreando aos poucos antes de continuar.

– No quarto, quando estiver usando a coleira, você terá de me chamar de senhor. Esse é outro sinal de que você está preparada para me obedecer.

– E do que você vai me chamar?

Seus olhos brilham um pouco.

– Do que eu quiser. Essa é a ideia...

Sinto-me repreendida, mas ainda assim digo:

– Isso não parece justo.

– Provavelmente não usarei seu nome – Dominic admite –, mas vou chamá-la do que tiver vontade na hora. Agora, a próxima coisa é que em todo relacionamento desse tipo acontece... Sempre que entramos no mundo da fantasia, corremos o risco de viver algo tão

vividamente que podemos nos perder. Para evitar isso há algo conhecido como *safe word*, a “palavra de segurança”. Ela significa “chega, quero parar”.

– Não posso só dizer “chega, quero parar”?

– Haverá momentos em que você dirá “pare” ou “não” ou “não aguento mais”, mas não com esse significado. Precisamos de uma palavra que interrompa a fantasia e nos traga de volta. Normalmente, a palavra mais usada é “vermelho”, mas quero fazer algo diferente conosco, então usaremos “scarlet”. Acha que conseguirá se lembrar disso?

Aceno com a cabeça.

– Claro. “Scarlet” significa pare. – Mas não espero usá-la. Não consigo me imaginar pedindo para que Dominic pare de fazer as coisas deliciosas que faz comigo.

– Nós também poderíamos chegar a um acordo sobre os limites do que você vai fazer e o que não aceita fazer, mas nesse caso, Beth, quero que confie em mim. Vou devagar com você e não farei nada muito extremo.

– Como o quê? Você quer dizer como as coisas lá no calabouço?

Ele confirma com a cabeça.

– Já tenho uma noção de suas experiências passadas e de como é sua natureza. Acredito que você é bem aberta a diversas coisas que eu gostaria de mostrar. Boa parte do meu prazer vai vir de apresentá-las a você, e se houver algo de que não goste, a palavra de segurança é sua porta de saída. Você concorda com isso?

Penso sobre isso por um momento. Tudo parece meio vago, mas as coisas no budoar são tão diferentes do que vi no calabouço. Elas são sensuais, femininas, eróticas. Sem aquela promessa agonizante de dor das ferramentas do calabouço.

– Acho que vou concordar com isso.

– Ótimo. – Dominic sorri. – Então só falta concordarmos com mais uma coisa. Quero que você me dê três noites esta semana, começando na quinta-feira. O acordo vai se encerrar no sábado, e você terá o domingo para se recuperar, então nós dois teremos a opção de renegociar nossos termos.

Olho para ele, surpresa novamente. Desde quando nosso relacionamento virou uma transação de negócios como essa? Pensei que estávamos indo em direção a nos tornarmos um casal. Parece que de repente tudo se encerra no próximo fim de semana, e há a opção de renovar o acordo.

– É para você – Dominic diz carinhosamente ao ver minha expressão. – É para sua proteção. Uma vez que concorde em se submeter a alguém, você poderá se sentir impotente, mas a verdade é que o poder está apenas suspenso. Você ainda tem tudo, é importante lembrar-se disso.

– Tudo bem – sussurro. Supostamente tenho poder, mas não sei como posso dizer não.

– Ótimo. Então nossas regras básicas estão estabelecidas. Vamos aproveitar este jantar delicioso. Depois vou mandá-la para casa dormir um pouco.

Sou tomada pelo desapontamento.

– Não vamos passar a noite juntos?

Ele balança a cabeça, rindo gentilmente.

– Hoje não. Vou vê-la na quinta-feira à noite. Acho que um pouco de antecipação vai fazer bem a nós dois. Além do mais, estarei viajando a negócios amanhã e preciso sair cedo, antes de clarear.

– Para onde você vai? – pergunto interessada.

– Só para Roma.

– Fazer o quê?

– Reunião de negócios. Muito chata, posso garantir.

– Roma não parece chata – digo pensativa.

– Não é Roma que é chata. São as reuniões.

– Ainda não sei o que você faz...

– É porque consigo pensar em outras coisas de que prefiro conversar. – Ele pega sua taça e muda de assunto. – Mas me fale desse novo artista que vocês vão exhibir na galeria. Estou bem interessado.

Continuamos conversando como um casal normal, curtindo o jantar em um terraço a céu aberto em uma noite de verão. Nem parece que acabamos de acertar um estranho contrato erótico que

envolve troca de poderes. Mas saber o que está para acontecer me deixa com um frio gostoso na barriga...

*Para onde ele vai me levar? Posso mesmo deixá-lo assumir o controle?*

Vou descobrir tudo muito em breve.

## Capítulo Dezessete

Sei que Dominic foi para Roma, então no dia seguinte sou surpreendida com uma carta entregue em mãos por um mensageiro na galeria.

Assino a confirmação de entrega, bem quando James está vindo dos fundos.

– É para mim? – ele pergunta.

– Não. – Olho para o espesso envelope cor de creme com meu nome digitado na frente. – É para mim.

– Oh. – James fica curioso, e então sorri. – Imagino que seja do apazível Dominic, não?

– Imagino que deva ser. – Eu rasgo o envelope. Há uma chave e um papel dobrado que abro e leio.

*Beth,*

*Quero que esteja no apartamento na quinta-feira à noite. Aqui está a chave. Você precisa estar de banho tomado e arrumada. Amarre os cabelos para cima e deixe o pescoço livre. Quero que use a coleira que está ao lado da cama. Sobre a cama estão as roupas íntimas que escolhi para você. Esteja pronta para mim quando eu chegar às 7h30. Quero que esteja ajoelhada no chão quando eu entrar.*

*Dominic*

Fico corada e dobro a carta de novo rapidamente.

– Uma carta de amor? – James pergunta. Ele está saindo para uma reunião, então não está prestando muita atenção, pelo que sou grata.

– Sim... isso mesmo. – Parece meio ridículo, mas imagino que esse bilheteinho estranho e sucinto tem um certo carinho nele. Certamente traz a promessa de algo estranho e excitante.

– Que bonitinho – diz James.

*É um jeito de ver isso.*

Olho a carta e percebo que me envolvi com algo bem sério. Ele me avisou que tenho tempo para me preparar, física e mentalmente.

Dominic sabe o que está fazendo.

## ***Quinta-feira à noite***

Chego ao apartamento bem antes da hora marcada e sigo as instruções ao pé da letra. Eu me esfreguei bastante no banho, depilei as pernas e as axilas, passei hidratante no corpo até ficar totalmente lisa e suave. Meu cabelo está puxado para cima em um coque alto, e meu rosto e meu pescoço estão bem à mostra. Sinto como se tivesse seguido um ritual de limpeza, como se tivesse sido purificada antes de entrar neste novo estágio da minha vida.

Na quarta-feira, fui a um consultório discreto na Harley Street, onde, em um ambiente calmo e até mesmo luxuoso, fiz um *check-up* completo e com exames de sangue. Os resultados ficaram prontos no mesmo dia: estou totalmente saudável e sem nenhum problema.

Isso parece apropriado, de alguma forma, como se os testes tivessem me purificado por dentro também.

Na cama, que não tem nada além de um lençol, encontro um jogo de sutiã e calcinha preta separado para mim: as peças parecem bem simples, pequenas, apenas pedaços de seda preta. Coloco a calcinha, feita de seda e malha, com um tecido transparente sobre o quadril. As bordas formando um diamante aberto sobre minha vagina, que fica exposta. Quando me viro para olhar no espelho, vejo que a bunda está mais ou menos coberta, mas as curvas embaixo não, e meu ânus também fica exposto. As nádegas, brancas e macias, contra o preto da calcinha. O sutiã também não é muito mais que um jogo de tiras de seda pretas. As taças são rasas, feitas apenas para empurrar e firmar os seios, não para cobri-los. Quando o coloco, seu efeito é impressionante. Linhas finas, de preto escuríssimo, correm pela minha pele e abraçam meus seios, destacando suas curvas e os deixando à mostra.

Esta *lingerie* certamente é algo que nunca usei antes, e sua sofisticação discreta é bastante sensual. Há uma pitada de severidade no seu formato e na cor preta, mas apenas uma pitada. Meus olhos são atraídos pela forma como meu sexo escapa do

espaço aberto na calcinha, e meus mamilos já estão rijos. Passo a mão pela barriga e pelos seios, tremendo um pouco. A antecipação já está me deixando excitada.

Na mesa ao lado da cama, vejo a coleira. Eu a pego e fico olhando para ela. Não é a coleira reforçada de cachorro que tinha imaginado. É de borracha, toda perfurada com furinhos que a deixam com uma textura que lembra renda, e tem um laço de borracha na frente e um pino de metal atrás para prendê-la. Eu a coloco em volta do pescoço.

Meu estômago se revira quando sinto o toque da coleira na pele e o poder que ela representa. Este é o símbolo da minha submissão. Estou entregue quando a uso. Essa sensação é, para minha surpresa, incrivelmente erótica.

*Talvez essa seja uma parte do meu eu mais interior, afinal, penso.* Pressiono o pino para fechar a coleira. Ela se encaixa confortavelmente e fica bonita, como um colar de renda preta.

Olho para o relógio na parede. São quase sete e meia. Recordo-me de minhas instruções. Estou vestida como fui orientada, então vou até o tapete de pelos brancos em frente à cama e me ajoelho. A sensação é estranha no começo, mesmo estando sozinha. Passo os primeiros longos minutos brincando com os pelos do tapete e travando sempre que ouço o menor barulho. A hora chega e eu aguardo, quieta e ansiosa, mas nada acontece.

*Ele se atrasou? Será que está com algum problema?*

Não sei se levanto e mando uma mensagem para ver se está tudo bem, ou se fico aqui onde estou.

Consigo ouvir o lento tique-taque do relógio, e continuo ajoelhada. Cinco minutos se passam, e então dez e logo não consigo mais ficar de joelhos. Levanto e vou até o corredor, onde deixei a bolsa, para ver se tem alguma mensagem de Dominic no meu celular. Assim que piso no chão frio do corredor, ouço o barulho de uma chave na maçaneta da porta. Meu coração dispara e o medo corre pelo meu corpo, fazendo minhas mãos formigarem. Em um segundo, eu me viro e corro de volta para o quarto, de joelhos no chão. Ouço a porta abrir e passos lentos avançarem pelo apartamento. Há longas pausas, o barulho de movimento e passos,

mas ele não vem ao quarto imediatamente. Fico grata pela pausa, torcendo para meu coração desacelerar e minha respiração voltar ao normal antes que Dominic entre, mas não consigo me controlar. Ainda estou tomada pela culpa da desobediência, minhas mãos tremendo.

*O que será que ele está fazendo? Essa espera vai me matar!*

Então os passos se dirigem ao quarto. Ele está parado na porta do quarto, mas não olho para cima.

– Boa noite. – Sua voz é grave e profunda, carregada de poder.

– Boa noite – respondo, levantando meu olhar apenas até suas pernas. Ele está usando calças jeans. Há uma longa pausa e então me lembro. – *Senhor.*

Ele caminha até mim.

– Você seguiu minhas instruções?

Aceno com a cabeça.

– Sim, senhor. – Ainda não olhei para seu rosto. Estou com medo desse novo Dominic, um Dominic ao qual permiti que me dominasse.

– Foi mesmo? – Sua voz está mais suave agora, mas com uma dureza inegável ainda assim. – Levante.

Eu me levanto, com os seios nus saltando das taças rasas do sutiã e com o convite descarado da minha calcinha aberta. Mas também sei que estou linda e pelo som da respiração acelerada de Dominic, acredito que ele também ache isso. Olho para ele pela primeira vez. Dominic está diferente: ainda maravilhosamente lindo, mas seus olhos escuros estão duros e os lábios têm algo que poderia ser crueldade, não fosse pelo fato de que há carinho neles também.

– Você me obedeceu? – ele pergunta.

– Sim, senhor – digo novamente, mas meu rosto ruboriza. Estou mentindo. Ele deve saber que estou... Meu coração dispara novamente, minha mão começa a tremer e meus joelhos fraquejam.

– Só mais uma chance. Você me obedeceu?

Inspiro longamente.

– Não, senhor... Fui até o corredor quando o senhor se atrasou.

– Hm... Entendo. – Seus olhos brilham de prazer e sua boca se contrai. – Desobediência, e mal começamos. Que coisa... Bem, você

precisa aprender a lição rapidamente, para que cortemos a insubordinação pela raiz. Vá até o armário e abra a porta da direita.

Tentando acalmar minha respiração e o nervosismo em meu estômago, vou até o armário e faço como ele ordenou. Há uma grande variedade de objetos estranhos nas prateleiras.

– Pegue a corda vermelha.

Há uma corda vermelha enrolada na prateleira de baixo. Eu a pego. É macia e suave na mão, não áspera como tinha imaginado.

– Traga até aqui.

Eu a entrego para Dominic. Ele está forte e poderoso com uma camiseta preta e calça jeans, os cabelos penteados para trás. Ele não sorri quando pega a corda.

– Desobediência é muita malcriação, Beth – sussurra.

Ele segura a corda por uma das pontas, que está selada com uma cera vermelha, e começa a deslizá-la pelo meu corpo, circundando cada mamilo e então chegando até a barriga.

Isso me excita e sinto minha vagina ficar quente e molhada. *Nossa, já estou com tesão.*

Então ele me vira.

– Fique de joelhos ao lado do pé da cama.

Dou alguns passos até a cama e me ajoelho, imaginando se ele vai me bater com a corda.

– Coloque os braços em volta do pé da cama e junte as mãos do outro lado.

Após fazer isso, ele chega perto de mim e logo meus pulsos estão atados com um pedaço da corda em um nó engenhoso. Então Dominic solta o resto da corda no chão.

– Abra suas pernas – ordena.

Eu faço isso, sabendo que minhas nádegas brancas estão expostas, assim como meu botãozinho e meus lábios, já bem molhados. Sei que ele pode ver os traços brilhantes de minha excitação e isso aumenta ainda mais meu tesão e me deixa mais molhada. Apoio meu rosto no braço, que está firmemente amarrado ao pé da cama, as amarras tornando impossível me mover.

Sinto algo tocando meu sexo... Por um momento penso ser o dedo de Dominic, mas é grande e grosso demais, e não está duro ou

quente para ser seu pau. Então percebo que ele está passando a ponta da corda em mim, brincando e deslizando. A sensação é uma delícia.

– Oh – sussurro.

– Quieta. Sem barulho. E sem se mexer.

Sinto uma chicotada de leve na bunda. É a parte macia da corda. Não machuca, mas certamente mostra a intenção. Tento ficar parada.

– Agora, algo para começar seu castigo.

Ele se afasta e pelo canto do olho consigo vê-lo caminhar até o armário. Ele tira algo de lá e coloca na cama, onde consigo ver. É um objeto de vidro muito bonito, suave e levemente curvado, de cerca de 15 centímetros de comprimento. Dominic sabe que vi o objeto, então ele o pega e vem atrás de mim. Ele se ajoelha, próximo a mim, e consigo sentir o calor de seu corpo em minhas costas. Seu rosto se aproxima do meu pescoço e ele alisa minha coleira com o dedo.

– Gosto disso – sussurra. – Esta coleira é linda. Combina muito bem com você.

Dominic beija meu pescoço, mordendo a pele de leve com os dentes. Tenho vontade de gemer de prazer, mas lembro das minhas ordens e tento me manter parada e quieta.

Agora há algo novo brincando em minha entrada, algo gelado e liso. Sei que é o objeto de vidro.

– Isso é um consolo, Beth – ele diz. – Vou enfiá-lo dentro de você. Quero que você o deixe aí para mim. Não deixe que ele saia.

Enquanto ele fala, sinto algo gelado entrando em mim. A sensação de ser preenchida é deliciosa, e o gelado traz algo de novo ao estímulo. Mas ele é liso e estou bem molhada. Dominic o enfia fundo, deixa por lá e tira os dedos. Na mesma hora sinto o consolo escorregar para fora.

– Sua garota travessa – ele me repreende ao ver a ponta do objeto sair. – O que foi que eu disse?

Dominic empurra novamente o consolo com firmeza, me fazendo querer gemer alto de novo. Aperto com força, contraindo meus músculos pélvicos, me esforçando para segurá-lo.

– Muito bom. Você está se esforçando – murmura. – Agora. Sua bunda está implorando por minha atenção.

Ele acaricia a pele suave das minhas nádegas com a palma da mão, fazendo lentamente a transição do tecido de seda para a carne. Então subitamente me dá um tapa, não muito forte, mas que faz barulho. Dou um sobressalto e o consolo de vidro se move dentro de mim, me dando a sensação deliciosa de uma estocada. Dominic acaricia minha bunda novamente e então dá mais um tapa, que faz meu corpo trepidar. Não me machuca, mas causa um tremor interno, e novamente o consolo me pressiona por dentro.

*Oh, Deus.*

– Sua bunda é tão linda – ele diz com a voz irregular. Recebo outro tapa. *Oh, Deus, estou sentindo chegar.*

Apoio o rosto no pé da cama, minhas mãos amarradas logo abaixo. A visão da corda vermelha em volta delas é excitante. Meus seios, ansiosos e sensíveis, se comprimem contra o metal frio do pé da cama, com os mamilos raspando no ferro. O consolo, agora quente, ameaça deslizar para fora. Contraio todos os meus músculos para impedi-lo, e novamente sinto o latejar delicioso em meu ventre.

– Ah, você não consegue segurar para mim, Beth – Dominic diz em um tom brincalhão e, ao mesmo tempo, ameaçador. – Não achei que estava pedindo demais. Bem, então...

Ele me dá três tapas fortes em sequência, que esquentam minha bunda e logo o corpo todo. Então começa a fazer um vai e vem com o consolo, com força. É uma sensação estranha, mas deliciosa, e eu me ajoelho, aberta, permitindo que ele me foda com o brinquedo de vidro. Sua outra mão chega perto do meu clitóris, que está tão inchado a ponto de eu imaginar se vou acabar gozando sem qualquer outro estímulo. No entanto, logo que ele começa a acariciá-lo com seus dedos, descendo até meus lábios molhados e subindo novamente, meu clitóris responde inundando meu corpo inteiro com ondas eufóricas de prazer. Minhas pernas estão perdendo a força, eu iria escorregar se não estivesse amarrada. Estou tremendo por completo com a força do orgasmo que vai se acumulando.

– Como você é iniciante – ele sussurra, severo –, vou permitir que goze, mas só se você gozar o mais forte que puder. Vamos, se

entregue para mim.

É tudo que preciso ouvir. Grito alto ao atingir o clímax e sou chacoalhada por um orgasmo intenso.

– Isso – ele diz. – É isso que eu queria ver. Agora. Ainda não terminamos.

Dominic tira o consolo de dentro de mim, que sai com facilidade. Ele coloca o objeto entre minhas nádegas, pressionando gentilmente a ponta na minha outra entrada. Assim que começo a me perguntar se ele vai me penetrar por lá, meio preocupada e meio curiosa, ele tira o consolo de lá.

Logo depois, Dominic está desamarrando meus pulsos, mas estou enganada se acho que já terminamos.

– Deite no chão, de barriga para baixo – ele ordena. – Deixe a bunda arrebitada, apoie a cabeça nos braços.

Rastejo no tapete e obedeco, e me sinto totalmente desinibida ao arrebitar minha bunda ao máximo, sabendo bem a visão que Dominic está tendo: meus lábios inchados, molhados e brilhantes após meu orgasmo. Sinto seu dedo me acariciando, passando sobre os pelos e alisando a pele.

– Que visão maravilhosa – diz, a voz carregada de desejo. – E é toda minha.

Escuto-o desabotoar a calça, mas ele não a tira. Dominic se ajoelha atrás de mim e pega seu pau duro, que sinto cutucar na minha entrada.

– Vou te comer com bastante força agora – diz. – Pode gritar se quiser.

Fico feliz que tenha dito isso, porque quando ele me penetra sinto que me perfura no âmago, e o grito é forçado a sair de mim. Não conseguiria segurá-lo, mesmo que quisesse. Seu pau entra com força, de novo e de novo, cada vez me atingindo naquele ponto em que o prazer se mistura com a dor, mas eu quero mais dessa doce agonia. Quero que Dominic sinta o mesmo tipo de prazer intenso que tem me dado, quero me oferecer a ele por completo.

Sinto a aspereza da sua calça em minha bunda enquanto ele me penetra, e isso me excita. Ele segura meu quadril com uma mão e pega meu seio com outra, apertando e acariciando o mamilo, a

respiração acelerada. Entrando e entrando novamente, e entrando mais uma vez, seu pau cada vez mais duro, me preenchendo, então sinto seu corpo se contrair à medida que seu orgasmo se aproxima, e então, com uma última estocada, Dominic explode dentro de mim.

Nós dois estamos arfando agora, sentindo os efeitos de nossa atividade. Lentamente, ele sai de mim. Dominic se levanta e vai até a mesa ao lado da cama, onde pega um lenço e se limpa. Quando ele sai de cima de mim, me desfaço no tapete, ainda respirando rápido, sentindo o coração desacelerar e os líquidos de nossos orgasmos escorrerem pela minha coxa.

– Dominic, isso foi mesmo incrível. – Sorrio para ele. Estou me sentindo tão próxima a ele e quero tanto abraçá--lo, sentir seu cheiro e beijar sua boca carinhosamente.

Ele se vira e me olha, quase impassivelmente. Então sorri de volta e diz:

– Obrigado, Beth. Gostei muito de administrar seu primeiro castigo. Você o recebeu corajosamente, mas isso foi só o começo.

Observo, surpresa, quando ele caminha abotoando sua calça.

*É porque ainda estou de coleira?*, penso e tento tirá-la de mim.

Dominic se ajoelha e leva minha mão à sua boca. Ele a beija.

– Obrigado – diz novamente. – Estou antecipando nosso próximo encontro com muito prazer.

Então ele se levanta e sai do quarto, me deixando sozinha deitada no chão, com seu sêmen ainda saindo de mim.

Fico espantada e machucada. *É assim que vai ser?*, penso horrorizada. Quero poder abraçá-lo e quero que ele me abrace, quero beijar e ser carinhosa com ele.

*Mas prometi obedecê-lo. Essa é só a primeira noite. Tenho que esperar e ver quais são seus planos. Dominic sabe o que está fazendo. Tenho de confiar nele.*

## ***Sexta-feira***

Acordo bem cedo na cama da Celia. Mal passou das quatro da manhã. Não faço ideia por que acordei desse jeito, eu devia estar

exausta depois do que aconteceu ontem à noite. Foi desgastante emocional e fisicamente. De Havilland está dormindo na cama junto comigo. Não sei se a Celia permite que ele durma na cama, mas sua companhia me é agradável. Estico a mão e passo meus dedos em seus pelos macios e quentes e, após alguns minutos, ele responde, ronronando sem parar.

– Você precisa de mim, não? – sussurro para ele. – Eu te deixo feliz, não, bichano? Só de fazer um carinho em você.

Por que o amor é tão complicado? Por que, de todos os homens no mundo, tinha de me apaixonar por este, que é carinhoso por fora e severo por dentro? Porque estou me apaixonando, sei disso... Só o amor poderia me deixar tão desesperada e confusa, cheia de ansiedade e saudade, e sentindo dentro de mim essa adorável agonia de será que ele me quer ou será que não? Sei que ele me deseja. Sei que ele me acha bonita e “comível”, e que eu lhe dou prazer... a ponto de ele comprar e mobiliar outro apartamento só para mim.

*Quanto será que custou? Tudo isso só por uma semana de sexo?*

*Outro pensamento vem à minha mente. A menos que ele planeje continuar com isso por mais de uma semana...*

Não sei como me sinto em relação a isso. Estou gostando deste jogo até o momento, mas também gosto do fato de que há um limite nele. Acho que iria me sentir de outra forma se isso fosse uma constante em nossa vida. Porque...

*Porque preciso de amor, não de castigo...*

*Porque quero dar, e não apenas receber...*

*Porque...*

Algo sombrio e terrível fica à espreita em minha consciência. Suspiro e me viro na cama, perturbando o De Havilland, que estica as patas e mostra as garras com um miadinho de leve, só para voltar a se encolher e continuar a ronronar.

Quero voltar a dormir, mas não consigo. Observo o papel de parede e fico contando os papagaios e conferindo suas plumas com o olhar até meu alarme tocar e me lembrar de que é hora de levantar.

\*\*\*

Como resultado da minha falta de sono, estou grogue e irritadiça durante a manhã.

– Está tudo bem, Beth? – James pergunta, quando xingo o computador por ser lento.

– Sim, sim, me desculpe – digo envergonhada. – Noite difícil. Não consegui dormir.

– Ótima oportunidade para ficar em dia com a leitura – ele comenta sorrindo. James me trata com muita gentileza nessa manhã, me trazendo café e garantindo que eu tenha sempre por perto aqueles biscoitinhos de gengibre que ele sabe que adoro.

Durante a manhã, um mensageiro chega com outro envelope creme para mim. Leio a carta dentro dele.

*Querida Beth,*

*Parabéns por sua iniciação ontem à noite. Espero que tenha gostado tanto quanto eu. Hoje à noite, você deve estar no apartamento às 7h30, pronta para mim. Vista o que estiver em cima da cama. Antes que eu chegue, você deve lavar os utensílios na mesa e lubrificá-los, e separar os instrumentos de castigo. Esteja ajoelhada no chão como antes.*

*Dominic*

Li a carta duas vezes. Meu estômago se contrai de excitação novamente, mas sem tanta alegria como ontem. O castigo que Dominic me aplicou ontem não chegou a machucar, mas sei que foi por causa do meu estado alterado no momento. Sei que já estava em um ponto em que dor e prazer são aliados íntimos, e os tapas na minha bunda tinham a intenção de aumentar o meu prazer. Mas não sei como vou lidar quando ele quiser ir além.

*E tenho certeza de que ele quer ir além.*

– Beth, você está meio pálida – diz James ao se aproximar da minha mesa. – Está tudo certo? – Ele observa meu rosto de perto.

– As coisas com o Dominic estão indo bem?

Digo que sim com a cabeça.

James me olha atentamente. Normalmente, ele tem o hábito de fazer piada de tudo e desde que contei sobre os desejos de Dominic, James tem me provocado com piadinhas sobre castigos e amarras. Tenho a sensação de que ele iria dizer alguma coisa nessa linha, mas algo o impede. Em vez disso, ele me olha direto nos olhos.

– Beth, você está sozinha, longe de casa. Se o Dominic forçá-la a fazer qualquer coisa que não queira, ou se você não gostar mais do que quer que ele esteja fazendo, então quero que me diga. Sou seu amigo e estou preocupado com você. – Há carinho em seus olhos.  
– Você é ainda uma coisinha frágil.

Suas palavras gentis fazem uma espiral de emoções girar dentro de mim. Lágrimas enchem meus olhos, mesmo que eu não queira chorar.

– Obrigada – digo com uma voz esganiçada.

– Por nada, querida. Há um mundo cruel lá fora, mas você não precisa sofrer sozinha. Pode me ligar a qualquer hora, mesmo nos fins de semana.

Quando ele se vira e sai, não consigo conter uma lágrima, que escorre pelo meu rosto. Limpo com a mão rapidamente, dobro a carta e me concentro como posso no trabalho até a hora de me encontrar com Dominic.

\*\*\*

Nesta noite, no apartamento, há uma peça de roupa para mim, se é que isso pode ser considerado roupa. Parece mais um monte de tiras e faixas, que, em vez de couro, são feitas de material elástico e emborrachado, de cor preta. Levo um tempo para entender como vestir aquilo, mas quando consigo, vejo a roupa formar um belo padrão em minha pele branca. Duas tiras pretas formam um longo V dos ombros até minha virilha, passando sobre meus seios e os deixando totalmente expostos. Há uma faixa dupla sobre o quadril, com uma das tiras mais larga e com pequenos feixes dependurados, para que se prenda a meia-calça. Tudo se conecta bem abaixo do meu umbigo, onde um pequeno fecho prende tudo. Ali as duas

faixas desaparecem sob minha virilha e se conectam nas minhas costas. Quando me viro para me olhar no espelho, vejo um efeito de linhas cruzadas, com as tiras do quadril e seus fechos para a meia-calça e uma única faixa sumindo entre minhas nádegas como um fio-dental. O efeito é geométrico e bem bonito.

Após vestir a roupa, coloco as meias que estavam sobre a cama e as prendo. Um par de sapatos de salto alto também está sobre a cama e o coloco. Os sapatos me servem perfeitamente.

E então há a coleira. Não é feita do mesmo látex macio da outra noite. Dessa vez a coleira é feita de couro preto brilhante e é presa com uma fivela atrás do pescoço. Ela é cravejada com lantejoulas pretas e brilhantes que imitam pontas, mas são muito mais glamorosas. Olho para ela no espelho. O símbolo de minha submissão.

Lembro-me de minhas instruções e volto para a cama. Um grande vibrador azul de látex, não exatamente no formato de um pênis, mas próximo, está sobre a colcha perto de uma garrafa roxa. Pego o vibrador e o examino. É muito bonito, com curvas delicadas e uma cor que tira a bizarrice daqueles feitos para imitar a carne humana. Em sua base há um pequeno anexo, que imagino servir para estimular o clitóris.

Levo o objeto ao banheiro e o lavo cuidadosamente com água, embora tenha certeza de que ele nunca foi usado antes. Após secá-lo com uma toalha, eu o trago de volta ao quarto e sento na cama. Coloco um pouco do lubrificante da garrafa roxa na palma da mão e começo a esfregar o objeto azul. Fico surpresa quando sinto meu corpo responder à massagem no instrumento de borracha. Trata-se de um objeto inanimado e, ainda assim, o ato me parece bastante íntimo, como se eu estivesse conhecendo e me conectando à peça, aprendendo a antecipar os prazeres que vou experimentar com ela. Começo a sentir um tipo de afeição por suas curvas gentis à medida que ele vai ficando brilhante e escorregadio. Chego até mesmo a achar que o vibrador está ficando excitado, pronto para mim.

Então olho para o relógio e percebo que Dominic vai chegar a qualquer momento. Coloco o vibrador bem lubrificado sobre uma toalha na cama e observo os outros instrumentos de correção. Como

o vibrador, eles não se parecem em nada com os horrorosos instrumentos de tortura que vi no calabouço. Eles são estilosos e bonitos, como se fossem para ficar expostos em vez de escondidos. Um deles é um tipo de chibata com um cabo curto e robusto, de couro preto e com uma bola de aço presa em sua ponta, da qual saem dezenas de mechas de veludo. Passo meu dedo entre elas. São macias e me lembram os tentáculos de uma anêmona. Ao lado dessa chibata há um chicote de equitação em couro preto, longo e fino.

*Oh... Oh, meu Deus.*

Estremeço. Não sei se vou conseguir suportar isso.

*Se for amada, consigo suportar qualquer coisa.* Esse pensamento surge em minha mente e não faço a menor ideia de onde ele veio. *Quero mostrar a Dominic que mereço seu amor. E eu vou conseguir.*

\*\*\*

Dominic se atrasa apenas cinco minutos dessa vez, mas eu aprendi minha lição. Permaneço ajoelhada no chão até ele chegar e, quando entra no quarto, não olho para cima. Continuo olhando firme para o tapete branco, e vejo sua calça jeans e seus sapatos pretos pelo canto do olho.

Dominic me observa por um instante sem falar e então me diz gentilmente:

– Muito bem. Sei que me obedeceu dessa vez. Você está aprendendo. Como está, Beth?

– Muito bem, senhor – sussurro, mantendo a cabeça baixa. – Está ansiosa por esta noite? O que pensou quando limpou o instrumento azul?

Hesito por um momento e então digo:

– Pensei como seria quando o senhor o inserisse dentro de mim.

Dominic parece soltar um suspiro satisfeito.

– Muito bem – ele murmura. – Mas não fiquemos muito indulgentes. Há outras surpresas aguardando por você. Levante.

Fico de pé, um pouco desequilibrada por não estar acostumada aos sapatos de salto alto. Mantenho a cabeça baixa, mas consigo sentir seu espanto.

– Você está maravilhosa. Vire-se.

Eu me viro para que ele consiga ver as faixas cruzadas em minhas costas, as tiras que desaparecem em minha bunda, o pedaço da minha coxa que fica exposto entre a roupa e minha meia-calça.

– Lindo – ele diz. – Agora vire de volta. E olhe para mim.

Obedeço, levantando os olhos recatadamente. Dominic está vestindo uma camiseta preta que destaca seus músculos e seus ombros largos. É esse o uniforme que ele precisa para ser meu mestre? Ver seu rosto me faz sentir um arrepio de paixão. É um rosto que adoro, não só porque é lindo, mas porque é dele. Quero esse rosto perto de mim, me beijando e me amando.

Ele estica o braço e toca a coleira no meu pescoço.

– Esta aqui é adorável – diz quase pensativamente. – Fica muito bem em você... – Ele engancha um dedo por dentro e me puxa para perto dele, então me beija com força, enfiando sua língua em minha boca.

É o primeiro beijo que damos no que me parece ser uma eternidade, mas não foi carinhoso como o último. Ele domina e possui minha boca com fúria, mal parecendo se importar com o que sinto.

Então ele se afasta, e sua boca se curva em um sorriso.

– Agora – diz. – Sua primeira tarefa. Pegue as coisas da cama e as coloque na mesinha. Então deite de costas com os braços sobre a cabeça e as pernas abertas.

Estou sentindo as contrações familiares em meu estômago, o coração acelerando. E agora? O que Dominic vai fazer comigo? Tenho medo da dor, mas também fico ansiosa aguardando uma torrente de prazer e agonia.

Deito na cama como ele me ordenou.

– Feche os olhos.

Fecho meus olhos e ele se aproxima. Em seguida, uma venda de seda cobre meus olhos. Estou sem conseguir ver novamente. Dominic levanta meus pulsos e coloca em cada um deles braceletes

de forro macio, e então sinto meus pulsos presos às grades da cama. *Algemas...* Ele vai até meus pés e sinto que coloca objetos parecidos nos meus tornozelos e depois me prende ao pé da cama. *Tornozeleiras.* Não consigo evitar mover meus membros de leve, mas mal consigo mexer os braços e as pernas.

– Sem se mexer – Dominic diz com uma voz severa. – Este é seu único aviso. Sem se mexer, sem fazer barulho. Ou vai se arrepender. Agora, fique quieta.

Ele se aproxima novamente. Posso sentir o calor de seu corpo chegando perto de mim e fico com vontade de poder tocá-lo. Quero sentir sua pele com meus dedos. A pior parte desse acordo é que ele não parece querer que eu o ame. Nunca imaginei isso quando me tornei submissa.

Agora sinto seus dedos em minhas orelhas. Ele está enfiando algo nelas – dois objetos de espuma que se moldam ao formato do meu ouvido e bloqueiam o som. Agora tudo o que consigo ouvir são os sons do meu próprio corpo, o batimento do meu coração e o chiado da minha respiração. Isso é muito estranho. Os sons estão tão altos que fico com medo. Será que vou ouvir minha própria voz se falar algo? Não ousou fazer um teste. A ameaça de Dominic está bem gravada em minha mente.

Estou sozinha neste espaço estranho e escuro cheio de ruídos. O calor e o peso de Dominic se afastaram de mim agora, e não tenho ideia de onde ele está. Não sei por quanto tempo ele vai me deixar aqui, mas o suspense aumenta a cada segundo. A cada segundo, aumenta a sensação de que algo está para acontecer – alguma sensação que pode ser prazer ou dor – até que a expectativa fica insuportável e quero gritar para que algo, qualquer coisa, aconteça.

Quando acho que não vou conseguir mais aguentar e preciso falar ou me mexer, sinto algo. Toca meu peito em um ponto acima dos seios e *queima*. Algo quente. Ah não, espera... não está queimando. Está gelado. Minha pele parece se contrair. É *gelo*.

Minha barriga também sente uma queimadura, e ela quer se contrair e tremer com a sensação do gelo. Preciso usar todo o meu autocontrole para ficar quieta. O gelo faz minha pele formigar e queimar. Quero desesperadamente tocá-lo, mas, mesmo que eu me

permitisse, não consigo me mover. Então uma força invisível move o cubo em meus seios, passando por cima deles e esfregando meus mamilos com o gelo, que me queima e esfria ao mesmo tempo. O efeito em mim é intenso. Meu ventre intensifica o calor que sinto entre as pernas, e posso sentir que estou ficando encharcada. *Tudo por causa de um cubo de gelo.*

O gelo em minha barriga está derretendo e começa a escorregar pela minha pele, deixando uma trilha fria por onde passa. Ele passa por uma faixa de seda e segue lentamente em direção ao meu quadril. Estou morrendo de vontade de arquear e virar para que ele escorregue do meu corpo e pare de me atormentar.

Então, bem de leve, algo toca meus lábios inchados. Já senti isso antes, quando Dominic usou o consolo em mim, mas este aqui é diferente. É quente, grosso e liso. Sei que é o vibrador. Ele vai inseri-lo em mim. Minha virilha se contrai com a expectativa. Imagino que ele vai brincar comigo por um tempo, me deixando excitada, mas não. Em vez disso, ele me penetra com o vibrador até que rapidamente. Imagino seu pau perto de mim, sentindo meu calor, pronto para entrar em mim. Mas assim que enfia o vibrador em mim, com o anexo encaixado firme em meu clitóris, nada mais acontece. Ele fica parado lá minuto após minuto, até que não consigo mais resistir e começo a contrair meus músculos em volta do vibrador, puxando-o ainda mais para dentro de mim. Isso certamente não é permitido, já que recebo um tapa ardido na barriga. Na mesma hora, fico paralisada.

*Será que fui longe demais?* Uma espécie de medo misturada com excitação percorre meu corpo. *E agora?* A resposta leva um tempo para vir, e inesperadamente o objeto dentro de mim acorda e começa a pulsar. *Oh, isso é bom. Isso é muito bom.*

É uma sensação bastante erótica, enquanto o vibrador pulsa e lateja, o anexo treme sobre meu clitóris. Sem visão ou audição, é quase como se pudesse sentir os sons em meu peito como se fossem o ronronar de um gato. Estou parada, deixando as sensações fluírem do vibrador para dentro de mim, mas, a qualquer momento agora, vai ficar forte demais. Vou precisar me mover e, mesmo que

continue parada, vou acabar gozando, tenho certeza. Esforço-me para continuar imóvel e seguir as ordens que me foram dadas.

E então, aparentemente sem nenhuma intervenção externa, o vibrador muda de velocidade, aumenta o ritmo e sua atividade. Ele começa a pulsar e a se mover dentro de mim e sinto como se uma pequena bola rígida se movesse para cima e para baixo em minha vagina, me estimulando de uma maneira que jamais experimentei antes.

*Oh, Deus, isso é demais. Não sei se consigo me segurar mais.*

O pequeno anexo está fazendo um vai e vem no meu clitóris agora sem pausar ou mudar de ritmo, me levando para o alto em direção a um orgasmo arrebatador.

*Pare, não consigo pensar...*

Meu cérebro está rodopiando, a escuridão se mistura com estrelas coloridas em minha mente. Antes que consiga parar, começo a mexer meu quadril para cima, entrando no ritmo do vibrador dentro de mim, e escuto, como se fosse lá de longe, minha voz ressoando em minha garganta. Estou gritando, percebo em meu torpor negro.

De repente, a pulsação para. Com um movimento bruto, o vibrador é retirado de meu corpo. Fico desolada e desesperada, estou estremecendo com o poder do orgasmo aguardando para ser libertado.

Os protetores de ouvido são retirados e consigo me escutar arfando no mundo real.

– Sua garota desobediente. Você se mexeu e gritou. Queria gozar, não?

– S-s-sim – consigo dizer.

– Sim, *o quê?*

– Sim, senhor – sussurro.

– Você é uma menina malvada e tarada, com um corpo voraz e louco para receber prazer, e deve ser castigada.

Consigo sentir o prazer em sua voz enquanto ele retira as algemas dos meus pulsos e dos pés. Dominic deixa a venda no meu rosto. Estou desorientada, como se de repente tivesse me encontrado em um lugar que achei ter deixado para trás.

Suas mãos pegam meu braço.

– Levante. Venha comigo.

Eu levanto da cama. Meus membros estão sem força, mal me seguram em pé. Dominic me guia pelo quarto e eu o sigo, sem saber para que lado estou virada. Então ele coloca minhas mãos sobre uma superfície de couro macia e inclinada. Sei onde estamos agora. Estamos no assento de couro, aquele estranho objeto branco com descanso de pés baixo e as rédeas de couro.

*O que vai acontecer agora?*

Deveria estar assustada, mas não estou. Ele me toca gentilmente, me guiando por causa de minha cegueira, e confio em Dominic para saber até onde posso ir, ou até onde ele pode ir. Sua raiva comigo é uma fantasia, feita para nos tornar mais próximos e nos levar a lugares proibidos e deliciosos. Segura com esse pensamento, eu tremo de apreensão com o que está por vir.

Dominic me coloca montada no assento, de frente para o encosto reclinado e com as costas voltadas para ele, minha vagina molhada comprimida contra a cadeira. Em poucos minutos ele amarra meus pulsos a algo por trás do encosto, de forma que fico quase abraçada à superfície macia do assento. Dominic se ocupa com as faixas da minha roupa por um momento e então as separa e puxa, para que fiquem penduradas e deixem minhas costas nuas.

– Ah, minha querida – sussurra. – Gostaria de não ter de machucá-la, mas quando me desobedece tão descaradamente, não tenho escolha...

Eu o escuto ir até a cama e voltar. Há um longo momento, enquanto espero, mal conseguindo respirar, e então sinto o toque leve de um chicote de várias pontas.

Não machuca nem um pouco. Seu toque provocador é agradável e suave em minha pele sensível. Dominic varre minhas costas com o chicote, traçando o caminho de um oito, se movendo de forma tão fluida que parecem algas balançando com as correntes marítimas. Começo a relaxar, meu medo diminui um pouco. Então ele para de traçar o oito e começa a me bater, ainda de maneira tão suave que mal sinto a picada do chicote. Flique, flique, flique. A sensação é quase revigorante em minha pele, que se arrepia sob as beliscadas

das tiras macias de camurça. Minhas costas formigam quando o sangue começa a correr pela superfície da pele.

– Você está ficando avermelhada – Dominic murmura. – Está respondendo ao beijo do chicote.

Arqueio e estico um pouco as costas quando o chicote começa a descer com mais força. Sinto mais sua batida em minha pele, mas ainda estamos muito longe de qualquer coisa que fosse descrever como dor de verdade. Acho estranho admitir para mim mesma, mas gosto dessa sensação, minhas costas expostas, a batida do chicote estimulando minhas terminações nervosas, minha virilha pressionada contra o couro. Talvez porque tudo em mim ainda está pegando fogo por causa do meu recente quase orgasmo. Uma visão aparece em minha cabeça: lembro-me do homem no apartamento de Dominic, aquele que estava sendo castigado em uma cadeira como esta. Lembro-me do meu horror e espanto ao ver a cena. E aqui estou eu, curtindo meu próprio castigo.

Agora o chicote desce em movimentos mais rápidos, acertando primeiro um lado de minhas costas e então o outro. As chicotadas estão começando a arder agora e pela primeira vez, quando recebo uma pancada forte, que envia um milhão de pequenas picadas em minha pele, solto um gemido alto. Esse som atrai outra chicotada ainda mais forte. Contraio as coxas com o impacto, gemo novamente, esfregando meu clitóris e os lábios inchados no assento. Minha pele está começando a queimar, e onde o chicote bate, ele machuca, arde. Cada golpe me faz expirar e soltar um “Ah!”.

– Mais seis para você, Beth – diz Dominic, e ele me acerta mais seis vezes, cada batida um pouco mais suave que a anterior, como se ele estivesse parando aos poucos. Minhas costas doem e ardem, mas, meu Deus!, como estou excitada e pronta para ser levada ao êxtase.

– Agora – ele diz. – Essa bunda safada.

Não sei o que ele quer dizer com isso até que sinto, inesperada e bruscamente, uma forte pancada em minhas nádegas expostas com o chicote de equitação. Isso machuca, e muito.

– Aaah! – grito. – Ai!

É como se minha pele tivesse sido tocada com metal incandescente. Meu corpo inteiro se revira com a sensação horrível da dor se irradiando. Então, para meu terror, recebo outra pancada. Grito novamente. Isso não é como o toque macio do chicote de camurça, isso é dor de verdade, uma bordoadada que arde e machuca. Não posso, não *vou* receber mais isso.

Dominic então para e diz, carinhosamente.

– Você recebeu bem seu castigo. Irá se lembrar de não gozar sem permissão da próxima vez, não? Agora, você deve beijar o cabo. Mas não com a boca.

Sinto o cabo de couro tocando minha vagina. Dominic sobe um pouco e para em meu ânus, empurrando o cabo com mais força. Solto um gemido. Então o cabo desaparece. Meus pulsos estão sendo desamarrados, minha venda é retirada. Dominic segura minha cintura com as mãos e me vira para ele. Ele está nu, com seu pênis enorme já ereto, quase tocando a barriga. Não tenho ideia de quando ele tirou as roupas, mas imagino que possa ter sido a qualquer hora enquanto eu estava isolada deste mundo. Seus olhos estão mais negros do que de costume, como se as chicotadas o tivessem levado a outro estado.

Estou de costas no assento, sentindo o couro frio em minhas costas quentes.

– Agora vou te beijar – ele diz. Dominic levanta minhas pernas e noto pela primeira vez que a cadeira possui estribos que saem lá de baixo. Ele coloca minhas pernas em cada estribo e fico totalmente aberta para ele. Então Dominic se ajoelha no descanso de pé, seu rosto na altura de minha virilha. Ele inspira profundamente.

– Seu cheiro é divino – murmura. Então se inclina para a frente, com os braços em volta das minhas coxas, e toca o nariz em meus pelos púbicos.

Solto um gemido. A sensação é elétrica, pulsos de prazer percorrem meu corpo.

Sua língua percorre meu clitóris. *Oh. Oh...*

Fico sem palavras. Só consigo responder com meu corpo. Sei que não vou conseguir me segurar, não importa quais sejam as ordens. Ele me lambe com a língua percorrendo lentamente a minha entrada

até chegar a meu ponto mais sensível, onde a ponta da sua língua me dá um prazer quase insuportável. A eletricidade líquida flui por mim, chacoalhando e contraindo meu corpo, eu sei que está chegando. Então ele me chupa com força, pressionando com a língua, lambendo, provocando e...

*Oh eu... não consigo... eu...!*

Meus pulsos estão cerrados, os olhos bem fechados, a boca aberta e as costas arqueadas.

*Tenho que deixar, não consigo mais segurar, eu...*

O orgasmo explode em mim como se eu estivesse em meio a gigantescos fogos de artifício. Não sei quem sou ou o que está acontecendo, sei apenas do êxtase que flui pelo meu corpo a cada batida do coração.

Enquanto ainda estou tendo contrações, sinto o enorme pênis de Dominic abrir meus lábios, e logo ele me penetra e sente minhas últimas convulsões em torno de seu pau. Ele se apoia no braço da cadeira e consegue impulso para entrar fundo em mim. Dominic está muito excitado, o rosto ruborizado, os olhos vidrados. Ele não diz nada, apenas solta todo o seu peso sobre mim e me beija com força, até que finalmente chega ao orgasmo.

Ele se deita ofegante sobre mim por um tempo, com o rosto apoiado na cadeira de couro. Então percorre meu corpo com a mão, se vira e me beija no rosto.

– Você foi muito bem – sussurra.

Vibro quando escuto isso. Quero lhe dar prazer, quero merecer seu amor.

– Achei o chicote de hipismo bastante difícil – respondo com humildade. – Não gostei da dor.

– Não é para gostar – ele responde, sai de dentro de mim e se levanta. – Mas você consegue a recompensa depois. Não se sente melhor?

Olho para ele. Dominic está certo, sinto uma satisfação extraordinária, aquela languidez pós-orgasmo. Mas... não estou certa se vale a pena. Olho para ele, ciente de que ainda estou com a coleira e ainda estamos no budoar. Não sei se posso dizer quanto quero que ele seja doce e carinhoso comigo. Fico fascinada e

excitada com o mestre Dominic, mas quero meu outro Dominic também, aquele que era o amante mais carinhoso que podia imaginar. Aquele Dominic que me abraçava e acariciava. Preciso dele agora, depois de toda a rigidez e os castigos que me aplicou. Mais do que nunca.

*Por favor.* Tento enviar a mensagem com meu olhar. *Por favor, Dominic. Volte para mim. Me ame.*

Mas ele já está procurando uma toalha para se enxugar e se afasta de mim. Posso ver suas costas largas, sua bunda firme e coxas fortes, o que só me deixa mais desesperada por ele. Quero passar minhas mãos sobre sua pele, ser reconfortada pelo seu corpo e por sua força, que pode ser usada para amar, além de machucar.

– Vejo você pela manhã – ele diz sorrindo, ao se virar. – E quero que durma bem essa noite. Você vai precisar de toda a sua força amanhã.

Ele vira de costas e continua a se vestir. Dominic ainda está no quarto, mas, deitada na cadeira, sinto como se ele já tivesse saído.

## ***Sábado***

Pela manhã, olho meu reflexo no espelho. Não há nenhuma marca nas minhas costas – Dominic deve saber bem o que está fazendo com o chicote –, mas em minha bunda consigo perceber duas faixas avermelhadas, bem de leve, onde o chicote de equitação me acertou. Imaginei que estariam lá, sempre fiquei machucada e marcada com facilidade.

Não sinto dor, mas tomo um banho de banheira demorado, relaxando meus músculos que parecem fatigados pelo tempo que ficaram imobilizados pelas algemas. Mergulhada na água perfumada, com o apartamento em silêncio, me pergunto por que meu corpo está bem, mas meu coração machucado. Deveria ser o contrário: consegui o que queria, afinal. Dominic está agindo como prometeu, me iniciando pelo caminho, me levando ao seu mundo do jeito que eu queria. Ele está me dando prazer e êxtase todo dia e recebendo prazer comigo.

Então por que estou chorando?, pergunto-me, quando as lágrimas começam a correr pelo meu rosto.

*Porque estou solitária.*

*Porque não conheço esse Dominic, esse que me dá ordens e me bate.*

*Mas você pediu para ele fazer isso, eu lembro a mim mesma. Ele não queria e você o forçou. Não pode se arrepender agora e não pode desistir.*

Não quero desistir, tenho certeza disso. Mas quando fizemos o acordo, não imaginei que esse Dominic iria substituir aquele que eu conhecia e amava. Percebi que sinto falta do carinho e afeto que havia entre nós. As coisas que acontecem comigo no budoar, quando coloco a coleira e sinalizo minha obediência, podem me trazer sensações deliciosas, mas também me humilham e me degradam. Quando permito que seja tratada como uma garota malcriada que precisa de castigo, parte de mim tem vergonha de que eu me rebaixe desse jeito.

Preciso que Dominic diga que ainda me ama e me respeita, e que, no mundo lá fora, ainda sou a Beth que ele valoriza e aprecia.

*Mas eu nunca o vejo no mundo lá fora! Não mais.*

Hoje é o último dia de nosso acordo. Nem imagino o que vai acontecer depois. Mas antes disso, há algum teste que o Dominic planejou para mim. Queria estar empolgada, mas há um vazio gelado dentro de mim.

*De todas as formas que imaginei me sentir por Dominic, nunca pensei que poderia sentir nada.*

\*\*\*

Eu me visto e dou uma arrumada no apartamento da Celia, o deixando impecável novamente. Embora agora eu me sinta em casa nele, nunca me esqueço de que este apartamento pertence primeiro à Celia. Estou olhando meu celular, para ver se não há um recado de Dominic, quando ouço baterem à porta.

Abro, esperando vê-lo em frente à porta, mas é o porteiro.

– Olá, senhorita – diz segurando um grande pacote embrulhado em papel marrom.

– Pediram-me para entregar isto. É urgente, aparentemente.

Pego o pacote das mãos dele.

– Obrigada.

Ele olha para o pacote, curioso.

– É seu aniversário?

– Não – respondo sorrindo. – Só algo que me enviaram lá de casa, imagino.

Quando ele se vai, eu me ajoelho no piso de mármore e rasgo o embrulho. Por dentro do papel há uma caixa preta amarrada com um laço de fita de cetim preta, e há também um envelope cor de creme enfiado entre o laço e a caixa. Pego e abro o envelope, retirando a carta.

*Você deve descansar esta manhã. Seu almoço será entregue ao meio-dia e você deve comer tudo até às 13 horas. Às 14 horas terá permissão para abrir esta caixa. Novas instruções a aguardam dentro.*

Cada carta, percebo, é mais controladora que a anterior. Cada uma vai ditando um pouco mais minhas ações, indo além do lado sexual e invadindo minha vida como uma pessoa autônoma.

Hoje, mesmo que não esteja com ele, Dominic está dizendo o que vai acontecer comigo. E ele sabe que vou obedecê-lo. Sinto que ele sabe exatamente o que vou fazer, como se sua visão pudesse ir além da sala e cobrir o apartamento inteiro.

*Não descarto que ele seria capaz de colocar escutas e instalar câmeras secretas aqui.*

Essa ideia é muito bizarra, e eu logo a rejeito. Ainda assim, o pensamento de que o novo Dominic seria capaz de coisas assim permanece comigo.

Olho para a caixa preta, tentando adivinhar o que há lá dentro.

– Ai, ai – digo –, nem adianta fuçar. Não vou abrir isso antes das duas da tarde. Vai saber se não tem um relógio aí dentro que vai dizer a ele que horas abri a caixa.

*E não quero dar a Dominic um pretexto para me castigar. Afinal, hoje é o dia em que vamos mais longe.*

Uma espécie de excitação gelada toma conta de mim ao pensar nisso. Pela primeira vez posso sentir medo de verdade em meu desejo por Dominic.

\*\*\*

Obedeço minhas instruções e tenho uma manhã quieta e tranquila. Minha mãe me liga para ver como estou e, apesar de achar que minha voz está perfeitamente normal, ela logo nota que não sou eu mesma.

– Você está doente? – pergunta com a voz preocupada.

– Não, mãe. Só cansada. Tive uma semana cansativa. A vida em Londres é desgastante, descobri. – *Junto com todo o sexo.*

– Consigo ver que você está para baixo. Seja honesta comigo. É o Adam?

– Adam? – fico surpresa de verdade. Há dias que não penso nele. – Não, não, não mesmo. Quanto a isso, Londres tem sido a cura perfeita.

– Fico feliz em ouvir isso. – Minha mãe parece aliviada. – Sempre achei que você merecia alguém melhor, Beth, mas não queria dizer isso quando era óbvio que você o amava muito. Ele era *ok* como um primeiro namorado, mas fico feliz que você tenha tido a oportunidade de crescer. Você precisa de um homem melhor que ele, alguém para expandir seus interesses e experiências e compartilhar da sua alegria pela vida. Quero que minha Beth encontre o melhor homem do mundo para amar.

Fico sem palavras. Minha garganta fechou e lágrimas saltam dos meus olhos. Elas caem em meu rosto e não consigo evitar um soluço.

– Beth?

Tento falar, mas tudo o que consigo é soluçar mais uma vez.

– O que foi? O que está errado, meu anjo?

Enxugo os olhos e consigo segurar os soluços o bastante para falar. – Ah, mãe. Não tem nada de errado, mesmo. Só estou com um pouco de saudade de casa.

– Então volte, querida. Volte e venha nos ver!

Estamos com saudade também!

– Não, mãe. Só tenho mais duas semanas aqui no apartamento. Não quero perder essa oportunidade. – Rio timidamente. – É bobagem minha! Não é nada sério.

– Tem certeza? – Ela ainda está preocupada.

– Ah, mãe, eu te amo. Vou ser sempre sua garotinha, não importa o que aconteça. – Seguro o telefone com força, como se isso fosse me deixar mais perto dela e de seu abraço carinhoso. – Estou bem, prometo. E vou voltar para casa se ficar triste demais. Mas sei que não vou chegar a esse ponto.

\*\*\*

Exatamente ao meio-dia, alguém bate à porta. Quando abro vejo um homem com um uniforme de hotel chique ou restaurante caro segurando uma grande bandeja com pratos cobertos com tampas de prata.

– Seu almoço, madame – ele anuncia.

– Obrigada. – Eu me afasto para que ele traga a bandeja para dentro. Aponto para a cozinha e ele põe a bandeja no chão, cobre a mesa com uma bela toalha de linho que tirou de algum lugar, e coloca sobre ela talheres de prata, uma taça de vinho e um pequeno vaso com uma rosa vermelha. Então ele destampa os pratos e revela meu almoço: um enorme bife grelhado com manteiga derretida sobre ele, batatas com ervas frescas e vegetais cozidos no vapor: brócolis e espinafre. Sinto os aromas. A aparência dos pratos e seu cheiro são deliciosos e percebo como estou faminta. O garçom coloca na mesa um pote com framboesas e uma colherada de chantili, depois tira uma garrafinha de vinho do bolso e enche minha taça. Ele se afasta e sorri.

– O almoço está servido, madame. Os pratos serão recolhidos à tarde. Basta deixá-los lá fora.

– Obrigada – digo novamente. – Está maravilhoso.

– Eu que agradeço.

Acompanho o garçom até a porta e volto para a cozinha. O relógio marca meio-dia e dez. Sento para comer meu almoço solitário.

\*\*\*

Tudo está, como imaginei, delicioso. A carne está perfeita, um pouco malpassada no meio, e os acompanhamentos estão cozidos na medida exata. Tenho a sensação de que recebi uma boa dose de todos os nutrientes de que vou precisar para ter pique de encarar o que vier pela frente. Termino bem antes da uma hora, mas ainda falta mais de uma hora até abrir a caixa.

Definitivamente estou entendendo os efeitos de antecipação e gratificação adiada. Cada minuto parece passar bem devagar, mas não sei se estou ansiosa para abrir a caixa ou com medo de fazê-lo. Ela está no corredor, esperando por mim, me atraindo com tanta força que sinto que Dominic está escondido dentro dela.

Eu vago pelo apartamento, sem parar, às vezes olhando para a janela da sala e pensando no que Dominic está fazendo neste momento, e quais são seus planos para mim hoje. Não há sinal de vida por trás das janelas escuras.

Às duas da tarde volto ao corredor e olho para a caixa.

Certo. Está na hora.

Puxo o laço de cetim preto, que cai no chão silenciosamente. Levanto a tampa. Ela é bem justa e levo um tempo até conseguir tirá-la completamente. Tudo o que consigo ver é um monte de papel de seda preto amassado e outro daqueles envelopes cor de creme. Eu o abro e tiro um cartão pesado em que está escrito:

*Coloque o que estiver aqui. Vista tudo o que encontrar dentro. Venha ao budoar precisamente às 14h30.*

Deixo o cartão de lado e mexo no papel de seda.

*Uau. Está bem. Isso é outro nível.*

Dentro da caixa há uma roupa, mas não de seda macia como a outra. Dessa vez é de couro preto, pesado. Não vem embelezada com lacinhos, mas tem fivelas e aros de metal prateado. Eu estico a roupa. Até onde consigo ver, ela vai cobrir meus ombros e se fechar sob os seios. Nas costas, as tiras finas de couro se cruzam entre meus ombros, e se unem a uma tira única que chega a um anel de metal no meio das costas. As tiras sob meus seios envolvem meu corpo até chegar ao anel. É um *design* simples, mas eficiente.

Tiro outro objeto de couro da caixa. Parece um grande cinto, e levo um tempo até perceber que é uma mistura de cinto com espartilho – um afinador de cintura. Parece minúsculo. Será que vai entrar em mim?

E então há a coleira. É a mais assustadora das três: de couro preto pesado, feita para cobrir meu pescoço completamente. É afivelada por trás e na frente há um anel de metal prateado.

*Oh, meu Deus.*

Lembro de que preciso usar tudo o que estiver na caixa. O que mais houver ali.

Há um par de sapatos de salto alto pretos, como os que usei ontem, e duas caixinhas roxas. Abro uma. Dentro há duas borboletas prateadas, muito bonitas.

O que é isso? Prendedor de cabelo?

Observo mais atentamente. Cada uma possui um pequeno prendedor atrás. Quando se aperta as asas da borboleta, o prendedor se abre. Então compreendo.

*Prendedores de mamilos.*

Abro a outra caixa. Dentro há um pequeno objeto oval feito de silicone rosa com uma base prateada e um cabo preto. Na lateral do cabo há um pequeno controle. Mexo no botão e o ovinho rosa começa a vibrar.

*Entendi.*

Então é com isso que vou começar minha jornada para encontrar Dominic no mundo que ele tanto ama.

O tempo está voando. Preciso me aprontar agora.

\*\*\*

Dez minutos depois, estou vestindo a roupa, afivelando a faixa sob os seios. O modelador de cintura está preso bem firme no meio, me apertando bastante. Não estou usando calcinha, já que não havia nenhuma na caixa. Estou com os sapatos, mas estou totalmente nua da cintura para baixo, completamente exposta.

Preciso ir. Ele já está me esperando e vai ficar furioso se me atrasar.

Pego uma das borboletas. Será que vai doer? Puxo um mamilo, que acorda para a vida com meu toque, como se soubesse que algo interessante está para acontecer. Abro o prendedor e o prendo na ponta do mamilo. Parece que a borboleta pousou lá para sugar néctar dos meus seios. A sensação é diferente, e não é desagradável. O prendedor não aperta tanto quanto eu temia, mas tenho a sensação de que a pressão vai aumentar com o tempo. Pego o outro e coloco do mesmo jeito. As delicadas borboletas prateadas parecem deslocadas perto da roupa de couro, mas de alguma forma funciona.

*Agora, vamos ao ovo.*

Abro minhas pernas e coloco o pequeno ovo em minha entrada. Lá embaixo já está escorregadio, porque se aproxima a hora do meu encontro com Dominic. Empurrando com o dedo indicador, eu aperto o ovo pela minha vagina e ele entra, se alojando em mim com uma sensação agradável. O cabo preto fica pendurado para fora, pronto para quando o ovinho tiver feito seu trabalho. Pego o controle e aperto o botão. O ovo começa a pulsar e a zunir dentro de mim, embora não faça nenhum barulho e não dê para perceber de fora. É meu massageador interno secreto.

*Agora, como é que vou chegar ao budoar? Não posso andar pelo prédio desse jeito.*

Não está nas instruções, mas tenho de vestir um casaco. Certamente Dominic não espera que eu saia daqui praticamente pelada. Pego um sobretudo no armário do corredor e me cubro. Estou decente novamente. Exceto pela coleira de couro grosso em

volta do pescoço, ninguém poderia saber que, sob o casaco, estou pronta para a submissão. Coloco a chave do apartamento em meu bolso e saio.

\*\*\*

É mais excitante do que jamais sonhei andar pelo prédio sabendo para onde estou indo e o que estou usando. O ovinho continua pulsando dentro de mim enquanto desço pelo elevador e ando pelo saguão até o outro elevador que vai me levar ao sétimo andar.

– Foi uma bela surpresa, não? – o porteiro pergunta quando passo pela recepção.

Dou um pulo. Estava tão focada aonde ia que nem percebi o homem lá.

– O quê?

– Seu pacote. Você gostou, não?

Olho para ele, sentindo os prendedores nos mamilos começarem a doer um pouco, o movimento do ovo e lembrando que estou quase nua.

– Ah, sim, obrigada. Muito legal. É um... vestido novo.

– Ah, muito bom.

– Bem, até mais.

Continuo andando rapidamente em direção ao elevador, desesperada para seguir meu caminho. Sei que tenho apenas um minuto ou dois até as 14h30. O elevador demora para descer e minha ansiedade vai aumentando enquanto fico na espera. *Vou chegar atrasada!*

Finalmente as portas se abrem e eu corro para dentro, apertando o botão do sétimo andar. *Vamos, vamos!*

O elevador sobe devagar até o sétimo andar e se abre novamente. Corro pelo corredor, desajeitada nos saltos altos, e bato na porta do budoar, arfando.

*Por favor, que eu tenha chegado a tempo.*

A porta não abre. Bato novamente e aguardo. Ainda nada. Bato de novo, mais forte.

Ela se abre repentinamente. Lá está ele, com um roupão preto. Seus olhos estão fuzilantes e sua expressão é séria.

– Você está atrasada – ele diz lacônico, e meu estômago se revira de medo.

– Eu... eu... – Meus lábios travam e estou tremendo. Mal consigo balbuciar qualquer coisa. – O elevador...

– Eu disse duas e meia. Não tem desculpas. Entre.

*Ai, merda.* Estou assustada, meu coração palpitando no peito, a adrenalina correndo por todo o corpo. Uma voz diz para eu sair correndo. Para mandá-lo passear e que não estou mais a fim desses jogos. Mas sei que vou obedecer. Fui longe demais para desistir disso tudo agora.

– Tire o casaco. Que, por sinal, não dei permissão para colocar.

Quero protestar, mas sei agora que ele queria que eu o desobedecesse de alguma forma. Consegui deixá-lo especialmente bravo me atrasando. Tiro o casaco dos ombros e fico em pé lá com minha vestimenta, meus mamilos ficando vermelhos e agora doendo bastante por causa da pressão dos prendedores e pelo fato de que meu corpo está respondendo a Dominic, esquentando e formigando. O ovinho dentro de mim continua trabalhando, me deixando acelerada com suas carícias vibrantes.

Os olhos de Dominic brilham sob suas sobrancelhas pretas.

– Muito bom – diz. – Sim. É isso que eu queria. Agora. Fique de quatro, apoiada nos joelhos e nas mãos.

– Sim, senhor.

Eu desço conforme ordenada. Ele se agacha e faz alguma coisa na frente da minha coleira. Quando levanta, percebo que colocou uma longa guia de couro.

– Venha.

Ele caminha em direção ao quarto e eu vou atrás engatinhando. Dominic não estica a guia, mas sei que ela está lá, simbolizando que pertencço a ele. No quarto, as luzes estão baixas. Um banco comprido e baixo foi colocado na ponta da cama. Quando estamos dentro, ele se agacha sobre mim novamente e remove os prendedores de mamilo. Sinto um enorme alívio quando eles são

retirados, mas agora meus mamilos estão esticados, latejando e hipersensíveis.

– Vá para o banco – Dominic ordena. – Ajoelhe em frente e deite sobre ele.

Obedeço a suas ordens, imaginando o que vai acontecer agora enquanto engatinho até o banco, com os joelhos no chão e minha bunda exposta.

– Abrace o banco.

Envolvo o banco com meus braços, e meus mamilos sensíveis doem quando deito sobre sua superfície.

Dominic começa a andar atrás de mim. Não consigo ver o que ele está fazendo, mas escuto uma palmada rítmica quando ele bate alguma coisa contra a palma da sua mão.

– Você me desobedeceu – diz em uma voz bastante severa. – Você se atrasou. Acha que uma submissa deveria fazer seu mestre esperar, mesmo que por um segundo?

– Não, senhor – sussurro. A expectativa do que quer que ele vá fazer comigo é terrível.

– Era sua obrigação chegar aqui antes das duas e meia para que pudesse estar no budoar, conforme mandei, quando o ponteiro *batesse* duas e meia. – Ao falar *batesse*, ele bate em sua mão novamente.

*Caramba, o que ele está segurando?*

Sua voz torna-se um sussurro.

– O que devo fazer com você?

– Me castigar, senhor. – Minha voz é tímida e humilde.

– O quê?

– Me castigar, senhor – repito mais alto.

– Sim. Preciso ensinar algumas boas maneiras a você, não? Garota malcriada.

– Sim, senhor. – As palavras estão me excitando e me deixando com tesão. Imagino se ele esqueceu o ovo, que continua latejando dentro de mim.

– O que você é?

– Uma garota malcriada.

– Sim. Uma garota muito malcriada e desobediente. Você precisa de seis bem dadas para aprender a lição.

Ele para de andar e bate o que está segurando no ar. O objeto faz um som sibilante e imagino que seja o chicote de equitação. Sinto uma onda de medo. Não quero, isso machuca. *Permaneça forte, ordeno a mim mesma. Não mostre que está com medo.*

Há um longo silêncio e sinto minhas nádegas arderem com a expectativa. Mal consigo suportar. E então, a pancada.

O chicote atinge minha bunda. Arde, mas não é o golpe chocante que estava temendo. Tento permanecer quieta, sem me mexer.

Mais uma pancada!

A chicotada acerta a parte mais carnuda da minha bunda, um pouco mais forte dessa vez. Solto um gemido. Antes que consiga me recuperar, Dominic me acerta de novo e então mais uma vez. Eu grito alto. Minha bunda parece estar pegando fogo, a pele com um tom vermelho vivo e sensível. O chicote me bate novamente com uma picada ardida, que deixa minha pele em agonia escaldante. Não gosto nem um pouco dessa sensação de dor. O ovinho continua vibrando dentro de mim, mas mal me lembro dele. Tudo que consigo sentir é o golpe agonizante do chicote quando me atinge pela quinta vez. A dor me faz soluçar e lágrimas preenchem meus olhos. Eu me contraio para a última bordoadada e ela vem, mais violenta que as anteriores, rasgando minha pele macia como se fosse metal incandescente.

Sinto um soluço tremido subir em meu peito, mas consigo segurá-lo usando toda a minha força. Não quero que Dominic me veja chorar.

*Agora acabou. Acabou.*

Mas vou dizer a ele que não quero sentir isso novamente. Não posso suportar as chicotadas, não apenas pela dor que me infligem, mas também pela humilhação que sinto ao ter minha bunda castigada dessa forma.

Dominic se inclina e puxa o cabo preto entre minhas pernas. O pequeno ovo pulsante sai de mim fazendo barulho. Ele o desliga.

– Muito bem, Beth – diz com gentileza e acariciando minhas nádegas com a mão. – Fui bem duro com você. Não pude resistir à

visão de sua pele linda ficando tão vermelha e ardida por mim. Queria rasgá-la com toda a minha força. – Ele inspira e dá um suspiro. – Você me deixou com bastante tesão. Levante.

Eu afasto meu corpo do banco, minha bunda latejando de dor. Mal consigo ficar em pé.

– Venha até mim de joelhos.

Obedeço e quando chego perto, ele deixa o roupão cair, mostrando seu corpo nu. Seu pênis está de pé, grande e duro, obviamente aceso pela excitação do que acabou de fazer. Seus olhos são tomados de desejo ao me ver caminhando em sua direção, com os seios empinados pela roupa de couro. Estou segurando a guia presa à coleira para não tropeçar nela.

– Dê a guia para mim.

Passo a guia para ele, mantendo a cabeça baixa para não ofendê-lo. Dominic a pega e me puxa gentil e firmemente, até meu rosto ficar colado em seu pau duro. Meus seios estão pressionados contra suas pernas, minha coleira em sua coxa.

O desejo se move dentro de mim, compensando o ardor dolorido que sinto em minha bunda. O cheiro de Dominic é uma delícia, familiar e reconfortante. Ao menos ele vai me deixar amá-lo do jeito que quero. Posso tocá-lo, acariciá-lo, mostrar o que sinto por ele.

– Me chupa – ordena. – Mas não me toque com suas mãos.

Sou tomada pelo desapontamento. Mas pelo menos posso beijá-lo, chupá-lo e sentir seu gosto...

Percorro seu pau com minha língua: está duro e irradiando calor. Quando chego ao topo, cubro a cabeça com toda a boca, passando a língua, chupando e lambendo a superfície macia. Ele segura meu cabelo com firmeza enquanto deixo seu pênis preencher minha boca, deixando entrar até onde consigo. É difícil pelo ângulo que tenho, e minha boca está cansada por abrir tanto para receber seu pau grosso, mas a alegria de poder amá-lo assim me deixa decidida a ignorar o desconforto. Adoro chupar Dominic e sentir seu cheiro e seu gosto.

Enquanto chupo, seus dedos em meus cabelos se contraem. Ele geme. Então ele sai da minha boca e vai até a cadeira de couro branco, puxando a guia para que eu o siga. Ele senta na cadeira

com as pernas abertas e me puxa até o descanso de pés, para que eu incline sobre ele assim como fez comigo ontem e eu possa voltar à minha tarefa.

Eu me apoio na lateral da cadeira e coloco seu pau na boca novamente, chupando e lambendo. Ele está gemendo mais alto. Quero segurá-lo, poder tocá-lo, para dar ainda mais prazer a ele, mas lembro de que isso não é permitido, então me concentro em lhe dar prazer com a boca, estimulando-o com a língua, ora passando a língua devagar e suavemente, ora brincando com a ponta da língua na cabeça do seu pênis.

– Sim, isso está lindo – murmura.

Ele me assiste enquanto faço sexo oral nele, os olhos semicerrados. Imagino como devo estar parecendo de coleira e roupa de couro, homenageando seu pênis enorme com minha boca. Posso perceber minha própria excitação agora, encharcada que estou entre as pernas, faminta para ser possuída por ele.

Ele geme novamente, e sua respiração fica curta. Consigo sentir seu pau ficando ainda mais duro em minha boca. Seu quadril está movendo agora. Quero tocá-lo, preciso... estou meio preocupada de que ele possa entrar demais em minha garganta, me sufocando, e eu tenha que usar minhas mãos para afastá-lo. Ele empurra com mais força seu pau em minha boca, e fico com medo de engasgar, mas Dominic está para gozar agora. Ele dá vários impulsos rápidos e fortes e um jorro quente explode em minha boca, cheio do líquido salgado, que escorre pela minha língua. Sinto o líquido nadar em minha boca e então engulo tudo. Isso provoca uma estranha queimação. Sem pensar, coloco a mão no pênis de Dominic, enquanto ele o tira da minha boca.

– Isso foi muito bom, Beth – diz com uma voz carinhosa mas ameaçadora. – Mas você me tocou. E acredito que proibi veementemente algo assim.

Olho para ele, nervosa. Claro que ainda sou sua submissa. Devo obedecer. Será que isso significa mais punição? Estava esperando que ele fizesse algo em relação ao calor no meio das minhas pernas e meu desejo que só aumenta.

– Me... me desculpe, senhor...

Ele me ignora e me interrompe.

– Levante e vá até o corredor. Coloque o casaco que estava vestindo quando chegou aqui e aguarde.

Faço como me ordenou, pensando que raios iremos fazer agora. Alguns minutos depois, Dominic sai do budoar. Ele está usando sua camiseta preta e calça jeans.

– Siga-me.

Ele vai na frente, saindo do apartamento. Eu o sigo em direção ao elevador. Minha guia está guardada dentro do casaco. Pegamos o elevador até o saguão. Eu olho para Dominic, que me ignora e prefere digitar mensagens em seu celular. No térreo, ele cruza o saguão e corro atrás dele, com os sapatos fazendo barulho no chão, até chegarmos a uma Mercedes preta, que nos espera lá fora. Ele abre a porta e entra, me deixando para entrar depois. O motorista está invisível atrás de um vidro escuro. Sento ao lado de Dominic no banco de couro e o carro sai em movimento.

Quero perguntar aonde vamos, mas não tenho coragem. Dominic continua quieto, apenas mexe no celular.

O dia está se mostrando muito estranho, e Dominic ainda pior. Discretamente olho para ele, que me parece tão distante.

*Não é isso o que eu quero.* A voz penetra minha mente. Tento não dar ouvidos. É isso o que eu quero. Eu pedi por isso.

Tento reunir forças para encarar o que espera por mim ao fim desse passeio de carro.

\*\*\*

Não fico surpresa quando o carro para em uma pequena rua no Soho, do lado de fora do Asylum. Tinha a suspeita de que, de uma forma ou de outra, eu iria acabar aqui. E agora sei que o momento chegou...

Uma onda de medo varre meu corpo.

– Saia – diz Dominic.

Obedeço e ele vem em seguida. Ele vai na frente, descendo a escadaria de metal até a porta de entrada. Tira uma chave do bolso,

destranca a porta e entra no ambiente. Quando adentro o pequeno *hall*, Dominic fecha a porta. Dá para perceber que o lugar está deserto. Agora ele me puxa pelo casaco e vai na frente. Sem dar uma palavra, ele atravessa o bar vazio e sou forçada a quase correr para acompanhá-lo. Sei para onde estamos indo.

*Eu sempre soube...*

E confirmando o que imaginava, ele me leva até a porta de metal cravejada e a abre. Dominic me olha pela primeira vez desde que saímos de Randolph Gardens.

– Agora você vai aprender o que realmente significa castigar – diz.

Estou aterrorizada. O medo é real e de tirar o fôlego. Dou um passo em direção à escuridão, e Dominic aperta um interruptor que acende o que parecem ser velas de verdade em arandelas de metal na parede, mas provavelmente são elétricas.

Agora consigo ver os aparatos novamente: as cruzes, as barras, os diversos chicotes enfileirados. Meu estômago se revira e me deixa com grande mal-estar.

*Mas preciso passar por isso. Tenho que ir até o fim.*

Lembro-me de minha decisão de confiar em Dominic. Ele não irá longe demais comigo, ele disse isso.

Dominic me leva até as barras horizontais na parede oposta, desafivela minha roupa e a tira por cima dos meus braços. Ele a deixa cair no chão e me faz ficar parada de frente para a barra e de costas para ele. Então levanta um de meus braços e coloca meu pulso em um grilhão na altura do ombro, posicionado de forma que consigo mover e dobrar meu braço. Ele faz o mesmo com o outro pulso. Então Dominic abre minhas pernas e prende meus dois tornozelos também. Consigo ouvir sua respiração pesada. Isso o está deixando excitado.

– Agora – diz calmamente, após me prender por completo –, vamos começar.

Fecho os olhos com força e contraio os músculos da barriga. Vou resistir a isso. Vou conseguir. E mais tarde vou explicar a ele que o calabouço não é a minha cena, não adianta tentar.

*Por que ele a trouxe aqui?, pergunta minha voz interior, quando sabe que este lugar a deixou morrendo de medo?*

Não quero ouvir... Não quero escutar... Agora preciso me concentrar em suportar o que virá pela frente.

O primeiro toque é leve e até carinhoso, o contato de uma longa crina de cavalo em meus ombros. Dominic parece estar traçando algo em minhas costas, como se estivesse marcando o território, memorizando o contorno para quando começar a bater.

– Este é seu castigo pela desobediência – declara. Consigo sentir Dominic atrás de mim, inebriado com a cena: a garota algemada, a luz cintilante, o chicote pronto para ser usado.

O primeiro golpe é suave e gentil, assim como os seguintes. Ele está me aquecendo. O sangue corre pela pele, fazendo as chicotadas parecerem dezenas de pequenos cortes. A crina é áspera e vai raspando minha pele macia. Continuo com os olhos bem fechados e tento controlar minha respiração, mas meu coração está acelerado e o meu estômago se contraindo de medo.

O ardor começa a se espalhar quando Dominic passa a bater mais forte e ritmado.

*Então isso é o flagelo. Estou sendo castigada com um chicote em um calabouço.*

Temo, então, o que vai acontecer. Estou fora de mim, considerando minha situação. E isso significa que minha vida dentro da fantasia está oscilando e morrendo.

*Mas é tarde demais...*

Os golpes cessam e escuto os passos de Dominic em direção à parede de instrumentos. E ele retorna segurando algo diferente, posso sentir. Ele o gira no ar algumas vezes para praticar as chicotadas e então desce com força em mim, dezenas de tiras com nós picando minha pele.

Jogo a cabeça para trás e grito com surpresa e dor. Antes que consiga pensar, as tiras me acertam com força de outra direção. Ele está batendo sem pausa, na ida e na volta do chicote.

Oh, meu Deus, isso é inacreditável!

E ele continua, chibatadas pesadas me acertando com a regularidade de um metrônomo. A dor é intensa e eu grito alto com

cada golpe, incapaz de manter o controle que tinha lutado para conseguir. A cada pancada, Dominic bate um pouco mais forte, como se meus gritos o estimulassem a colocar mais força nas chicotadas. Sua respiração está pesada e forçada.

As tiras irradiam dor em minhas costas, marcando cruelmente minha pele sensível. É brutal. É mais do que posso suportar, estou tremendo e, entre meus gritos de agonia, estou chorando.

*A palavra de segurança! Tenho que usar a palavra de segurança.*

Já perdi qualquer esperança de que Dominic consiga ver o estado em que estou. Ele está me flagelando violentamente, e em meio ao torpor de dor e confusão em minha mente, acredito que ele possa estar perdendo o controle.

Agora estou realmente aterrorizada – completamente assustada, meus gritos estão ficando mais fortes e intensos enquanto essa ferramenta maligna rasga minha pele de novo e de novo, esquerda, depois direita, esquerda, direita. Há momentos em que as tiras atingem meus seios e minha barriga.

*Qual é a palavra de segurança?*

Estou sofrendo tanto, com minha cabeça rolando sobre os ombros, as costas arqueadas para dentro, tentando evitar as chicotadas, os braços tensos, eu não consigo pensar. Tudo o que faço é ficar apavorada, temendo a próxima chibatada.

*A... palavra... de segurança... é...*

Reúno toda minha força e grito:

– Vermelho!

Ele me acerta novamente, *bam!* Centenas de lâminas laceram minha pele ardente.

– Vermelho, Dominic, pare, pare!

*Não é vermelho... é... ah MERDA, essa DOR... é... outra coisa... é... MEU DEUS... estou morrendo, estou morrendo...*

– SCARLET! – grito. – SCARLET!

Aguardo tensa o próximo golpe, e quando ele não vem, começo a tremer e a soluçar incontrolavelmente. Nunca senti tanta dor antes, por dentro ou por fora.

– Beth? – É uma voz que não ouvia havia dias. É a voz normal do Dominic. A voz do meu amigo, meu amante, do homem que eu

estava morrendo de vontade de ver novamente. – Beth, você está bem?

Não consigo falar, estou chorando muito, as lágrimas correm pelo meu rosto, meu nariz está escorrendo. Os soluços chacoalham meu corpo inteiro.

– Oh, meu Deus, querida, o que foi? – Há pânico em sua voz. Ele solta o chicote e corre para soltar meus grilhões. Com os braços livres, eu desabo no chão, com a cabeça no joelho, balançando para a frente e para trás enquanto choro.

– Beth, por favor! – Dominic coloca sua mão em meu braço, com cuidado para evitar tocar em minhas costas machucadas.

– Não me toque! – berro com fúria por entre as lágrimas. – Não chegue perto de mim!

Ele fica paralisado, espantado e inseguro.

– Você usou a palavra de segurança...

– Porque você estava me arregaçando, seu desgraçado, seu grande filho da puta! Depois de tudo que fiz por você, tudo que ofereci a você e suportei por você... Meu Deus, não consigo acreditar... – Os soluços estão muito fortes e me sacodem, mas consigo falar ainda assim. – Eu fui tão idiota. Confiei em você, seu desgraçado, eu me entreguei a você e olha o que fez comigo...!

Estou completamente acabada, não só pela dor física, mas pelos vestígios da minha confiança traída, e tudo que consigo fazer é chorar.

Por vários minutos, Dominic me observa em silêncio, como se não tivesse ideia do que houve para chegarmos a este ponto ou do que fazer para me acalmar. Então ele pega meu casaco e o coloca sobre mim. Mesmo o toque do algodão macio do sobretudo faz minhas costas doerem como nunca.

Ele me ajuda a levantar, gentilmente, e me leva para fora do calabouço. Atravessamos o bar vazio e saímos. O carro ainda está esperando por nós na rua. Quando entramos nele, ainda estou chorando, incapaz de encostar as costas no banco, e nós retornamos para Randolph Gardens. Vou chorando por todo o caminho. Dominic não diz uma palavra.

**a quarta**

**semana**

## Capítulo Dezoito

Esse foi o pior domingo da minha vida. Estou sofrendo, primeiro porque minhas costas estão cobertas de uma massa de vergões que me deixaram assustada quando me olhei no espelho. Não tenho como passar um hidratante nas costas sozinha, então passo um longo tempo na banheira, com água gelada, tentando esfriar a pele.

Emocionalmente também estou um caco, incapaz de parar de chorar ao lembrar o que Dominic fez comigo. Foi uma traição e tanto. Ele pediu que confiasse nele, e confiei. Ele pediu que confiasse nele para saber os limites, e confiei. Eu disse que não gostava do calabouço, mas foi para lá que ele me levou, para me machucar e causar uma dor que me deixa sem palavras.

*E eu permiti que ele fizesse isso.*

Isso é algo que machuca também. Quem empunhava o chicote era o Dominic, mas quem deixou as coisas chegarem a esse ponto fui eu. Então lembro a mim mesma de que foi o Dominic que perdeu controle e levou a situação a um nível além da minha capacidade. Talvez tenha se esquecido de que eu era uma iniciante nisso, mas era responsabilidade dele cuidar de mim e ficar atento aos meus limites. Ele não fez nada disso.

Também dói muito ver que Dominic não me procurou para conversar. Ele ficou em silêncio. Recebi uma mensagem de texto que dizia simplesmente: *Me desculpe Dx* e mais nada.

*Será que ele pensa mesmo que uma mensagenzinha vai compensar... aquela agressão?*

Vai ter que fazer muito melhor que isso.

\*\*\*

Na segunda-feira de manhã, ligo para James e digo que estou mal e não consigo ir trabalhar. Ele parece um pouco preocupado,

como se notasse que não estou sendo honesta, mas fala as coisas certas, que devo cuidar de mim mesma e não vir até estar melhor. Passo o dia sozinha, pensando obsessivamente nos dias que passei com Dominic e tentando analisar por que no fim deu tão errado. Eu me encolho no sofá com o De Havilland e tento me reconfortar com seu calor agradável e seu ronronar.

*Pelo menos o gato ainda me ama.*

As marcas nas costas ainda estão visíveis e doloridas, mas a dor está diminuindo um pouco. O ardor, que me deixou acordada no domingo à noite, agora está passando. Já consigo ver que uma hora não vai mais doer e vou estar curada.

Na terça, ligo para dizer que continuo mal e James fica preocupado.

– Está tudo bem, Beth?

– Sim, bem... mais ou menos.

– Tem a ver com o Dominic?

– Sim e não. Olha, James, só preciso de mais um dia. Eu vou trabalhar amanhã, prometo. E aí te conto tudo.

– Tudo bem, querida. Leve o tempo que precisar. Eu compreendo.

Sei que sou sortuda por ter um chefe como ele.

\*\*\*

Na terça-feira à tarde, já estou me sentindo um pouco melhor. Minhas costas ainda doem, mas com certeza a dor está passando. Meu coração está bem mal, no entanto, por Dominic não ter entrado em contato. Sempre que penso nisso, fico devastada por ele ter me tratado tão mal e então me abandonado. Será que ele não tem noção de que me deixou destruída?

No fim da tarde de terça, ouço alguém bater à porta. Meu coração acelera quando penso na mesma hora que pode ser Dominic.

Não, digo brava comigo mesma, e vou até a porta. Deve ser o James, vindo me trazer canja de galinha e chocolate. Mas ainda

mantenho a esperança quando pego na maçaneta para abrir a porta.

Para meu espanto, o homem esperando em frente ao apartamento não é o Dominic nem o James. É o Adam.

– Surpresa! – ele diz, sorrindo de orelha a orelha.

Olho embasbacada para ele, sem acreditar no que meus olhos veem. Ele me parece tão diferente agora, apesar de sua aparência continuar exatamente como me lembro. Suas roupas são largadas e sem estilo nenhum: uma camisa xadrez barata sob uma blusa de moletom cinza com o nome de algum time e uma calça jeans folgada que sustenta sua pança inchada. Ele usa tênis de corrida brancos e carrega uma bolsa esportiva no ombro. Ele me olha e se delicia com sua aparição inesperada.

– Você não vai me cumprimentar? – diz após eu permanecer sem palavras.

– Ah... – meu cérebro ainda tenta processar o que meus olhos estão vendo. Não faz o menor sentido. O Adam? Aqui, no apartamento da Celia? – Olá – consigo dizer com a voz débil.

– Posso entrar? Estou precisando de uma xícara de chá e dar um pulo no banheiro. Não ao mesmo tempo, claro.

Não quero que ele entre, mas como precisa ir ao banheiro, sinto que não posso negar. Dou um passo para trás e o deixo entrar. É tão estranho ver essa parte da minha vida, um capítulo que achei que já havia encerrado, entrar em minha nova fase. Não gosto disso nem um pouco.

– O lavabo fica ali – digo e aponto para o banheiro. No que ele vai para lá, ganho o tempo de que precisava para pensar. Quando ele sai, assobiando feliz da vida, daquele jeito que eu costumava achar bonitinho, mas agora me faz rosnar, eu digo: – Adam, o que você está fazendo aqui?

Ele parece surpreso com meu tom cortante.

– Sua mãe me disse onde você estava e eu queria vir aqui ver você. – Ele abre os braços, como que mostrando o absurdo de eu fazer uma pergunta sobre algo tão óbvio.

Encaro Adam. Tenho a vaga lembrança de ter amado esse homem no passado, de ter ficado devastada após ele partir meu coração, mas tudo parece absurdo agora. Ele é branco demais e seu

corpo não se parece com o de um homem, comparado ao Dominic. E esse cabelo bagunçado, o rosto inchado e os olhos claros...

– Mas, Adam – digo tentando parecer razoável e controlada –, da última vez que nos vimos, a gente terminou. Você estava comendo a Hannah, lembra? Você me largou para ficar com ela.

Adam faz uma careta e um gesto impaciente com a mão.

– Ah, isso. É. Então, vim pedir desculpas. Aquilo acabou. Foi um erro e me arrependo muito. Mas o lado bom é que eu realmente quero dar uma nova chance para a gente!

Ele sorri novamente, e aguarda, como se esperasse me ver dar gritos e pulos de alegria.

– Adam... – Eu me sinto impotente. Não sei o que dizer.

– O que a gente precisa fazer para conseguir uma xícara de chá por aqui? – ele pergunta e começa a abrir as portas. Quando finalmente encontra a cozinha, ele diz: – *Aí está!* – e entra. Eu vou atrás, odiando a forma como ele invadiu minha vida organizada. Lembro agora de como ele sempre fazia isso, pegando o que quisesse e deixando tudo bagunçando.

– Adam, você não pode aparecer desse jeito. Deveria ter me ligado.

– Eu queria fazer uma surpresa – diz um pouco ofendido. Ele pega a chaleira elétrica e a enche de água. – Você não gostou de me ver? – Ele me olha com aquela cara de garotinho, que sempre me deixava derretida.

– Para falar a verdade, não é a melhor hora.

*Pelo amor de Deus, não tente poupar os sentimentos dele! Ele não teve dó de você. Apenas diga para pegar suas coisas e sair daqui!*

– Você não parece tão ocupada assim. Sua mãe disse que você poderia estar no trabalho e que era melhor esperar até mais tarde ou ligar para você, mas pensei em aparecer aqui e ver o que rolava. E aqui está você! É o destino, viu? – A chaleira já está ligada na tomada.

*Está bem, só uma xícara de chá e ele vai embora.*

Faço duas canecas de chá enquanto ele me conta de sua viagem de trem para Londres e sua experiência no metrô. Eu o levo para a

sala, onde o De Havilland está vigilante na janela, observando os pombos como sempre faz. Ele vira o rosto para nós, pisca e se volta para a janela de novo, com o rabo entre as pernas.

– Mas este lugar é demais – Adam diz, observando a sala. – De quem é?

– Da madrinha do meu pai. O nome dela é Celia.

– Uau. Comporte-se direitinho e talvez você consiga herdar isso aqui. – Ele me olha com cara de sabichão. – Isso seria legal.

Sentamos no sofá. Fico pensando no que vou dizer a ele. Aí lembro nosso passado recente.

– Então. Hannah. Não deu certo, é?

Ele enruga o nariz, como se tivesse se lembrado de algo desagradável. – Nem. A gente não combinava. Era algo mais físico, sabia? Foi legal por um tempo, mas depois ficou chato.

Vejo a imagem dos dois na cama, mas agora ela não me incomoda nem machuca. Na verdade, os dois combinam muito bem. Lembro-me do Adam fazendo amor comigo, ofegando em minha orelha enquanto bombava em mim, dentro, fora, dentro, fora, do mesmo jeito sempre. Era superficial e rápido. Era bom, porque eu o amava, mas era apaixonado? Sensual e excitante? Ele explorava limites e me ajudava a descobrir aspectos de mim mesma que eu não sabia que existiam?

Claro que não. Foi Dominic quem fez isso.

Nessa hora, percebo que a experiência com Dominic me mudou para sempre. Nunca vou poder voltar para alguém como o Adam agora. Dominic pode ter alguns gostos e preferências excêntricos, mas pelo menos ele não era chato.

Adam fica me olhando, com as mãos segurando a caneca.

– É por isso que eu queria voltar e falar com você. O que a gente tinha era especial. Fui um idiota e te machuquei, mas deixei tudo aquilo para trás agora. Quero que a gente volte a ficar juntos.

– Eu... não... acho... – Respiro fundo e digo: – Não, Adam. Isso não vai acontecer.

Seu rosto desaba.

– Não vai?

Balanço a cabeça.

– Não. Tenho uma nova vida agora. Um emprego.  
– Um namorado? – ele pergunta na hora.  
– Bem, não exatamente. Não. – *Afinal, parece que Dominic e eu terminamos.* – Mas isso não muda nada. A gente não tem mais futuro agora.  
– Por favor, Beth. – Ele me olha de um jeito cativante. – Não me dispense assim tão rápido. Sei que vir aqui do nada pode ter sido meio chocante. Leve um tempo para pensar no assunto.  
– Não vai mudar nada – digo com firmeza.  
Ele suspira e bebe seu chá.  
– Bem, podemos falar sobre isso mais tarde.  
– Mais tarde?  
– Beth, não tenho lugar para ficar. Pensei em ficar aqui, com você.  
– Por que você achou isso? – grito exasperada. – A gente terminou!  
– Mas eu quero você de volta.  
Dou de ombros e bufo de irritação. Voltamos ao início.  
– Não posso voltar para casa esta noite – Adam diz. – Me deixe ficar aqui? Por favor?  
Não tenho muito que fazer agora. Não vou colocá-lo para fora a esta hora.  
– Está bem. Você pode dormir no sofá. Mas é só por uma noite, entendeu? Estou falando sério.  
– Mensagem captada! – ele responde brincando, e consigo ver em seu rosto que ele está confiante de que uma noite é tudo que basta para me reconquistar.

\*\*\*

Assim que me acostumei com a presença do Adam, de uma forma estranha, acabei gostando que ele tenha ficado. Ele é boa companhia, e em pouco tempo já estava tagarelando, me contando das fofocas que perdi e o que seu irmão louco andava fazendo. Fiz uma massa simples para o jantar, que comemos juntos enquanto ele

continuava falando. É estranho ter tanto barulho no apartamento da Celia, que normalmente é bastante quieto.

Mais tarde, voltamos para a sala e o Adam vem com uma conversinha para me lembrar dos bons tempos que passamos juntos e das promessas que fizemos um ao outro. Não me importo com as lembranças, mas elas não terão o efeito que ele gostaria. Quando trago um travesseiro e um cobertor para ele se acomodar no sofá, Adam tenta me beijar, mas eu recuso com firmeza. Ele aceita com tranquilidade.

Tenho certeza de que pensa que é só uma questão de tempo antes que eu ceda.

Vou dormir no quarto da Celia, ainda surpresa com o fato de que o Adam está logo ao lado, talvez planejando como vai entrar aqui na minha cama. Felizmente, ele não tenta isso.

Na manhã seguinte, estou me sentindo muito mais bem-humorada e ansiosa para voltar a trabalhar.

– Você vai embora mais tarde? – pergunto a Adam enquanto junto minhas coisas depois do café da manhã.

– Bem... – Ele parece tramar algo. – Pensei em ficar um pouco, na verdade, se você não se importar. Gostaria de passear um pouco em Londres, já que estou aqui e tenho onde ficar...

– Adam – digo em um tom ameaçador.

– Só mais uma noite? – implora.

Eu o encaro. Acho que ele não vai trazer problemas.

– Só mais uma. E acabou.

Ele sorri.

– Fechado.

\*\*\*

É muito bom ver o James de novo. Estava com saudades.

– Gata, você está de volta! – ele diz logo que entro na galeria. – Estava tão preocupado. – Ele vem e me dá um abraço, mas me afasto, contraindo o corpo.

– Ai. – Ele percebe o que houve e fica um pouco triste.

– Beth, ele a machucou?

Confirmo com a cabeça, devagar. É um alívio poder enfim me abrir com alguém.

– Que verme. Foi contra a sua vontade?

Aceno novamente com a cabeça, e sinto que estou traindo Dominic.

– Isso é proibido – diz James com o rosto sério, me olhando por cima dos óculos como sempre faz. – Sinto muito, Beth, não me importa quanto você goste dele... a regra do BDSM é que seja sempre *seguro, sadio e consensual*. Se o Dominic quebrou as regras, não chegue perto dele novamente, me ouviu?

Algo em mim murcha de desespero ao ouvir aquelas palavras. Mas talvez James esteja certo. Só queria que me afastar de Dominic fosse mais fácil.

\*\*\*

Passamos uma manhã divertida contando as novidades e rindo da história do Adam aparecer e tentar me reconquistar. Digo a James que estou decidida a expulsá-lo amanhã, não importa o que aconteça.

Na hora do almoço, decidimos comer sushi, então cruzo a Regent Street em direção ao nosso japonês preferido para pegar alguns sushis para viagem. Quando saio da galeria, passo por uma velha igreja, escondida do mundo por trás de uma parede de tijolos vermelhos e um portão de ferro, aberto para que os pedestres possam entrar para dar uma olhada. Para minha surpresa, alguém sai do pequeno pátio quando estou passando e me pega pelo braço.

Tomo um susto e vejo que é Dominic quem está me agarrando com força, os olhos selvagens e com a aparência desleixada, o que é incomum para ele.

– Dominic! – Meu estômago se contrai de emoção ao vê-lo novamente.

– Preciso falar com você – ele diz com urgência e me puxa pelo portão até o pátio.

*Ele vai se desculpar! Meu coração palpita só de pensar nisso. Talvez ainda haja esperança...?*

Ele me encara como se estivesse bravo, uma expressão febril em seu rosto, e diz:

– Quem é ele, Beth?

– O quê?

– Não se faça de inocente... eu o vi! O homem no seu apartamento! Quem diabos é ele?

Respondo sem pensar.

– É o Adam.

Ele respira fundo, me encara com um olhar intenso, quase desesperado, e então solta meu braço e sai andando rapidamente do pátio, sem olhar para trás.

– Merda! – eu falo enquanto corro atrás dele. Dominic já desapareceu por uma rua lateral. Por que fui falar isso? Por que não fingi que era meu irmão? Agora ele vai achar que voltei com o Adam. Xingo de novo. Vou ter que telefonar para Dominic mais tarde e explicar as coisas.

*Mas espera, por que preciso fazer isso? Ele ainda nem se desculpou pelo que fez comigo. Talvez seja bom deixá--lo com ciúmes.*

Ainda não decidi o que fazer quando volto com nosso sushi.

Vou pensar nisso mais tarde.

\*\*\*

Adam conseguiu, em apenas um dia, espalhar pelo apartamento tudo o que havia em sua bolsa, além de todo o lixo da comida que ele comprou ou preparou. Sinto uma onda de irritação ao ver como ele foi tão descuidado com o apartamento. Ao mesmo tempo, me sinto aliviada por não ter que passar o resto da minha vida limpando as coisas atrás dele.

– Como foi seu dia? – ele pergunta, atencioso, quando entro. – Pensei em te levar para jantar fora hoje.

– Isso é legal da sua parte, Adam, mas por que não saímos primeiro para beber alguma coisa e depois vemos o que a gente faz?

Já tinha me decidido a ser completamente franca com ele hoje à noite, dizer que não há chance de voltarmos e explicar que ele precisa ir embora amanhã cedo. Um *pub* vai ser um bom lugar para se fazer isso.

– Está bom, ótimo. Vamos lá.

Saímos do prédio e caminhamos juntos pelas ruas abafadas. O ar está mais úmido e o céu, coberto com nuvens brancas pela primeira vez em muito tempo. Sinto que há uma tempestade se formando, mas provavelmente é o que precisamos depois de vários dias de céu azul e calor.

– Sabe de uma coisa, Beth? – Adam diz casualmente enquanto caminhamos. Estou indo para o lugar em que Dominic me levou naquela noite. – Você está diferente, sabe? Você parece mais... não sei... mais adulta. Mais sofisticada. E mais *sexy*. Com certeza está mais *sexy*. – Ele me lança um olhar que deveria ser paquerador, mas acabou parecendo mais um olhar desconfiado.

– É mesmo? – Fico interessada, apesar de tudo. Tenho pensado se todas as minhas experiências das últimas semanas não acabaram me mudando, me deixando diferente. Pelo jeito, deixaram.

– É – ele diz, afável. – Você está mesmo atraente.

– Obrigada – digo rindo, e então lembro que vou jogar um balde de água fria nele a qualquer momento. – Mas, Adam, apesar de ser muita gentileza sua, isso não significa que vai acontecer alguma coisa entre nós.

Nós paramos. Ele me olha nos olhos. E então dá um sorriso triste.

– Acabou mesmo, não?

Confirmo com a cabeça.

– Sim. Eu não te amo. Acabou de verdade.

– Tem alguma outra pessoa? – ele pergunta.

Fico corada e não digo nada.

– Achei mesmo que tivesse – ele diz e suspira. – Oh, bem. Valeu a tentativa. Eu fui um idiota, Beth, sei disso. Não sabia o que tinha em minhas mãos até perdê-la. Ele é um cara de sorte, posso dizer isso.

Sorrio de volta para ele, me sentindo um pouco emocionada.

– Obrigada por dizer isso, Adam. De verdade. Você tirou um grande peso dos meus ombros. A gente ainda pode ser amigos.

– Sim, claro – ele fala sinceramente. – Mas algo me diz que não vamos ver você muito lá em nossa cidade. Posso estar errado, claro, mas é o que meu instinto está dizendo. – Ele pensa por um momento e diz: – Ainda podemos ir beber um pouco? Pelos velhos tempos?

– Sim. Vamos lá.

– Está bem. E amanhã de manhã voltarei para casa.

Nós nos olhamos mais um pouco, reconhecendo o que significamos um para o outro e também que essa fase de nossas vidas se encerrou. E então voltamos a caminhar em direção ao *pub*.

\*\*\*

Quando voltamos, bem mais tarde, destranco a porta do apartamento para entrarmos. Adam, um pouco bêbado depois de quatro *pints*, está falando alto e não percebe no chão o envelope creme destinado a mim.

Meu coração pula quando vejo aquilo e o pego rapidamente. Enquanto o Adam fica tagarelando, corro para o quarto e abro o envelope com as mãos trêmulas. Está escrito:

*Para Minha Mestra,*

*Seu escravo humildemente requisita uma noite com você. Honre-o com sua presença amanhã à noite no budoar. Ele estará aguardando a partir das 8 horas.*

Aperto a carta contra o peito.

*Oh, meu Deus. Meu escravo? O que ele quer dizer com isso?*

*Eu vou. Claro que vou. Como poderia não ir?*

## Capítulo Dezenove

No dia seguinte, despeço-me de Adam e o observo sair em direção à estação de trem, de volta a um mundo que deixei para trás. Em breve a Celia vai voltar e o que farei então? A preocupação está começando a me incomodar. Não vou ter onde ficar e, assim que o assistente de James sair do hospital, também não vou mais ter um emprego.

Decido escrever um *e-mail* para Laura, e dizer que estou interessada em rachar um apartamento com ela, e talvez James descubra uma forma de me manter trabalhando lá na galeria.

Uma coisa é certa. Não posso voltar para minha antiga vida. Não agora.

\*\*\*

Passo o dia em um estado de alta ansiedade, mas não sei como vou me sentir com nosso próximo encontro. Guardo isso para mim, ponderando o que ele pode significar para nós, alternando entre a empolgação e o medo. A dor física em minhas costas pode ter desaparecido, e as marcas já praticamente sumiram, mas ainda estou muito machucada pela forma como as coisas aconteceram. Fiz o melhor para ser tudo o que Dominic precisava e, no fim, ele exigiu mais do que eu poderia dar. E o fato de que não houve um pedido de desculpas da parte dele é o que me dói mais, muito mais do que as chicotadas em si. Eu o amava e me entreguei a ele, e Dominic simplesmente sumiu da minha vida, como se nunca tivesse entrado nela.

Lembro-me dos seus olhos selvagens quando me perguntou sobre o Adam. Ele deve pensar que reatamos o namoro. Bem, ele vai descobrir logo, quando o Adam não estiver mais visível no apartamento.

Também estou intrigada. Meu escravo? Dominic não é submisso. Sei que ele começou assim, como o brinquedinho da Vanessa enquanto ela praticava suas habilidades de dominadora, mas ele deixou isso para trás.

Algo vai acontecer. Só não sei bem o quê.

\*\*\*

Quando volto para casa, tomo um longo banho, deixando as horas passarem. Visto-me com cuidado, sem nenhuma fantasia dessa vez, mas com meu vestido preto. Posso não estar usando calcinhas esburacadas ou roupas de couro hoje, mas coloco minha lingerie mais bonita.

*Vai que...*

Em segredo, espero que ele esteja aguardando para me pegar em seus braços e dizer que cometeu um erro terrível, que não é dominador, que é só um cara normal, tipo "corações e flores e sexo um pouco diferente mas fantástico", e que quer ficar comigo. Isso resolveria todos os nossos problemas de uma vez. Mas tenho a sensação de que isso é improvável.

Passa das 8h30 da noite quando me dirijo ao budoar. Sei que é infantilidade fazê-lo esperar, mas não consigo evitar dar o troco pela forma como ele me fez esperar. Quando bato na porta, meu pulso está acelerado e minhas mãos, suadas. O nervosismo se faz sentir na boca do meu estômago. Quero muito vê-lo, o velho Dominic que uma vez pertenceu a mim, mas também estou com medo do que pode acontecer no budoar. Prometi ser uma submissa sempre que estivesse aqui.

*Mas não estou usando a coleira, lembro a mim mesma.*

Após um momento, a porta se abre e tudo o que vejo é escuridão. Olho para dentro e então dou um passo à frente.

– Dominic?

– Beth. – Sua voz é grave e rouca.

– Venha para o quarto. Vejo uma luz abafada sair de dentro do quarto. Ando em direção a ela. No budoar, o banco sumiu, embora a

cadeira de couro branco continue por lá. Há duas poltronas no pé da cama, viradas uma de frente para a outra. Os abajures do quarto irradiam uma tênue luz. Dominic está sentado em uma das poltronas e se levanta quando entro, a cabeça curvada como se estivesse olhando para o chão.

– Obrigado por vir – ele diz de forma sombria. – É mais do que mereço.

– Quero ouvir o que você tem a dizer – respondo. Minha voz soa mais forte do que me sinto. – Estava imaginando quando você falaria comigo novamente, se é que iria falar...

Ele olha para mim, e vejo que seus olhos estão carregados de tristeza. Quero correr até ele, abraçá-lo e dizer que tudo vai ficar bem. Mas consigo me controlar. Estou desesperada para ouvir o que ele tem a me dizer.

– Venha e sente-se, Beth. Quero explicar tudo. – Ele faz um gesto apontando para a poltrona diante da dele. Quando estamos os dois sentados, ele diz: – Passei por um período muito difícil desde a última vez que nos vimos. O que aconteceu no sábado... aquela coisa horrível... me deixou em uma séria crise. Tive de me afastar por alguns dias e me encontrar com alguém com quem pudesse confessar o que fiz e pedir conselhos.

– Um terapeuta? – pergunto.

– Não, não exatamente. Uma espécie de mentor, eu diria. É alguém que me guiou ocasionalmente neste caminho, alguém cuja sabedoria e experiência eu respeito e admiro. Não vou falar mais dessa pessoa agora, exceto para dizer que compreendi a gravidade do que fiz. – Dominic baixa a cabeça de tristeza novamente, e ele junta as mãos no colo como se estivesse suplicando.

Meu coração se desmancha por ele. Dominic está tão lindo nessa meia-luz, todo sombreado pela luminária atrás dele, e quero muito tocá-lo, acariciar seu rosto e dizer que eu o perdoo.

*Mas será que já o perdoei?*

*Ainda não. Há algumas coisas que preciso dizer antes de conseguir perdoá-lo.*

Ele olha para mim. Seus olhos parecem carvão líquido naquela luz.

– Há regras que orientam esse tipo de relacionamento, Beth, como você sabe. Fui muito arrogante. Quando estabelecemos nossas regras básicas, eu disse que iria saber entendê-la e compreender quando chegasse ao seu limite. Não deixei que você estabelecesse seu próprio limite, apesar de saber que não gostava do calabouço. Vejo agora que estava determinado a levá-la para lá, sem me importar com o que você sentia. Eu... – ele para e faz uma careta – ... me foi dito que agi assim por causa dos meus relacionamentos frios do passado, sem amor, em que minhas submissas tomavam parte em minha vida apenas para me dar prazer sexual. Mas isto – nós – é algo totalmente diferente. Sei que você se entregou a mim por amor, não por seu próprio prazer. Dói muito lembrar como usei de forma tão egoísta algo tão precioso.

– Você não foi completamente egoísta – digo com carinho. – Adorei muitas – não, a maioria – das coisas que fez comigo. Eu me diverti muito. Você me deu tanto prazer, que eu nem fazia ideia de que era possível. Mas havia algo muito errado.

Ele concorda com a cabeça.

– Acho que sei o que é. Mas pode continuar e me dizer. Já sei o que vou dizer. Estive pensando nisso fazia dias.

– Quando você se tornou o mestre Dominic, você apagou totalmente o outro Dominic. Você nunca me beijava com algum sentimento ou carinho, e também mal me tocava. Eu conseguia aguentar isso quando estávamos fazendo nossa cena, enquanto era sua submissa. Mas depois, me sentia tão estranha... quando estava tão próxima de você, mas tão vulnerável depois de todas as coisas que fez comigo, especialmente depois de me bater... era nessa hora que mais precisava do seu amor e carinho. Eu precisava do seu beijo e do seu abraço, precisava que você me dissesse que fiz a coisa certa. – Começo a chorar. – Acima de tudo, eu precisava saber que não era uma das suas escravas sem valor, mas sim sua garota preciosa.

– Pare, Beth – ele diz. Sua voz é severa, como se fosse difícil ouvir o que tenho a dizer. – Fiz uma merda tão grande e sei que foi errado. É difícil para eu admitir, porque nunca perdi o controle em uma cena antes, nunca. Achei que estava acima disso, que era um

mestre experiente em minha arte. – Ele ri com tristeza. – Acontece que não era bem assim. E não sei por que isso aconteceu. Só posso imaginar que foi porque não estou acostumado a estar tão envolvido emocionalmente com alguém. – Dominic se levanta, vai até o armário, abre a porta e pega algo. Ele volta com o objeto e o coloca sobre meu joelho. – É por isso que eu quero que você use isto.

É o gato de nove caudas que ele usou em mim no calabouço, e sinto náuseas só de olhar para aquilo.

– Dominic, não, não posso...

– Por favor, Beth. Quero que você faça. Não vou conseguir me perdoar até sofrer um pouco do que fiz você sofrer. – Ele me encara com olhos intensos, implorando que eu faça isso com ele.

Minha vontade é jogar essa coisa maldita pelo quarto.

– Por que não podemos ser normais? – grito com ele. – Por que você não pode só pedir desculpas? Por que tem que ter *isso* no meio?

– Porque é minha penitência – ele diz com a voz baixa, como se estivesse repetindo algo que ouviu. – Tenho de passar por isso. – Ele tira a jaqueta, e então a camiseta, e fica nu da cintura para cima.

*Oh, meu lindo Dominic. Quero amá-lo. Não quero bater em você...*

– Não – digo, com a voz pouco mais alta que um sussurro.

Dominic se levanta da cadeira e se ajoelha a meus pés, de cabeça baixa. Percorro os olhos sobre suas costas morenas, vejo seus cabelos pretos macios, os músculos curvados dos ombros. Quero senti-lo, tocar essa mistura inebriante de músculos rijos e pele macia. Estico o braço e acaricio seus cabelos. Ele diz calmamente:

– Quero me desculpar, Beth, pelo ato imperdoável que cometi com você. Abusei da sua confiança, a parte mais importante do nosso relacionamento. Sinto muito, muito mesmo.

– Eu te perdoo. Não quero castigá-lo.

– Beth, por favor... – Seus olhos se viram suplicantes para mim.

– Preciso disso. Preciso sofrer como você. É o único jeito.

Olho novamente para o chicote em meu colo. Parece tão inofensivo. Mas empunhado por um homem forte, ele é capaz de esfolar uma pessoa viva.

– Por favor. – Ele diz isso carregado de necessidade.

*Como posso recusar o pedido?*

Eu levanto, pego a chibata, sentindo seu peso. Será que é este, penso, o momento em que estou sendo mais submissa? Meu lindo, controlador e poderoso Dominic quer que eu o faça sentir um pouco da dor que infligiu em mim. Ele exigiu, e vou obedecer.

– Está bem. Se é isso o que você quer...

Seu rosto fica aliviado.

– Obrigado – diz quase feliz. – Obrigado.

Dominic se levanta e vai até o banco de couro branco. Eu me lembro do êxtase que senti lá, quando Dominic me levou a picos de prazer incríveis. Agora ele está deitado de bruços, abraçado ao encosto. Suas costas totalmente expostas a mim, do pescoço à cintura.

– Estou pronto – ele diz.

Eu me aproximo e fico perto da cadeira, sentindo o peso do chicote em minhas mãos. Seu cabo é longo demais para que consiga segurá-lo confortavelmente, e não acho que seja o instrumento que um dominador apaixonado iria usar para começar um flagelo. Lembro-me de como Dominic sempre começava com golpes delicados e materiais mais suaves antes de passar para os instrumentos mais agressivos.

*Vou mesmo fazer isso?*

É o que ele quer, digo a mim mesma. E, apesar de tudo, eu o amo.

Levanto o chicote e o desço nas costas de Dominic com um movimento circular. É um golpe totalmente ineficiente, que mal o acerta, mas a sensação de usar uma chibata é tão estranha que não consigo colocar força nela. Tento de novo e de novo, mas ainda não consigo usá-la com força de verdade. Temo que seja porque eu não quero.

– Tente um movimento diferente – diz Dominic. – Leve o braço para trás e bata em uma linha reta para que as tiras estalem em mim, e volte pelo mesmo caminho. Não gire o corpo, mantenha a força no braço e no pulso.

*Lições do mestre, penso sarcástica,* mas faço como ele diz e o primeiro golpe com alguma força acerta as costas dele. Eu me assusto com a vibração em meu braço.

– Isso – diz Dominic com a voz firme. – Continue. Mais forte.

Bato de novo do mesmo lado. Agora vejo a pele escurecer onde foi atingida pelas tiras e volto com o chicote de outro lado, acertando as costas no mesmo lugar.

– Muito bom, Beth. Continue.

Começo a encontrar meu ritmo ao ficar acostumada com o peso do chicote e com a sensação das tiras atingindo as costas de Dominic. Começo a ouvir os sons e perceber a forma como eles formam um tipo de batida com minhas ações. Estou até mesmo esquecendo que os estalos das tiras em suas costas causam muita dor, mesmo sabendo disso. Os golpes estão ficando mais fortes. As costas de Dominic ficam avermelhadas, a pele tornando-se inchada com as chibatadas. Percebo a sensação de poder que isso traz, como a vontade de rasgar uma vítima voluntária nos enche de uma força sombria e primitiva. Talvez haja alguma brutalidade em mim, no fim das contas.

*Então talvez a pessoa que o dominador mais precise controlar seja ele mesmo. Seu desejo deve ser restrito pelo limite de dor do submisso.*

Entendo agora que foi aí que Dominic falhou com si próprio. E comigo...

Enquanto penso nisso, qualquer vontade de saborear a dor que estou infligindo desaparece. A visão da pele avermelhada e dos vergões que saltam onde as tiras bateram me traz uma grande tristeza.

Mas eu continuo.

O instinto me diz para mudar de posição e fico quase que ao lado de Dominic, levando meu braço para trás e batendo como um tenista rebate uma bola com força. Logo antes de o chicote acertá-lo, eu seguro o movimento para que o impulso siga pelas tiras e elas atinjam a pele com o máximo impacto possível.

Quando o primeiro desses golpes atinge Dominic, ele grita alto. O som rasga meu coração. Ele grita de novo e de novo ao ser atingido

pelas dentadas do chicote. Vejo que a pele em suas costas começa a soltar um fluido claro e essa visão enche meus olhos de lágrimas. Soluços sobem no meu peito e irrompem em minha garganta no ritmo das minhas chicotadas. Isso está ficando demais, mas cerro os dentes e me forço a prosseguir.

Dominic está se contendo agora. Seus olhos estão fechados e posso ver em sua mandíbula o esforço que faz para absorver a dor e não gritar. Sei que cada chicotada o está purificando, lhe trazendo a redenção que tanto deseja.

*Mas não sei por mais quanto tempo vou conseguir suportar isso. É selvageria demais, é desumano.*

– Não pare – Dominic ordena, por entre os dentes cerrados. – Continue.

*Continue?* As lágrimas escorrem pelo meu rosto agora, enquanto obedeco e sigo batendo a chibata com força em suas costas. Os vergões agora sumiram em meio à massa inchada e vermelha que se formou em suas costas. E a pele continua soltando o líquido transparente, viscoso e brilhante.

– Não consigo – digo –, não consigo. – Os soluços estão começando a me deixar sem ar.

Então eu vejo. Gotas vermelhas brotam da superfície de sua pele torturada, irrompendo como minivulcões. Elas pipocam pelas costas e começam a correr. Sangue.

– Não! – grito e baixo a chibata, deixando suas tiras sem força. – Não, não posso mais. – Começo a gritar seriamente. – Suas costas estão sangrando!

Caio de joelhos no chão, largo o chicote e começo a chorar. Como chegamos a esse ponto? Estou batendo no homem que amo até ele sangrar.

Dominic se mexe e se levanta lentamente. Ele está rígido pela dor, e quando se vira para me olhar, seus olhos também estão cheios de lágrimas.

– Beth, não chore. Não entende que não quero mais lhe causar dor?

Isso me parece tão irônico que choro ainda mais copiosamente.

– Minha menina, minha menina. – Ele se levanta do banco e vem até mim, se ajoelha perto e segura minhas mãos. – Não chore.

Mas seu rosto está cheio de tristeza, seus olhos brilham com as lágrimas. Não posso nem mesmo abraçá-lo, pois suas costas estão machucadas demais para isso. Então pego seu rosto com as minhas mãos.

– Como foi que chegamos a isso? – sussurro. Então me levanto devagar. – Não posso mais fazer isso. Sei que você precisa trabalhar sua culpa ou qualquer merda que esteja sentindo agora, mas não posso mais ser seu instrumento. Machuca demais, Dominic. Me desculpe.

Então me viro em direção à porta e o deixo lá. Não quero abandoná-lo, mas sei que se não for agora, meu coração vai explodir.

## *Capítulo Vinte*

No trabalho, o James é bem gentil comigo. Ele consegue ver que minhas emoções estão confusas e que estou passando por algo difícil. Ele deve ter se arrependido de me dar o emprego, penso. Desde que comecei, só o preocupei.

Mas consigo voltar minha mente para o trabalho na galeria. Isso ajuda porque, enquanto estou focada na organização da exibição, esqueço a cena horrível de ontem à noite. Quando me lembro dela, é como uma espécie de horror distante. Sinto como se estivesse no meio de um pesadelo, onde amor e dor estão íntima e inseparavelmente entrelaçados, e pela primeira vez não sei se consigo suportar isso.

Penso no Adam – o tranquilo e previsível Adam – esperando por mim de volta em casa. Talvez esta seja a resposta, no fim das contas. Talvez o mundo de grandes paixões, cheio de drama, não seja para mim.

Mas parece que não há solução. Vou partir meu coração, quer continue quer não.

\*\*\*

À tarde, James me traz uma xícara de chá e diz:

– Tive algumas notícias do Salim.

Salim é o assistente de James, e, pelo que pude ver pelos arquivos, é incrivelmente organizado e eficiente.

– Ele vai sair do hospital na próxima semana – James continua, parecendo um pouco envergonhado. – Depois, ele vai voltar para seu emprego aqui.

– Sempre soube que ele voltaria – respondo. – Você nunca me deu a entender o contrário.

James suspira e tira os óculos de armação dourada.

– Eu sei. Mas adorei ter você aqui, Beth. Você deixou minha vida um pouco mais animada, devo dizer. Gostaria de encontrar um modo de mantê-la aqui.

– Não se preocupe – digo sorrindo. – Tenho que deixar o apartamento da Celia na próxima semana. Sempre soube que isso tudo era temporário.

– Ah, Beth. – Ele coloca a mão em meu braço. – Vou sentir saudades. Espero que sempre me considere um amigo.

– Claro que vou. Você não vai se livrar de mim tão fácil! – Estou me esforçando para parecer normal, mas por dentro sou um turbilhão de incerteza. Que raios vou fazer depois? Mesmo que a Laura queira dividir um apartamento comigo no outono, vou precisar voltar para casa nesse meio-tempo. Sem lugar para ficar e sem trabalho, o que me segura aqui?

*Dominic?*

Não cogito essa ideia. Machuca demais pensar em qualquer alternativa: estar com ele e estar longe dele parecem igualmente dolorosos.

– Se aparecer alguma coisa boa para você, eu aviso – diz James.

– Obrigada, James. Eu agradeço.

– Como estão as coisas com o Dominic? – ele pergunta meio hesitante. – Alguma mudança?

Fico em silêncio por um momento, pensando no que posso contar a ele. Então digo:

– Não acho que vamos dar certo. Somos diferentes demais...

– Ah... – Ele diz como se já soubesse. – É mais ou menos como uma mulher se apaixonar por um homem gay, imagino. Você pode achar que vai conseguir mudá-lo, mas não vai. – Ele me conforta, passando a mão no meu braço novamente. – Sinto muito, querida. Você vai encontrar outra pessoa, prometo.

Não sei se consigo falar, então apenas aceno com a cabeça. Então baixo o rosto e volto a mexer no banco de dados de clientes antes que James consiga ver meus olhos marejados.

\*\*\*

Na sexta-feira à noite, Londres está borbulhando enquanto caminho de volta para casa. Apesar de o sol já ter realmente desaparecido sob uma nuvem cinzenta, ainda está quente, quase com um mormaço, e o ar parece mais leve que de costume.

Sinto que há algo estranho logo que entro no elevador. Quando abro a porta do apartamento, tenho certeza de que há algo diferente no ar. Pela primeira vez, De Havilland não vem trotando para me receber, com o rabo no ar. Então vejo duas grandes malas no corredor.

– Olááá – escuto uma voz e, logo em seguida, vejo uma mulher mais velha e bastante chique no corredor que leva em direção à sala. Ela é alta e elegante, está usando um vestido de seda azul, sua pele é lisa como a de um bebê e tem o cabelo prateado e curtinho. É a Celia.

Olho para ela com espanto.

– Eu sei, eu sei – Celia fala e vem em minha direção de braços abertos. – Deveria ter telefonado. Pensei nisso, mas quando fui ligar, meu telefone não funcionou, e quando ele funcionou, estava enrolada com passaportes, aeroportos e mais um monte de coisas.

Ainda estou processando tudo quando ela pega minhas mãos e me dá dois beijos no rosto.

– Entendi errado? – pergunto. – Achei que você voltaria na semana que vem.

– Não, você está certa, mas eu não aguentava mais aquele retiro desgraçado nem por mais um minuto. Nunca fiquei presa com gente tão chata por muito tempo. Nem acredito que consegui ficar tanto tempo por lá. E a comida... – Ela olha para cima. – Posso ser fresca, querida, mas duvido que exista algum imperativo moral que mande a comida ser horrorosa! Na verdade, eu me comporto muito melhor quando posso comer coisas deliciosas três vezes ao dia. Agora, não fique desapontada porque voltei mais cedo.

– Claro que não estou – insisto, mas eu estou... Muito...

– Você não precisa sair, pode ficar aqui até o combinado, mas só quero retomar minha cama. Senhorinhas de 72 anos precisam de seus colchões de mola e travesseiros com suporte firme. Mas me falaram que meu sofá é mais confortável que muita cama de hotel.

Pode ficar com ele. – Ela sorri para mim. A Celia realmente tem uma pele incrível: parece lisa como um lenço.

– Bem, se você não se importar – digo com hesitação. Não tenho outro lugar para ir, afinal, e ainda tenho mais uma semana de trabalho com o James. Talvez eu arrume alguma coisa na semana que vem, apesar de não conseguir pensar em nada no momento...

– Claro que não me importo. O apartamento está lindo e o De Havilland está bastante feliz. Obviamente você cuidou muito bem do meu anjinho. Agora, você tem planos para hoje à noite ou posso levá-la para jantar?

Não tinha planos mesmo, exceto ficar tentando ver Dominic no apartamento do outro lado. Isso vai ter que esperar, imagino.

– Vai ser ótimo jantar com você, Celia, obrigada – digo feliz.

– Excelente. Vamos ao Monty's Bar. Eles fazem uma comida maravilhosa e sinto que eu mereço isso depois de tudo o que sofri.

\*\*\*

O Monty's Bar e o jantar com a Celia são maravilhosos, mas não consigo evitar querer estar sozinha, de volta ao seu apartamento silencioso, para poder ver se Dominic está em casa ou não. Ela é bem interessante e divertida, e me pergunta um monte de coisa do tempo que passei aqui em Londres e meu trabalho na galeria, mas sinto que deveria estar em outro lugar. Ao voltarmos para casa, já está tarde, e quando enfim tenho a chance de olhar pela janela, o apartamento em frente está na mais completa escuridão.

A Celia arruma o sofá com lençol, cobertor e um travesseiro, e me aconchego nele, mas não consigo dormir por um bom tempo. Tudo o que faço é olhar para as janelas escuras do apartamento do outro lado e pensar em onde Dominic está e no que está fazendo.

\*\*\*

No sábado, fica claro que a Celia vai ficar bem ocupada no apartamento, desfazendo a mala e ajeitando suas coisas de volta,

então saio bem cedo para um longo passeio pela cidade. Sinto quase como se tivesse voltado ao começo de tudo, enquanto ando por Londres junto com os outros turistas, aguardo na fila do British Museum e do Victoria & Albert. A cada meia hora olho para meu celular, esperando ter alguma notícia de Dominic, mas sei que é improvável. Eu disse a ele, quando saí, que não conseguia mais fazer o que ele queria de mim. Ele provavelmente desistiu de nós e, agora que conseguiu realizar sua estranha ideia de penitência, não precisa mais de mim.

Ainda assim, não consigo evitar sentir uma ponta de esperança de que ele queira lutar por mim, talvez até tentar mudar. Mas hora após hora se passa, sem nenhuma mensagem dele.

\*\*\*

No fim da tarde, volto para casa com calor e cansada, e a Celia está me esperando calma e relaxada, agora que desfez as malas.

– Chá para você – ela anuncia e prepara uma chaleira de chá preto, que me serve junto com um delicioso biscoitinho de damasco. Enquanto estamos bebericando nosso chá, ela fala sobre diversas coisas e então diz: – Ah, sim. Antes que me esqueça... quando cheguei em casa ontem, havia uma carta para você no capacho em frente à porta. Eu a deixei sobre a mesa e queria avisá-la, mas acabei me esquecendo. Só lembrei dela quando você já tinha saído de manhã.

Deixo minha xícara de lado e saio correndo até a mesa. O envelope creme familiar está endereçado a mim com a letra manuscrita de Dominic e eu o abro com as mãos trêmulas. Há um cartão dentro.

*Querida Beth,*

*Jamais vou deixar de respeitar sua coragem e bravura. Exigi muito fazer o que pedi ontem à noite. Sei que forcei os limites com você e compreendo que foi até onde pôde ir. Se existe alguém que precisa ceder, essa pessoa sou eu, Beth, e não você. Fui muito egoísta, mas aprendi que isso não vai me dar o que eu mais preciso, que é você. Tive minha chance, sei disso. Você insistiu comigo por mais*

*tempo que qualquer outra mulher tentaria. Ainda assim consegui estragar tudo. É mais do que ousar esperar, depois de tudo o que aconteceu, mas estarei em meu apartamento hoje à noite, caso você queira conversar.*

*Se não vier falar comigo, vou entender que você não quer manter contato, e irei respeitar isso. Espero que você e o Adam sejam muito felizes juntos. Todo o meu amor,*

*Dx*

*P. S. – O budoar está à sua disposição. Use da forma como quiser.*

Eu grito de susto. Ele estava me esperando *ontem à noite*. Enquanto saí com a Celia, Dominic estava no apartamento, desejando que eu aparecesse.

E o bilhete dá a entender que ele quer mudar, que está disposto a tentar as coisas de outra maneira.

*Oh, meu Deus. Será que é tarde demais?*

Corro para a sala e olho para o apartamento do outro lado. As cortinas estão fechadas, mas consigo ver uma silhueta se movendo lá dentro.

*Ele está lá. Ainda há tempo.*

Eu me viro para Celia, que me olha com certa surpresa do sofá.

– Preciso sair. Não sei quando volto.

– Faça o que tiver de fazer, querida – ela diz, acariciando o De Havilland, que está encolhido em seu colo. – Vejo você mais tarde.

Nem digo tchau em minha pressa para sair.

## *Capítulo Vinte e Um*

Levo alguns minutos frenéticos para ir de um lado ao outro do prédio, mas finalmente estou correndo no corredor do andar de Dominic. Bato na porta com força.

– Dominic, você está aí? Sou eu, a Beth!

Há uma espera agonizante e então ouço passos se aproximando. A porta se abre para revelar a figura alta, magra e de maçãs do rosto salientes. É a Vanessa.

O que ela está fazendo aqui?

– Ah, Beth – diz friamente. – Ora, ora.

– Cadê o Dominic? – digo. – Preciso vê-lo.

– É meio tarde para isso, não? – Ela se vira e volta para dentro.

Eu a sigo, arfando.

– O que você quer dizer?

Ela se volta para mim e me encara com um olhar duro.

– Você já não causou problemas demais? – pergunta com uma voz fria. – Você virou tudo de cabeça para baixo. As coisas estavam indo muito bem antes de você aparecer.

– Eu... eu... não entendo. O que foi que fiz?

Vanessa caminha até a sala e vou atrás dela. É horrível estar lá sem Dominic. O apartamento fica morto sem ele.

– Bem, você certamente causou um transtorno, foi o que fez. – Ela me encara. – Dominic se foi. Ele saiu.

– Saiu? – Fico pálida e meu corpo fraqueja. – Para onde foi?

– Não é da sua conta, mas já que quer saber, ele está indo para a Rússia. Seu chefe precisa dele e Dominic vai ficar lá por um tempo.

– Por quanto tempo?

Vanessa dá de ombros.

– Semanas. Meses. Não sei. Quando o chefe dele diz para ir, ele vai. Da Rússia, ele pode ir para Nova York ou Los Angeles, Belize... ou para o Polo Norte. Vai saber...

– Mas... ele mora *aqui*.

– Ele mora onde tiver que morar. E se ele precisa ficar em outro lugar, então ele vai ficar ocupado por lá. – Ela caminha pela sala, pegando alguns objetos e os guardando em uma bolsa de lona. – Então temo que seu pequeno romance de verão tenha chegado ao fim.

Olho para Vanessa, ainda sem entender. Quanto de tudo o que aconteceu ela sabe? Sei que Vanessa e Dominic são bem próximos, mas será que são próximos a ponto de ele falar da intimidade do nosso relacionamento?

Vanessa para de andar e se volta para mim. Seu rosto permanece impassível enquanto coloca a mão sobre o quadril.

– Eu acho que você é uma tola, se quer saber. Ele estava disposto a fazer mais por você do que fez por qualquer outra mulher. Ele queria tentar mudar. E você jogou isso fora.

– Mas foi um engano – digo sem fôlego, tentando encontrar minha voz. – Ele pensa que estou com o Adam, mas não estou. E era para eu vê-lo ontem à noite, mas só recebi seu bilhete agora.

Vanessa dá de ombros, como se todos esses detalhes fossem entediantes demais para ser ditos.

– Qualquer que seja a razão, você perdeu sua chance. – Ela dá um sorriso triste. – O leite já foi derramado. A maioria das mulheres teria feito qualquer coisa para ter o Dominic, mesmo com as suas preferências na cama. Não acho que você vá ter uma segunda chance.

Suas palavras me perfuram dolorosamente. Será que fui tão idiota assim?

De repente, ela se inclina em minha direção com a expressão quase bondosa. Seu olhar é amistoso e ela diz:

– Vá para casa e esqueça ele. É melhor assim, de verdade... Não era para ser, isso é óbvio. Você já se divertiu. Agora volte para o seu lugar.

Eu olho para ela, sem vontade de retrucar. *Ela deve estar certa. A Vanessa conhece o Dominic melhor do que ninguém. Se fosse para estarmos juntos, não teríamos estragado tudo. A forma como seu*

bilhete chegou tarde demais... deve ser o destino. Qual é o sentido de brigar, agora que ele se foi?

– Está bem – digo em voz baixa. – Entendo. Você pode dizer a ele... diga a ele que eu gostaria que as coisas tivessem sido diferentes entre nós. E que jamais vou me arrepender de tê-lo conhecido. O que tivemos significou muito para mim.

– Claro. – Ela sorri para mim, quase feliz por nossa conversa chegar ao fim. – Adeus, Beth.

– Adeus. – Eu me viro e saio do apartamento de Dominic, pelo que imagino ser a última vez.

\*\*\*

Quando volto para o apartamento de Celia, ela está ouvindo música clássica e bebendo vinho branco enquanto lê um livro. Assim que vê minha cara, ela coloca vinho em outra taça e passa para mim.

– Pobre Beth – diz com empatia. – A vida às vezes é só tristeza, não? Imagino que tenha a ver com amor.

Confirmo com a cabeça e meus olhos ficam marejados. Faço tudo o que posso para sufocar meus sentimentos. Não quero perder o controle, não sei se conseguiria me recuperar.

– Acho que sim – digo. – Já nem estou mais certa. Achei que seria doloroso demais ficar com ele, mas agora não sei como vou conseguir ficar sem ele.

– Oh, querida. – Celia suspira. – Sim, acho que é isso.

– Isso o quê?

– Amor, minha cara. Muitas pessoas preferem fugir do amor. Acabam optando por algo mais fácil, menos desgastante, menos perigoso. Porque, como Shakespeare observou, encantos violentos acabam de forma violenta. Grandes paixões trazem dor junto com elas. Mas viver sem isso... bem, será que vale a pena? – Seus olhos estão brilhando. – Não sei. Não é todo mundo que tem a chance de sentir aquela paixão sublime por alguém, ou a agonia que vem junto com ela. Tive a sorte de sentir isso mais de uma vez, e é por isso

que vivo feliz sozinha hoje. Saber que tive essa experiência magnífica me faz preferir viver com as lembranças a aceitar qualquer coisa menor que isso.

Olho para ela imaginando a jovem Celia, completamente arrebatada pelo seu amante, vivendo, como eu nos últimos dias, sobre a linha fina que separa o encanto do desespero.

– Foi tudo há muito tempo – ela diz com um sorriso –, e imagino que seja difícil de acreditar que uma velha como eu possa ter sentido o que você está sentindo.

– Não, mas é claro que não – respondo rapidamente.

– Tenho um pouco de experiência que pode ser útil a você. – Ela se aproxima de mim. – Não fique satisfeita com uma vida tranquila. A juventude foge mais rápido do que você imagina. Agarre e sinta a vida, aproveite-a com toda a sua força, todo o seu vigor. Até mesmo a dor serve para lembrá-la de que está viva e que sem ela você não saberia o que é prazer. Não se esqueça de que mesmo os mais belos jovens irão, cedo ou tarde, virar pó. Todos nós vamos passar muito tempo mortos.

Suas palavras mexem com algo dentro de mim.

*Ela está certa, sei disso.* A ideia de pensar em rejeitar Dominic e tudo o que ele me deu e me fez sentir parece absurda agora. Ele foi longe demais, mas tenho certeza absoluta de que ele jamais deixaria isso acontecer de novo. Ele estava preparado para me ouvir e para mudar. Consigo perceber isso agora. Mas minha chance escorregou pelos meus dedos. Dominic se foi.

*Não há prazer sem dor. Não há paixão sem sofrimento. Prefiro me sentir viva a viver em segurança.*

*Dominic... onde você está?*

\*\*\*

Só depois, bem mais tarde, quando estou aconchegada no sofá e tentando dormir, lembro-me do que Dominic escreveu sobre o budoar. A chave está no bolso do casaco da Celia e vou até o corredor pegá-la. Ela fica na minha mão, lisa e fria.

Aparentemente é minha, agora pelo tempo que eu quiser.

É um gesto extraordinário que não posso aceitar. Significa, percebo, que meus problemas de moradia estão resolvidos. Posso ir para lá quando quiser. Agora mesmo, se eu desejar.

O problema é outro. Não posso ir para lá sabendo que foi o último lugar em que vi Dominic, além de todas as lembranças que tenho dali e do que fizemos. Será que as coisas ainda estão lá? As roupas, os brinquedos, a cadeira? Não sei se vou aguentar vê-los. Guardo a chave em segurança. Vou decidir o que fazer mais tarde.

\*\*\*

No dia seguinte, uma tempestade cai sobre Londres e traz chuva pesada, além de trovões e relâmpagos. Ela estava se formando havia dias e agora a pressão está sendo liberada em torrentes.

Fico dentro vendo a chuva cair e pensando no budoar. Vou ter que falar disso com a Celia, porque ela vai perguntar como é que consegui acesso a um apartamento em seu prédio. Ela provavelmente também vai contar para meus pais e isso vai levar a mais perguntas difíceis. Mas não quero mentir para ela.

Quando o telefone toca, corro para atender, na esperança de que seja Dominic, mas é o James.

– Olá, querida. Perdoe-me por incomodá-la no fim de semana, mas tem algo que acho que você deveria saber. Pode vir me encontrar?

– Sim... está tudo bem?

– Tudo está ótimo, mas eu gostaria de vê-la, se puder. Encontre-me naquela padaria francesa da Piccadilly em uma hora.

\*\*\*

Saio com um guarda-chuva, andando pelas ruas molhadas em direção à Piccadilly. Levo apenas alguns minutos para chegar até lá a pé e gosto de ver como o lugar fica diferente no domingo. Ainda tem

bastante gente circulando, mas não chega a ser igual à loucura dos dias de semana.

James está esperando por mim quando entro, lendo um jornal, com um espresso fumegante na mesa. Ele olha para mim quando me aproximo e sorri.

– Ah, você veio. Esplêndido. Deixe-me pedir um café.

Quando estou sentada à mesa com meu *latte* e um *pain au chocolat* para mergulhar no café, ele diz: – Sei que isso parece estranho, mas eu simplesmente tinha de vê-la. Tive uma reunião esta manhã com um cliente meu bastante interessante. Seu nome é Mark Palliser e ele é o comprador de obras de arte para um homem bastante rico. Mark tinha algumas coisas para discutir comigo, e como ele é uma pessoa bastante ocupada que costuma gastar muito dinheiro na galeria, naturalmente fui encontrá-lo.

Mergulho meu pão no café e dou uma pequena mordida, deixando a massa derreter na boca. Até agora, não entendi direito o que isso tem a ver comigo.

– Tivemos um belo café da manhã em sua casa, que fica na Belgravia. O Mark, como é de se imaginar, é um homem de gosto refinado. Por falar nisso, ele está precisando de um assistente e eu mencionei seu nome. Seria ótimo se trabalhasse com ele. Você aprenderia muito.

– Mesmo? Isso é interessante... – um possível trabalho é uma boa notícia. Mas é por isso que ele queria me ver? Não dava para esperar até segunda?

James continua.

– Estávamos discutindo alguns negócios quando outra visita chegou e Mark me pediu para aguardar na sala por alguns minutos. Bem, sua sala de estar é conectada com a sala de café da manhã, e pude ver quem era a pessoa que chegou e ouvi tudo o que eles conversaram. – Ele olha sério para mim. – Era o Dominic.

Tomo um susto.

– O Dominic? Mas não pode ser... ele viajou. Foi para a Rússia.

– Ainda não... – diz James. – Acredito que ele vá esta noite. Pelo que ele e o Mark conversaram, Dominic vai ficar fora por um tempo.

Meu coração está palpitando e a respiração ficou acelerada.

– Pensei que ele já tinha ido. Foi o que a Vanessa me disse.

– Fiquei pensando se você estava sabendo. Pela nuvem negra de tristeza que rodeava o Dominic essa manhã, imaginei que não. – James sorri para mim. – Beth, pensei muito antes de lhe contar sobre isso. Você sabe que tenho minhas reservas quanto a ele estar seguindo as regras corretamente. Mas também sei que você não precisa que eu decida sobre o que deve ou não saber. Você o ama, está na cara, e eu precisava contar o que descobri e lhe dar a chance de fazer algo. Ainda quero que você tome cuidado. Entendeu?

– Claro que sim, e obrigada por me dizer. Agradeço muito sua preocupação. Mas ele não te viu?

James balança a cabeça.

– Acho que não. Tenho a sensação de que ele nem estava ciente de que havia alguém na sala ao lado. De qualquer forma, um vaso chinês enorme bloqueava sua visão. Pelo menos, fiquei bem atrás dele.

Inspiro longamente, os olhos bem abertos.

– Mas, James, o que vou fazer?

– Você quer vê-lo antes da viagem?

Aceno com a cabeça e meus olhos se enchem de lágrimas. A ideia de poder ver Dominic e dizer a ele como me sinto e do erro que foi deixá-lo na outra noite mexe com meu coração e faz a adrenalina correr pelo meu corpo.

James se inclina em minha direção.

– Não sei se ajuda, mas ele mencionou que vai voltar ao apartamento às 3 da tarde. Um motorista vai passar lá para pegá-lo e levá-lo ao aeroporto.

Explodo de empolgação.

– Obrigada, James! Muito obrigada!

– Por nada. Queria ver seu rosto quando eu desse a notícia. Agora vá lá ver se você consegue fazer aquele leopardo malcriado miar um pouco.

## *Capítulo Vinte e Dois*

Corro de volta para Randolph Gardens, parando em uma papelaria para comprar um cartão creme e um envelope. Não tenho muito tempo para colocar meu plano em ação.

A chuva não parece mais tão gelada e melancólica agora. Vou pulando alegre pelas poças, sem ligar para o fato de que estou ficando encharcada porque não quis abrir o guarda-chuva. Não importa o que aconteça, eu tenho a chance de ver Dominic de novo, de roubar alguns momentos com ele e dizer tudo o que preciso tanto dizer.

\*\*\*

Bato na porta do apartamento de Dominic, mas ninguém atende, para meu alívio. A Vanessa já deve ter ido.

Queria saber por que ela achou que precisava mentir para mim e por que obviamente quer me ver longe de Dominic, mas não tenho tempo para pensar nisso agora. Subo as escadas correndo até o budoar. É um pouco estranho destrancar a porta sabendo que não há ninguém dentro. Acendo a luz. O corredor continua como antes, simples e praticamente sem móveis. Ando até o quarto e acendo a luz lá também. O lugar está diferente. A cadeira de couro se foi e o armário está trancado. No guarda-roupa, as vestimentas sadomasoquistas sumiram, mas a *lingerie* de renda e o robe continuam. Ele tirou tudo que pudesse me lembrar das atividades mais incomuns que fizemos lá, mas deixou as coisas que achou que eu ainda pudesse gostar.

*Hmmm. Bem, podemos fazer certas coisas ainda... afinal, os apetrechos sadomasoquistas não são a única opção...*

Antes de fazer qualquer outra coisa, escrevo um bilhete ao Dominic. Ele diz simplesmente:

*Venha ao budoar logo. É urgente.*

*B*

Isso deve ser o bastante, penso, e o levo para baixo. Coloco o bilhete por baixo da porta e volto ao budoar para me aprontar.

\*\*\*

Às três da tarde, estou uma pilha de nervos, andando para lá e para cá no budoar. Tive a chance de olhar melhor o lugar agora, e ele pode ter poucos móveis, mas é um apartamento completamente funcional. Pode ser menor que os apartamentos de baixo, mas é grande o suficiente para uma pessoa. Ele é mesmo meu para usá-lo como quiser?

Vou tentar lembrar-me disso e perguntar ao Dominic, mas estou ansiosa demais com a expectativa para conseguir manter isso em minha cabeça. Estou usando uma bela *lingerie* preta que encontrei no guarda-roupa, as botas de salto alto da minha segunda noite aqui e o casaco que peguei emprestado para me encontrar com o James. Prendi o cabelo para cima e fiz meu melhor para ajeitar o rosto, considerando que só tinha um pouco de *gloss* e base no meu bolso.

No espelho do banheiro, acho que estou razoável. Meus olhos estão brilhando de empolgação e minhas maçãs do rosto estão rosadas – meu *blush* natural. Olho para meu reflexo e digo:

– Boa sorte!

Às três e dez, escuto uma batida forte na porta. Dou um pulo de susto. Então ele veio. Dominic está aqui. É minha última chance. O que quer que aconteça, devo fazer tudo direito.

Inspiro devagar, faço o que posso para acalmar os nervos e caminho até a porta. Quando abro, Dominic está lá parado, de coração partido, em um lindo terno preto, com os cabelos desgrenhados e os olhos ansiosos.

– Beth? Você está bem? Eu vi seu bilhete. – Posso sentir a preocupação em sua voz.

– Entre – digo, com a voz firme, mas neutra.

Ele entra, aflito.

– O que está acontecendo? Só me diga que está tudo bem com você e...

Fecho a porta atrás dele e me encosto a ela, no escuro.

– Tem algo errado – digo com a voz baixa.

– O quê? O que foi?

Falo novamente, imprimindo um tom frio a minha voz.

– Estou muito... muito... brava com você.

– O quê? – Dá para ver que ele está confuso. – Mas... Beth, eu...

– Fique quieto. Não diga outra palavra. Estou furiosa porque você estava planejando viajar sem me avisar. Sei exatamente o que você ia fazer. Alguém virá buscá-lo daqui a pouco e você será levado ao aeroporto e de lá vai viajar em um jato particular até a Rússia.

– Mas como é que você sabe disso? – Agora ele está surpreso. Eu estou deixando Dominic cada vez mais perdido.

– Não faça perguntas. A questão é que você está fugindo sem permissão. E isso me deixa muito, muito contrariada. – Eu chego mais perto e consigo ver em seus olhos que ele percebe o que está acontecendo. – E agora vou me certificar de que você irá se lembrar de nunca, *nunca* mais fazer algo assim. Entendeu?

Ele me olha por um momento e então diz em voz baixa:

– Sim, eu entendo.

– Bom... Agora venha comigo. – Vou na frente até o quarto, onde as persianas estão baixadas e o abajur ligado com a luz bem fraca. Então me viro e tiro o casaco devagar, revelando minha *lingerie*. Sua respiração muda e seus olhos percorrem meu corpo, dos meus seios no sutiã de seda preta ao meu quadril e meu ventre, em uma calcinha também de seda. – Você gosta, Dominic?

Ele balança a cabeça lentamente, me olhando nos olhos.

– Excelente. Agora tire a roupa.

– Beth...

– Você me ouviu. Faça.

Ele parece querer reclamar, mas então para por um momento e me obedece. Ele tira o paletó, as calças e tudo sob eles até ficar só de cueca. Consigo ver seu pênis pressionando o tecido de algodão, já que começou a ficar inchado.

– Oh, querido. Não mandei tirar sua roupa? Sua cueca não faz parte da roupa?

Dominic confirma com a cabeça.

– Então tire... *agora...*

Ele baixa a cueca e a tira. Agora Dominic se revela para mim em toda a sua glória, com o peito largo, a barriga lisa e as pernas musculosas. Seu pênis está duro e forte, enquanto olha para mim cheio de desejo.

– E agora você vai entender o que significa deixar sua mestra contrariada. Vá para a cama.

Quando ele vira de costas para mim, quase dou um grito de susto. Suas costas viraram uma massa de vergões avermelhados que mal começaram a sarar. Minha vontade é correr até ele, beijar seus machucados, causados por mim, passar um hidratante e fazê-lo melhorar. Mas este não é meu plano, não agora. Quero mostrar a Dominic que posso torturá-lo de modo diferente.

– Deite de costas – ordeno, esperando que ele me diga se estiver doendo demais. Mas ele não diz nada e não parece sentir dor quando se deita. Vou até a cama com o cinto do robe, amarro seus pulsos e então prendo o cinto nas barras da cabeceira da cama.

Ele me observa e seu olhar vai ficando mais intenso à medida que sente seu poder sendo perdido.

Deito ao seu lado na cama e o toco gentilmente, passando meus dedos em seu peito, circundando seus mamilos e descendo até a barriga. Consigo sentir seu cheiro agora, um aroma doce com um toque cítrico. Ah, é maravilhoso. Está me fazendo derreter de desejo, um desejo quente e delicioso.

– Quero puni-lo com meu próprio tipo de tortura – sussurro –, para que você pense duas vezes antes de me abandonar de novo.

Então me volto para o seu corpo, beijando cada centímetro dele, descendo até seus pés, onde chupo e mordisco seus dedos, e volto a subir, deixando de lado seu pênis duro enquanto acaricio e massageio o resto do corpo, provocando gentilmente onde ele é mais sensível, lambendo e puxando seus mamilos. Sua respiração fica acelerada. Quando ele está pronto para um pouco mais, eu subo e fico sobre sua barriga, e então tiro meu sutiã devagar, deixo cair e

baixo meus seios, para que recebam a atenção da sua boca. Ele está ansioso por isso, e chupa com força cada mamilo, roçando com os dentes até eles ficarem duros e rosados. Então eu passo longos minutos beijando seu pescoço, sem pressa, mordendo os lóbulos da orelha e o provocando com minha boca até ele ficar desesperado por meu beijo, que por fim eu permito que ele tenha, para que possa saciar sua sede por mim.

Deixei seu pênis maravilhoso quieto por tempo demais. Estou ansiosa para aplicar meu próprio tipo de tortura, com meus dedos, meus lábios e minha língua. E ele está esperando por mim, estremeando quando chego perto com a boca, mostrando a expectativa deliciosa, que o deixa ainda mais duro. Percorro-o com a língua de baixo para cima, brincando com os dedos, descendo até suas bolas, onde sei que Dominic é bem sensível. E basta um leve toque para fazê-lo contrair, suspirar e gemer. Brinco com a língua por todo o seu membro, mas deixo a cabeça aguardando e suportando uma espera agonizante pelo toque macio e úmido da minha boca. Quando nem eu consigo mais aguentar de vontade de chupá-lo por completo, coloco a boca na cabeça do seu membro enquanto trabalho no resto com a mão. Ele está querendo que eu mexa com mais força agora, toque com mais pressão, para intensificar as sensações deliciosas que estou lhe dando.

Tudo isso causa um efeito em mim também. Estou precisando. Meu corpo, excitado e molhado, precisa de atenção.

Arranco fora a calcinha e deito sobre seu corpo, meus seios em seu peito, seu pau duro em meu ventre. Ouço seus gemidos por entre meu cabelo, e Dominic diz:

– Beth, você é tão linda. Adoro você assim, tão sedutora, tão maravilhosa...

– Quero que faça amor comigo – digo. – A gente meteu e trepou, e foi maravilhoso. Mas agora quero que me dê amor. Vou desamarrar suas mãos e quero que você me mostre como sou linda e como meu corpo faz você se sentir.

Estico as mãos e puxo o cinto de seda. Os nós se desfazem e as mãos de Dominic agora estão soltas. Ele pega minha bunda e geme

quando sente minha pele macia em suas mãos. Ele aperta e esfrega minhas nádegas, dizendo:

– Sua bunda é fantástica, não vou me cansar dela nunca.

– Faça o que eu disse – sussurro. – Você sabe o que quero.

– Seu desejo é uma ordem – ele responde, com os olhos ardendo de desejo, e se vira de lado. – Venha para mim, Beth. Pode se abrir.

Abro minhas pernas para que ele veja o que o espera. Dominic imediatamente mergulha de cabeça para beijar e lambe meus lábios inchados, percorrendo com a língua meu clitóris e me fazendo arfar com a sensação.

– Você tem gosto de mel – sussurra. – Doce...

Assim que estou ficando louca com sua boca, Dominic muda de posição e me puxa para baixo dele. Agora ele está forte e imponente, usando seu peso para abrir minhas pernas ainda mais e ficar em posição.

– Você me quer? – pergunta, entre beijos quentes nos meus lábios.

– Sim – digo ansiosamente.

– Me abrace.

Eu não queria tocar em suas costas, mas agora obedeço, sentindo a leve aspereza de seus machucados nos meus dedos.

– Você está me deixando melhor – sussurra. Ele então coloca a cabeça de seu pênis em minha entrada e começa a me penetrar. – Seu amor por mim está me deixando melhor.

Não consigo dizer nada, porque tudo em mim se volta para a sensação arrebatadora de seu pau entrando em mim devagar e me alargando. Levanto o quadril para me aproximar dele, implorando para que entre mais fundo em mim. Por vários minutos, nós nos perdemos no ritmo do seu quadril se encontrando com o meu, minhas costas arqueando quando ele chega fundo em mim, nossos beijos de língua profundos.

Então, sem dizermos nada, nosso ritmo aumenta, suas estocadas ficam mais longas e duras, e o desejo de chegarmos ao clímax toma conta de nós. Cruzo minhas pernas sobre suas costas para que Dominic consiga me penetrar ainda mais profundamente e friccione

seu quadril de forma a me levar ao melhor tipo de orgasmo, um que me sacode por dentro e por fora.

Não pensamos em gozar ao mesmo tempo, mas a excitação que se acumula em nós vai passando um para o outro e nos leva a um novo patamar. Dominic está com a respiração pesada e seu rosto está contraído de uma forma que indica que seu orgasmo não está longe.

– Dominic – digo gemendo. – Por favor, sim, não pare, continue assim...

– Quero ver você gozar, minha linda – ele diz.

Isso é tudo o que preciso ouvir. Eu me contraio e enrijeço, a cabeça vai para trás e abro a boca em um grito de êxtase. Sei que ele está gozando também, lançando jorros quentes dentro de mim. Estremeço e convulsiono em ondas, que vêm e vão, até que a última se vai e me deixa sem fôlego e atordoada. Dominic está largado em meu peito, respirando pesado após a força do seu orgasmo.

Enquanto nos recuperamos, ele diz:

– Meu Deus, Beth, isso foi incrível – Ele ri e enche meu rosto e o pescoço de beijos. Pela primeira vez em muito tempo, ele parece feliz. – Obrigado.

– Obrigada. – Olho para ele e sei que estou com os olhos brilhando.

Ele ri de novo.

– Essa foi uma surpresa inesperada e muito agradável. Não sabia que havia uma pequena mestra bem determinada esperando por mim aqui em cima.

– Você não precisa ir agora, não é? – digo enquanto me aconchego nele, saboreando seu corpo. – Seu motorista não está esperando?

Dominic confere o relógio e suspira.

– Sim, provavelmente. Não quero ir, quero ficar aqui com você.

Sinto um calor delicioso se espalhar pelo meu corpo. É isso o que eu queria dele, que o amor aliviasse a dor.

– Mas... não posso. Me desculpe, querida. Tenho que ir em um minuto.

Meu coração afunda.

- Você tem mesmo que ir?
- Sim. E não sei quando vou voltar...
- Então como é que... vamos ficar?

Dominic me olha com a cabeça inclinada.

- Suponho que você não voltou com o Adam, então.
- Não, não! – Balanço a cabeça. – Nunca voltei. Ele veio aqui para me ver e eu disse a ele que estava tudo acabado. De verdade!

Ele olha para o teto por um momento e então diz, devagar:

- Sabe, Beth, tudo isso é difícil para assimilar. Até uma hora atrás, mais ou menos, eu achava que estava tudo terminado entre nós, e estava tentando aceitar isso, com tudo o que aconteceu. Sei que você sofreu muito com isso, mas eu também. – Ele se vira de lado e me olha. – Para ser honesto, ainda estou sofrendo. O que aconteceu entre nós, o que eu fiz... bem, isso mexeu comigo.

Acaricio o seu cabelo.

- Mas... agora está tudo bem, não? Agora que você sabe que ainda quero estar com você.

Ele pega minha mão e dá uma risada terna e melancólica.

- Ah, Beth. Queria que tudo fosse tão simples assim. Sabe, fiquei horrorizado com o que fiz a você. Não fazia ideia de que era capaz disso, de perder o controle daquela forma. Preciso descobrir por que isso aconteceu antes de conseguir confiar em mim perto de você de novo, entende? – Ele se aproxima mais e vejo que seus olhos estão castanho--escuros, não mais completamente negros. Os cílios longos e escuros ao redor são tão lindos, ainda mais quando seus olhos estão tristes, como agora. – Se eu não descobrir o que me fez agir daquele jeito, e não puder corrigir isso, então há um grande risco de que eu faça isso novamente. E se fizer... bem, não conseguiria suportar. Preciso garantir que você vai estar segura em um relacionamento comigo.

- Claro que vou estar!

– Fico emocionado com sua confiança em mim. Mas não sei se eu posso dizer o mesmo.

Sou tomada pela ansiedade.

- O que você quer dizer? O que vai fazer?

– Não sei ao certo. Mas antes de voltar aqui, preciso enfrentar e derrotar meus demônios. Acredito que a escuridão em mim precise ser curada.

– Você está falando dessa sua vontade de ser dominador? – Fico preocupada. – A escuridão é isso?

Ele balança a cabeça.

– Não... não é tão simples. É tão complicado que nem eu entendo. Sexo e amor ficaram separados por tanto tempo para mim, que acho que juntá-los novamente mexeu comigo. Isso mudou algo dentro de mim. Preciso ter a certeza de que tudo está bem antes de tentar de novo. – Ele suspira. – Sabe, mesmo quando fiz você me castigar, eu estava te forçando a fazer algo que não queria. Compreendo isso agora, e é uma verdade dura de aceitar. Meus impulsos controladores me dominam de tal forma que isso está além do meu controle. – Ele ri com a ironia. – Espero que isso faça sentido. É difícil explicar. Não quero fazer promessas para você, Beth, mas se você puder me esperar enquanto resolvo essas coisas, talvez a gente consiga descobrir juntos se nós temos futuro.

– Claro que vou esperar – digo, embora mal possa aguentar pensar que vamos ficar separados. – Mas por quanto tempo?

Ele faz um desenho na palma da minha mão com seu dedo antes de dizer:

– Não sei. Você vai me esperar, Beth?

– Sim. Pelo tempo que precisar.

– Obrigado. – Dominic me dá um beijo na testa. – Vamos manter contato enquanto eu estiver fora. Você vai ficar bem, não vai?

Aceno com a cabeça. Então a separação está chegando, no fim. Ele vai viajar para longe, para um lugar onde não posso segui-lo. Talvez ele volte diferente. E se Dominic superar a escuridão que tanto teme, será que ainda vai ser o mesmo Dominic? Ou vai se tornar outra pessoa? Eu o abraço com força, subitamente assustada.

– Não vá! Por favor.

Ele me beija, com muito carinho e por bastante tempo.

– Queria poder ficar. Mas vamos ficar juntos novamente, eu prometo.

Então, carinhosamente, ele levanta meu braço e escapa do meu abraço. Dominic senta e me olha, com seus lindos olhos cheios de ternura.

– Eu vou voltar, Beth. Não se esqueça de mim, está bem?

*Me esquecer de você? Como se eu pudesse!*

– Nunca vou me esquecer de você – murmuro. – Adeus, Dominic.

Eu fecho os olhos, porque é doloroso demais vê-lo se vestir e me deixar. Sinto o peso no colchão mudar quando Dominic se levanta e sai da cama, e o ouço andar pelo quarto, pegando suas roupas e se vestindo. Sinto dor atrás dos olhos e sei que são as lágrimas que estou lutando para segurar. Quando está pronto para partir, Dominic vem até a cama e se ajoelha. Ele pega minha mão e junta seu rosto com o meu, nossas bochechas coladas. Solto um suspiro trêmulo e uma lágrima escapa de minhas pálpebras bem fechadas, escorrendo pelo meu nariz.

– Não chore, minha Beth – ele diz, tão carinhosamente que preciso retomar minha força para não desabar. Ele beija minha lágrima e depois meus lábios. – Nós nos falaremos em breve.

Não consigo abrir os olhos. É doloroso demais vê-lo partir. Dominic solta minha mão e eu o sinto se afastar da cama e se levantar. E então, quando ele está partindo, meus olhos abrem a tempo de ver suas costas largas e seu cabelo negro antes que a porta do quarto se feche. Depois disso, ouço a porta do apartamento se fechar...

Então aconteceu. Fecho os olhos novamente, e o budoar some. Em vez disso, vejo em minha mente a imagem de Dominic perto de mim no jardim, forte, feliz e sorridente. Ele me fala que algo lhe dizia para vir ali me encontrar, e ali estou eu.

Mas ele se foi.

E agora, minha espera se inicia...

***Segredos***  
***na***  
***Escuridão***

**{ livro 2 }**

## *Prólogo*

Todo dia eu acordo com a mesma palavra vagando pela minha mente. Uma palavra.

*Dominic.*

O que é estranho é que às vezes parece mais uma simples afirmação, uma espécie de mantra, uma expressão de fé. Às vezes é uma pergunta: *Dominic?* Ainda assim, mantenho a esperança de que a voz dele vai ecoar de volta na minha cabeça e me assegurar de que ele ainda pensa em mim, que ainda é meu. Que ainda estamos conectados. Outra vezes, é como um grito, um chamado desesperado pela escuridão da noite, com o amanhecer rompendo o dia.

Mas não importa quanto eu me esforce para ouvir, nunca chega nenhuma resposta.

Às vezes fica difícil manter a fé, acreditar que ele ainda vai voltar para mim. Mas eu sei que ele vai.

Só não sei quando.

## *Capítulo Um*

Eu olho fixamente para o homem à frente. Usando toda a minha força, com meus punhos e minha mandíbula cerrados, eu preparo a perna de apoio e levanto a outra, pronta para colocar toda a minha força nela. Dou uma leve girada no meu salto, sinto o joelho contra meu peito, e então:

POW

Chuto com toda a força. Meu pé bate com tudo no anteparo que o meu treinador tem na mão, e percebo, com satisfação, que ele cede um pouco sob o meu golpe.

– Bom, muito bom – ele diz.

Firme de volta nos dois pés, fico reta, arfando.

– Estou pronta para outra – digo, sem fôlego.

Sid dá risada.

– Acho que está bom por hoje. Estou pensando aqui se você não colocou anfetamina no seu café. De onde você está tirando tanta energia?

Tiro meu capacete e mexo o cabelo, que cai em cachos cheios ao redor do meu pescoço.

– Ah, sabe como é, estou precisando liberar um pouco de tensão.

O que é verdade. Mas que tipo de tensão? Gasto metade do meu tempo tentando me livrar do meu maldito desejo por Dominic. Na outra metade finjo que é na cara do chefe dele que estou dando meus golpes, o homem responsável por manter Dominic longe de Londres todo esse tempo. Não que eu saiba como é a cara do chefe dele, mas isso não importa. Quando termino meu treino, não dá mais para identificar o rosto mesmo.

– Certo, muito bem, Beth. Te vejo semana que vem – diz Sid, tirando os anteparos.

\*\*\*

– Nossa, acho que suei pra valer.

Laura tira o elástico que prendia o cabelo e dá uma balançada, franzindo o nariz e dando risada. Ela me olha de lado.

– Parece que a sua malhação também foi bem boa.

– Eu estou acabada. Mas me sinto ótima – Não consigo me ver, mas sei que meu rosto está brilhando, e sinto o suor escorrendo pelo meu cabelo e minha sobrancelha.

– Eu também.

Foi ideia da Laura começar a fazer aulas de kickboxe. Eu sabia que ela estava aflita, com tanta energia armazenada agora que ela tinha começado no seu novo emprego. Depois de três anos estudando e mais alguns meses de liberdade fazendo mochilão pelo mundo, ela tem tido dificuldades em lidar com as restrições de uma vida de trabalho.

– Tenho que chegar ao escritório tão cedo! – reclamou uma noite, se reclinando no sofá, vestida com um confortável moletom que havia colocado depois de mais um dia de trabalho duro. Ela suspirou. – Eu tenho que ficar na minha mesa o dia todo, e até tarde da noite, se quiser mostrar pro meu chefe que estou levando o trabalho a sério. Só com três semanas de férias por ano! Não sei como vou aguentar isso. – Ela deu uma olhada invejosa para mim. – Você tem sorte de ter um trabalho tão interessante.

Fuzilei-a com o olhar.

– Mas eu não ganho salário de *trainee* em uma firma de consultoria, né?

Ela respondeu com um olhar distraído.

– Bom, ainda precisamos ver se vai valer a pena.

A energia acumulada dela estava causando problemas sérios, tanto que, assim que viu que havia aulas de kickboxe logo na esquina do nosso apartamento, ela matriculou nós duas sem nem perguntar se eu também queria. Na verdade eu queria. Também preciso liberar um pouco de energia, mas talvez não do mesmo jeito que Laura. Eu me surpreendi, me empolguei logo ao começar, gostei muito; a sensação de poder fluindo através do meu corpo me dava uma adrenalina que logo me viciou. Sempre que volto para casa estou me sentindo forte e confiante, graças à descarga de endorfina

e àquele cansaço de se fazer algo que realmente faz suar, e não só a moleza de trabalhar bastante e ir e voltar para casa.

Quando entramos em nosso apartamento, Laura diz, de maneira contemplativa:

– Eu ainda não acredito. Imagina só, nós duas, morando em Londres, com empregos e tudo! Parece que foi ontem que a gente estava estudando e passando a noite nos bares, tentando fazer a bebida durar o máximo possível. Olha só para a gente agora. É até meio glamoroso, você não acha?

Eu rio, mas não falo nada e a sigo para dentro do apartamento. Laura mal sabe como passei meu verão ou das coisas incríveis que aconteceram quando conheci Dominic. Se ela acha que nosso apartamentinho na zona leste de Londres é glamoroso, é porque ela nunca viu o apartamento em Mayfair, onde vislumbrei Dominic pela primeira vez. Ou ainda o pequeno, mas luxuoso budoar que ele arranhou para nós no andar de cima.

*O budoar. Ele ainda está lá, esperando por mim.* Eu vejo a chave, guardada em uma bolsinha preta na minha caixa de joias. *Mas não consigo pensar em ir até lá. Não sem Dominic.*

– Acho que muita coisa mudou desde então – digo enquanto vamos até a cozinha pegar um pouco de água fresca.

Laura me olha com um ar de entendida.

– Você certamente mudou. Às vezes me pergunto o que aconteceu exatamente com você enquanto eu estava na América do Sul. Quando fui, você estava certa e pronta para voltar com o Adam. E agora... bom, volto e vejo uma mulher sofisticada, com um trabalho incrível no mundo da arte e o namorado virou passado. Tudo isso é ótimo, mas...

– Mas...? – Tiro dois copos do armário e uma jarra de água da geladeira.

– Beth, na verdade eu... estou preocupada com você.

– Preocupada? – Repito, observando a água nos copos. Eu tenho tentado parecer o mais normal possível. Mas acho que não tenho conseguido enganar muito bem.

Laura pega o copo que estendo para ela e me dá outro dos olhares de raios X dela. Com sua habilidade de ler as pessoas e as

circunstâncias, tenho certeza de que ela vai ser uma excelente consultora empresarial, mas pode deixar a vida bem mais desconfortável se eu estou tentando esconder algo dela.

– Você não me contou muita coisa do homem na sua vida, esse tal Dominic – ela começa, na voz gentil que indica que alguma coisa importante vai vir em seguida. – Mas sei que você está completamente louca por ele, e que ele não fala com você faz semanas.

*Seis semanas, quatro dias e três horas, aproximadamente.*

Eu solto apenas um som meio descompromissado de “oh”.

– E posso ver que isso está te deixando triste – ela continua, ainda no mesmo tom gentil de antes. – Você está tentando se esconder, mas sou sua amiga e eu sei. Então por que você não simplesmente manda um SMS ou um e-mail para ele? Ou liga para ele? Descubra o que raios está acontecendo?

Eu me demoro bebendo a água só para não ter que responder tão rápido, e então digo:

– Porque ele disse que ia entrar em contato comigo. E é isso que estou esperando.

– Eu sou totalmente a favor de jogar o jogo de esperar – Laura responde rapidamente. – Quer dizer, não ser muito ansiosa nem muito óbvia. Mas pelo que me contou, vocês tiveram mais que só alguns encontros. Vocês estavam bem sérios, não?

Eu noto que ela usou o verbo no passado e sinto uma pontada de dor horrível. Eu estava tentando me convencer de que não tinha acabado, mas a avaliação tão casual de Laura foi um balde de água bem gelada nas minhas esperanças.

– Então entre em contato. Peça uma explicação. Pergunte para Dominic quando ele volta e o que ele sente por você.

– Não posso – respondo com rispidez.

Eu queria poder explicar para ela que não era assim tão simples, mas tem coisas do meu relacionamento com Dominic que nunca contei para ninguém. Eu só imagino como seria contar para Laura das coisas que fizemos no budoar, ou os eventos no calabouço do Asylum, porque mesmo ela sendo minha melhor amiga e tendo razoável experiência de vida, acho que não entenderia. Ela ficaria

horrorizada. Ela diria para eu dispensar Dominic na hora e encontrar alguém legal e normal.

*Talvez eu devesse.*

Mas sei, bem dentro do meu coração, que não quero al - guém legal e normal. Eu já tive alguém assim, e não quero mais voltar para isso.

Laura parecia exasperada.

– Não entendo por que você não pode simplesmente entrar em contato com ele. Isso está te deixando maluca! Você está infeliz, posso ver.

– Não estou infeliz.

– Não está?

– Não. Estou brava. É isso que estou. Furiosa que nem o capeta. Ele pode ficar longe para sempre no que depender de mim.

Minhas palavras soam falsas nem bem saem da minha boca. Eu *estou* furiosa, mas não sei dizer se é com Dominic, que não entrou em contato, ou comigo mesma, por acreditar nele, ou com o chefe dele, por mandá-lo embora do país bem quando a gente estava conseguindo entender nossa situação.

Laura está me encarando.

– Liga logo para ele, Beth. Saia dessa tortura.

Eu sorrio para ela.

– Você não precisa se preocupar comigo. De verdade. Mas eu não vou ligar para ele. Ou mandar mensagem de texto. Ou e-mail. Se ele me quiser, sabe onde estou. Até lá, vou seguir em frente com a minha vida. Falando nisso, é a vez de quem fazer o jantar? Estou morrendo de fome.

Só bem mais tarde, já na cama, eu consigo relaxar um pouco mais. Deito de costas, me abraçando à procura de algum conforto, lançando ao universo minha pergunta:

*Onde você está, Dominic?*

\*\*\*

– Beth, como você está?

Mark Palliser, meu chefe, me cumprimenta com seu habitual jeito amigável quando entro no escritório dele. Ele chama de escritório, mas é uma sala tão bonita que devia ter um nome diferente. É menos pessoal que um estúdio mas tem mais apelo que um escritório com luzes fluorescentes compridas, arquivos e máquinas de copiar. Essa sala está muito distante de ter esse tipo de aparência. Ela é redonda, com um lustre brilhante pendurado em uma armação de gesso. Das três enormes janelas, com cortinas luxuosas, vê-se um jardim e, em uma abertura, fica a mesa de Mark, uma enorme peça de mobília polida em estilo vitoriano clássico ornamentada com lindas peças de madeira e metal. O chão de tacos brilha onde não é coberto por tapetes turcos, e a sala é toda iluminada suavemente com a luz dourada das lâmpadas em cima da mesa e nos cantos. Mas o melhor de tudo são as obras de arte que recobrem a parede: telas a óleo com molduras ricamente esculpidas, aquarelas, quadros em tons pastel, rascunhos feitos com carvão e gravuras. Os temas são muito variados: uma bela paisagem de um lago na Escócia feita a óleo alegremente pendurada ao lado de um rascunho em sépia, com estilo renascentista, de um anjo. Um retrato de um cocker de olhos caídos ao lado de uma cena da era vitoriana com ar grave. De vez em quando, algum tesouro desaparece e outro toma seu lugar, porque Mark encontrou um novo lar para a peça com algum dos seus muitos clientes. Estou começando a aprender como funcionam as coisas. Semana passada mesmo eu coloquei a marca pessoal de Mark em um pacote para um pequeno quadro, um rascunho a óleo de uma garota tomando banho. Eu arranjei uma armação de madeira para proteger a obra, folhas de segurança, uma caixa feita sob medida, plástico-bolha esverdeado e papel especial sem ácido, tudo com o emblema dele, as letras MP envoltas em um desenho oval. Quando o quadrinho estava bem embalado, fiz um seguro para ele em um valor que me fez engolir a seco e o enviei para um dos endereços mais caros do mundo.

Tudo isso é tão distante do universo em que cresci, numa vilazinha em Norfolk, que mal posso acreditar às vezes que é aqui que passo todos os meus dias, e ainda sou paga para isso.

Mark está sentado atrás de sua mesa, elegante como sempre. Ele tem o cabelo cheio e espesso acima de sua testa curta, olhos azuis pequenos e brilhantes, um nariz comprido acima de uma boca pequena e um queixo achatado. Ele não é nem um pouco bonito, mas ainda assim, anda sempre com um ar de quem é extremamente atraente, e ele está sempre tão bem-vestido e tem uma presença tão forte que eu não posso deixar de pensar que, no fundo, ele até que é sim.

– Bom dia, Mark – respondo ao seu cumprimento. – Estou bem, obrigada. Posso fazer alguma coisa por você?

– Não, obrigado. Gianna me trouxe café mais cedo. Agora, aos negócios. – Mark sorri para mim.

Eu me sento, como sempre, na cadeira de couro do outro lado da mesa dele e apanho meu caderno azul-turquesa de couro de avestruz – um presente de James, meu antigo chefe, de quando eu comecei no novo emprego – para anotar os detalhes do que quer que Mark queira que eu faça hoje. O trabalho sempre muda muito, e é sempre bem interessante – nunca sei se a gente vai a um leilão na Sotheby's, Bonhams ou Christie's, ou se vamos visitar um cliente numa casa fabulosa, se viajaremos para o outro lado do país para conferir a venda de uma propriedade ou fazer a avaliação de um novo achado. Mark é um respeitado e conhecido negociante de arte – bem-sucedido o suficiente para ter uma casa em Belgravia<sup>1</sup> e algumas obras de arte incrivelmente caras na sua própria coleção pessoal.

Eu tomo notas rápidas, rabiscando velozmente nas folhas claras do meu caderno, enquanto Mark vai me falando das coisas que ele quer que eu faça. Eu só trabalho com ele há poucas semanas, mas já me sinto parte importante da sua equipe. Há também Jane, a secretária, que lida com boa parte da burocracia chata, o que é ótimo para mim, já que Mark mal consegue escrever um e-mail e prefere redigir tudo à mão e pedir para alguém transcrever. Ela vem duas vezes por dia, de manhã, para pegar o trabalho deixado para ela em bolsas de couro verde-escuro gravadas com MPs dourados, e de tarde, para devolver as bolsas, já que ela trabalha do seu

pequeno apartamento em Chelsea, tendo como companhia seus dois cachorros king charles spaniel.

– Então... – Mark deixa sua caneta Cartier vintage de lado e se recosta na cadeira. Ele me olha fixamente com seu semblante azulado. – Tenho que lhe perguntar uma coisa. Seu passaporte. Ele está em dia?

Eu consigo ver meu passaporte dentro da gaveta do meu criado-mudo, onde o deixo guardado. A capa está novinha, já que nunca o uso, e ele certamente ainda está válido.

– Sim.

– Ótimo. Que tal fazer uma pequena viagem comigo? Nada muito exótico, infelizmente. Só para o sul da França.

Eu fico de boca aberta olhando para ele.

Ele me devolve o olhar, interpretando meu silêncio como uma recusa.

– Eu entendo perfeitamente se você preferir não ir, e eu consigo me virar sozinho...

– Não, não – digo rapidamente. – Claro, eu já fui para a França, mas só em férias com a família, para a Norman-dia, e uma viagem com a escola para Paris. Eu adoraria ir para o sul.

– É bem bonito lá. – Mark dá um sorriso. – Mas não posso prometer que vamos fazer muito turismo. Nós vamos para trabalhar, e provavelmente ficaremos a maior parte do tempo na cidade, mas vou tentar dar um jeito de a gente conseguir escapulir um pouco.

– A cidade?

– Sim. Vamos ver o nosso cliente com possivelmente mais prestígio. Certamente o mais rico, se é assim que se mede esse tipo de coisa. Andrei Dubrovski é um oligarca extremamente bem-sucedido. Você já ouviu falar dele?

A menção àquele nome quase me derruba na mesma hora que ele sai da boca de Mark. *Dubrovski*. É o nome que eu repito sempre, na minha cabeça, enquanto chuto com tudo os anteparos nas mãos de Sid. *Toma essa, Dubrovski. E mais essa*. Fez parte da minha vida desde que Dominic o mencionou pela primeira vez. *Andrei Dubrovski. Meu chefe*. Desde então, o ricaço russo é uma figura obscura, mas muito importante, na minha vida. Foi a missão dele

que mandou Dominic para Rússia bem quando nosso relacionamento entrou em crise.

Continua...

<sup>1</sup> Um dos distritos de Londres, é reconhecido como uma das áreas mais caras do mundo. (N. do T.)

Este livro foi publicado em 2013 pela Companhia  
Editora Nacional.  
Impresso pela IBEP Gráfica, São Paulo.